



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES – DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

CLÁUDIA RAMOS CARIOCA

**A EVIDENCIALIDADE EM TEXTOS
ACADÊMICOS DE GRAU DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO**

Fortaleza (CE)
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CLÁUDIA RAMOS CARIOCA

A EVIDENCIALIDADE EM TEXTOS ACADÊMICOS DE
GRAU DO PORTUGUÊS BRASILEIRO
CONTEMPORÂNEO

Tese submetida à banca do Curso de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Linguística.
Área de concentração: Linguística.
Orientadora: Profª. Dra. Márcia Teixeira Nogueira.

Fortaleza (CE)
2009

"*Lecturis saltem*"

Ficha Catalográfica elaborada por
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593
tregina@ufc.br
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

C277e

Carioca, Cláudia Ramos.

A evidencialidade em textos acadêmicos de grau do português brasileiro contemporâneo / por Cláudia Ramos Carioca. – 2009.

200f. : il. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Tese(Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza(CE),03/12/2009.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Márcia Teixeira Nogueira.

Inclui bibliografia.

1-EVIDENCIAIS(LINGUÍSTICA).2-LÍNGUA PORTUGUESA – MODALIDADE.
3-GRAMÁTICA FUNCIONAL DO DISCURSO.4-ANÁLISE LINGUÍSTICA.
5-TESES. I- Nogueira,Márcia Teixeira, orientador.II-Universidade Federal do Ceará.
Programa de Pós-Graduação em Linguística.III- Título.

CDD(22^a ed.) 469.5

115/09

CLÁUDIA RAMOS CARIOCA

A EVIDENCIALIDADE EM TEXTOS ACADÊMICOS DE
GRAU DO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Tese submetida à banca constituída pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 03/12/2009.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Profa. Dra. Maria Luíza Braga (Examinadora)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ferreira Lima (Examinadora)
Universidade Federal do Piauí

Profa. Dra. Márluce Coan (Examinadora)
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Júlio César Rosa de Araújo (Examinador)
Universidade Federal do Ceará

Dedico a Ti, Ó Deus Altíssimo,
todo este trabalho feito,
porque por Tua causa é que existo,
e só a Ti sejam dados toda a honra e todo o louvor.

“Ó profundidade das riquezas,
tanto da sabedoria como da ciência de Deus!

Quão insondáveis são os seus juízos,
E quão inescrutáveis os seus caminhos!

Quem compreendeu a mente do Senhor?

Ou quem foi o seu conselheiro?

Ou quem lhe deu primeiro a Ele,
para que lhe seja recompensado?

Porque Dele e por Ele e para Ele são todas as coisas.

Glória, pois, a Ele eternamente.

Amém.”

(Rm 11:33-36)

AGRADECIMENTOS

- ❖ Ao Soberano Deus, por me fazer entender que sem Ele não sou nada, quando disse, em 2Co 11:9, através de Paulo: “A minha graça te basta, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”. Portanto, de boa vontade me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo.
- ❖ À Profª Drª Márcia Teixeira Nogueira, minha orientadora, pela amizade e dedicação a mim dispensada ao longo destes quase quatro anos, levando-me a descobertas preciosas que contribuíram de forma singular para a realização desta pesquisa.
- ❖ Ao meu esposo Marcos Vinícius, por estar sempre ao meu lado nos momentos cruciais desta caminhada.
- ❖ Aos meus filhos Sayron, Saul e Ester, pela compreensão da minha ausência, mesmo estando presente.
- ❖ À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), pelo suporte financeiro ofertado ao longo dos três primeiros anos deste estudo.
- ❖ Ao Programa REUNI (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) de Orientação e Operacionalização da Pós-Graduação Articulada à Graduação da Universidade Federal do Ceará (PROPAG), na pessoa da Coordenadora Profª Drª Inês Mamede, pelo suporte financeiro subsidiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) durante o último ano de execução desta pesquisa.
- ❖ À colega de doutorado Izabel Larissa Lucena, pelo seu auxílio no manuseio do Programa Computacional SPSS.
- ❖ Ao meu aluno *primus inter pares* de todas as turmas de Licenciatura Sandro Borém, pelo prestimoso trabalho de tradução e por sua dedicação aos estudos.

RESUMO

A evidencialidade é uma categoria linguística que diz respeito à fonte das informações veiculadas e, nessa indicação, está também relacionada com estratégias de (des) comprometimento do enunciador com tais informações. No intuito de investigar a manifestação dessa categoria na construção dos trabalhos acadêmicos de grau do português brasileiro contemporâneo, a pesquisa objetiva: a) rediscutir o estatuto da evidencialidade como categoria linguística; b) analisar as relações entre modalidade e evidencialidade; c) verificar as estratégias utilizadas no uso das marcas de evidencialidade nas monografias, dissertações e teses; d) identificar, descrever e analisar as marcas linguísticas evidenciais nos trabalhos científicos em foco; e) relacionar o uso de evidenciais com estratégias para efeito de (des)comprometimento na construção textual. Ao identificar e interpretar as marcas evidenciais na construção dos textos acadêmicos, a pesquisa busca contribuir para a explicitação dos efeitos de sentido vinculados à veiculação das informações de forma estratégica, já que essas marcas são utilizadas com propósitos diversificados, como, por exemplo, o recurso ao chamado “argumento de autoridade”, a atenuação da responsabilidade em relação ao que é dito, a modalização no contínuo entre a certeza e a não-certeza, sugerindo um grau de comprometimento em relação à verdade da proposição, bem como um posicionamento crítico em relação a ela. A análise, orientada por pressupostos funcionalistas, conta com uma dimensão teórica, voltada para a rediscussão dos limites conceituais entre as categorias modalidade e evidencialidade; e uma dimensão analítica, que, em constante diálogo com a teoria, investiga, qualitativa e quantitativamente, o uso de marcas da evidencialidade nas monografias, dissertações e teses. A escolha desses gêneros textuais para a constituição do *corpus* justifica-se pela suposição de que apresentam uma maior quantidade de informação cuja fonte não é o próprio autor, o que condiciona o uso das marcas de evidencialidade na relação observável com o grau de comprometimento do produtor relativamente à informação veiculada. A obtenção das 1500 ocorrências para esta pesquisa concretizou-se a partir da organização de um *corpus* constituído por trinta trabalhos acadêmicos de grau (dez monografias, dez dissertações e dez teses), dos quais foi utilizado um recorte como material de análise, selecionando-se a introdução, um capítulo de fundamentação teórica e a conclusão. Os dados obtidos foram analisados segundo as seguintes categorias: a) os meios linguísticos de expressão da evidencialidade no discurso acadêmico que envolve a produção textual da monografia, da dissertação e da tese foram especificados em relação ao tipo de marca evidencial (item lexical ou gramatical - verbo, substantivo, adjetivo, advérbio, preposição; enunciado metadiscursivo, justaposição simples, normas citativas da ABNT; e à posição de tal marca em relação à fonte (anteposta, intercalada, posposta); b) os tipos de noções evidenciais caracterizadoras do aspecto semântico, a fonte da informação (sujeito-enunciador, fonte externa definida, fonte externa indefinida, domínio comum); o acesso evidencial (direto, menos direto, indireto); a natureza evidencial da

informação (subjativa, experiencial, inferencial, relatada); c) os aspectos pragmático-discursivos, ou seja, os efeitos de sentido na construção da argumentação relacionados à expressão do alto, médio ou baixo comprometimento com o que está sendo informado. Predominou, na construção dos três gêneros de trabalhos acadêmicos de grau, o efeito de baixo comprometimento, sendo a diferença entre alto e baixo comprometimento aproximadamente a mesma nos três gêneros. Quanto aos aspectos semânticos, predominou a fonte externa definida, indireta e relatada, manifestada por meio de verbos *dicendi*, que se intercalam entre a fonte e o conteúdo asseverado.

Palavras-chave: evidencialidade; modalidade; discurso acadêmico; estratégia discursiva; texto acadêmico de grau.

ABSTRACT

Evidentiality is a linguistic category related to the source of informations and also to strategies of commitment degrees of the author with these informations. With the intent of investigating the manifestation of that category in the construction of academic degree works in contemporary Brazilian Portuguese, this research aims to: a) re-discuss the status of evidentiality as a linguistic category; b) analyze the relations between modality and evidentiality; c) examine the strategies employed in the use of evidentiality marks in the monographs, dissertations and theses; d) identify, describe and analyze the evidential linguistic marks in the scientific works in focus; e) relate the use of evidentials to strategies for compromise effect in textual construction. By identifying and interpreting the evidential marks in the construction of academic texts, this research seeks to contribute to express explicitly the meaning effects linked to the transmitting of information strategically, since these marks are used for diverse purposes, such as resorting to the so-called "authority argument", attenuation of liability in relation to what is said, modalization in the continuum between certainty and non-certainty, suggesting a degree of commitment in relation to the truth of the proposition, also a critical positioning in relation to the proposition. This analysis, guided by functionalist assumptions, has a theoretical dimension, aimed at re-discussion of the conceptual boundaries between modality and evidentiality categories, and an analytical dimension, which, in constant dialogue with the theory, researches in a qualitative and quantitative way the use of evidentiality marks in monographs, dissertations and theses. The choice of these text genres for the *corpus* constitution is justified by the assumption that they present a greater amount of information whose source is not the author himself, conditioning the use of evidentiality marks in the observable relationship with the degree of commitment of the author related to the information conveyed. The acquisition of 1500 instances for this research came true from the organization of a *corpus* consisting of thirty academic degree (ten monographs, ten dissertations and ten theses), which was used as a cut-off for analysis: introduction, one chapter of theoretical discussions and conclusion. Data were analyzed according to these categories: the type of mark evidential (lexical or grammar item – verb, noun, adjective, adverb, preposition; metadiscursive statement, simple juxtaposition, quotatives marks of ABNT) and the position of such mark in relation to source (before, between, after); b) the types of concepts characteristic of the evidential semantics are described, the source of information (the utterer, defined external source, undefined external source, common domain); the evidential access (direct, less direct, indirect); the nature of evidential information (subjective, experiential, inferential, reported); c) the pragmatic and discursive aspects, that is, the effects of meaning associated with the construction of the arguments in that concerns to the expression of high, medium or low commitment to what is being reported. In three genres of academic degree, the low commitment was more frequent and the differences between high and low commitment is nearly the same in these genres. Regarding to semantic aspects, the external, indirect and reported source was the

most frequent, explicit by *dicendi* verbs, that appear between the source and the content asserted.

Keywords: evidentiality; modality; academic discourse; discursive strategy; degree of academic texts.

RESUMÉ

Évidentialité est une catégorie linguistique qui est utilisée comme une stratégie qui permet la manipulation de l'information quant à la source de la connaissance et le degré de compromission de l'auteur avec cette source. Dans l'intention d'enquêter sur la manifestation de cette catégorie dans la construction d'ouvrages de niveau universitaire en portugais brésilien contemporain, cette recherche vise à: a) re-examiner l'état de évidentialité comme une catégorie linguistique; b) d'analyser les relations entre la modalité et évidentialité c) d'examiner les stratégies employées dans l'utilisation des marques évidentialité dans les textes précrits d) d'identifier, décrire et analyser les marques de linguistique dans les travaux scientifiques en bref ; e) concerner l'utilisation de évidentiel à des stratégies pour obtenir un effet de compromis dans la construction textuelle . En identifiant et en interprétant les marqueurs évidentiel dans la construction de textes scientifiques, cette recherche vise à contribuer à exprimer explicitement les effets de sens liés à la transmission de l'information stratégique, étant donné que ces marques sont utilisées à des fins diverses, telles que: le recours à la soi - appelé «argument d'autorité», l'atténuation de la responsabilité par rapport à ce qui est dit, modalisation dans le continuum entre la certitude et non certitude, signalant que quelque chose n'est pas dit de façon catégorique et en suggérant un certain degré de compromis par rapport à la vérité de la proposition, également un positionnement critique par rapport à la source d'information, permettant une évaluation correcte du contenu assimilés par le lecteur, entre autres. Cette analyse, guidée par des hypothèses fonctionnalistes, utilise une dimension théorique, qui vise à ré-examiner de la conceptuelle frontières entre les catégories modalité et évidentialité, et une dimension analytique, qui, en constant dialogue avec la théorie, les recherches de manière qualitative et quantitative de l'utilisation de marques évidentialité dans des monographies, dissertations et thèses. Le choix de ces genres de texte pour la constitution de *corpus* est justifiée par l'hypothèse qui présentent une plus grande quantité d'information dont la source n'est pas l'auteur lui-même, conditionné l'utilisation de marques évidentialité observables dans la relation avec le degré de compromission de l'auteur liés à l'information véhiculée. L'acquisition de 1500 événements de cette recherche est devenu réalité de l'organisation d'un *corpus* composé de trente grade universitaire (10 monographies, 10 dissertations et 10 thèses), qui a été utilisé comme seuil pour l'analyse: l'introduction, les fondements théoriques et la conclusion. Présente les résultats pour expliquer les effets de sens associés à l'utilisation de moyens d'expression dans le développement du raisonnement de preuve du degré littérature scientifique, mais décrit aussi la manifestation de évidentialité, confirmant l'existence d'un système de preuve dans le portugais brésilien. Les résultats montrent que les moyens linguistiques de évidentialité expression dans le discours académique autour de la production de la thèse de texte, dissertation et la thèse sont précisées dans les domaines suivants: le type de marque probante (Point lexicales ou grammaticales: substantif verbal, adjectif, adverbe, prépositionnel; déclaration

métadiscursif, simple juxtaposition, les normes citatives ABNT) et la position de cette marque par rapport à la source (château avant, intercalés, appelée après). Les types de concepts caractéristiques de la sémantique de preuve sont décrits: a) comment partager la source de l'information: objet énoncer, définie source externe, source externe indéfini, espace commun, b) quant à l'accès probante: direct, moins directs, indirects c) la nature de l'information probante: subjectif, expérientielles, inférentielle, signalées. En comparaison, les études, thèses, prédomine dans la construction des trois genres de grade universitaire, évidentialité de la nature: un jeu extérieures, indirects et rapportés. Avec le discursif-pragmatique, les effets de sens associés à l'utilisation de moyens d'expression de évidentialité la construction de l'argumentation du discours académique autour de la monographie, dissertation et thèse sont liés à l'expression d'un engagement élevé, moyen ou faible pour ce qui est fait état. Sa caractérisation a été analysé et décrit le croisement de données dans toutes les catégories analysées dans la gradation de l'engagement.

Mots-clés: évidentialité; mode; du discours académique; stratégie discursive; textes de grade universitaire.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1 FIGURAS

Figura 01: Adaptação do esquema de interação verbal (DIK, 1989, p. 8).....	26
Figura 02: Organização geral da GDF (HENGEVELD & MACKENZIE, 2008, p. 13).....	30
Figura 03: Equacionamento da avaliação epistêmica (DALL'AGLIO HATTNER, 1995).....	65
Figura 04: Posição da Evidencialidade nos textos acadêmicos de grau.....	113
Figura 05: Meio de expressão da marca evidencial nos textos acadêmicos de grau.....	115
Figura 06: Tipos de fonte evidencial nos textos acadêmicos de grau.....	132
Figura 07: Acesso evidencial da informação nos textos acadêmicos de grau.....	136
Figura 08: A natureza evidencial da informação nos textos acadêmicos de grau.....	139
Figura 09: Comprometimento da Evidência nos textos acadêmicos de grau.....	140

2 QUADROS

Quadro 01: Instâncias de modalização dos enunciados em correspondência com níveis da GF (DIK, 1989; HENGEVELD, 1988, 1989).....	56
Quadro 02: Esquema de combinação e incidência das modalidades entre os níveis da GF (NEVES, 2006, p. 202).....	57
Quadro 03: Tipologia funcional da modalidade epistemológica (HENGEVELD, 1988).....	58
Quadro 04: Exemplos de marcadores evidenciais (DALL'AGLIO HATTNER ET AL, 2001, p. 140).....	61
Quadro 05: Significado dos evidenciais (WILLETT, 1988, p. 57).....	66
Quadro 06: Critérios para identificação de evidenciais gramaticalizados (DE HANN, 1997).....	67
Quadro 07: Hierarquia da força evidencial (GIVÓN, 2001).....	69
Quadro 08: Estágio inicial do sistema evidencial (GIVÓN, 2001).....	69
Quadro 09: Uma proposta tipológica evidencial (GALVÃO, 2001, pp. 98-99).....	70
Quadro 10: Classificação das línguas naturais pelo número de marcas evidenciais	

(AIKHENVALD, 2003, 2004).....	72
Quadro 11: Categorias de evidencialidade na língua <i>Shanenawa</i> (Pano) (CÂNDIDO & RIBEIRO (2009, p. 227).....	73
Quadro 12: Escala de valores do grau de comprometimento (THOMPSON, 1996).....	76
Quadro 13: Ficha de análise das ocorrências.....	85
Quadro 14: Tipologia da natureza semântica da Evidencialidade.....	87
Quadro 15: Verbos de simples dizer e verbos que qualificam o que é dito.....	119
Quadro 16: Obtenção do efeito de sentido no uso da marca evidencial (EV).....	143
Quadro 17: Partes constituintes da ocorrência D6.F.03.....	171
Quadro 18: Partes constituintes da ocorrência M2.I.03.....	172
Quadro 19: Análise integrada do uso da evidencialidade para alto comprometimento em D6.F.29.....	174
Quadro 20: Análise integrada do uso da evidencialidade para alto comprometimento em D10.I.07.....	175
Quadro 21: Análise integrada do uso da evidencialidade para médio comprometimento em T2.C.03.....	175
Quadro 22: Análise integrada do uso da evidencialidade para médio comprometimento em D8.I.02.....	176
Quadro 23: Análise integrada do uso da evidencialidade para baixo comprometimento em T5.I.09.....	177
Quadro 24: Análise integrada do uso da evidencialidade para baixo comprometimento em D2.F.14.....	177
Quadro 25: Manifestação da evidencialidade em relação ao comprometimento.....	178

3 TABELAS

Tabela 01: Total de ocorrências do <i>corpus</i>	84
Tabela 02: Frequência da manifestação da marca evidencial na forma de item lexical ou gramatical.....	115
Tabela 03: Frequência da manifestação da natureza evidencial da informação.....	137

Tabela 04: Grau de comprometimento em relação à posição da marca evidencial no enunciado.....	144
Tabela 05: Grau de comprometimento em relação ao meio de expressão da marca evidencial no enunciado.....	150
Tabela 06: Grau de comprometimento em relação ao item lexical ou gramatical que manifesta a marca evidencial no enunciado.....	154
Tabela 07: Grau de comprometimento em relação ao tipo de fonte da informação através da marca evidencial no enunciado.....	155
Tabela 08: Grau de comprometimento em relação ao acesso evidencial da fonte da informação através da marca evidencial no enunciado.....	160
Tabela 09: Grau de comprometimento em relação à natureza evidencial da informação através da marca evidencial no enunciado.....	164

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	
1.1 Objeto da pesquisa.....	18
1.2 Estrutura textual da tese.....	21
2 PRESSUPOSTOS FUNCIONALISTAS	
2.1 A Proposta funcionalista.....	23
2.2 O Funcionalismo de Dik.....	25
2.3 A Gramática Discursivo-funcional (GDF).....	27
3 O DISCURSO ACADÊMICO	
3.1 A constituição do discurso acadêmico.....	34
3.2 A caracterização do discurso acadêmico.....	42
4 A EVIDENCIALIDADE	
4.1 As relações entre modalidade e evidencialidade.....	52
4.2 A evidencialidade como categoria linguística.....	63
4.3 A evidencialidade como estratégia de comprometimento.....	75
4.3.1 Estratégias de alto comprometimento.....	77
4.3.2 Estratégias de médio comprometimento.....	78
4.3.3 Estratégias de baixo comprometimento.....	79
5 METODOLOGIA	
5.1 A Constituição e delimitação do corpus.....	82
5.2 Categorias de análise da marca evidencial.....	86
5.2.1 Nível de comprometimento evidencial.....	86
5.2.2 A Natureza semântica da evidência.....	86
5.2.2.1 Tipo de fonte da informação.....	87

5.2.2.2 Acesso à informação evidencial.....	92
5.2.2.3 Natureza evidencial da informação.....	95
5.2.3 A Posição da marca evidencial no enunciado.....	98
5.2.3.1 Anteposição.....	98
5.2.3.2 Intercalamento.....	98
5.2.3.3 Posposição.....	99
5.2.4 A Expressão da evidencialidade.....	100
5.2.4.1 Item lexical ou gramatical.....	100
5.2.4.2 Enunciado metadiscursivo.....	109
5.2.4.3 Justaposição simples.....	110
5.2.4.4 Normas citativas da ABNT.....	110

6 A EVIDENCIALIDADE NOS TEXTOS ACADÊMICOS DE GRAU

6.1 Descrição linguística da evidencialidade.....	112
6.1.1 Aspectos sintáticos.....	112
6.1.1.1 A Posição da marca evidencial no enunciado.....	112
6.1.1.2 A Expressão da evidencialidade no enunciado.....	115
6.1.2 Aspectos semânticos.....	131
6.1.2.1 O tipo de fonte.....	132
6.1.2.2 Acesso evidencial da informação.....	134
6.1.2.3 A Natureza evidencial da informação.....	136
6.1.3 Aspectos pragmático-discursivos.....	140
6.1.3.1 O Comprometimento da marca evidencial no enunciado.....	140
6.2 A Evidencialidade como estratégia discursiva nos trabalhos acadêmicos de grau....	142
6.2.1 O Grau de comprometimento através da marca evidencial.....	142
6.2.1.1 O Comprometimento em relação à posição da marca evidencial no enunciado..	144
6.2.1.2 O Comprometimento em relação ao meio de expressão da marca evidencial no enunciado.....	149
6.2.1.3 O Comprometimento em relação ao item lexical ou gramatical que manifesta a marca evidencial no enunciado.....	154

6.2.1.4 O Comprometimento em relação ao tipo de fonte da informação através da marca evidencial no enunciado.....	155
6.2.1.5 O Comprometimento em relação ao acesso evidencial da informação através da marca evidencial no enunciado.....	159
6.2.1.6 O Comprometimento em relação à natureza evidencial da informação através da marca evidencial no enunciado.....	164
6.2.2 A Variação do grau de comprometimento no mesmo enunciado.....	170
6.2.3 A Natureza evidencial em cada gênero textual acadêmico de grau.....	173
6.2.4 A Integração dos aspectos sintático-semântico-pragmático-discursivos na manifestação da evidencialidade.....	174
7 CONCLUSÃO	
7.1 Conclusões da Pesquisa.....	181
7.2 Considerações Finais.....	184
REFERÊNCIAS	186
ANEXOS.....	196

1 INTRODUÇÃO

1.1 Objeto da pesquisa

A maneira como o ser humano se comunica é extremamente reveladora. A informação comunicada por alguém pode ter como fonte o próprio sujeito-enunciador ou outras fontes por ele implicadas por meio de marcas contidas no enunciado.

Ao manifestar essas marcas de indicação da fonte do que é asseverado, o sujeito-enunciador recorre à utilização do que denominamos de *evidencialidade*. Nessa manifestação, podem ser depreendidas as atitudes em relação à informação que ele transmite ou o conhecimento que possui acerca dela. Ou seja, a evidencialidade é uma categoria linguística que permite, estrategicamente, a manipulação de informações quanto à explicitação da fonte do conhecimento informado e ao grau de comprometimento do sujeito-enunciador com tais informações.

Em enunciados do tipo “Acredito que vai chover”, “Acreditamos que vai chover”, “O serviço de meteorologia disse que vai chover” ou “Acredita-se que vai chover”, há uma diversidade na veiculação da informação no que diz respeito ao envolvimento do enunciador com a fonte do conhecimento, gerando um efeito de sentido diferenciado na interpretação do ouvinte/leitor. No primeiro caso, o sujeito-enunciador se coloca como a própria origem da informação, responsabilizando-se diretamente com a asserção proferida. No segundo caso, o fato de o predicado encaixador estar flexionado na 1ª pessoa do plural não passa despercebido, pois, dessa forma, o envolvimento do sujeito-enunciador com o que foi dito é diluído, e a responsabilidade pelo conteúdo asseverado como que partilhada. No terceiro caso, o enunciador se distancia da condição de fonte do que informa, atribuindo-a a uma terceira pessoa (*o serviço de meteorologia*). Já no último enunciado destacado, parece que a informação tem como ponto de partida uma comunidade, que é responsabilizada pelo conteúdo proposicional, como se todos compartilhassem, então, da mesma ideia.

Dessa forma, a evidencialidade é uma estratégia discursiva que manifesta diferentes efeitos de sentido, revelando a intencionalidade do sujeito-enunciador quanto à responsabilidade da proposição, já que, ao fornecer a fonte da informação, ele imprime maior ou menor confiabilidade ao seu enunciado, afasta-se, em graus variados, do conteúdo veiculado.

Esta tese dá continuidade aos estudos efetuados para a pesquisa de dissertação “A Manifestação da Evidencialidade nas Dissertações Acadêmicas do Português Brasileiro Contemporâneo” (CARIOCA, 2005). No decorrer da análise e da sistematização dos resultados dessa pesquisa, surgiram questionamentos importantes acerca da verificação da evidencialidade em outros gêneros textuais que são classificados como pertencentes ao discurso acadêmico. Surgiu daí a ideia de analisar a manifestação da evidencialidade nos três gêneros relacionados ao discurso acadêmico que têm em comum o propósito de obtenção de grau – de especialista (a monografia), de mestre (a dissertação) e de doutor (a tese).

Faz-se necessária uma discussão mais aprofundada sobre o discurso acadêmico para especificar-se sua própria definição, algo que ainda não está devidamente estipulado, já que uma ligeira formatação é normatizada nos manuais de metodologia científica que ensinam superficialmente como se constrói um trabalho científico do tipo monografia, ou do tipo dissertação ou do tipo tese.

A construção argumentativa do discurso acadêmico é outro aspecto que necessita ser mais discutido e caracterizado, pois é na “maneira” como se constrói o diálogo do produtor textual com o leitor que a adesão dos conteúdos das proposições será buscada. Visto que o processo comunicativo é embasado pelo ato ilocutório, essa “maneira” se manifesta pela utilização dos recursos linguísticos para efetuar uma projeção de uma intencionalidade. Logo, a construção argumentativa se manifesta mediante várias estratégias discursivas que o produtor textual utiliza para dizer o que diz.

Mesmo com intenção de ser o mais correto possível e estar de acordo com as normas estabelecidas pelos manuais de metodologia científica, o produtor textual talvez desconheça as estratégias comunicativas e, às vezes, não está consciente de que não indicou a fonte da informação que está veiculando; de que “não” se responsabilizou pelo que está sendo dito; de que pode comprometer-se mais ou menos com o que está informando, atenuando ou asseverando a sua responsabilidade em relação ao informe que está dando; já que a manifestação da fonte passa por questões éticas, científicas, comunicativas e ideológicas.

O fato é que o produtor textual desconhece algumas estratégias discursivas que poderiam lhe ser mais úteis, quando de seu interesse, ao construir, argumentativamente, o texto, a partir do modo como as informações são repassadas. Por isso, conhecer as marcas evidenciais e a maneira como podem ser utilizadas é relevante para a escrita de qualquer trabalho científico,

pois servem para esclarecer como se deu a apropriação das informações pelo produtor textual, como também explicitam as multifacetadas que o enunciador apresenta ao se fazer autor.

Outro fator que merece ser destacado é a questão da existência de um sistema evidencial no português brasileiro. A partir da descrição dos itens linguísticos nesta pesquisa, já se pode sugerir um conjunto de marcas de manifestação da evidencialidade no português brasileiro contemporâneo.

Desse modo, a pesquisa que aqui se delineia é relevante não só por investigar o nível de envolvimento que o produtor textual tem com o que está dizendo e as estratégias que ele utiliza para fazer isso, mas, ainda, por teorizar sobre a noção de discurso acadêmico, como também por projetar a existência de um subsistema linguístico do português brasileiro constituído por marcas evidenciais.

Para tanto, estabeleço como objetivo geral descrever e analisar os aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos que caracterizam a expressão da evidencialidade como estratégia discursiva nos trabalhos acadêmicos de grau do português brasileiro contemporâneo; como também apresento os seguintes objetivos específicos: a) acrescentar, à discussão já estabelecida entre modalidade e evidencialidade, os debates e pesquisas acerca da relação hierárquica que existe entre essas categorias; b) rediscutir o estatuto da evidencialidade como categoria linguística com manifestação em Língua Portuguesa; c) descrever os meios linguísticos de expressão da evidencialidade no discurso acadêmico na redação de monografias, dissertações e teses no português brasileiro contemporâneo; d) analisar, comparativamente, quais são as noções evidenciais predominantes na construção do discurso acadêmico que envolve a elaboração de monografias, dissertações e teses; e) interpretar os efeitos de sentido associados ao uso de meios de expressão da evidencialidade na construção da argumentação do discurso acadêmico, particularizando a produção de monografias, dissertações e teses; e f) quantificar e interpretar, comparativamente, a frequência de uso das marcas evidenciais e os efeitos de sentido nos trabalhos acadêmicos de grau – monografia, dissertação e tese.

O objetivo geral enunciado anteriormente surgiu a partir da problemática, também generalizante, de quais aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos caracterizam a expressão da evidencialidade como estratégia discursiva nos trabalhos acadêmicos de grau do português brasileiro contemporâneo. Derivando, então, alguns questionamentos que norteiam esta pesquisa, pergunto: a) quais os avanços no debate teórico sobre a relação estabelecida entre

modalidade e evidencialidade? b) pode-se realmente afirmar o estatuto da evidencialidade como categoria linguística com expressão no português brasileiro contemporâneo? c) quais os meios linguísticos de expressão da evidencialidade no discurso acadêmico de trabalhos de grau, especificamente em monografias, dissertações e teses no português brasileiro contemporâneo? d) quais são os tipos de noções evidenciais predominantes na construção do discurso acadêmico que envolve a elaboração de monografia, dissertação e tese? e) quais os efeitos de sentido associados ao uso de meios de expressão da evidencialidade na construção da argumentação do discurso acadêmico, particularmente monografias, dissertações e teses? f) quais os efeitos de sentido que predominam em cada trabalho acadêmico de grau, ou seja, a monografia, a dissertação e a tese?

Tendo em vista os questionamentos acima expostos, proponho, como hipótese geral, que a manifestação da categoria linguística evidencialidade (quanto à expressão: verbos, substantivos, adjetivos, preposições, advérbios e normas da ABNT; quanto à posição da marca em relação à fonte: anteposição, intercalamento, posposição) está, de modo diferenciado, relacionada à construção do discurso acadêmico nos trabalhos de grau (monografia, dissertação e tese), projetando-se nas diversas formas como o produtor textual escolhe veicular suas informações, no que concerne ao grau de comprometimento dele com essas informações.

Desse modo, meu interesse é estudar a projeção da fonte da informação – a evidencialidade, procurando analisar, sob uma ótica funcionalista, como o autor do texto acadêmico de grau se posiciona quanto à informação asseverada por ele no seu escrito, ou melhor, como ele escolhe o modo como irá se engajar com aquilo que ele está dizendo no que diz respeito à explicitação da origem das suas asseverações com vistas a um efeito de sentido determinado, já que ele tem por finalidade a aceitação e credibilidade da sua escritura na comunidade científica na qual está inserido.

1.2 Estrutura textual da tese

A distribuição das informações de que se compõe esta tese está organizada em sete capítulos, por estar em conformidade com o guia de normalização da Universidade Federal do Ceará que estipula ser a introdução o primeiro capítulo¹.

¹ MELO *et al.* Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <http://www.biblioteca.ufc.br/PDFS/guiaNORMALIZACAO_UFC.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2009, p. 37.

A introdução da pesquisa é feita consoante a apresentação do fenômeno a ser pesquisado e desta parte que expõe a estrutura textual da tese. No capítulo 2, explico os pressupostos teóricos funcionalistas que norteiam esta pesquisa; enquanto no capítulo 3, discuto o estatuto do discurso acadêmico convencionalizado como meio de obtenção de grau e de divulgação científica. Já no capítulo 4, apresento uma revisão da literatura utilizada neste estudo, refletindo sobre as relações entre modalidade e evidencialidade, e o estatuto da evidencialidade como categoria linguística.

No capítulo 5, informo, detalhadamente, a metodologia da pesquisa e a definição das categorias para a análise das marcas evidenciais nos gêneros pesquisados. Em seguida, no capítulo 6, verifico a manifestação da evidencialidade nos textos acadêmicos com a análise propriamente dita de todas as ocorrências identificadas no *corpus* da pesquisa, traçando um quadro geral e sistemático das ocorrências de evidencialidade nos trabalhos de grau do português brasileiro contemporâneo. No capítulo 7, concluo com a sistematização dos resultados, com o apontamento das considerações encontradas e selecionadas como mais relevantes após a efetivação da pesquisa.

Com esta apresentação geral acerca dessa tese, passo, a seguir, a mostrar a pesquisa de fato.

2 PRESSUPOSTOS FUNCIONALISTAS

2.1 Proposta funcionalista

Assumo, com Bakhtin (1997, p.279), que a utilização da língua, em várias esferas da atividade humana, efetiva-se por meio de enunciados orais ou escritos, concretos e únicos, que refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, de forma indissolúvel, pelo conteúdo (temático), pelo estilo verbal (isto é, pela seleção operada nos recursos da língua) e pela construção composicional.

Uma teoria de base para a pesquisa ora empreendida só poderia situar-se de forma a considerar o contexto situacional no qual se concretiza o ato do desenvolvimento da escrita do texto, pois, dependendo da finalidade que se propõe o falante é que se efetiva o ato ilocucionário mediante o uso dos mais variados recursos linguísticos para sua operacionalização.

A pesquisa que aqui proponho assume a concepção sociointeracional de linguagem – já que, na construção do discurso acadêmico, o falante prevê a interação com o ouvinte deixando pistas – e, com o objetivo de interpretar melhor as opções linguísticas na manifestação da evidencialidade, adota uma perspectiva funcionalista ao reconhecer que tais opções encontram-se estreitamente condicionadas pelos propósitos comunicativos do falante e/ou do gênero em questão.

A discussão sobre os aspectos funcionais no estudo da linguagem já vem ocorrendo há bastante tempo, por isso algumas premissas já estão postuladas como lições básicas de uma gramática de direção funcional. Essas premissas Neves (2006, p. 16) expõe assim:

- A linguagem não é um fenômeno isolado, mas, pelo contrário, serve a uma variedade de propósitos (Prideaux, 1987).
- A língua (e a gramática) não pode ser descrita nem explicitada como um sistema autônomo (Givón, 1995).
- As formas da língua são meios para um fim, não um fim em si mesmas (Halliday, 1985).
- Na gramática estão integrados os componentes sintático, semântico e pragmático (Dik, 1978, 1980, 1989a, 1997; Givón, 1984; Hengeveld, 1997).
- A gramática inclui o embasamento cognitivo das unidades linguísticas no conhecimento que a comunidade tem a respeito da organização dos eventos e de seus participantes (Beaugrande, 1993).
- Existe uma relação não-arbitrária entre a instrumentalidade do uso da língua (o funcional) e a sistematicidade da estrutura da língua (o gramatical) (Mackenzie, 1992).

- O falante procede a escolhas, e a gramática organiza as opções em alguns conjuntos dentro dos quais o falante faz seleções simultâneas (Halliday, 1973, 1985).
- A gramática é susceptível às pressões do uso (Du Bois, 1993), ou seja, às determinações do discurso (Givón, 1979b), visto o discurso como a rede total de eventos comunicativos relevantes (Beaugrande, 1993).
- A gramática resolve-se no equilíbrio entre forças internas e forças externas ao sistema (Du Bois, 1985).
- O objeto da gramática funcional é a competência comunicativa (Martinet, 1994).

Tais noções advêm da base dos estudos da Escola Linguística de Praga iniciados na segunda década do Século XX e se projetam em diversificadas correntes funcionalistas, como é o caso do funcionalismo inglês, do funcionalismo norte-americano e do funcionalismo holandês.

Segundo Nogueira (2006, p. 2), o funcionalismo praguense caracteriza-se pela consideração das funções dos meios linguísticos, tendo em vista as necessidades de comunicação e expressão dos indivíduos, pelas propostas classificatórias das funções da linguagem (Bühler e Jakobson), e pelas noções de perspectiva funcional da sentença (Mathesius) e de dinamismo comunicativo (Firbas).

Sobre o funcionalismo inglês, Nogueira (2006, p. 3) explicita que a proposta de Halliday é

de uma teoria sistêmico-funcional do significado como escolha, por meio da qual a língua, como qualquer outro sistema semiótico, é interpretada como redes de opções engrenadas. Por meio de uma gramática dessa natureza, a análise linguística revela por que um texto significa o que significa e avalia se ele atinge efetivamente, ou não, os seus propósitos.

Nesse enfoque, Halliday (1985) estipula um sistema fundamentado em três funções básicas: a função ideacional, a função interpessoal e a função textual.

Acerca do funcionalismo norte-americano, vale ressaltar as pesquisas de Hopper e Thompson (1981) acerca da transitividade e do relevo discursivo, como também de Du Bois (1987) sobre a base discursiva da ergatividade, estabelecendo a hipótese da estrutura argumental preferida que toma como parâmetro o fluxo da informação. Os estudos de Talmy Givón se configuram como contrários aos parâmetros formalistas, reveladores de várias diretrizes pragmáticas que afirmam a motivação funcional das estruturas gramaticais (NOGUEIRA, 2006, p. 4).

Givón (2001) postula o reconhecimento da gramática como um instrumento discretizante, categorizador por excelência, mas sem deixar de perceber as exceções de uma regra, por defender que a flexibilidade residual, a gradualidade e a variabilidade são utilizadas

na adaptação conforme a motivação linguística. Marcação e Iconicidade são dois conceitos proeminentes nos estudos givonianos, os quais permitiram a defesa de alguns princípios da organização gramatical icônica como regras de uma protogramática. A saber: regras de entonação (ênfase e previsibilidade, melodia e relevância, pausa e ritmo), regras de espaçamento (proximidade e relevância, proximidade e escopo), regras de sequência (ordem e importância, ordem de ocorrência e ordem reportada), regras de quantidade (expressão zero e previsibilidade, expressão zero e relevância).

Quanto ao funcionalismo holandês, também referido em Nogueira (2006), destaca-se a proposta de uma teoria funcional da gramática de Simon Dik (1989), formulando que a interação verbal ocorre por meio das expressões linguísticas: entidades estruturadas, governadas por regras (semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas) e princípios pragmáticos que determinam sua formulação, bem como sua utilização. Por esse motivo a Gramática Funcional propõe a integração dos componentes de análise e coloca a pragmática como aquele que garante que as regras de uma determinada língua sejam explicitadas de acordo com a sua funcionalidade.

2.2 O Funcionalismo de Dik

A Gramática Funcional (GF) opera a integração dos três componentes linguísticos – o semântico, o sintático e o pragmático – para a investigação das relações funcionais especificadas pelas expressões linguísticas. Segundo Dik (1989, p. 24), as funções no nível semântico especificam os “papéis” que os referentes dos termos envolvidos desempenham no “estado-de-coisas”² designado pela predicação na qual esses termos ocorrem; no nível sintático, é especificada a “perspectiva” a partir da qual um estado-de-coisas é apresentado em uma expressão linguística; e no nível pragmático, é especificado o “estatuto informacional” de um constituinte dentro de um amplo cenário comunicativo no qual ele ocorre, isto é, em relação à informação pragmática do falante e do ouvinte.

Uma teoria funcionalista da linguagem, consoante Dik (1989), obedece a dois princípios básicos: (i) deve tentar explicar as regras e princípios subjacentes à construção de

² Estrutura abstrata que designa algo em algum mundo (DIK, 1989).

expressões linguísticas em termos de sua funcionalidade no que diz respeito ao modo como essas expressões são usadas; e, sendo assim, (ii) deve estar integrada a uma teoria pragmática maior de interação verbal.

Na proposta de interação verbal de Dik (1989, p.8), a comunicação é vista como modelo de atividades interativas que prevê um dinamismo cooperativo. Tanto o falante quanto o ouvinte contribuem igualmente para a efetivação do processo comunicativo. O esquema de interação verbal de Dik (1989) pode ser observado na figura a seguir:

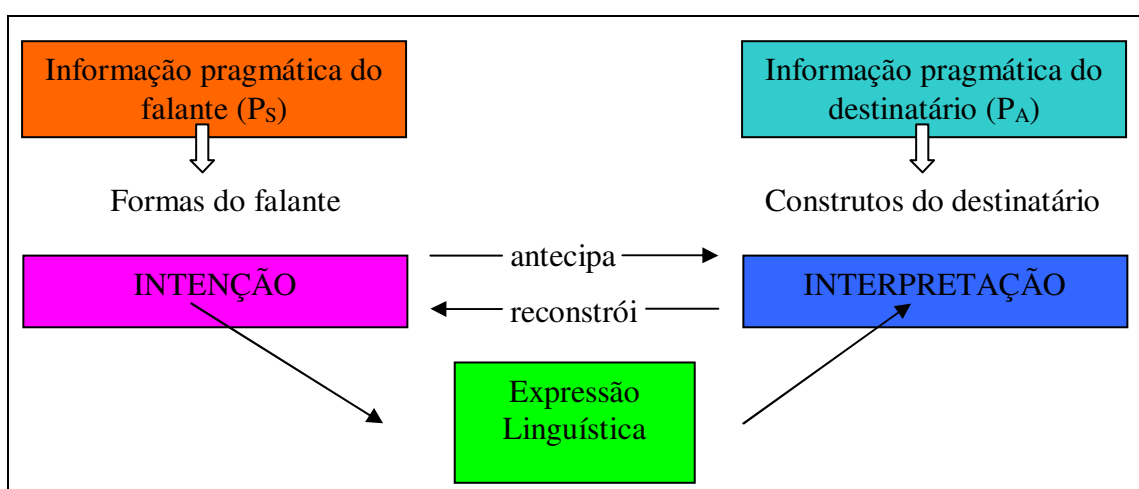


Figura 01: Adaptação do esquema de interação verbal (DIK, 1989, p. 8).

O modelo de interação verbal proposto por Dik (1989) considera os aspectos sociais, psicológicos e lingüísticos que subjazem à interação comunicativa, e formula que, em qualquer estágio da interação verbal, os usuários da língua possuem informação pragmática³, e, ao dizer alguma coisa, o falante pretende efetuar algum tipo de modificação e/ou acréscimo na informação pragmática do ouvinte.

Mas, para que esse processo se concretize, o falante forma uma intenção comunicativa, uma construção mental daquilo que ele espera causar, pragmaticamente, no ouvinte. O falante necessita formular eficientemente sua intenção de maneira adequada à compreensão do ouvinte, para que este deseje modificar a sua informação pragmática de acordo com a pretensão do falante. Segundo esse modelo, as expressões linguísticas têm apenas função

³ Segundo Dik (1997, p.10), a informação pragmática consiste no conjunto completo de conhecimentos, crenças, pressupostos, opiniões e sentimentos, disponíveis a um indivíduo em qualquer momento da interação.

mediadora; desse modo, não são responsabilizadas pela “correta” relação entre a intencionalidade do falante e a interpretação do ouvinte.

O postulado teórico de Dik (1989) é relevante, porque dá igual importância para os usuários da língua na relação de interação, já que reconhece que o falante e o ouvinte são indispensáveis e contribuem, na mesma proporção, para que a língua concretize o processo comunicativo.

Observa-se que, em qualquer dos grupos funcionalistas, há o pressuposto geral de que o uso das expressões linguísticas é determinado pelas condições reais de produção, existindo, então, uma relação não-arbitrária entre a estrutura da língua e suas regularidades, explicadas a partir da maneira como os falantes se comunicam. Tomando isso como base, Pezatti (2004, p. 198) resume que:

A produção das expressões linguísticas, na interação social por meio da linguagem, depende, então, de três fatores:

- (i) da intenção do falante;
- (ii) da sua informação pragmática;
- (iii) da antecipação que ele faz da interpretação do ouvinte, com base na informação pragmática que o falante acredita estar disponível ao ouvinte.

Já a interpretação do ouvinte depende:

- (i) da própria expressão linguística;
- (ii) da sua informação pragmática;
- (iii) da hipótese do ouvinte sobre a intenção comunicativa do falante.

Tais fatores corroboram, portanto, com a premissa da GF de que a relação entre a intenção do falante e a interpretação do ouvinte não é estabelecida pela expressão linguística, porém, tão somente mediada por ela, porque “apenas representa a informação necessária e suficiente que corresponde a determinadas intenções para determinadas interpretações, dentro da estrutura definida pela informação pragmática disponível aos interlocutores” (PEZATTI, 2004, p. 202).

2.3 A Gramática Discursivo-Funcional (GDF)

Atualmente, o grupo funcionalista holandês, que promoveu a formalização de uma nova arquitetura da Gramática Funcional, vem pesquisando e desenvolvendo um alargamento dos pressupostos funcionalistas com um modelo que intitulam Gramática Funcional orientada para o Discurso ou ainda Gramática Discursivo-Funcional (GDF).

Sobre esse novo modelo, o grupo da Holanda propõe, segundo Neves (2006, p. 32), “uma gramática que, partindo de um modelo de expressão dinâmica (BAKKER, 1999; 2001), coloca como unidade básica do discurso o ato discursivo, e não a frase”, ou seja, o foco deixa de ser a oração e passa a ser o ato discursivo. Neste novo modelo de gramática, a análise envolve elementos maiores que os limites da sentença – marcadores discursivos – como também elementos menores, no caso as *holófrases* (“Socorro!”, “Fogo!”, etc.) e as interjeições (“Ei!”, “Oh!”, “Ui!”, etc.). Isso revela a importância de uma gramática orientada para o discurso, já que existem estruturas predicativas incompletas, mas com enunciados completos que são passíveis de análise. Assim, o discurso começa a ser entendido como um suporte para as unidades linguísticas de níveis mais baixos. Hengeveld & Mackenzie (2008, p. 9) esclarecem que:

A Gramática Discursivo-Funcional é assim definida pelo fato de buscar entender a estrutura dos enunciados em seu contexto discursivo (não no sentido de um modelo de análise do discurso). A intenção do falante não surge no vácuo, mas sim em um contexto comunicativo multifacetado⁴.

Para Hengeveld (2005), a GDF sobrepõe-se ao modelo dikiano porque aciona a codificação da intenção do falante, por meio de um processo que se estratifica de cima para baixo.

A GDF postula a descrição do conhecimento subjacente no potencial de um usuário que é capaz de se comunicar na sua língua de forma explícita e usando padrões linguísticos. Tal usuário é tido como conhecedor tanto das unidades linguísticas (lexemas, auxiliares, componentes sintáticos, fonemas) como das possíveis combinações que essas unidades podem figurar (atos discursivos, proposições, orações e complexos fonológicos). Dessa forma, a GDF oferece não só um inventário de formas, como também busca explicitar como elas se combinam na interação verbal (HENGEVELD & MACKENZIE, 2008, pp. 26-27).

Hengeveld & Mackenzie (2008) caracterizam a GDF segundo as seguintes premissas: i) busca ser um modelo da competência gramatical de usuários das línguas; ii) assume o ato discursivo, não a oração, como unidade básica de análise; iii) prevê interação sistemática entre os componentes conceitual, contextual e de expressão, não contemplados na GF; iv) a organização hierárquica da GDF é descendente, enquanto a da GF é ascendente; são as

⁴ Functional Discourse Grammar is so called because it seeks to understand the structure of utterances in their discourse context, though it is in no sense a discourse-analytical model. The intention developed by the speaker does not arise in a vacuum, but in a multifaceted communicative context.

intenções do falante que motivam a produção linguística; v) inclui as representações morfossintáticas e fonológicas como parte de sua estrutura subjacente.

Fundamentados nessas premissas, os autores postulam na obra *Functional Discourse Grammar* (2008) a descrição das unidades a partir da aplicação de *quatro níveis de análise* que se situam no componente gramatical. Dois destes níveis modulares dão conta das motivações pragmáticas – o *nível interpessoal* – e das motivações semânticas – o *nível representacional* – da *formulação* linguística. Os outros níveis representam os aspetos estruturais – o *nível morfossintático* – e prosódicos – o *nível fonológico* – da *codificação* dos enunciados.

Uma das razões que justifica a necessidade desses quatro níveis de organização linguística é que a referência anafórica é possível a qualquer um deles (HENGEVELD & MACKENZIE, 2008, p. 4). Os exemplos⁵ apresentados pelos autores foram adaptados por Camacho (2006, p. 15):

- Nível interpessoal (Pragmática)
- (16) A. *Saia daqui já!*
B. *Não me fale assim!*
- Nível Representacional (Semântica)
- (17) A. *Há muitos sinais de trânsito nesta cidade.*
B. *Eu não havia notado isso.*
- Nível Estrutural (Morfossintático)
- (18) A. *Eu comi 'lamb chop' ontem à noite.*
B. *É assim que você diz 'costela de carneiro' em inglês?*
- Nível Fonológico (Fonologia)

⁵ Interpersonal Level

- (5) A Get out of here!
B Don't talk to me like that!

Representational Level

- (6) A There are lots of traffic lights in this town.
B I didn't notice that.

Morphosyntactic Level

- (7) A I had chuletas de cordero last night.
B Is that how you say 'lamb chops' in Spanish?

Phonological Level

- (8) A I had /tʃu'letasdekor'dero/ last night.
B Shoudn't that be 'tʃu'letasdeθor'dero'? (HENGEVELD & MACKENZIE, 2008, p. 5)

- (19) A. *Eu comi uma /pa'e'la / ontem à noite.*
 B. *Isso não seria /pa'eya/?*

Os exemplos são elucidativos para entender-se que é possível fazer referência anafórica, em dois diferentes turnos conversacionais, não apenas a entidades referenciais, como em (17), mas também a atos de fala, como em (16), à forma de sintagmas nominais, como (18), e à própria expressão fonológica, como (19).

A figura 02 a seguir, proposta por Hengeveld & Mackenzie (2008, p. 13), apresenta a organização geral da GDF:

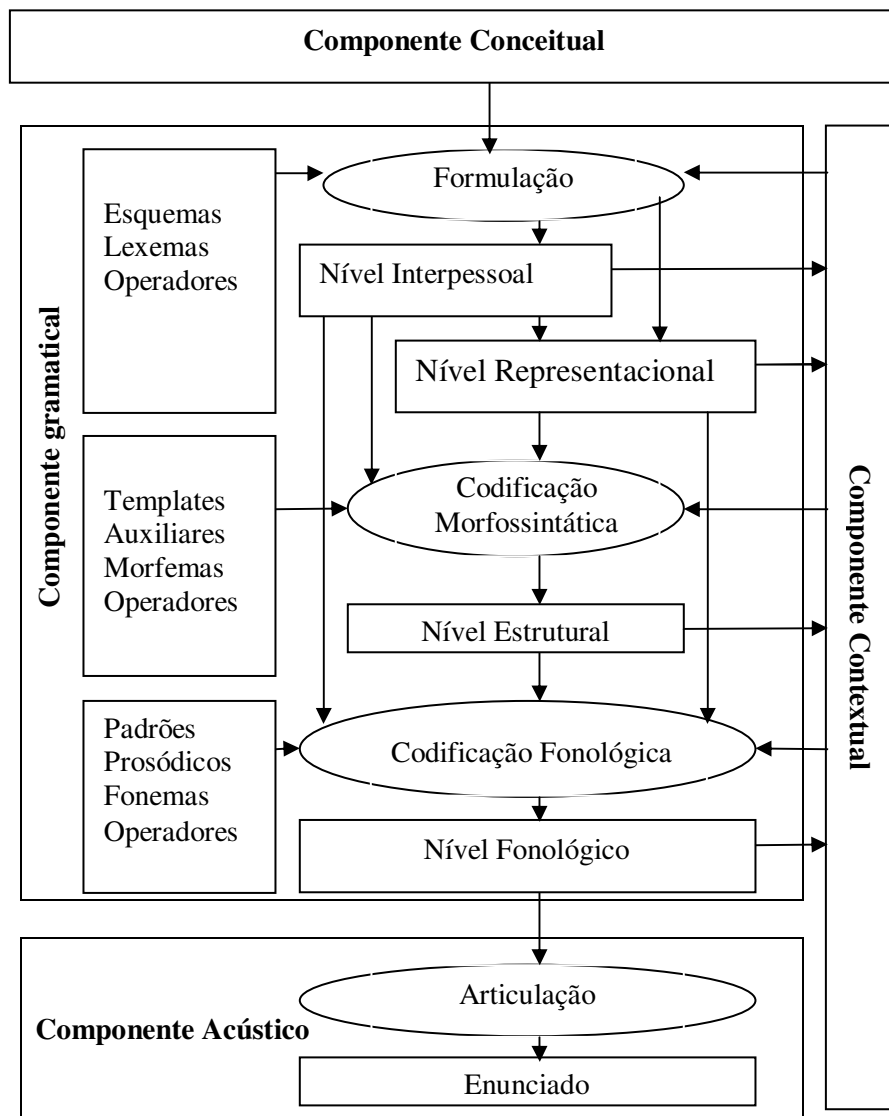


Figura 02: Organização geral da GDF (HENGEVELD & MACKENZIE, 2008, p.13).

Os autores Hengeveld & Mackenzie (2008) explicam que, na descrição de atos discursivos, reconhecem a necessidade de postular tanto um *componente gramatical* quanto três componentes adicionais (cf. fig. 02) que interagem com o componente gramatical: o *componente conceitual*, onde surge a intenção comunicativa; o *componente contextual*, onde se armazenam todos os aspetos da comunicação que podem influenciar o funcionamento do componente gramatical; e o *componente de saída*, onde acontece a tradução da representação fonológica do ato discursivo para a forma fonética, caracterizando, então, outro avanço da GDF.

Explicitam ainda que a formulação do componente gramatical se torna mais efetivo quanto mais sua organização se assemelhar à produção linguística do indivíduo. Assim, como a produção começa com as intenções comunicativas, progredindo em direção descendente à articulação, propõem uma *implementação dinâmica* da gramática que começa com a informação que provém do componente conceitual e que termina com uma representação fonológica que será transmitida ao componente de saída.

Tal implementação dinâmica da gramática, de acordo com Hengeveld & Mackenzie (2008), se inicia com a *formulação*, que implica duas análises do ato discursivo, que se processam nos chamados níveis interpessoal e representacional, os quais contêm uma exposição de todos os aspectos gramaticais do ato discursivo que dizem respeito à pragmática e à semântica respectivamente. Todos os níveis operam com três tipos de *primitivos*: moldes, lexemas e operadores primários.

No nível interpessoal, os *moldes* inventariam os recursos gramaticais que estão disponíveis em cada língua para se fazer distinções que dizem respeito à interação verbal, tais como ilocuções de base, funções pragmáticas (Tópico, Foco, etc.), diferenciações sociais (p. ex. pronomes formais/familiares), etc. Os *lexemas* introduzidos neste nível incluem nomes próprios, locuções que modificam o ato ilocutivo (p.ex. *em poucas palavras*), marcadores discursivos, etc. Os *operadores primários* do nível interpessoal são elementos passíveis de instigar processos nos níveis morfossintático e fonológico, p.ex. operadores de reportatividade, de identificabilidade ou de genericidade.

Para os autores, o núcleo do ato discursivo (A) é o *conteúdo comunicado* (C). Este *conteúdo comunicado* C contém um conjunto de sub-atos: *sub-atos de ascrição* (T) e *sub-atos de referência* (R). Postulam que, numa fórmula como $(+i +s R_i)_{TOP}$, haja a seguinte leitura: “Um

sub-ato de referência que tem a função pragmática de Tópico e operadores de identificabilidade (\pm i) e de especificidade (\pm s) com valor positivo”.

No nível representacional, os *moldes* indicam que recursos gramaticais estão disponíveis em cada língua para se fazer distinções semânticas, por exemplo, as várias categorias de *designação* (animado/inanimado), as *funções semânticas* (Ator, Paciente, Beneficiário, Lugar, etc.), as oposições de número (singular, plural), etc. Introduce-se neste nível a maioria dos lexemas, inclusive os advérbios que modificam o conteúdo proposicional (*certamente*). Aqui, os *operadores* primários abrangem a evidencialidade, o tempo absoluto e relativo, a polaridade, etc. O núcleo do ato discursivo é a predicação (e_1), constituída por um conjunto de uma propriedade (f_1) e vários argumentos (x_1, x_2). Além dos argumentos, reconhecem os *modificadores*, com funções semânticas tais como Instrumento. Uma fórmula como (x_j : –peixe– (x_j))U quer dizer: “Um argumento que designa uma entidade (x_j) da primeira ordem que tem como núcleo um lexema *peixe*”.

Hengeveld & Mackenzie (2008) afirmam que, na implementação dinâmica do modelo, há progressão em direção aos dois processos de codificação que geram os níveis morfossintático e fonológico, que contêm uma exposição de todos os aspectos formais do ato discursivo. Os processos de codificação também operam com primitivos, isso é, *padrões, auxiliares, morfemas e operadores secundários e terciários*.

Entretanto, as premissas básicas postuladas pelo linguista Simon Dik (1989; 1997) são mantidas nesse novo formato, tal é a relevância do modelo de interação verbal, no qual a expressão linguística “é função da intenção do falante, isto é, de um plano mental concernente à modificação particular que o falante quer provocar na informação pragmática do destinatário, o que vai determinar as escolhas para a formulação linguística” (NEVES, 2006, p. 33).

No discurso acadêmico – objeto desta pesquisa –, esse processo comunicativo não é diferente, pois seus interlocutores – produtor textual e leitor – estão constantemente em processo interativo e utilizando todos os recursos lingüísticos para atingir seus objetivos comunicativos, isto é, enquanto o produtor textual intenciona modificar e/ou acrescentar algo na informação pragmática do leitor, este assume papel ativo em acatar e/ou rejeitar as intenções do produtor textual.

Isto posto, o universo teórico no qual se desenvolve esta pesquisa é o da abordagem funcionalista norteada pelo entrecruzamento de algumas propostas teóricas: a Teoria da

Gramática Funcional de Simon Dik (1989) e as descrições da categoria evidencialidade feitas por Hengeveld (1988), Willett (1988), De Hann (1997), Givón (2001), Nuyts (2001) e, particularmente na descrição do português, Dall’Aglío Hattnher (1995), Galvão (2001), Gonçalves (2003), Carioca (2005) e Lucena (2008).

Cabe ressaltar, antes da incursão sobre o estudo da evidencialidade baseada no aporte teórico supracitado, um breve esclarecimento do que seja o objeto discursivo escolhido como material linguístico de análise, o que passo a fazer no capítulo seguinte.

3 O DISCURSO ACADÊMICO

A evidencialidade diz respeito à fonte de um conteúdo asseverado e relaciona em que medida o falante/produtor textual se compromete ou não com o que está afirmando. Por esse motivo, tem relevância na produção e interpretação do discurso acadêmico, pois, na veiculação do conhecimento, o falante/produtor textual está quase o tempo todo fazendo alusão a algo que já é conhecido no círculo científico e, ao usar o conhecimento de outro(s) pesquisador(es) para desenvolver sua argumentação e assegurar sua credibilidade, ele opta por alguma forma de veicular a origem da informação a que teve acesso.

Então é necessária uma breve apresentação da constituição e caracterização do discurso acadêmico para que haja um melhor entendimento acerca da utilização e explicitação da evidencialidade nos textos acadêmicos de grau, o que passo a fazer adiante.

3.1 A Constituição do Discurso Acadêmico

O discurso é definido aqui como qualquer forma de linguagem concretizada num ato de comunicação oral ou escrita (textos) que é expresso considerando as normas linguísticas de uma comunidade específica de pessoas com determinadas diretrizes comportamentais.

A variedade dos tipos de discurso relaciona-se diretamente com os vários tipos de comunidades, ou seja, na instância política, tem-se o discurso político, na instância filosófica, tem-se o discurso filosófico, na instância literária, tem-se o discurso literário, na instância acadêmica (científica) tem-se o discurso acadêmico (científico), etc.

Como a projeção discursiva se dá através dos textos, estes são os gerenciadores da Humanidade. Tal pressuposto depreende-se da afirmação:

Os textos, como formas de cognição social, permitem ao homem organizar cognitivamente o mundo. É em razão dessa capacidade que são também excelentes meios de intercomunicação, bem como de produção, preservação e transmissão do saber. Determinados aspectos de nossa realidade social só são criados por meio da representação dessa realidade e só assim adquirem validade e relevância social, de tal modo que os textos não apenas tornam o conhecimento visível, mas, na realidade, sociocognitivamente existente. A revolução e evolução do conhecimento necessita e exige (*sic*), permanentemente, formas de representação notoriamente novas e eficientes (KOCH, 2002, p. 157).

Com base nisso, discuto a representatividade do discurso acadêmico em sua constituição convencional, levando em consideração a argumentatividade que norteia todo o processo discursivo.

O aspecto argumentativo do discurso leva um indivíduo a expressar uma convicção passível de ser explicada na tentativa de persuadir seu interlocutor a modificar algum tipo de comportamento. Assim, o objetivo de toda argumentação, conforme Perelman e Olbrechts-tyteca (2002, p. 50), é provocar ou aumentar a “adesão dos espíritos” às teses que são apresentadas para as suas aprovações. “Uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno”, ainda justificam os autores.

Desde a Antiguidade, segundo Charaudeau (2007, p. 202), “os gregos fazem da argumentação um cavalo de batalha, colocando-a no centro da Retórica, essa maravilhosa máquina de seduzir e persuadir: ‘a arte de falar’”; logo tinham consciência de que o homem é capaz de influenciar outrem através das palavras, ou melhor, da arte de argumentar.

Definir argumentação não é uma tarefa fácil, já que ela faz parte da socialização de alguém que tenta participar de algo firmando-se em experiências próprias, por isso mesmo podendo ser aceito ou não dependendo da maneira que se comporta. Daí a noção de que:

Argumentar é, portanto, uma atividade discursiva que, do ponto de vista do sujeito argumentante, participa de uma dupla busca: a) uma busca de racionalidade que tende a um ideal de verdade quanto à explicação de fenômenos do universo; e b) uma busca de influência que tende a um ideal de persuasão, o qual consiste em compartilhar com o outro (interlocutor ou destinatário) um certo universo de discurso até o ponto em que este último seja levado a ter as mesmas propostas (atingindo o objetivo de uma co-enunciação) (CHARAUDEAU, 2007, p. 206).

O autor continua sua definição argumentativa propondo que ela é “o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes que dependem de uma situação que tem finalidade persuasiva”. Tal produto textual pode constituir-se de duas formas diversas: sob a forma dialógica (argumentação interlocutiva) ou sob a forma escrita ou oratória (argumentação monolocutiva); de forma que, “o argumentativo, como Modo de organização do discurso, constitui a mecânica que permite produzir argumentações sob essas diferentes formas” (2007, p. 207).

O modo descrito permite a construção de explicações sobre asserções feitas acerca do mundo (quer essas asserções tratem de experiência ou de conhecimento) numa dupla perspectiva de razão demonstrativa (se baseia num mecanismo que busca estabelecer relações de causalidade entre várias asserções) e razão persuasiva (se baseia num mecanismo que busca estabelecer a prova com a ajuda de argumentos que justifiquem as propostas a respeito do mundo, e as relações de causalidade que unem umas asserções às outras (CHARAUDEAU, 2007, p. 207).

Charaudeau (2007, p. 208) constata que, no que concerne à relação entre categorias de discurso e tipos de textos⁶, “os textos científicos são organizados segundo um modo em que predomina o argumentativo (o explicativo)”. Dessa forma, o discurso acadêmico tem como primeiro fundamento de sua constituição a base argumentativa da linguagem, já que se propaga na relação existente entre a razão demonstrativa e a razão persuasiva.

A efetivação da comunicação acadêmica está firmada nos parâmetros normatizados por sua comunidade discursiva no que diz respeito à produção de gêneros textuais⁷ e à produção da linguagem própria convencionada para seu domínio. Quanto à produção de gêneros, Bezerra (2006, p. 62) propõe que:

O ambiente acadêmico em geral, como um dos muitos domínios da atividade humana, evidentemente abrange e produz incontáveis gêneros, localizáveis dentro de conjuntos de gêneros, que por sua vez se integram a sistemas de gêneros e sistemas de atividades. Basta considerar, por exemplo, o conjunto de gêneros que um estudante de graduação deverá produzir até chegar à conclusão de seu curso. Ou nos variados gêneros que um professor produz no cumprimento das diversas responsabilidades impostas por sua vida profissional e acadêmica. [...] É fácil perceber a inviabilidade de se tentar descrever, no âmbito de uma pesquisa como esta, todos os gêneros, conjuntos de gêneros e sistemas de gêneros produzidos no ambiente acadêmico.

⁶ Para Marcuschi (2002, p. 22), Tipologia Textual é um termo que deve ser usado para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (*aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas*). Em geral, os tipos textuais abrangem as categorias narração, argumentação, exposição, descrição e injunção (Swales, 1990; Adam, 1990). Já Bronckart (1999) não chama **tipos de textos**, mas prefere **tipos de discurso**, defendendo a ideia de que as sequências não apenas tem estatuto discursivo mas também se atualizam em tipos linguísticos que variam entre sequências narrativas, descritivas, argumentativas, explicativas e dialogais.

⁷ Marcuschi (2002, p. 22) define Gênero Textual como uma noção vaga para os textos materializados encontrados no dia-a-dia e que apresentam características sócio-comunicativas definidas pelos conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.

Devido a essa inviabilidade, a redação acadêmica é tomada como objeto de pesquisa não em sua totalidade, mas em observância de sua tipologia, que é composta dos mais diversos gêneros textuais acadêmicos, como, por exemplo, resumos, resenhas, ensaios, relatórios, artigos científicos, informes científicos, monografias, dissertações, teses, dentre outros.

Isto se observa nas pesquisas mais recentes (2004 a 2006)⁸ do SubGrupo de Trabalho *Teorias de Gênero (Genre) em Práticas Sociais* pertencente à ANPOLL⁹ aqui no Brasil, como também nos estudos internacionais, caso de Swales (1990), Ivanic e Simpson (1992), Swales e Feak (1994), Bhatia (1997), Johns (1997), Slager-Meyer (1999), Ivanic (1998), Candlin (2000), Hyland (2000), AsKehave e Swales (2001), entre outros.

Alguns desses estudiosos se preocuparam em caracterizar a formatação dos gêneros acadêmicos em seus elementos constituintes, preocupação própria dos analistas textuais, caso de Swales e Bhatia, da escola norte-americana, que se aprofundaram na investigação do modo de dizer, da maneira como o que é dito é dito, ou, ainda, da forma como a redação científica se expressa por meio do léxico e da gramática de uma língua. Assim como os analistas de gêneros australianos, conforme Martin, por exemplo, realizaram análises sob a perspectiva sistêmico-funcional acerca dos aspectos linguísticos dos gêneros.

Tal preocupação também encontra espaço significativo no domínio dos analistas do discurso, pois inúmeros trabalhos dessa área estão voltados para a problemática da auto-afirmação na Academia em relação ao poder intelectual que a descrição da linguagem científica proporciona, caso de Maingueneau e Fairclough.

Existem inúmeros manuais de metodologia científica que especificam a formatação esperada, como por exemplo, de uma monografia, elencando as partes componentes típicas deste trabalho acadêmico: elementos pré-textuais, elementos textuais, elementos pós-textuais, etc. No entanto, ao tratar do discurso propriamente, chamam-no simplesmente de “estilo”. Conforme Gil (2002, p. 164-165) observa em sua pesquisa sobre a elaboração de projetos de pesquisa: “Os projetos de pesquisa são elaborados com a finalidade de serem lidos por professores pesquisadores incumbidos de analisar suas qualidades e limitações. Espera-se, portanto, que seu estilo seja adequado a esses propósitos”. Ou ainda, tratam a redação desses

⁸ Disponível em: http://www3.intercorp.com.br/mmarta/trabalhos_membros.html.

⁹ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística.

trabalhos mediante recomendações gerais de correção gramatical e objetividade, tal como propõem Lakatos e Marconi (2003, p. 250):

A linguagem científica deve, portanto, ser a mais didática possível. Requer linguagem perfeita em relação às regras gramaticais, evitando não só o vocabulário popular, vulgar, mas também o pomposo. Se uma das finalidades é a objetividade, o trabalho científico deve ter caráter impessoal.

Tais regras foram estabelecidas ao longo da relação da humanidade com a ciência, ou melhor, na constituição da comunidade discursiva acadêmica, e encontram-se embasadas pelo argumento de Maingueneau (1997, p. 57) de que “o discurso produzido por um pesquisador não resultaria apenas de um desejo de saber, mas viria em troca da notoriedade existente no interior do meio científico visado”, proporcionando a tal almejada credibilidade científica.

Em vista disso, para caracterizar a manifestação da evidencialidade em três gêneros do discurso acadêmico, esta parte da pesquisa objetiva, inicialmente, explicitar uma tentativa de caracterização desse tipo de discurso, tendo como base a orientação funcionalista de língua em uso, que Neves (2006, p. 13) bem resume nas seguintes palavras:

Numa visão da língua em uso, a avaliação deve ser tentada no domínio discursivo, o que nada mais representa do que levar adiante as propostas básicas de uma gramática funcional, que prevê que a interação verbal é uma atividade estruturada (com regras, normas e convenções), mas também é uma atividade cooperativa, e, desse modo, ativam-se, na linguagem (que é sempre uma interação), dois sistemas de regras: as que regem a constituição das expressões linguísticas (regras sintáticas, semânticas, morfológicas e pragmáticas) e as que regem o modelo de interação verbal no qual as expressões são usadas (regras pragmáticas).

O discurso acadêmico ou científico é a forma de apresentação da linguagem que circula na comunidade científica em todo o mundo. Sua formulação pressupõe uma pesquisa minuciosa e efetiva sobre um objeto, que deveria ser metodologicamente analisado à luz de uma teoria, propiciando a divulgação expressa em um dos gêneros textuais que fazem parte do círculo acadêmico. A comprovação ou refutação do que foi escrito dar-se-á por meio da aceitabilidade do público que compõe a comunidade específica, consoante afirma Guimarães (2001, p. 66):

O discurso científico, pois, não só carece das funções argumentativas – uma vez centrado numa tomada de posição – mas também de aceitabilidade por parte da comunidade científica na qual ele está inserido; os métodos e os padrões científicos são mantidos por essa comunidade científica. O público ao qual são endereçadas as publicações científicas não é passivo, visto que estão sob seu controle a matéria e a substância das comunicações que recebe.

A estrutura global de enunciação do discurso acadêmico está fundamentada nas convenções instituídas há décadas pela comunidade científica, com características bastante específicas e conservadoras que delimitam os seguintes atributos: impessoalidade, objetividade, clareza, precisão, coerência, concisão e simplicidade.

Esses requisitos, muitas vezes, não são seguidos. Por exemplo, às vezes, as pessoas não escrevem de forma simples, pois escrevem mais para impressionar do que para expressar, tornando o discurso verborrágico. Tornam, então, o discurso prolixo e, às vezes, confuso.

A concepção do discurso acadêmico é embasada erradamente na sistematização da homogeneidade enunciativa, por isso mesmo tido como monológico, por causa da suposição da não explicitude de marcas que caracterizam a heterogeneidade enunciativa. Taschetto (2003) argumenta que:

O texto de caráter científico costuma ser entendido como um texto sem permissão de uso de recursos tanto argumentativos / persuasivos como de retórica / estilo. Deve ser um texto fechado, seguindo normas preestabelecidas, acordadas na e pela comunidade científica, sob pena de (n)dele ver-se excluído. Um ritual que determina propriedades singulares e papéis estabelecidos *a priori* para os sujeitos. O pesquisador, enquanto autor de um texto que se pretende científico, deve estar completamente ausente como sujeito produtor de seu discurso.

Entretanto, percebo o discurso acadêmico como tendo uma natureza dialógica, mediante a existência de uma relação bilateral entre o produtor textual e o leitor, sendo que aquele não está ausente, mas, frequentemente, utiliza-se de estratégias discursivas para se esconder. Esse discurso não apenas abriga o discurso científico (DC), mas também o discurso de divulgação científica (DDC), segundo distinção feita por Auhtier-Revuz (1998).

Esta autora estabelece que o DDC é apenas uma reformulação textual, tese de que discordo, porque entendo que há a produção de um outro enunciado, conforme a proposta explicitada por Martins (2006):

Proponho, então, que o DDC não deva ser considerado um processo de reformulação em que se produz um discurso *segundo* a partir de um discurso *fonte*, mas sim como um discurso outro, resultante do confronto entre o discurso científico e o discurso dos não cientistas. Um argumento em favor disto é considerarmos o DDC como um discurso no qual se produz um *efeito-autor*¹⁰, na medida em que há um acontecimento discursivo que, pondo em confronto formações discursivas distintas (DC/DNC¹¹)

¹⁰ Conceito discutido mais adiante.

¹¹ Discurso Não-Científico (Discurso do Senso Comum).

inaugura, assim, um novo sentido através do estabelecimento de uma nova FD¹² dominante (DDC).

Um exemplo claro disso é o livro *Para Compreender Saussure* (2003), no qual Castelar de Carvalho funciona como o “divulgador” dos postulados saussurianos. Logo, tal sujeito é aquele capaz de trocar a ciência em miúdos, usando recursos vários através de uma estrutura discursiva, “em que estão em jogo certos processos enunciativamente marcados” (MARTINS, 2006). Paráfrases, descrições, sinonímias, são exemplos dos recursos utilizados para fazer a aproximação do discurso da ciência (DC) com o do “senso-comum” (DNC) sem haver nenhum tipo de substituição, tencionando a produção do discurso de divulgação científica (DDC), mais conhecido como discurso de vulgarização científica¹³.

Authier-Revuz (1999) postula uma identificação da heterogeneidade mostrada marcada no discurso de divulgação científica em dois níveis: a) na estrutura enunciativa; b) no fio do discurso. No primeiro nível, o da estrutura enunciativa, a autora verifica uma duplicidade na estrutura do enunciado: a) o discurso científico (D1), configurado extensamente sob a forma de discurso relatado indireto (X afirma que...) e direto (citação direta das palavras do outro), assegurando a autoridade do que está sendo dito; b) o discurso de divulgação científica (D2), projetando uma ancoragem temporal muito marcada (atualmente; nos últimos anos; etc.) e designando os interlocutores, divulgador e leitor, em relação ao ato de comunicação que os une (julgamos ser isto importante; mostro-lhes; etc.). O fio discursivo, que é o segundo nível, apresenta uma dialogicidade representada por meio de duas estruturas principais: a) a justaposição de dois discursos por numerosas formas de estabelecimento de equivalência: A, ou seja, B; A, em outras palavras, B; A significando, nomeado de B; A ou B; e b) o distanciamento metalinguístico alternativamente de um e de outro discurso, designado pelo itálico, pelas aspas, parênteses, citação fora do texto, etc.

Desse modo, fica claro que o discurso acadêmico é uma construção perpassada pela heterogeneidade e que sua constituição é alicerçada por um sujeito que ora se mostra ora se esconde, fazendo uso das estratégias discursivas próprias de tal discurso, para expressar aquilo

¹² Formação Discursiva.

¹³ As monografias, dissertações e teses não são gêneros de divulgação científica, mas trabalhos acadêmicos de grau. No entanto, hoje em dia, a publicização das teses e dissertações defendidas é obrigatória nas páginas dos programas de Pós-Graduação e na base de dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), o que tem ampliado a divulgação dos trabalhos de pesquisa.

em que acredita e que intenta fazer verdadeiro para outros, utilizando-se de marcas evidenciais para a efetivação de seu propósito.

Isso questiona dois dos atributos citados anteriormente: a impessoalidade¹⁴ e a objetividade¹⁵, convencionados como típicos do discurso acadêmico e aceitos sem nenhuma refutação pelos membros pertencentes à comunidade científica, salvo raras exceções, como mostra a pesquisa de Coracini (1991), motivada pela atitude passiva dos alunos diante dos textos estudados. Ela desabafa:

Raramente questionavam os conteúdos, as conclusões, a metodologia, o objeto de estudo... Não se davam conta do efeito de ‘camuflagem enunciativa’, porque não questionavam nem o conteúdo nem a forma: habituados que estavam, por exemplo, ao caráter de isenção e distanciamento do sujeito, revelado no texto pela não-explicitação do agente pesquisador e enunciador [...] (p. 19).

Ao intentar o crédito na “sua” verdade, o sujeito-pesquisador utiliza uma “escolha” que, no dizer de Possenti (1993, p. 156) baseado em Granger (1968), advém da “multiplicidade das estruturas possíveis, desde que ele não esqueça os ‘projetos abordados, os devaneios, as heresias científicas’, em suma, o trabalho concreto dos cientistas”, ou seja, caracterizando a individuação do sujeito – a subjetividade – através de suas escolhas com o cuidado de não afastar-se das normas estabelecidas pela comunidade discursiva a que pertence ou quer pertencer.

Considero, então, em concordância com Kuhn (1970, apud CORACINI, 1991, pp. 31-32), “o discurso da ciência como eminentemente argumentativo, uma vez que tem por objetivo convencer, angariar adeptos dentre os seus prováveis leitores, membros da mesma comunidade”, com a pretensão de “orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras)”, consoante afirma Koch (1997, p. 29).

Esse caráter argumentativo imprime no discurso acadêmico a subjetividade e a parcialidade do pesquisador na escolha dos elementos linguísticos que comporão os seus escritos na tentativa de persuadir o leitor da veracidade dos conteúdos explicitados.

¹⁴ Espécie de neutralidade científica.

¹⁵ Pode ter mais a ver com a orientação epistemológica do paradigma metodológico adotado do que com o discurso acadêmico em si.

3.2 A Caracterização do Discurso Acadêmico

O discurso acadêmico se caracteriza pela utilização sistemática de estratégias textual-discursivas de construção de sentido envolvendo citações e paráfrases em sua constituição, como também o uso da argumentatividade para a demonstração e validação de teses (ideias) na inter-relação dos gêneros textuais que configuram partes distintas¹⁶ dos textos acadêmicos, tais como pressupostos teóricos, procedimentos metodológicos, bibliografia, introdução, resultados das análises, resumo ou *abstract*, índice, sumário, conclusões, quadro teórico, revisão da literatura, considerações finais, anexos, referências bibliográficas, fundamentação teórica, objetivos, etc.

O entendimento da construção discursiva no discurso acadêmico também é mediado pelas noções de intertextualidade e de interdiscursividade, ambas manifestas pela heterogeneidade enunciativa.

Koch (2004, pp. 145-146) define a intertextualidade como a “presença do outro naquilo que dizemos ou escrevemos”, que, em *lato sensu*, se confunde com a polifonia e é “constitutiva de todo e qualquer discurso”, e, em *stricto sensu*, é menor do que a polifonia e “ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva [...] dos interlocutores.” Tal concepção tem por base o seguinte postulado de Barthes (1974, apud BENTES, 2001, p. 269): “(...) todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis”.

A intertextualidade pode ser explícita ou implícita, consoante propõe Cardoso (2003, p. 61):

A intertextualidade é explícita quando é feita a citação da fonte do intertexto (discurso relatado, citações de referências, resumos, traduções, etc.), sendo implícita quando cabe ao interlocutor recuperar a fonte na memória para construir o sentido do texto (é o caso das alusões, da paródia, certas paráfrases, certos casos de ironia).

A autora ainda considera o contraste entre as diferentes formas de relatar uma mesma enunciação e afirma que:

Entre o discurso citado e o que cita produz-se um distanciamento que constitui um fenômeno de grande interesse para a análise do discurso. Uma questão importante é a razão de um locutor introduzir uma citação de outro no seu discurso. O

¹⁶ Partes estipuladas nos manuais de metodologia do trabalho científico.

distanciamento entre o discurso citado e o que cita é normalmente ambíguo: pode-se dizer que “o que eu digo é verdade porque não sou eu quem o digo”, como também o contrário. Ao mesmo tempo que o locutor citado é um “não-eu” em relação ao locutor que cita, ele constitui também uma “autoridade” que protege o discurso do locutor responsável (CARDOSO, 2003, p. 61)

A atenuação da responsabilidade do produtor textual com o que é dito e o discurso de autoridade para imprimir um caráter de cientificidade maior ao que diz expressam “escolhas” feitas pelo próprio autor para persuadir o leitor da veracidade de suas teses (ideias). Ratifica essa afirmação a proposição feita por Orlandi (1987, p. 13) de “que não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia”, então a noção de subjetividade e de imparcialidade estão presentes, embora escondidas através das estratégias discursivas. Por essa razão, Araújo (2006, p. 457) conclui que:

Assim, na escrita acadêmica, as escolhas e práticas discursivas dependem das relações entre participantes e do posicionamento do escritor, que é em parte influenciado por práticas sociais de sua área disciplinar. Tais práticas são socialmente definidas pela comunidade discursiva, que detém conhecimento especializado para estruturar e comunicar um gênero acadêmico e para reconhecer e legitimar tais usos por seus pares. O uso de tais formas ajuda a revelar para o leitor a atitude do escritor, o aparente compromisso com as informações apresentadas e o grau de envolvimento com o leitor, que funcionam como elementos de influência e persuasão no texto. Os sentidos no texto são, dessa forma, socialmente mediados e influenciados pelas comunidades às quais os escritores e leitores pertencem.

O texto citado revela a influência da comunidade discursiva como mola mestra que gerencia os “dizeres” e as “formas dos dizeres” do autor-pesquisador, por isso “os gêneros não podem ser analisados isolados de sua dimensão social, sem mostrar como eles são moldados pelas relações de poder e ideologia” (ARAÚJO, 2004, p. 24).

Importa destacar a noção do argumento de autoridade, já que, no meio acadêmico, “não se pode desconhecer o fenômeno constante de que a evocação de certas autoridades desperta imensa respeitabilidade” (DEMO, 2007, p. 41). O discurso científico caracteriza-se sobre as bases do conhecimento humano já estabelecido e solidificado, trazendo a autoridade, ou melhor, o especialista, para reforçar ou refutar o que está sendo asseverado.

Concordo com Demo (2007, p. 49) quando este diz que “a citação bibliográfica, o apelo a posicionamentos de clássicos e de autores atuais, o apoio de especialistas reconhecidos no assunto são expedientes científicos normais, desde que tenham por trás o signo do saber especializado”. Entretanto, o uso apenas do argumento de autoridade sem o que este autor

chamou de *verve crítica*¹⁷ do pesquisador, não credencia um trabalho acadêmico para que seja aceito como respeitável e acrescido ao conhecimento já existente.

Na pesquisa de Figueiredo e Bonini (2006, p. 4), a proposta de Swales (1998) é utilizada para explicitar as relações entre membros antigos e novos dentro de uma comunidade discursiva, observando-se o aspecto da admissão dos novatos na comunidade em questão, o que se dá em face do ajuste do novato pelas normas regentes, como também se observa que os membros antigos já são possuidores de uma autonomia que chega até a romper com estas normas. Tais estudiosos aceitam que:

Há comunidades discursivas que ‘possuem’ gêneros, no sentido em que impõem aos gêneros suas normas, convenções e ideologias, e outras que são possuídas pelo gênero, na medida em que os membros da comunidade procuram reproduzir os gêneros tal como os receberam da tradição e da ideologia da comunidade. Sendo partidários da crença de que há uma relação bidirecional entre linguagem e práticas sociais, cremos que ambos os fenômenos apontados por Swales ocorrem em comunidades discursivas como a acadêmica. Os membros seniores da comunidade criam e alteram gêneros, e imprimem nesses gêneros as ideologias, normas e convenções de seu grupo social. Por outro lado, os membros aprendizes, ou juniores, da comunidade tendem a utilizar os gêneros sancionados de forma tradicional, reproduzindo padrões lingüísticos, retóricos, discursivos e ideológicos. Essa ‘reprodução’ de gêneros funciona como uma forma de ingresso à comunidade.

Toda a tradição discursiva da Academia está relacionada com a exacerbação científica e a forma como a cientificidade deve ser veiculada, assim como é estabelecido por Kabatek (2006): “O traço definidor das TD¹⁸ é, então, a relação de um texto em um momento determinado da história com outro texto anterior: uma relação temporal com *repetição* de algo.” Daí a vasta utilização da citação e da paráfrase como recurso discursivo.

Authier-Revuz (2004, p. 13) postula a existência da heterogeneidade como forma marcada da conotação autonímica, que diz respeito à utilização, pelo locutor, de palavras inscritas e explicitamente mostradas no fio do discurso sem que haja qualquer tipo de ruptura sintática, e acrescenta que:

Sua figura normal de usuário das palavras é desdobrada, [...], em uma *outra figura*, a do observador das palavras utilizadas; e o fragmento assim designado – marcado por aspas, por itálico, [...] e/ou por alguma forma de comentário – recebe, em relação ao resto do discurso, um *estatuto outro*.

¹⁷ É através da *verve crítica* que se instala a discussão aberta como caminho básico do crescimento científico (DEMO, 1990, p. 24).

¹⁸ TD = Tradições Discursivas.

E é dessa forma que a citação é circunscrita no discurso acadêmico: por meio de aspas, itálico, alguma forma de comentário.

Vale ressaltar que o estatuto das palavras aspeadas (ou em itálico) assume três diferentes aspectos. Em primeiro lugar, a citação pode ser atribuída a um outro espaço enunciativo cuja responsabilidade o locutor não quer assumir, a um espaço enunciativo exterior, logo se refere a uma outra formação discursiva, ao discurso de outra pessoa. Conforme Bakhtin (2004, p. 144): “O discurso citado é visto pelo falante como a enunciação de uma *outra* pessoa, completamente independente na origem, dotada de uma construção completa, e situada fora do contexto narrativo”.

Em segundo lugar, tais aspas questionam o caráter totalmente apropriado da palavra ou expressão e mostram o limite que uma formação discursiva estabelece entre ela e seu exterior, ou melhor, nas palavras de Maingueneau (1997, p. 90): “uma formação discursiva se estabelece entre estes dois limites, a saber, um discurso totalmente entre aspas, do qual nada é assumido, e um discurso sem aspas que pretenderia não estabelecer relação com o exterior”.

Por outro lado, em terceiro lugar, a citação revela um aspecto de autoridade acerca do que é dito, pois revela um enunciado já aceito pela coletividade e tido como referência; logo, ao utilizar tal recurso para ratificar seus argumentos, o autor provoca no leitor um sentimento de respeito pela informação que está sendo veiculada, já que ela, supostamente, está fundamentada na citação de autoridade (CARDOSO, 2003, pp. 75-79).

A liberdade da utilização da citação no discurso acadêmico não é ilimitada, mas regida por suas normas e construída a partir de certos procedimentos institucionais, conforme nos assegura Cardoso (2003, p. 83): “O recurso da citação também não é totalmente livre, pois está sempre sujeito às determinações que a formação discursiva impõe. Aquele que cita sempre o faz de um lugar determinado, que regula a citação”.

Outro recurso discursivo largamente utilizado no discurso acadêmico é a paráfrase. Maingueneau (1997, p. 95) atribui-lhe um lugar privilegiado como operação metadiscursiva, já que o autor expressa, ou melhor, tenta explicar, com suas próprias palavras, a ideia de outrem. Cardoso (2003, p. 79) parafraseia a ideia do autor e sugere que:

A paráfrase metadiscursiva acaba colocando o locutor que dela se utiliza num plano acima do locutor comum, em termos de locutor “autorizado”. Enquanto o segundo se contenta em usar as palavras com todas as armadilhas e imperfeições que elas

apresentam como palavras disponíveis, o primeiro tem delas um domínio maior, no sentido em que é capaz de dominar essas armadilhas e imperfeições.

O segundo fator caracterizante do discurso acadêmico é a interdiscursividade que, para Koch (2002, p. 60), pode ter sua definição aproximada da intertextualidade:

É nesse sentido que Maingueneau (1976:39) afirma ser o intertexto um componente decisivo das condições de produção: “um discurso não vem ao mundo numa inocente solicitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual toma posição”. Também Pêcheux (1969) escreve: “Deste modo, dado discurso envia a outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele ‘orquestra’ os termos principais, ou cujos argumentos destrói. Assim é que o processo discursivo não tem, de direito, um início: o discurso se estabelece sempre sobre um discurso prévio...”.

Mussalim (2001, p. 129) define interdiscurso como um espaço de trocas entre vários discursos e afirma que:

Os diversos discursos que atravessam uma FD não passam de componentes, ou seja, em termos de gênese, tais discursos não se constituem independentemente uns dos outros para serem, em seguida, postos em relação, mas se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso. Será a relação interdiscursiva, pois, que estruturará a identidade das FDs em questão.

Ao afirmar o primado do interdiscurso sobre o discurso, Maingueneau (1997, p. 111) postula que o sentido do texto não é fechado em si mesmo, mas dependente das relações estabelecidas entre os vários discursos no universo, campo e espaço discursivos.

Entende-se por “universo discursivo” o conjunto finito e irrepresentável de formações discursivas (FDs)¹⁹ de todos os tipos que coexistem, ou melhor, interagem em uma conjuntura. Já “campo discursivo” é definível como um conjunto de FDs que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, pois, por uma posição enunciativa em uma dada região. O “espaço discursivo”, enfim, delimita um subconjunto do campo discursivo, ligando pelo menos duas FDs que, supõe-se, mantêm relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados (MAINGUENEAU, 1997, pp. 116-117).

É na troca entre campos discursivos que se concretiza a rede de remissões de um campo para outro (citações explícitas, esquemas tácitos ou captações...), logo, no confronto com

¹⁹ A noção de formação discursiva foi introduzida por Foucault e reformulada por Pêcheux no quadro da Análise do Discurso. Em função dessa dupla origem, conservou grande instabilidade. Foucault (1969) trata formação discursiva como conjuntos de enunciados que podem ser associados a um mesmo sistema de regras, historicamente determinadas. Pêcheux (1983), por sua vez, propõe que uma formação discursiva não é um espaço estrutural fechado, já que ela é constitutivamente ‘invadida’ por elementos provenientes de outros lugares (i.e., de outras formações discursivas) que nela se repetem, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob forma de ‘pré-construídos’ e de ‘discursos transversos’ (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004, pp. 240-241).

um discurso de certo campo, Maingueneau (1997) confirma que um sujeito encontra elementos elaborados em outro lugar, os quais, intervindo sub-repticiamente, criam um efeito de evidência.

Tal processo é a base do discurso acadêmico, que integra, em sua formulação, esta rede de remissões, a qual se expressa pelas várias formas da heterogeneidade mostrada ou não-expressa pela heterogeneidade constitutiva. Sobre essa não-expressão, Maingueneau (1997, p. 120) argumenta que:

Mesmo na ausência de qualquer marca de heterogeneidade mostrada, toda unidade de sentido, qualquer que seja seu tipo, pode estar inscrita em uma relação essencial com uma outra, aquela do ou dos discursos em relação aos quais o discurso de que ela deriva define sua identidade.

Esta definição identitária do texto é construída pela unidade de sentido expressa pelo pesquisador, remetendo à sua posição funcional no interior da comunidade discursiva, que, retomando Foucault (1992, p. 46) postula o conceito da função-autor:

A marca ou a falta do ‘autor’ estão ligadas ao gênero do discurso, já que um nome próprio caracteriza um certo modo de ser do discurso, indica que ele não é cotidiano, indiferente, flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de uma certa maneira e que deve, em uma cultura, receber um certo estatuto.

Segundo Gallo (2001), a autoria pode ser observada em dois níveis no discurso:

No primeiro nível, ocorre o caso da *função-autor* e, no segundo nível, o caso do *efeito-autor*, que se encontra no nível discursivo por excelência e diz respeito ao confronto de formações discursivas com uma nova dominante, verificável em alguns acontecimentos discursivos, mas não em todos.

E é ela [a autoria] que confere autoridade por meio de uma assinatura legitimadora, o que é de fundamental importância no discurso acadêmico.

É o *efeito-autoria* um dos elementos que permitem o reconhecimento/desconhecimento dos sentidos, por meio da “instalação, no discurso, da evidência de um sujeito submetido às múltiplas determinações que organizam o espaço social da produção dos sentidos” (GREGOLIN e BARONAS, 2003, p. 48).

Para a relação texto-autoria, Lagazzi-Rodrigues (2006, p. 93) ressalta que “o autor (se) produz (n)o texto, dá ao texto seus limites e se reconhece no texto”. Comenta ainda que nesse processo existe uma tensão constitutiva, estabelecendo que, ao mesmo tempo, o texto precisa ser delimitado por um autor para ser reconhecido como tal e o “autor constitui-se como

produtor desse texto para ser nomeado e/ou nomear-se autor desse texto”. É uma relação biunívoca de existência, um depende completamente do outro.

No interior do discurso acadêmico, observa-se a bipartição discursiva que classifica o discurso científico – ou especializado – (DC) e o discurso de divulgação científica – também chamado de *vulgarização* ou *popularização da ciência* – (DDC), justificada pelo fato de que o objetivo da ciência não é apenas de armazenamento de teses indiscutíveis, pelo contrário, a discussão pública é um dos mecanismos de afirmação da veracidade das teses (ideias).

Nesse embate, a argumentatividade está na base de tal discurso e é ela que gera todo o dizer do pesquisador que assume ou o *ethos*²⁰ de cientista ou o *ethos* de professor, consoante ratifica Guimarães (2001, p. 67): “Constata-se o seu caráter altamente argumentativo no traçado do objetivo precípua que ele tem em mira, ou seja, convencer o interlocutor da validade, ou melhor, da verdade daquilo que diz, e proceder, retórica e lingüisticamente, conforme esse objetivo”. Por isso, dependendo da audiência, o discurso se fará especializado ou não.

Portanto, quando o texto se destina a especialistas, como é o caso dos trabalhos acadêmicos de grau ao nível de mestrado e doutorado (dissertações e teses), como os que constituem o *corpus* desta pesquisa, pontualmente o discurso é construído com termos técnicos e a linguagem parece de difícil acesso e compreensão, como que restringindo seu campo de atuação apenas a um pequeno grupo que compartilha esses termos e esse tipo de discurso.

Por outro lado, para Colussi (2002), quando o objetivo do texto acadêmico “é permitir ao grande público adentrar no discurso da ciência cujo acesso lhe é negado pela não transparência do discurso, o texto será mais fluido e a linguagem tendendo mais para o coloquial”. Com base em Massarani & Moreira, a pesquisadora ainda confirma que:

O texto possui um caráter metalingüístico, isto é, a capacidade de se auto-explicar. Para tanto, são utilizados recursos como explicações, exemplificações, metáforas, nomeações, além da própria escolha lexical com o propósito de aproximar o leitor da temática abordada. A inserção desses recursos de linguagem que, emergindo com maior ou menor freqüência e intensidade, de acordo com a publicação considerada, tem por finalidade prender a atenção do leitor, trazendo-o para o interior da informação ou transmitir conteúdos científicos novos de uma forma palatável²¹.

²⁰ A construção da imagem do orador [autor], a estruturação do texto e a produção de uma disposição afetiva favorável no auditório são todos elementos indispensáveis à persuasão. Seu estudo leva à consideração de fatores lingüísticos e não lingüísticos que intervêm no ato de persuadir, entendido como uma relação estabelecida entre o orador [autor] e seu auditório que envolve tanto a razão quanto as emoções (ORLANDI, 2006).

²¹ MASSARANI; MOREIRA. *A retórica e a ciência dos artigos originais à divulgação científica*. Ciência e Ambiente. Santa Maria: UFSM, 2001, p. 36.

O tempo de confinamento do saber ao longo dos dez séculos da Idade das Trevas (Idade Média) legou à Humanidade uma busca incessante pelo conhecimento e pela verdade científica. Mesmo que esse dito esteja numa linguagem especializada, atualmente ele pode ser re-dito numa linguagem popular, o que promove uma aproximação maior da ciência com o público em geral.

Em um entrecruzamento de discursos, constitui-se o discurso acadêmico perpassado pela subjetividade própria daquele que enuncia, no caso, o locutor/autor/pesquisador, estabelecendo uma relação dialógica nos padrões de Taschetto (2006) que supõe o seguinte:

A relação dialógica se estabelece na medida em que o sujeito nomeia-se *eu* alternando o *outro*, deixando marcas presentes no uso de recursos lingüísticos, que podemos considerar como manobras discursivas, com a intenção de deslocar-se do centro do discurso, ocasionando um deslizamento no ato de nomeação. Os efeitos desse recurso incidem sobre a orientação da enunciação, o que leva a crer que as manobras discursivas são intencionais; ou seja, *o sujeito alia-se ao outro*, o que sugere uma relação de submissão velada. A aparente submissão, ou seja, a ausência ou o afastamento do sujeito revela ainda mais a sua presença.

Um impasse dicotômico pode ser levantado em relação à submissão às normas do discurso acadêmico: se são seguidas *ipse literis*, corre-se o “risco de se cair na simples transmissão de modelos de texto que leva à reprodução de modelos naturalizados, sem a criticidade necessária à formação de sujeitos com uma relativa autonomia e arbítrio” (MOTTA-ROTH, 2006, p. 4); se não são seguidas, Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2005, p. 13) avisam que você está “correndo até o risco de ver seu texto rejeitado por não atender às normas que vigoram nessa comunidade científica”.

De fato, o discurso científico se constitui de um grande número de asserções que não têm seu caráter de verdade falseado porque “o enunciador-pesquisador está autorizado pela comunidade científica e, desse modo, é preciso acreditar nele. Esse voto de confiança aumenta à medida que diminui o conhecimento do leitor na área específica da pesquisa” (CORACINI, 1991, p. 123) e pelo vocabulário técnico empreendido. Assim, na medida em que o discurso científico ora é especializado ora é de divulgação, ele distancia ou aproxima o grande público.

Esse distanciamento ou aproximação do produtor textual com o seu escrito está na modalidade que o autor elege para sua enunciação, conforme Bakhtin (1997) que afirma:

As modalidades da enunciação estão constitutivamente articuladas aos gêneros discursivos pois cada esfera da atividade social possui formas textuais cristalizadas. Os efeitos de sentido que circulam nos discursos produzidos em uma sociedade, constroem, com as formas discursivas típicas de cada um desses diversos gêneros, as representações do imaginário de uma certa época.

Com base no excerto citado, sugiro que a intertextualidade, a interdiscursividade, a autoria e a argumentatividade façam parte da estruturação do discurso acadêmico como elementos que se inter-relacionam para projetar, implícita ou explicitamente, a intersubjetividade nos gêneros discursivos pertencentes à comunidade científica.

Concordo com Fiorín (1999, p. 39), quando este diz que é difícil delimitar diferenças entre os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade e, por este motivo, propõe que a “intertextualidade não é um fenômeno necessário para a constituição de um texto. A interdiscursividade, ao contrário, é inerente à constituição do discurso”. Considera, assim, que a intertextualidade pressupõe um processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir ou para transformar o sentido incorporado. Já a interdiscursividade refere-se ao processo de incorporação de percursos temáticos e/ou figurativos, temas e/ou figuras de um discurso em outro. Este último é inerente a qualquer discurso, sendo constitutivo do mesmo.

Ressalto, ainda, a noção textual adotada nesta pesquisa que considera o texto como o lugar de interação que relaciona diretamente o produtor textual, o próprio texto e o leitor, referendando um processo sócio-interativo, estando de acordo com Koch (2002, p. 17) quando diz que:

O texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos. Desta forma há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação.

Texto e discurso não são sinônimos, pois o discurso se concretiza no texto, diferenciando-se dele na medida em que ultrapassa seus limites. O texto é o conjunto de regras organizadas e estruturadas segundo as normas da língua, a linguagem em repouso, permitindo diferentes interpretações. O discurso é a ideia do autor emanada do e pelo texto, lançada em direção ao leitor, permitindo a ele relacioná-la a um determinado momento ou acontecimento e constituindo um sentido, o qual é construído na interação texto-sujeitos (autor/leitor).

Muitas lacunas ficam em aberto em relação ao assunto “discurso acadêmico”, e esta pesquisa certamente não dará conta de sua amplitude. Entretanto, a discussão levantada é apenas “a ponta do iceberg” para o surgimento de questionamentos mais específicos, e é uma tentativa de mostrar a importância do estudo da evidencialidade para a constituição e a caracterização do discurso acadêmico, enquanto manifestação da fonte de legitimação do dizer científico.

4 A EVIDENCIALIDADE

A categoria linguística evidencialidade é costumeiramente conhecida como um tipo de modalidade, tornando-se necessário estabelecer em que medida essa relação se efetiva. É o que discuto a seguir.

4.1 As relações entre modalidade e evidencialidade

Quando se estuda a interpretação e produção do sentido a partir da descrição e da explicação dos fatos da língua, levando-se em conta os fatores que intervêm na atividade linguística dos falantes, incorre-se na análise do significado interpessoal e de seus subtópicos: atos de fala, modalidade, evidencialidade, argumentação, implicaturas conversacionais, etc.

A evidencialidade é o subtópico que interessa a este estudo e se realiza de formas diferenciadas, sendo frequentemente apontada como uma das manifestações da modalidade. Desse modo, faz-se necessária uma breve explanação sobre a conceituação da modalidade para que se compreenda a sua relação com a evidencialidade, que constitui o objeto da presente pesquisa.

Como afirma Nogueira (2003, p.23), “os estudos sobre modalidade são bastante diversificados, pois se realizam em diferentes quadros teóricos, da Lógica à Linguística”. Mateus ([s.d.], p.245) também argumenta o quanto esta questão tem sido objeto de análise no decorrer dos séculos, desde Aristóteles, tendo sido propostos sistemas de formalização no princípio do Século XX por C. I. Lewis, aos quais foi atribuída uma semântica, em meados do mesmo século, por Kripke e Hintikka.

Uma noção básica de modalidade é definida por Trask (2004, p.194), afirmando ser a modalidade a categoria gramatical caracterizadora da expressão da obrigação, permissão, proibição, necessidade, possibilidade e capacidade. Aproxima-se da noção ducrotiana que assegura ter sido dado o nome “modalidade” às expressões que remetem aproximação com a relação opositiva estabelecida pela lógica clássica entre os conceitos de possível, de real e de necessário (DUCROT, 1993, p.113).

É importante ressaltar que, conforme propõe Koch (1987, p.74), consoante a estrutura do discurso, a relação entre enunciados é habitualmente projetada a partir de certas relações de modalidade, donde se depreende a sua relevância pragmática, de modo que não se

pode estudar a modalidade sem considerá-la como parte da atividade ilocucionária, pois revela a atitude do falante em relação ao enunciado produzido. Segundo Parret (1988, p.80), o ato ilocutório é constitutivo de uma certa realidade e, ademais, motivado pelo jogo da produção e da identificação das intenções, não inexplicáveis e ocultas, mas classificáveis e ‘convencionalizadas’. São essas intenções comunicativo-discursivas que estão projetadas na utilização da modalidade, a qual reflete, na linguagem, o fato “de que tudo o que o homem pode ser, sentir, pensar, dizer e fazer se insere numa perspectiva particular” (CERVONI, 1989, p.75).

Estabelecer que as modalidades projetam o ponto de vista do sujeito falante sobre o conteúdo proposicional do enunciado não é uma conceituação facilmente fechada, já que, como afirma Neves (2006, p.151), definir modalidade é uma tarefa complexa exatamente porque esse conceito envolve não apenas o significado das expressões modalizadas, mas, ainda, a delimitação das noções que subjazem ao domínio conceptual implicado. Além disso, fazer uma classificação das modalidades é uma tarefa árdua e intrincada, pois, segundo Cervoni (1989, p.63), classificar as modalidades não poderia ter um caráter rígido, porque a natureza do objeto estudado se opõe a isso. Para uma breve revisão da literatura sobre o tema, várias classificações são apresentadas e discutidas a seguir.

Lyons (1977) define modalidade como sendo a maneira como o falante expressa suas opiniões ou atitudes em relação à proposição que a sentença expressa ou em relação à situação que descreve, preocupando-se com dois tipos de modalidade: a epistêmica e a deôntica. A primeira liga-se ao eixo do conhecimento e engloba noções de certeza, exclusão, probabilidade e contestabilidade, enquanto a segunda liga-se ao eixo da conduta e engloba noções de obrigatoriedade, permissão, facultatividade e proibição.

A modalidade epistêmica definida por Lyons (1977, p. 798) subdivide-se em modalidade epistêmica subjetiva (a afirmação do falante e não a afirmação de um fato) e modalidade epistêmica objetiva (a expressão de um conhecimento geralmente aceito ou cientificamente comprovado). Segundo o autor, a modalidade epistêmica objetiva fica entre a modalidade alética²² e a modalidade epistêmica subjetiva, daí a noção de que, do ponto de vista

²² A modalidade alética tem relação com o mundo ontológico, refletindo a escala lógica que vai do necessário ao impossível, passando pelo possível e pelo contingente. Assim, embora central na Lógica, a modalidade alética é dificilmente detectada nas línguas naturais, já que o comprometimento da modalização alética com a verdade relacionada a mundos possíveis torna pouco claros no discurso comum casos de sentenças que sejam apenas aleticamente modalizadas (NEVES, 2006, p. 159).

da Lógica, a modalidade epistêmica é objetiva, enquanto, do ponto de vista linguístico, a modalidade epistêmica é subjetiva. Portanto, é difícil distinguir a modalidade epistêmica objetiva da modalidade alética e, por isso, a maioria das pesquisas linguísticas leva em consideração apenas a modalidade subjetiva.

Ainda esclarecendo essa distinção, Campos (1997, p.136) explica que a modalidade epistêmica subjetiva – característica das línguas naturais – decorre de conhecimentos e interpretações particulares do locutor, enquanto que a modalidade epistêmica objetiva corresponde a “uma inferência confirmável objetivamente por um conhecimento que é – ou que é construído como sendo – patrimônio da comunidade a que pertence o locutor.”

Nogueira (2007, p. 472), ao notar essa distinção, afirma que deve-se tratar como efeitos de sentido (objetividade/subjetividade):

Cumpra dizer que a distinção entre modalidades objetiva e subjetiva refere-se à manifestação dessa categoria como opção do falante em contextos específicos. Desse modo, aqui se compreende que objetividade e subjetividade são, na verdade, *efeitos de sentido* obtidos de acordo com os propósitos do falante de distanciar-se mais ou menos do enunciado que produz.

Ao observar-se o estudo da modalidade na Ciência Linguística, percebe-se que houve uma evolução significativa na investigação do funcionamento dessa categoria nas línguas naturais, motivada em parte pelo papel exercido pelas marcas modais²³ “de veiculadoras das atitudes do falante com relação ao que é dito” (DALL’AGLIO HATTNER *et al*, 2001, p.103), e, também, por estar diretamente relacionada com o propósito comunicativo.

Vários lingüistas verificaram que as modalidades se manifestam por meio de marcadores textuais de natureza diferente; daí se instigou o surgimento de subtipos que se projetam no âmbito linguístico como um campo extenso de pesquisa, as quais podem ser enumeradas como: aléticas (referem-se a verdade), epistêmicas (referem-se a conhecimento e a crença), bulomáticas (referem-se a desejo), deônticas (referem-se a obrigações), temporais (referem-se a tempo), avaliativas (referem-se a julgamentos), causais (referem-se a causas) e probabilísticas (referem-se a probabilidades) (ROBERTS, 1990, p. 364).

Contudo, os subtipos citados são projeções das modalidades consideradas básicas (aléticas, epistêmicas e deônticas) desde que o clássico quadrado aristotélico das modalidades

²³ Também chamadas de *agentes modais ou auxiliares modais*.

foi proposto. Esta tríade básica sofreu redução em virtude do que já foi exposto anteriormente acerca da modalidade alética.

Assim, Neves (2006, p. 162) argumenta que:

Pode-se dizer que os tipos de modalidade tradicionalmente reconhecidos são um tanto diferentes nos diferentes autores, mas podem, na verdade, ser resumidos na distinção genérica entre modalidade epistêmica e não-epistêmica (de raiz: deôntica e dinâmica), como quer Klinge (1996).

Tal distinção é especificada por Klinge (1996, p. 45) e exemplificada por Neves (2006, pp. 161-162), acerca dos tipos e graus de modalidade:

1) Modalidade epistêmica, que é a força com que o falante acredita na veracidade de uma proposição: *Acredito que p* e *Sei que p*. Os graus básicos de modalidade epistêmica são parafrazeados como ‘necessário’ e ‘possível’, do modo que se vê, respectivamente, em

- *Lá em cima é tudo bem fechado e é mais fácil se esconder. E **deve** ser mais quente, porque não venta.* (ACM)

e

- *Você **pode** ter estranhado eu chamar Ângela de velha.* (A)

2) Modalidade (de raiz) deôntica que é a maneira como um ato é socialmente ou legalmente circunscrito: *É permitido fazer A* e *É obrigatório fazer A*. Os graus básicos de modalidade deôntica são parafrazeados como ‘obrigatório’ e ‘permitido’, do modo que se vê, respectivamente, em

- *Assim é que você **deve** fazer.* (OE)

e

- *Bem, você **pode** usar a minha sala.* (AGO)

3) Modalidade (de raiz) dinâmica, que é a maneira pela qual referentes de sintagmas nominais de função sujeito são dispostos em direção a um ato, em termos de habilidade e intenção. Os graus básicos de modalidade dinâmica são parafrazeados como ‘volição’ e ‘habilidade’, do modo que se vê, respectivamente, em

- *Mas eu te amo e **quero** te ver sempre.* (BU)

e

- *Eu **posso** resolver isso para você.* (OMT)

Essa distinção também se encontra em Palmer (1986), que define modalidade como sendo uma categoria que decorre da gramaticalização²⁴ das atitudes subjetivas e das opiniões do falante, reconhecendo três tipos principais: a epistêmica, a deôntica e a dinâmica. Em linhas gerais, define a modalidade epistêmica como a expressão modal que indica o grau de comprometimento do falante com o que ele está falando, subdividindo-a em julgamentos e

²⁴ A gramaticalização não se restringe ao processo por meio do qual um item lexical adquire estatuto gramatical, isto é, passa a fazer parte da gramática de uma língua, envolvendo, necessariamente, morfologização. Nesse sentido, lembramos a posição de Hopper (1991, p. 32), para quem “a gramaticalização é um processo gradual entre o ‘menos’ e o ‘mais’ gramaticalizado e não, necessariamente, entre o que está ‘fora’ ou ‘dentro’ da gramática” (NOGUEIRA, 2007b, p. 524).

evidências. A modalidade deôntica refere-se à expressão modal que contém um elemento de vontade e envolve a ação do falante ou de outra pessoa. E a modalidade dinâmica é definida como a expressão modal que se relaciona com o significado, o qual não está condicionado pela capacidade, habilidade ou disposição do sujeito, logo, não mantém nenhum vínculo com a expressão de opinião ou atitude do falante. Todavia, esta última afirmação não é de todo consensual (Cf. MENEZES, 2007).

Aprofundando a proposta de Lyons (1977), Dik (1989) e Hengeveld (1988, 1989) investigaram funcionalmente a categoria modalidade com base na constituição dos enunciados em camadas em cada nível, representacional e interpessoal. Observe-se o quadro a seguir:

CAMADA	VARIÁVEL	DESIGNAÇÃO	REPRESENTAÇÃO
oração (4° nível)	E_1	Ato de fala	$(\pi_4 E_1 : [(\pi_3 X_1 : [(\pi_2 e_1 : [(\pi_1 f_1) (x_1)](e_1))] (X_1))] (E_1))$
proposição (3° nível)	X_1	Conteúdo proposicional	$(\pi_3 X_1 : [(\pi_2 e_1 : [(\pi_1 f_1) (x_1)](e_1))] (X_1))$
predicação (2° nível)	e_1	Estado-de-coisas	$(\pi_2 e_1 : [(\pi_1 f_1) (x_1)](e_1))$
Predicado (1° nível)	f_1	Propriedade/ relação	$(\pi_1 f_1) (x_1)$
termo	x_1	indivíduo	x_1

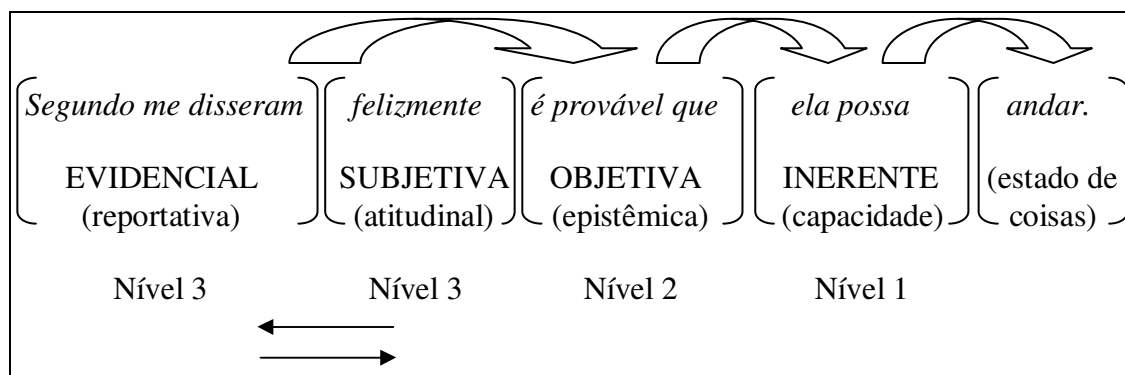
Quadro 01: Instâncias de modalização dos enunciados em correspondência com níveis da GF (DIK, 1989; HENGEVELD, 1988, 1989).

Com base em Dik (1989) e Hengeveld (1988, 1989), Neves (1996, p.173) explica que a função representacional é responsável pelo reconhecimento que o enunciatário faz da situação (relação com o evento narrado), e a função interpessoal, pelo reconhecimento que ele faz da intenção comunicativa do enunciador (relação com o evento de fala). A essas funções correspondem os quatro níveis elencados no quadro 01 e, a partir deles, projeta-se uma distinção para três tipos de modalidade:

- a) no nível do predicado, tem-se a modalidade inerente;
- b) no nível da predicação, configura-se a modalidade objetiva, que apresenta uma subdivisão em: modalidade epistêmica e modalidade deôntica;
- c) no nível da proposição²⁵, ocorre a modalidade epistemológica, que se subdivide em: modalidade subjetiva e modalidade evidencial.

²⁵ Dik define proposição como sendo um fato possível, em que se pode crer ou não, com que concordamos ou não, etc.

Neves (2006, p. 202) exemplifica com esquemas, no português brasileiro, como essas modalidades se combinam e podem incidir uma sobre a outra, conforme o quadro seguinte:



Quadro 02: Esquema de combinação e incidência das modalidades entre os níveis da GF (NEVES, 2006, p. 202).

Segundo Hengeveld (1988), a evidencialidade, que diz respeito ao modo como o falante/produtor textual manifesta a fonte da informação que ele está asseverando, se abriga na categoria modalidade (modalidade epistemológica evidencial) e toma como escopo a proposição, que corresponde ao terceiro nível hierárquico, ou seja, uma predicação construída em uma estrutura de ordem mais elevada, que é a proposição (representada pela variável X).

Uma proposição revela um *conteúdo proposicional* ou um *fato possível*, trazendo em si uma série de situações comunicativas (verdade, falsidade, menção, negação, rejeição, surpresa, dúvida, lembrança, dedução, etc.). A proposta dikiana é que a proposição pode conter determinações de operadores e satélites de nível 3 (representados por π_3 – funciona como marcador gramatical da modalidade subjetiva e evidencial – e σ_3 – manifestação lexical da validade do conteúdo proposicional, como modalidade epistemológica, atitudinal e evidencial, respectivamente).

Gonçalves (2003, p. 60) apresenta uma representação da proposição para exemplo:

π_2 :Presente ((e_1): [acreditar [V] (x_1 : João)_{Exp} (X_1)] (e_1))
 ((X_1): π_2 :Passado {(e_1): [comprar [V] (x_1 : O professor)_{Ag}(x_2 : um livro)_{Obj}] (σ_2 : no shopping)_{Loc} (e_1))} (X_1))
 = João acredita que o professor comprou um livro no shopping

Segundo a tipologia de evidencialidade de Hengeveld (1988), ela se subdivide em inferencial, citativa e experiencial. O quadro a seguir resume a tipologia de modalidade epistemológica proposta pelo autor, em que se inclui a evidencialidade:

MODALIDADE EPISTEMOLÓGICA						
Subjetiva				Evidencial		
Epistêmica			Bulomaica	Inferencial	Citativa	Experiencial
Certeza	Probabilidade	Possibilidade	Desejo Esperança			

Quadro 03: Tipologia funcional da modalidade epistemológica (HENGEVELD, 1988).

A modalidade epistemológica evidencial oferece, ao falante, um modo de não se apresentar como a fonte da informação contida na proposição, ainda que faça um julgamento sobre essa informação, oportunizando a apresentação de uma produção que não é sua. Desse modo, na subclassificação proposta por Hengeveld (1988), tem-se que:

a) a evidencialidade inferencial caracteriza uma produção que foi inferida a partir de uma informação, sendo a inferência estabelecida como o processo pelo qual se chega a uma proposição, firmada na base de uma ou mais proposições aceitas como ponto de partida do processo, conforme mostro no exemplo (1)²⁶:

(1) PARECE-nos que devem ser aplicados à teoria fantástica os mesmos preceitos que lhe regem na ficção (p.108). (D1.C.21)²⁷

Noto que o produtor textual relata uma informação obtida por meio de raciocínio dedutivo, ou seja, após processar algumas proposições acerca da “teoria fantástica”, ele próprio conclui ser provável a “aplicação de preceitos”. Projetando, no informe, esse aspecto, utiliza uma marca evidencial que aumenta a relevância de seu raciocínio, pois, se ele apenas dissesse “devem ser aplicados à...”, não estaria explicitando a sua participação na construção do que é dito e, ao mesmo tempo, atenuando a certeza da informação ao utilizar o verbo “parecer”.

²⁶ Optou-se por utilizar os exemplos do *corpus* de Carioca (2005), ao invés dos exemplos do autor em discussão, devido à falta dos mesmos no texto pesquisado, que registra apenas as expressões *It seems* e *It appears* fora de contextos (HENGEVELD, 1988, p.239).

²⁷ As especificações da notação encontram-se na metodologia (capítulo 5).

b) a evidencialidade citativa caracteriza uma produção projetada a partir de uma outra fonte que não é o falante, tal como no exemplo (2):

(2) O venezuelano Victor Bravo (1985), [...], ASSEVERA que o Fantástico se produz quando um dos mundos propostos por esse tipo de narrativa, transgredindo o seu limite, “invade o outro para perturbá-lo, negá-lo, tachá-lo ou aniquilá-lo de algum modo”, ... (p.12). (D1.I.06)

Observo que o produtor textual indica claramente a fonte da informação que ele está veiculando. Esta citação promove uma atenuação da responsabilidade do produtor textual com o que está sendo dito, pois não é ele quem aponta “Wood Allen como o quinto melhor...”, mas uma outra fonte, a revista que também servirá como suporte para outras informações que venham a ser organizadas a partir desta.

c) a evidencialidade experiencial caracteriza uma informação derivada de experiência vivida por uma fonte, tal como o exemplo (3) que segue:

(3) VERIFICAMOS que os rótulos discursivos são utilizados produtivamente para articular entre si unidades e subunidades de informação, ... (p.104). (D10.C.16)

Identifico que a informação dada foi vivenciada pelo produtor textual, já que o verbo “verificar” se refere a uma experiência física visual, no entanto, o produtor textual explicita um médio envolvimento com a informação relatada em virtude de utilizar a 1ª pessoa do plural (plural de modéstia), projetando a ideia de que não foi só ele que verificou o fato.

Ainda sobre o quadro 03, Dik (1989, p.251) estabeleceu que os aspectos semânticos mais importantes no campo de ação dos modalizadores proposicionais evidenciais (a fonte da informação) são: a) experiência: o falante conclui algo baseado em prévia experiência; b) inferência: o falante infere algo a partir da evidência disponível; e c) ouvir-dizer (*hearsay*): o falante assinala que ouviu algo a partir de alguém.

Com a evolução dos estudos sobre modalidade, a evidencialidade começou a se tornar cada vez mais relevante, sobretudo por sua utilização como estratégia discursiva. Em tal evolução, discutiu-se a importância e/ou submissão de uma categoria em relação à outra, buscando-se uma posição hierárquica que não consegue ser definida, pois os estudos mais recentes sobre a evidencialidade assumem diferentes posicionamentos. Gonçalves (2003, p.80)

sistematiza esses posicionamentos, classificando-os relativamente a uma situação de disjunção, inclusão, intersecção e neutralidade.

A posição de disjunção entre evidencialidade e modalidade epistêmica é defendida por Hardman (1986) e, geralmente, é assumida em face da existência de línguas que, explicitamente, apresentam marcas evidenciais em alta precisão, por isso não se confundindo com as marcas epistêmicas, como, por exemplo, as línguas ameríndias.

A posição de inclusão entre os conceitos de modalidade epistêmica e evidencialidade, que diz respeito ao fato de um estar dentro do escopo do outro, é defendida por Palmer (1986), Hengeveld (1988, 1989), Dik (1989), Matlock (1989), Bybee *et al* (1994), entre outros, com diferença ainda sobre qual inclui qual. Segundo Dendale e Tasmowski (2001, p.342): “o mais freqüente é encontrarmos a evidencialidade como a noção ‘incluída’, em razão de que a fonte da informação pode ser considerada como um meio indireto de marcar a atitude do falante com relação à sua informação”. Por outro lado, de acordo com Nuyts (2001, p.947): “a evidencialidade pode se constituir propriedade definitiva da modalidade epistêmica”, mediante a justificativa de que todo dito é gerado de uma fonte que não necessariamente é o falante.

Segundo Gonçalves (2003), a posição de intersecção, ou de sobreposição, é defendida por estudiosos que consideram os valores evidenciais iguais aos valores epistêmicos, como é o caso de Van der Auwera e Plungian (1997).

A posição de neutralidade é assumida por De Hann (1997a), para quem os evidenciais possuem um aspecto neutro em relação ao valor epistêmico. Com relação a essa posição, fica claro que:

A evidencialidade não tem qualquer impacto sobre o estatuto da frase declarativa, na medida em que o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição está em causa. A partir das análises apresentadas parece que os evidenciais são neutros em relação à indicação de verdade ou dúvida²⁸ (DE HANN, 1997, p. 18).

Acerca dessa questão, Gonçalves (2003, p. 83), interpreta De Hann (1997) do seguinte modo:

²⁸ Does evidentiality has any impact on the status of the declarative sentence as far as the degree of commitment of the speaker to the truth of the sentence is concerned. From the evidence brought forward here, it appears that evidentials are neutral with respect to the indication of truth or doubt.

Os evidenciais são neutros quanto ao comprometimento com a verdade por parte do falante. Eles são usados para mostrar o grau de evidência que um falante tem para a afirmação, ficando para o ouvinte a tarefa de interpretar o valor modal da declaração. Em outras palavras, modalidade epistêmica e evidencialidade têm certos elementos comuns, como o envolvimento do falante com seu ato de fala, mas o elemento comum não é o comprometimento com a verdade a respeito do que ele está dizendo.

Com efeito, a relação da modalidade epistêmica com a evidencialidade é uma questão polêmica que não está resolvida, pelo fato de que, em línguas que não possuem morfemas gramaticais específicos tanto para epistêmicos quanto para evidenciais, caso do português brasileiro, expressões linguísticas manifestam essas categorias.

Tal é a problemática que, aqui no Brasil, linguistas se empenharam na descoberta da existência de marcadores evidenciais no português brasileiro, tarefa que constitui um vasto interesse no tratamento de tal questão, oportunizando uma maior discussão do estatuto dessa categoria, como é o caso do quadro a seguir, organizado por Dall’Aglio Hattner *et al* (2001, p. 140), que expõe alguns exemplos de marcadores modais e evidenciais no português brasileiro:

DEFINIÇÃO		NÍVEL	FUNÇÃO	FORMA	EXEMPLOS
Expressar valores de permissão, obrigação e volição que envolvem algum tipo de controle extrínseco sobre os eventos	MD ²⁹	predicação	operadores π_2	auxiliares	FHC <i>deve</i> buscar uma solução para a crise
Expressar o estatuto de realidade de um estado-de-coisas	ME	predicação	operadores π_2	auxiliares	FHC <i>deve</i> buscar uma solução para a crise
			predicados encaixadores	adjetivos	<i>É possível</i> que FHC busque uma solução para a crise
Expressar o comprometimento do falante com relação à verdade da proposição	ME	proposição	predicados encaixadores	nomes	<i>Tenho a impressão</i> de que FHC buscará uma solução para a crise
	ME			adjetivos	<i>Estou certo</i> de que FHC buscará uma solução para a crise
	MEEv			verbos	<i>Acho</i> que FHC buscará uma solução para a crise

²⁹ ME:Modalidade Epistêmica; MD:Modalidade Deontica; MEEv:Modalidade Epistêmica+Evidencial; EV:Evidencial

Indicar a fonte do saber a partir da qual o falante faz sua avaliação	MEEv			<i>Parece</i> que FHC buscará uma solução para a crise	
		satélites σ_3	advérbios	<i>Aparentemente</i> FHC buscará uma solução para a crise	
	EV		predicados encaixadores	verbos	<i>Dizem que</i> FHC buscará uma solução para a crise A Folha <i>diz que</i> FHC buscará uma solução para a crise
		EV	constituintes extra-frasais		<i>Segundo os jornais</i> FHC buscará uma solução para a crise

Quadro 04: Exemplos de marcadores evidenciais (DALL'AGLIO HATTNER *ET AL*, 2001, p. 140).

Pesquisas realizadas no Brasil tem sugerido que a evidencialidade é hierarquicamente superior à modalidade. Entre elas, cito o estudo apresentado no 50º Seminário do GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo) pelo grupo coordenado pela pesquisadora Erotilde Pezatti. O estudo afirma que:

Na análise da hierarquia entre evidencialidade e modalidade, observa-se que a ordem linear dessas qualificações é bastante significativa. Como um constituinte de nível mais baixo, a modalidade tende a ocupar posições mais próximas do núcleo predicador do que a evidencialidade, constituinte de nível mais alto. Nesse sentido, observa-se que a evidencialidade é marcada preferencialmente na posição inicial, como em (8), e que a modalidade epistêmica ocorre preferencialmente na posição medial, como em (9), o que confirma o caráter mais externo, e portanto, hierarquicamente superior, da qualificação evidencial. A posição final, como em (10), é a menos produtiva para as duas qualificações³⁰:

- (8) *Aparentemente* não é necessário nenhuma habilidade especial para produzir imagens fotográficas, ao contrário do que acontece com a pintura, a gravura ou desenho. (FOT-LT)
- (9) Como afirma o arqueólogo Robert C. Dannel, [...] não há, *provavelmente*, tarefa menos compensadora [...] do que tentar sintetizar e explicar uma disciplina. (ARQ-LT)
- (10) Obra prima, *sem dúvida*. (AM-LO)

A posição hierarquicamente superior da evidencialidade também é comprovada pela ordem na co-ocorrência de modalizadores epistêmicos e evidenciais. Conforme se vê nos exemplos de (11) a (14), a evidencialidade é sempre marcada em posição anterior à modalidade epistêmica:

³⁰ Ocorrências extraídas da base de dados da FCL – UNESP – Araraquara, cuja variedade é a língua escrita contemporânea

- (11) *Acho* que FHC *deve* buscar uma solução para a crise.
 (12) *Aparentemente, é possível* que FHC busque uma solução para a crise.
 (13) *Parece* que, *provavelmente*, FHC buscará uma solução para a crise.
 (14)* *Provavelmente, parece* que FHC buscará uma solução para a crise.

(PEZATTI ET AL, 2003, pp. 3-4)

Assumo o posicionamento da inclusão defendida por Nuyts (2001) em virtude das considerações asseveradas por ele, as quais especificam ser a evidencialidade como uma categoria hierarquicamente superior à modalidade epistêmica, e apresento, a seguir, minhas considerações finais sobre o tema:

a) a modalidade e a evidencialidade são categorias conceitualmente distintas, uma diz respeito à atitude do falante em relação ao que ele diz, enquanto que a outra indica a fonte da informação que o falante está veiculando;

b) a modalidade e a evidencialidade se relacionam no uso efetivo da língua, sendo que o tipo de evidência pode levar a uma interpretação do ouvinte sobre o nível de comprometimento do falante em relação ao que está sendo dito por ele;

c) a evidencialidade é categoria superior à modalidade, porque tudo o que se diz deriva de uma fonte, que pode ser o próprio falante ou não.

4.2 A evidencialidade como categoria linguística

Historicamente, o termo evidencialidade aparece na primeira metade do Século XX a partir dos trabalhos de Boas e Sapir, segundo esclarecem Dendale e Tasmowski (2001). Somente veio a ser considerado em trabalhos linguísticos algumas décadas depois com a pesquisa *Shifters, verbal categories, and the Russian verb*, na qual Jakobson (1957) tomou como escopo as línguas Balcânicas, Eslavas e Românicas.

A década de 1980 marca o reconhecimento da evidencialidade como tema relevante na pesquisa envolvendo as línguas em seu aspecto semântico-pragmático. Com a publicação de Chafe e Nichols (1986), *Evidentiality: the linguistic coding of epistemology*, onde se encontram reunidos todos os trabalhos apresentados na primeira conferência sobre o tema, realizada em Berkeley (EUA), em 1981, a evidencialidade passa a ter enorme significado no âmbito lingüístico.

A partir de então, eventos internacionais marcam a divulgação dos trabalhos sobre a evidencialidade, como é o caso do Colóquio Internacional de Pragmática, em 1998, com uma

série de debates intitulada *Débat's sur l'Evidentialité*, organizada por Patrick Dendale e Liliane Tasmowski (Université d'Anvers-UA).

A evidencialidade chama a atenção por ser considerada como meio de revelação da fonte de um conteúdo proposicional, marcando também o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição (BYBEE e FLEISCHMANN, 1995, p.4), manifestando-se, principalmente, através de operadores evidenciais (WILLET, 1988; BOTNE, 1997; FLOYD, 1999).

O estudo de Nuyts (1993, p. 946) conclui ser toda qualificação modal baseada necessariamente em uma evidência, podendo variar apenas a qualidade da evidência que se tem, mas, certamente, sem evidência, nenhuma avaliação de um estado-de-coisas é possível, podendo alguém simplesmente optar por dizer que não sabe.

Considerando a relação entre modalidade e evidencialidade, no que diz respeito à forma como o falante se comporta, Hengeveld (1989, p. 138), já propondo uma tipologia, propõe uma diferenciação entre a modalidade epistemológica subjetiva e a modalidade epistemológica evidencial:

O que esses dois tipos têm em comum é a relevância da fonte da informação contida na proposição. No caso dos evidenciais, essa fonte é caracterizada como diferente do falante. No caso da modalidade subjetiva, o falante é a fonte³¹.

Dall'Aglio Hattner *et al* (2001) tentam equacionar as duas categorias apresentando uma proposta de classificação que considera a fonte de informação individualizada e a fonte de informação compartilhada, pois o falante, segundo as suas intenções comunicativas, pode optar por explicitar ou não outras fontes de informações que veicula. Para isso, toma por base os apontamentos de Hoff (1986, *apud* Dendale e Tasmowski, 1994, p.2), conforme a seguir:

Os evidenciais ou os 'meios de justificação' indicam que tipo de evidência está disponível para assegurar a confiabilidade do enunciado no qual eles estão inseridos. Assim, se o falante escolhe indicar a fonte do saber que seu enunciado transmite, ele oferece a seu interlocutor a possibilidade de avaliar por si próprio a confiabilidade dessa informação. A avaliação da verdade de uma proposição será feita, então, com diferentes graus de adesão do falante, segundo as diferentes fontes de informação apresentadas, que podem ser um relato de terceiros, uma percepção visual ou auditiva, uma inferência ou suposição do próprio falante.

³¹ What both subtypes have in common is the relevance of the source of the information contained in a proposition. In the case of evidential this source is characterized as different from the speaker. In the case of subjective modality the speaker is the source.

O falante também pode optar por não indicar o tipo de evidência de que dispõe, se o conhecimento subjacente à sua avaliação for do domínio comum ou, principalmente, se ele quiser fazer parecer que é um conhecimento compartilhado (DALL'AGLIO HATTNER *ET AL*, 2001, pp. 116-117).

Portanto, a fonte da informação passa a ser veiculada dependendo do nível de aproximação que o falante tem com a verdade dela, baseando-se no conjunto de conhecimentos e crenças que possui. Observa-se a proposta de Dall'Aglio Hattner (1995) na figura que se segue:

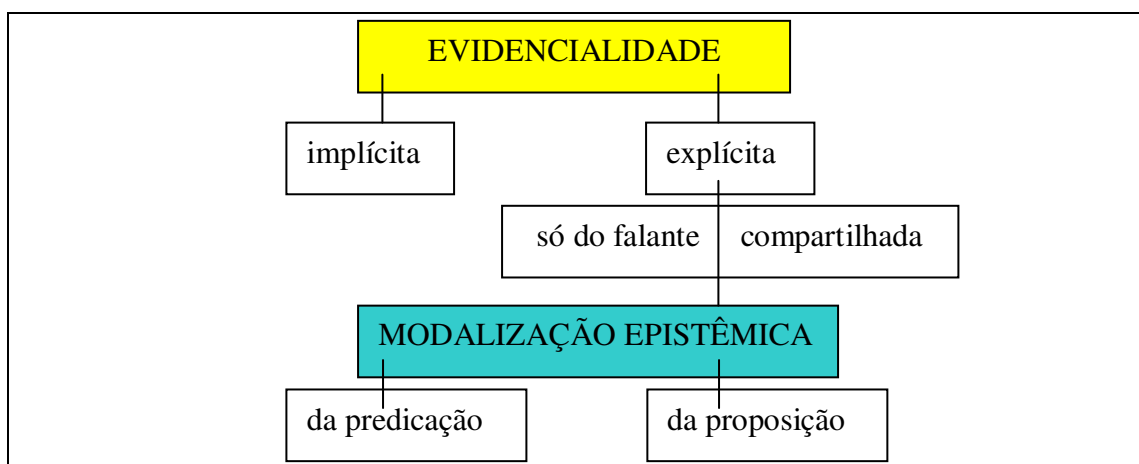


Figura 03: Equacionamento da avaliação epistêmica (DALL'AGLIO HATTNER, 1995).

Do quadro mostrado, interessa a este estudo a evidencialidade colocada hierarquicamente como superior à modalidade epistêmica, como também a subclassificação em evidencialidade explícita (só do falante / compartilhada), pelo fato de que esta demonstra a estratégia escolhida para a veiculação do que é dito, além de poder ocorrer por meio de expressões linguísticas identificadas e diferenciadas quanto aos efeitos de sentido produzidos. Entretanto, a divisão apontada pela autora para a evidencialidade explícita não abarca a noção da fonte da informação que não é só do falante e também não é compartilhada³², caso do exemplo 2 abaixo:

(2) O venezuelano Victor Bravo (1985), [...], ASSEVERA que o Fantástico se produz quando um dos mundos propostos por esse tipo de narrativa, transgredindo o seu limite, “invade o outro para perturbá-lo, negá-lo, tachá-lo ou aniquilá-lo de algum modo”, ... (p.12). (D1.I.06)

³² Para esses casos, apresento uma nova proposta nas categorias de análise apresentadas no capítulo 5.

O exemplo apresentado revela uma fonte da informação que é explícita no texto (O venezuelano Victor Bravo) como argumento de um predicado encaixador proposicional (asseverar) flexionado na 3ª pessoa do singular. Essa fonte não é do falante, pois não faz relação com nenhum constructo mental do produtor textual, nem compartilhada, porque dá a entender que o comentário feito pela fonte citada é somente dela e de mais ninguém.

O estudo de Gonçalves (2003) corrobora a argumentação de que a evidencialidade é, de fato, uma dimensão semântico-pragmática e cognitivamente superior à modalidade epistêmica, ao destacar o trabalho de Willett (1988), que consiste numa investigação do estatuto da evidencialidade como categoria linguística.

Na pesquisa desenvolvida, Willett (1988) analisou cerca de 38 línguas diferentes e delimitou uma tipologia própria e caracterizadora da evidencialidade, conforme se pode observar no quadro a seguir, idealizado por Gonçalves (2003, p.81), consoante sua compreensão do estudo de Willett:

EVIDÊNCIA DIRETA
<p>I. EvD: o falante afirma ter percebido [EvAtestada] a situação descrita, mas pode não especificar se ela é uma evidência sensorial de algum tipo. (Conceito genérico que se aplica à EvD não-especificada).</p> <ul style="list-style-type: none"> a. EvVisual: o falante afirma ter visto a situação descrita. b. EvAuditiva: o falante afirma ter ouvido a situação descrita. c. EvSensorial: o falante afirma ter sentido fisicamente a situação descrita. Esta pode ser considerada: (i) oposta a um ou a ambos os sentidos acima; (ii) sem especificação do modo sensorial.
EVIDÊNCIA INDIRETA
<p>II. EvInd: o falante afirma não ter percebido a situação descrita, mas pode não especificar se a evidência que ele possui lhe foi relatada ou está baseada em uma inferência feita por ele. (Conceito genérico que se aplica à EvInd não-especificada).</p> <ul style="list-style-type: none"> a. EvRelatada: o falante afirma saber da situação descrita por meios verbais, mas pode não especificar se ela é um boato (i.e., de segunda ou terceira mão) ou se vem de um mito (folclore). <ul style="list-style-type: none"> (i) EvSegunda-mão: o falante afirma ter ouvido a situação descrita de alguém que foi testemunha direta. (ii) EvTerceira-mão: o falante afirma ter ouvido sobre a situação descrita, mas não de uma testemunha direta (boato). (iii) EvMito: o falante afirma que a situação descrita é parte de uma história oral consagrada (mito). b. EvInferida: o falante afirma saber da situação descrita somente por meio de inferência, mas pode não especificar se essa inferência está baseada em resultados observáveis ou somente em raciocínio mental (Conceito genérico que se aplica à EvInf não-

especificada).

(i) Inferência de resultados: o falante infere a situação descrita de evidências observáveis (i.e., da percepção dos resultados de um evento e/ou ação causativos).

(ii) Inferência de raciocínio: o falante infere a situação descrita com base na intuição, na lógica, num sonho, em experiências prévias, ou algum outro constructo mental.

Quadro 05: Significado dos evidenciais (WILLETT, 1988, p. 57).

Ainda explicitando o caráter universal semântico-cognitivo da evidencialidade, Lazard (2001, p. 360) propôs que “todas as línguas possuem formas de qualificar os enunciados por meio da introdução de referências à origem da informação, apesar de que nem todas as línguas possuem uma categoria gramatical evidencial”, ficando claro que, dependendo da língua, há uma variação na manifestação da evidencialidade (gramatical ou lexical).

Outra pesquisa que tentou estabelecer critérios para a identificação de evidenciais gramaticalizados foi a de Anderson (1986, p. 273), que definiu os evidenciais como formas que “expressam os tipos de evidência que uma pessoa possui, ao fazer uma declaração factual”, elencando critérios identificadores, os quais foram reavaliados por De Hann (1997) numa divisão sintático-semântica, conforme se observa no quadro a seguir:

CRITÉRIOS PARA IDENTIFICAÇÃO DE EVIDENCIAIS GRAMATICALIZADOS
I. Critério semântico: 1. Os evidenciais podem ser geralmente definidos como marcadores que indicam algo sobre a fonte da informação da proposição (BYBEE, 1985).
II. Critérios sintáticos: 1. Os evidenciais não são a parte principal da cláusula (ANDERSON, 1986); 2. Os evidenciais não mostram concordância com o falante (DE HANN, 1996); 3. Os morfemas têm a expressão de evidencialidade com o seu significado primeiro (ANDERSON, 1986). 4. Os evidenciais não podem estar no escopo de um elemento negativo (DE HANN, 1996).

Quadro 06: Critérios para identificação de evidenciais gramaticalizados (DE HANN, 1997).

O critério semântico estipulado é o mais aceito pelos estudiosos da questão em foco; entretanto, para os critérios sintáticos, não há uma concordância geral. Desse modo, apenas constituem uma tentativa inicial de se dar uma interpretação sintática à categoria da evidencialidade, segundo argumenta Gonçalves (2003, p. 87).

O nível de consolidação, em diferentes línguas, do sistema evidencial é, segundo Gonçalves (2003), o grande responsável por todas essas contradições, pois, de fato, é a não-

existência de itens gramaticalizados que faz com que essa discussão entre posicionamentos se estenda e se potencialize.

Com os trabalhos de Dall’Aglío Hattner (1995), Neves (1996), Castilho (1997), Galvão (2001), Gonçalves (2003), Carioca (2005), Vendrame (2005) e Lucena (2008), entre outros, desenvolveram-se as investigações sobre temas relacionados à evidencialidade, na interface com os processos de modalização e gramaticalização, que concorrem paralelamente para a confirmação de um sistema evidencial no português do Brasil, levando em consideração que sua expressão não ocorre, necessariamente, através de uma forma gramatical, mas manifesta-se de variadas formas, à medida que haja uma exigência da presença de elementos identificadores da fonte da informação asseverada tendo em vista a intenção comunicativa (GALVÃO, 2001, p. 123).

Tratando de uma morfologia evidencial gramaticalizada, Givón (2001) postula que o sistema evidencial tende a gramaticalizar, em seu domínio, termos lexicais que envolvem o complexo de tempo-aspecto-modalidade e inflexões do verbo.

Para Givón (2001, p. 326), o fenômeno da evidencialidade se sobrepõe em grande medida ao da modalidade epistêmica. No entanto, antes de pertencer a esse domínio da certeza subjetiva, os sistemas evidenciais gramaticalizados codificam, primeiro e proeminentemente, a fonte da evidência disponível para sustentar uma afirmação e apenas, implicitamente, para afirmar sua força. A conexão que Givón propõe entre evidencialidade e modalidade epistêmica está explicitada na seguinte cadeia causal:

Fonte evidencial > força evidencial > certeza epistêmica

Uma das distinções mais comuns feitas por tais sistemas divide a fonte da informação dentro de duas categorias:

- 1) Categoria de acesso: experiência direta/rumores/inferências;
- 2) Categoria sensorial: visual/auditiva/outros.

Desse modo, o pesquisador classifica uma evidência nas línguas por sua real habilidade expressiva em conjunto com hierarquias universais, conforme o quadro a seguir:

HIERARQUIA DA FORÇA EVIDENCIAL
1. Hierarquia de acesso Experiência sensorial direta > inferência > rumor (boato)
2. Sub-hierarquia sensorial Visão > audição > outros
3. Hierarquia dêitica pessoal Falante > ouvinte > 3ª pessoa
4. Dêixis-espacial Perto > longe
5. Dêixis-temporal Presente > perfeito / passado imediato > passado remoto

Quadro 07: Hierarquia da força evidencial (GIVÓN, 2001).

Givón (2001) analisou várias línguas, dentre as quais o inglês coloquial, no qual visualizou construções com estágios iniciais da gramaticalização do sistema evidencial, consoante o quadro a seguir:

ESTÁGIO INICIAL DO SISTEMA EVIDENCIAL	
EXEMPLO ³³	CLASSIFICAÇÃO EVIDENCIAL
1. (I) guess she didn't show up. (Eu ACHO que ela não se revelou.)	Inferencial
2. I hear she's coming tomorrow. (Eu SOUBE que ela vem amanhã.)	Rumor/boato
3. She's upped'n left, they say. (Ela subiu à esquerda, eles DISSERAM).	Rumor/boato
4. She's upped'n left, I hear. (Ela subiu à esquerda, eu OUVI.)	Rumor/boato
5. (I) see he's left. (Eu VEJO que ele partiu.)	Inferencial
6. (I) reckon they're out of business. (Eu CALCULO que eles saíram do negócio.)	Inferencial
7. (I'm) fraid she's gone. (RECEIO que ela já tenha ido.)	Atenuação
8. It's not working, Y'now. (Não está funcionando, como você SABE.)	Desculpa
9. He might not agree; (you) understand. (Ele PODERIA não concordar, entende?)	Atenuação
10. (You'd) think he'd still be here... (Era de se pensar que ele ainda estivesse aqui.)	Inferencial
11. (Let's) suppose I gave you a coconut...	Probabilidade baixa

³³ Conservaram-se os exemplos no original porque, na tradução, poderia ocorrer alteração do sentido, devido ao fato de que os itens linguísticos próprios à modalidade variam de língua para língua.

(Vamos SUPOR que eu dei a você um coco.)	
12. I understand she's here. (Eu SUPONHO que ela esteja aqui.)	Inferencial

Quadro 08: Estágio inicial do sistema evidencial (GIVÓN, 2001).

Na verdade, no quadro 08, encontram-se itens lexicais que podem estar se gramaticalizando como predicados encaixadores da proposição (informação). Na maioria dos sistemas evidenciais gramaticalizados, encontram-se como mecanismos distintivos da hierarquia da força evidencial (cf. quadro 07). Desse modo, a informação que é diretamente menos disponível ou surpreendente requer marcação explícita.

Assim sendo, parece que a norma cognitivo-comunicativa deveria ser uma nova informação reportada que: a) está diretamente atestada/testemunhada; b) está em conformidade com as expectativas dos participantes do processo comunicativo.

Os trabalhos de Anderson (1986), de Willet (1988) e de Givón (2001) proporcionaram uma abertura significativa para a descrição da evidencialidade como categoria gramatical.

Galvão (2001) postula uma tipologia evidencial ampliada para especificar a geração de diferentes experiências a partir de uma mesma ação cognitiva, tudo dependendo “do quão envolvido esteja o usuário da língua no processamento da origem, da fonte do conhecimento veiculado” (p. 97). Delimita ainda que há um tipo e um grau de envolvimento do usuário da língua com a situação descrita, relacionado com o tipo de experiência sensorial ou cognitiva geradora do conteúdo proposicional, além de também explicitar de que forma o ouvinte pode interpretar a experiência cognitiva do falante na situação de interação. O quadro a seguir apresenta essa proposta:

ENVOLVIMENTO COM A SITUAÇÃO	EXPERIÊNCIA COGNITIVA ENVOLVIDA	GRAU DE EVIDÊNCIA	EXPERIÊNCIA COGNITIVA REVELADA NA INTERAÇÃO	FUNÇÃO EVIDENCIAL
	Vivenciar o conhecimento explicitado no ato de fala (ver/ ouvir).	[+dir]	O falante conclui	Direta
	Adquirir o conhecimento descrito a partir de uma segunda ou terceira pessoa identificada (ouvir/	[-dir]		Citativa

Experiência Pessoal [+dir]	ler).		X _i baseado em prévia experiência pessoal (sensorial/física).	Reportativa
	Adquirir o conhecimento a partir de experiência passada no mundo das hipóteses, e das sensações psicológicas, a partir de experiências mentais diversas (lenda, sonho).	[ind]		Reportativa de mito
Inferência [-dir]	Inferir o conhecimento a partir de sinais no plano discursivo (na materialidade discursiva no texto).	[+dir]	O falante infere X _i a partir de evidências disponíveis.	Inferencial textual
	Inferir o conhecimento a partir de sinais captados na situação de interação.	[-dir]		Inferencial situacional
	Inferir o conhecimento a partir de um alto nível de abstração, nível do processamento interno das funções cognitivas.	[ind]		Intuitiva
Ouvir-dizer (<i>hearsay</i>) [ind]	Partilhar conhecimento disponível para todo membro de determinada comunidade (verdade universal).	[+dir]	O falante assinala que não sabe, não quer ou não pode precisar a fonte de X _i .	Assumida
	Disponibilizar conhecimento sem fonte aparente e/ou indicada.	[-dir]		De boato
	Gerar conhecimento a partir de manobras elucubrativas, sem uma origem coerente e/ou perceptível do ponto de vista físico e/ou cognitivo.	[ind]		Especulativa

Quadro 09: Uma proposta tipológica evidencial (GALVÃO, 2001, pp. 98-99)

De acordo com Aikhenvald (2003, 2004), cerca de um quarto das línguas do mundo apresentam evidencialidade gramatical. Tais línguas apresentam afixos, clíticos ou partículas como elementos gramaticais que indicam a evidencialidade. Os outros três quartos apresentam um sistema evidencial em processo de descrição ou evolução. O autor propôs ainda uma

classificação para as línguas quanto ao número de marcas evidenciais que cada uma delas comporta, como mostro no quadro 10 abaixo:

Língua A (de dois termos)	A1 – Testemunhal / não-testemunhal A2 – Não de primeira-mão / Qualquer outro tipo de evidência A3 – Relatada / Qualquer outro tipo de evidência
Língua B (de três termos)	B1 – Sensorial (visual) / Inferencial / Relatada B2 – Sensorial (visual) / Sensorial (não-visual) / Relatada B3 – Sensorial (não-visual) / Inferencial / Relatada
Língua C (de quatro termos)	C1 – Sensorial (visual) / Sensorial (não-visual) / Inferencial / Relatada C2 – Sensorial (visual) / Inferencial / Relatada / Suposição C3 – Sensorial (visual) / Inferencial / Relatada / Quotativa
Língua D (de cinco termos)	D1 – Sensorial (visual) / Sensorial (não-visual) / Inferencial / Relatada / Suposição

Quadro 10: Classificação das línguas naturais pelo número de marcas evidenciais (AIKHENVALD, 2003, 2004).

A partir dessas investigações, no Brasil foi possível descrever o desenvolvimento dos elementos evidenciais gramaticais a partir de itens lexicais ou menos gramaticais pré-existentes nos sistemas lingüísticos, como também descrever a manifestação da evidencialidade no português brasileiro, é o caso dos trabalhos de Galvão (2001), Gonçalves (2003), Carioca (2005), Vendrame (2005) e Lucena (2008).

Há também trabalhos brasileiros que especificam a evidencialidade nas línguas indígenas da Região Amazônica, como Gabas Júnior (2003), Stenzel (2006) e Cândido e Ribeiro (2009). Enquanto neste último trabalho a língua *Shanenawa* é caracterizada codificando, de forma bastante simples, a fonte da informação veiculada pelos falantes através de um subsistema gramatical independente dos sistemas que codificam tempo, aspecto e modo; nos outros dois citados, respectivamente, sobre a língua *Karo* da família *Ramarama* do tronco Tupi e as da família *Tukano Oriental*, a evidencialidade não é assim tão autônoma.

Para exemplificar a evidencialidade gramatical, apresento no quadro 11 a seguir, as marcas evidenciais da língua *Shanenawa* descritas por Cândido e Ribeiro (2009, p. 226), que são expressas por sufixos exclusivos que se ligam às bases verbais, em posição geralmente final na ordem básica da morfologia verbal:

MARCAS DE EVIDENCIALIDADE EM SHANENAWA								
EXTERNA OU NÃO PRIMEIRA-MÃO		INTERNA OU PRIMEIRA-MÃO						
RELATADA		SENSORIAL			INFERIDA	SUPOSTA		
OUVIDA	QUOTATIVA	VISUAL	NÃO-VISUAL				-CERTZ	+CERTZ
			OLFATIVA	AUDITIVA	OUTROS		-maĩ	-ficaĩ
-kiã	-kĩ	-nĩ	-nĩ	-nĩ	-nĩ	-	-raka	-shafaĩ

Quadro 11: Categorias de evidencialidade na língua *Shanenawa* (Pano) (CÂNDIDO E RIBEIRO (2009, p. 227)

Os autores reforçam sua categorização com exemplos do tipo:

- (1) ene- \emptyset pake-**kiã**
 água-ABS cair-EV
 ‘Ouvi dizer que está chovendo.’
- (4) aw ĩ hu Feijó anu pesche ka-a- **Kia**
 mulher(ABS) Feijó LOC casa ir-PAS-EV
 ‘Dizem que a mulher foi de casa para Feijó.’

Como podemos notar em (1) e (4), o valor semântico do sufixo {-kiã} é “dizem” ou “ouvi dizer” sem, contudo, revelar a identidade da fonte que forneceu a informação ao falante. Trata-se, portanto, de uma evidência do tipo *hearsay* (ouvida).

Os funcionalistas holandeses têm publicado inúmeras pesquisas sobre a evidencialidade, destacando-se os artigos sobre evidencialidade que foram publicados recentemente em um número da série *Functions of Language* editada por J. Lachlan Mackenzie *et al* (2009), com relevância para a novidade da discussão que questiona ser a evidencialidade uma categoria ou um domínio linguístico.

Dentre esses artigos, destaca-se a discussão proposta por Boye e Harder (2009, p. 9) sobre como definir uma categoria linguística:

Definições de categorias como evidencialidade tendem a confundir o que unifica a categoria com distinções entre significados semântico e pragmático, entre codificação lexical e gramatical, e entre predicação principal e modificações auxiliares³⁴.

³⁴ Definitions of category like evidentiality tend to mix up the question of what unifies the category with distinctions between pragmatic and semantic meaning, between lexical and grammatical coding, and between main predication and ancillary modification.

Os autores separam a definição de domínio substancial conceptual-funcional a partir da distinção entre estatuto gramatical e lexical e tentam mostrar como uma abordagem de base funcional pode mostrar as características das categorias e o estatuto gramatical sem misturá-las.

Outra pesquisa em destaque é feita por Cornillie (2009) que retoma a discussão da diferenciação entre evidencialidade e modalidade epistêmica explicando porque eles são tão frequentemente confundidos a partir de uma série de expressões inferenciais e de boatos, as quais mostram que a avaliação epistêmica não necessariamente se correlaciona com uma modalidade específica do conhecimento. A conclusão é que não há nem inclusão, nem sobreposição entre as duas qualificações linguísticas³⁵.

Aijmer (2009) apresenta uma proposta sobre a multifuncionalidade de *parecer*, envolvendo diferentes graus de gramaticalização com construções em diversas línguas (inglês, suíço, francês, alemão) em outro artigo dessa série. Ressalto que Gonçalves (2003) já apresentou uma proposta similar sobre o uso de *parecer* no português brasileiro, postulando o aspecto multifuncional desse verbo através do processo de gramaticalização.

O último artigo dessa série explicita uma investigação singular entre as crianças. Ifantidou (2009) relata dois experimentos realizados com crianças entre 3 e 10 anos. O primeiro constitui um trabalho com a língua grega para identificar as ligações entre as suas capacidades linguísticas e o seu desenvolvimento cognitivo; enquanto o segundo analisou a capacidade das crianças em usar o raciocínio evidencial na contação de histórias (contos de fada). O resultado das experiências mostram que o uso precoce da compreensão dos evidenciais na língua depende da capacidade cognitiva da criança em raciocinar sobre a fonte do conhecimento.

Tais artigos mostram que a evidencialidade pode ser estudada nas mais variadas circunstâncias, e que as pesquisas têm caminhado para delimitá-la como domínio linguístico, devido à sua interatividade com outros domínios que tem fundamento na própria evidencialidade, como por exemplo modo, tempo, factualidade, etc.

E esta não foi a proposta inicial desta tese.

Com base no que apresentei até aqui, fica claro que a evidencialidade é uma categoria linguística que pode ser expressa por marcas próprias. Entretanto, não é unânime a

³⁵ The conclusion is that there is neither inclusion nor overlap between the two qualifications (CORNILLIE, 2009, p. 59).

constituição de sistemas evidenciais em todas as línguas naturais. São realizadas, no momento, algumas pesquisas que contribuem para a verificação de tais sistemas.

Consoante Galvão (2001, p.71), “a língua pode ter um sistema evidencial original ou, dependendo da necessidade comunicativa, esse sistema pode vir a se desenvolver no decorrer do tempo”, observação que me instiga a investigar, a partir do discurso acadêmico, a constituição de um sistema de marcas evidenciais no português do Brasil contemporâneo.

4.3 A evidencialidade como estratégia de comprometimento

A existência de um sistema evidencial no português é uma proposta sugerida por Galvão (2001), sendo que a pesquisadora dedicou-se, particularmente, ao processo de gramaticalização da expressão *diz que*. Outra pesquisa que vislumbra o surgimento de marcas que especificam a fonte da informação no português é a de Dall’Aglío Hattner *et al* (2001), na qual expressões do tipo *diz que*, *parece que*, *sei lá*, *não sei* podem ser consideradas como estratégias de (des)comprometimento e passam pelo processo de gramaticalização, ou seja, estão deixando de ser itens lexicais plenos para assumirem uma nova função: a de itens evidenciais ou modais.

Em pesquisa anterior, Dall’Aglío Hattner (1996) já anunciara, embrionariamente, uma gradação do comprometimento do falante em relação à evidencialidade, só que a noção evidencial estava inclusa à modalidade epistêmica como uma instância que revelava, segundo a autora:

Uma proposição em sua função interpessoal: o falante se utiliza de meios lingüísticos para expressar sua atitude com relação ao seu ato de fala. Desse modo, [...] ao situar a qualificação epistêmica no nível da proposição, o falante assume, com diferentes graus de adesão, seu enunciado (DALL’AGLIO HATTNER, 1996, p. 163).

Já numa relação direta do grau de comprometimento com a responsabilidade que o falante pode ter com a proposição que emite, Thompson (1996, p. 37) afirma que é possível determinar alguns valores ou escalas indicativas para este grau (alto, médio e baixo); tomando por base o estabelecido por Halliday (1994) para os operadores modais, conforme o grau de proximidade, de probabilidade ou certeza conferido à declaração.

Os valores instituídos são, segundo Thompson (1996), importantes para a análise modal, porque, diversas vezes, alguns itens linguísticos ou, até mesmo, os mesmos itens linguísticos, podem estar implicando, na proposição, diferenciados graus de comprometimento.

Entretanto, essa estudiosa observa que as denominações *alto*, *médio* e *baixo* não são consideradas como categorias absolutas e que representam uma área cuja utilidade pode ser relevante na investigação do comprometimento do falante com a asserção emitida, trazendo, como consequência, uma importante contribuição para a análise de textos em diversas áreas.

Como ilustração, pode-se observar a escala de valores nos exemplos dados por Thompson (1996, p. 37) envolvendo outras áreas da modalidade – a modalização e a modulação, conforme o quadro a seguir:

GRAU DE COMPROMETIMENTO	CATEGORIAL MODAL	
	MODALIZAÇÃO ³⁶	MODULAÇÃO ³⁷
ALTO	I shall NEVER be happy again. (Eu nunca mais serei feliz.)	You MUST ask someone. (Você deve chamar alguém.)
MÉDIO	They SHOULD be back by now. (Eles deveriam estar de volta agora.)	You OUGHT to invite her. (Você deveria convidá-la.)
BAIXO	I MAY be quite wrong. (Eu posso estar um tanto errado.)	You CAN help yourself to a drink. (Você pode se servir de uma bebida.)

Quadro 12: Escala de valores do grau de comprometimento (THOMPSON, 1996).

As marcas evidenciais servem como estratégias discursivas na construção textual para um maior ou menor comprometimento com a proposição que se quer considerar, portanto, promovem a indicação da fonte do saber expresso pelo falante determinando o grau de tensão que se estabelece entre os interlocutores (KOCH, 1986). Desse modo, saber utilizar essas marcas desenvolve uma relação direta do grau de envolvimento do falante com o que está querendo dizer, fornecendo ao ouvinte subsídios que o farão interpretar corretamente a mensagem proposta como sendo de uma fonte, responsabilizando essa fonte pelo que foi dito.

Vale ressaltar que essa relação entre níveis de comprometimento e evidencialidade foi proposta aqui para a análise dos dados desta pesquisa; então, torna-se oportuna, por hipótese,

³⁶ Cf. nota 33, p. 67.

³⁷ A modulação, em Halliday (1994), corresponde à modalização no eixo da conduta (deôntica).

a tentativa de caracterização de algumas marcas evidenciais, observando a utilização destas como estratégias e classificadas como alto, médio ou baixo comprometimento, as quais se encontram definidas a seguir.

4.3.1 Estratégias de alto comprometimento

O uso evidencial que caracteriza um alto comprometimento implica uma atitude de apropriação da informação, isto é, a informação adquirida agora é repassada como sendo do próprio falante/produzidor textual. O efeito de sentido revelado assegura uma interpretação do leitor de que aquilo que foi dito foi totalmente assumido e creditado como verdade por aquele que disse.

Algumas ocorrências são mostradas a seguir:

(4) ... ACREDITO ter sido possível apreender alguns destes sentidos (p.96). (D6.C.01)

(5) ... CREMOS que a união da educação básica, da qualificação e da empregabilidade não representa garantia de emprego ou ocupação para as pessoas (p. 111). (D3.C.08)

O efeito de sentido produzido é de responsabilidade total com o conteúdo asseverado. As marcas evidenciais caracterizadoras de tal responsabilidade são expostas de modo bastante claro nos exemplos (4) e (5), pois explicitam o uso de um predicado verbal típico de encaixador de proposição. O fato de a marca estar na primeira pessoa do singular não é o único meio que garante um alto comprometimento; assim como o *nós* do exemplo (5), que, apesar de estar com flexão de terceira pessoa do plural não atenua o comprometimento do falante/produzidor textual por causa do nível semântico do verbo que é um encaixador proposicional, sugere a presença do eu e do tu (você) como camuflagem para o constructo mental apenas do eu.

A origem da informação é revelada como sendo o próprio produtor textual pela escolha e uso das marcas em destaque, sendo que a natureza dessa fonte encontra-se associada ao uso de verbos que indicam opinião, crença (*acreditar, crer*).

No nível da predicação, esses enunciados que veiculam diferentes efeitos comunicativos para o efeito de sentido de alto comprometimento podem ter as seguintes representações:

(4a) Pres [acreditar (x_1 : p_1) (X_j : [proposição])]

(5a) Pres [crer (x_1 : p_4) (X_j : [proposição])]

4.3.2 Estratégias de médio comprometimento

O nível evidencial que caracteriza um médio comprometimento estabelece uma relação de atenuação da responsabilidade com a informação repassada, ou seja, o falante não se compromete diretamente com a informação que está veiculando, utilizando, por vezes, fatos inferidos por meio de reflexões. Observe-se as ocorrências abaixo:

(6) Outra sugestão PARECE ESTAR em que a ilusão da arte pode nos distrair por pouco tempo da inevitabilidade da morte, ... (p.98). (D6.C.12)

(7) OBSERVAMOS que ao se pensar a vida de egressos após uma qualificação profissional, a pergunta inicial feita por muitos é se eles conseguiram emprego ou alguma ocupação (p.111). (D3.C.10)

Nesse caso, o efeito de sentido revela um envolvimento amenizado do produtor textual com a informação produzida, já que a veicula como se o comentário não fosse dele, utilizando marcas evidenciais que promovem um abrandamento da responsabilidade com o que está sendo dito. No exemplo (6), o verbo “parecer” mais o infinitivo “estar” permite entender que a sugestão apresentada não é exatamente dele, mas inferida por ele. Em (7), a utilização de um predicado encaixador com desinência verbal de primeira pessoa do plural promove a diluição da responsabilidade do produtor textual em uma pluralidade.

A explicitação da fonte da informação não aparece de forma clara como sendo o produtor textual, mas como se estivesse camuflada, ou melhor, escondida, pois se ele optasse por colocar-se como a origem do dito, os enunciados poderiam ser construídos do seguinte modo:

(6a) Outra sugestão é que a ilusão da arte pode nos distrair por pouco tempo da inevitabilidade da morte.

(7a) OBSERVO que ao se pensar a vida de egressos após uma qualificação profissional, a pergunta inicial feita por muitos é se eles conseguiram emprego ou alguma ocupação.

No sentido de comprometer o ouvinte com a verdade do que está transmitindo, na asserção em (6a) o falante constrói, principalmente, uma afirmação que revela sua opinião de

forma clara e precisa sem, entretanto, incluir explicitamente a marca da primeira pessoa (EU), exemplificando a evidencialidade implícita, o que não é tratada nesta tese, pois o foco do trabalho é a manifestação das marcas evidenciais, caso do exemplo (7a) em que o produtor textual se coloca como a fonte do conteúdo proposicional.

No nível da predicação, esses enunciados que veiculam diferentes efeitos comunicativos para o efeito de sentido de médio comprometimento podem ter as seguintes representações:

(6b) Pres [parecer estar (x_1 : p_3) (X_j : [proposição])]

(7b) Pres [observar (x_1 : p_4) (X_j : [proposição])]

4.3.3 Estratégias de baixo comprometimento

O nível evidencial que caracteriza um baixo comprometimento é aquele que denota um grau menor de adesão à tese defendida por terceiros, isto é, promove uma aparente neutralidade com o que está sendo dito/escrito. Como é o caso dos exemplos seguintes:

(2) O venezuelano Victor Bravo (1985), [...], ASSEVERA que o Fantástico se produz quando um dos mundos propostos por esse tipo de narrativa, transgredindo o seu limite, “invade o outro para perturbá-lo, negá-lo, tachá-lo ou aniquilá-lo de algum modo”, ... (p.12). (D1.I.06)

(8) SEGUNDO Roger Chartier: “Trabalhando assim sobre as representações que os grupos modelam deles próprios ou dos outros, afastando-se, portanto, de uma dependência demasiado estrita relativamente à história social, ... (p.12). (D7.I.06)

(9) A definição de autobiografia, PARA Phillipe Lejeune, envolve quatro diferentes categorias: Forma linguística: narrativa em prosa; Assunto tratado: vida individual, história pessoal; Situação do autor: autor (cujo nome designa uma pessoa real) e o narrador são idênticos; Ponto de vista do narrador: narrador e protagonista são idênticos e o relato ou narração é orientada retrospectivamente (p. 19). (D4.F.18)

Em (2), (8) e (9) a fonte da informação não é reconhecidamente o produtor textual, promovendo um distanciamento entre ele e o conteúdo asseverado, já que aparece nominalmente a pessoa que é a origem do que está sendo dito.

As marcas evidenciais que caracterizam o baixo comprometimento são utilizadas de modo claro e específico em citações de ideias e pensamentos, cujas fontes são explicitadas de

modo relativamente neutro. Algumas dessas marcas relacionam-se com verbos *dicendi* (exemplo 2) ou expressões prepositivas (exemplos 8 e 9).

No nível da predicação, esses enunciados que veiculam diferentes efeitos comunicativos para o efeito de sentido de baixo comprometimento podem ter as seguintes representações:

(2a) Pres [asseverar (x_1 : O venezuelano Victor Bravo) (X_j : [proposição])]

(8a) σ_3 :segundo [(x_1 : Roger Chatier) (X_j : [proposição])]

(9a) σ_3 :para [(x_1 : Phillipe Lejeune) (X_j : [proposição])]

Há uma particularidade em relação ao baixo comprometimento que está relacionada com o gênero discursivo estudado nesta pesquisa. No discurso acadêmico, existem normas singulares de citação das fontes de informação, quando estas não estão diretamente indicadas no texto, as quais são especificadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Ocorre que, quando o produtor textual utiliza esse tipo de citação, ele está se comprometendo minimamente com a informação que apresenta, pois está utilizando aspectos convencionais para indicação da fonte da informação, como também não está inferindo alguma proposição por meio de algum comentário, mas apenas apresentando a fonte das ideias que veicula. Pode-se confirmar tal fato nos exemplos de (10) a (12):

(10) ... o que implica na “transformação do gosto que só o artista é capaz de intuir”⁶⁴. (p. 79). (A INDICAÇÃO DA FONTE ENCONTRA-SE EM NOTA DE RODAPÉ) (D2.C.10)

(11) ... entendendo que tal descrição poderá ser de grande utilidade para as comunidades discursivas (Swales, *OP. CIT.*) que utilizam o gênero (p.2). (D10.I.03)

(12) Ao lado do conhecimento a respeito da organização do gênero em termos da distribuição das informações, a “consciência retórica” (SWALES, 1990, p. 213) inclui igualmente a percepção de que os gêneros se caracterizam por padrões lexicais específicos (p.106). (D10.C.21)

O produtor textual se vale de uma nota de rodapé em (10) para revelar a origem da informação, consoante as normas estabelecidas pela normalização técnica. Da mesma forma, ocorre no exemplo (11), mas, neste caso, a projeção da fonte é indicada por uma abreviatura

⁶⁴ SOUZA, Nelson Mello e. *Modernidade: Desacertos de um consenso*. Campinas...

(*op. cit.*³⁸). No exemplo (12), a fonte é explicitada pela citação referencial de autoria (sobrenome do autor + ano de publicação da obra citada + página da citação).

Considera-se, na análise desse comprometimento, a co-presença do contexto de uso de itens de conteúdo axiológico, valorativo, ainda que se trate de uma citação em terceira pessoa.

³⁸ *Opus citatum, opere citato* ou *op. cit.* (Significa “obra citada” ou “na mesma obra”).

5 METODOLOGIA

5.1 A Constituição e delimitação do *corpus*

A obtenção dos dados para esta pesquisa concretizou-se a partir da organização de um *corpus* especializado, constituído por trabalhos acadêmicos de grau, separados em três gêneros:

- i) monografias;
- ii) dissertações;
- iii) teses.

Supõe-se que esses gêneros textuais apresentam, em grande medida, a explicitação de fontes que não são o próprio autor, o que amplia o quadro de uso das marcas de evidencialidade na relação observável com o grau de comprometimento do produtor textual com a informação veiculada.

O *corpus*³⁹ foi organizado do seguinte modo:

- a) O *corpus* tem amostras do discurso acadêmico, envolvendo um período de 10 anos que vai de 1998 a 2008;
- b) A língua escrita é a que configura o *corpus* escolhido;
- c) O *corpus* é monolíngue por verificar somente as ocorrências no português brasileiro contemporâneo;
- d) O tipo textual investigado é o dissertativo-argumentativo, e os gêneros textuais coletados são de três tipos: monografias, dissertações e teses;
- e) O domínio do *corpus* é o dos textos acadêmicos de grau disponíveis na Internet, na sua grande maioria, na Biblioteca Digital de Dissertações e Teses (BDTD) de algumas universidades brasileiras⁴⁰;
- f) Os trabalhos acadêmicos de grau foram coletados nas seguintes áreas das ciências: biológicas, humanas, tecnológicas⁴¹;

³⁹ A catalogação, a identificação e o endereço virtual dos trabalhos que constituem o *corpus* encontram-se nos anexos desta pesquisa.

⁴⁰ A escolha diversificada quanto aos Estados brasileiros se dá somente pelo fato de a pesquisa utilizar o português brasileiro, já que o *corpus* possui apenas uma pequena amostra dos trabalhos veiculados em cada região.

g) Fez-se necessário mais um recorte para constituição do *corpus*, restringindo-se a identificação e a análise das ocorrências à parte introdutória, à parte de fundamentação teórica e à parte conclusiva dos trabalhos coletados.

A opção por esse recorte leva em consideração que:

a) Na introdução, há, supostamente, uma apresentação inicial das diretrizes gerais da pesquisa, sendo o espaço em que o produtor textual explicita o fenômeno em estudo através de informações temáticas advindas de várias fontes.

b) Na fundamentação teórica⁴² (no caso, correspondente apenas ao capítulo 1 de cada trabalho), ocorre uma sistematização das bases teóricas nas quais o autor se firma, apresentando muitas fontes de pesquisa como argumentos de autoridade que darão credibilidade ao conteúdo asseverado por ele.

c) Na conclusão, há, em geral, uma apresentação dos resultados e das considerações finais do pesquisador a respeito da análise efetuada, assumindo o autor a posição de fonte das informações derivadas da pesquisa feita por ele.

Tais partes tem suas definições explicitadas na NBR 14724:2005⁴³ que normatiza a apresentação de trabalhos acadêmicos:

4.2.1 Introdução

Parte inicial do texto, onde devem constar a delimitação do assunto tratado, objetivos da pesquisa e outros elementos necessários para situar o tema do trabalho.

4.2.2 Desenvolvimento

Parte principal do texto, que contém a exposição ordenada e pormenorizada do assunto. Divide-se em seções e subseções, que variam em função da abordagem do tema e do método.

4.2.3 Conclusão

Parte final do texto, na qual se apresentam conclusões correspondentes aos objetivos ou hipóteses (ABNT, 2005, p. 6).

Com esse recorte, é possível se ter uma boa amostragem das estratégias discursivas que envolvem a evidencialidade, as quais promovem uma maior ou menor aproximação com as

⁴¹ A escolha de diversas áreas do conhecimento foi uma tentativa de averiguação de uma maior diversidade na ocorrência das marcas evidenciais.

⁴² Seção do desenvolvimento consoante NBR 14724:2005.

⁴³ Disponível em: [http://mestrado.brazcubas.br/wp-content/uploads/2009/03/NBR_14724_\(2005\)_apresentacao_trabalhos_academicos.pdf](http://mestrado.brazcubas.br/wp-content/uploads/2009/03/NBR_14724_(2005)_apresentacao_trabalhos_academicos.pdf). Acesso em: 04 ago. 2009.

informações que são veiculadas, isto é, pode-se observar em que nível se dá o comprometimento do autor em relação ao que ele diz.

Para a codificação das ocorrências, utilizou-se uma notação própria que particulariza cada trabalho acadêmico coletado (M1 a M10 para as monografias; D1 a D10 para as dissertações, e T1 a T10 para as teses), a parte analisada (I – Introdução; F – Fundamentação Teórica; C – Conclusão), o número da ocorrência no trabalho (01, 02, 03, 04, 05...) e o número em relação ao total de ocorrências no *corpus* em ordem crescente pela verificação (01, 02, 03, 04, 05...); tal como no seguinte exemplo: [ocorrência 431: (T3.I.32)]. A ocorrência de número 431 foi verificada na terceira tese da lista em anexo, no recorte da introdução; foi a trigésima segunda ocorrência encontrada nesta tese.

O *corpus* abriga o total de 1500 ocorrências, ficando dividido conforme tabela 01 a seguir:

TEXTO	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIA POR TRABALHO
Introdução	M1=09/M2=03/M3=0/M4=04/M5=02/M6=5/M7=0/M8=02/M9=02/M10=8
	D1=01/D2=14/D3=22/D4=36/D5=33/D6=11/D7=0/D8=11/D9=08/D10=11
	T1=04/T2=10/T3=32/T4=26/T5=14/T6=03/T7=27/T8=17/T9=08/T10=14
Fundamen- tação teórica	M1=02/M2=20/M3=07/M4=08/M5=08/M6=14/M7=02/M8=06/M9=22/M10=18
	D1=54/D2=74/D3=38/D4=29/D5=51/ D6=35/D7=33/D8=42/D9=44/D10=58
	T1=09/T2=55/T3=65/T4=16/T5=12/T6=27/T7=18/T8=14/T9=53/T10=62
Conclusão	M1=01/M2=10/M3=06/M4=04/M5=02/M6=01/M7=01/M8=02/M9=02/M10=0
	D1=10/D2=09/D3=06/D4=02/D5=10/D6=7/D7=09/D8=26/D9=04/D10=15
	T1=02/T2=12/T3=31/T4=07/T5=14/T6=09/T7=0/T8=10/T9=03/T10=52
Total parcial de ocorrências ⁴⁴ :	
I.M=35/I.D=147/I.T=155/F.M=107/F.D=458/F.T=331/C.M=29/C.D=98/C.T=140	
Total geral de ocorrências:1500	

Tabela 01: Total de ocorrências do *corpus*.

Na análise de cada ocorrência, foi observada a manifestação das categorias de análise, as quais foram divididas em três aspectos:

a) Aspectos sintáticos, subdivididos em: a.1) categoria de expressão da evidencialidade (item lexical – verbo, substantivo, adjetivo, advérbio, preposição –, enunciado metalinguístico,

⁴⁴ Legenda: I.M: introdução de monografia; I.D: introdução de dissertação; I.T:introdução de tese; F.M: fundamentação teórica de monografia; F.D: fundamentação teórica de dissertação; F.T: fundamentação teórica de tese; C.M: conclusão de monografia; C.D: conclusão de dissertação; C.T: conclusão de tese.

justaposição simples e convenções da ABNT); e a.2) posição no enunciado (anteposição, intercalamento, posposição);

b) Aspectos semânticos, subdivididos em: b.1) tipo de fonte da informação (sujeito-enunciador, fonte externa definida e indefinida, domínio comum); b.2) envolvimento com a obtenção do conhecimento (direta, menos direta, indireta); b.3) envolvimento com a transmissão do conhecimento (subjativa, experiencial, relatada, inferencial);

c) Aspectos pragmático-discursivos (efeitos de alto, médio e baixo comprometimento).

Para organizar a análise dessas categorias, foi desenvolvida uma ficha de análise, tal como é ilustrado a seguir com a ocorrência 292:

FICHA DE ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS
<p>Ocorrência 292: (T3.I.23) SEGUNDO esses autores, apesar dessas mudanças ambientais dramáticas, até então poucas foram as mudanças implementadas relativas ao processo de Desenvolvimento de Novos Produtos (DNP) (p. 19).</p> <p>a.1) Posição no enunciado: Anteposta(<input checked="" type="checkbox"/>) Intercalada(<input type="checkbox"/>) Posposta(<input type="checkbox"/>)</p> <p>a.2) Expressão: Item lexical ou gramatical(<input checked="" type="checkbox"/>) Verbo(<input type="checkbox"/>) Substantivo(<input type="checkbox"/>) Adjetivo(<input type="checkbox"/>) Advérbio(<input type="checkbox"/>) Preposição(<input checked="" type="checkbox"/>) Enunciado metadiscursivo (<input type="checkbox"/>) Justaposição simples (<input type="checkbox"/>) Convenções da ABNT (<input type="checkbox"/>)</p> <p>b) Natureza da evidencialidade:</p> <p>b.1) Fonte da informação: Sujeito-Enunciador(<input type="checkbox"/>) Fonte Externa Definida(<input checked="" type="checkbox"/>) Fonte Externa Indefinida(<input type="checkbox"/>) Domínio Comum(<input type="checkbox"/>)</p> <p>b.2) Acesso evidencial à informação Direta(<input type="checkbox"/>) Menos Direta(<input type="checkbox"/>) Indireta(<input checked="" type="checkbox"/>)</p> <p>b.3) Natureza evidencial da informação Subjativa(<input type="checkbox"/>) Inferencial (<input type="checkbox"/>) Relatada(<input checked="" type="checkbox"/>) Experiencial(<input type="checkbox"/>)</p> <p>c) Avaliação do nível do comprometimento: Alto(<input type="checkbox"/>) Médio(<input type="checkbox"/>) Baixo(<input checked="" type="checkbox"/>)</p>

Quadro 13: Ficha de análise das ocorrências.

Com a análise das ocorrências, constituiu-se um arquivo de dados que foi submetido à análise quantitativa (verificação de frequência e cruzamento de dados) mediante a utilização do Programa Computacional SPSS (*Statistical Package for Social Science*)⁴⁵.

A análise qualitativa dessas variáveis foi feita de modo integrado com o propósito de verificar os aspectos sintáticos e semânticos em relação ao pragmático (parâmetro do comprometimento), sendo explicitada na sistematização dos resultados.

5.2 Categorias de análise da marca evidencial

A partir das bases teóricas especificadas até aqui, procedo à explicitação das categorias de análise especificadas na ficha de análise das ocorrências (cf. quadro 13), que se farão necessárias para a sistematização das marcas evidenciais como estratégias discursivas que colaboram na veiculação expositivo-argumentativa das informações nos textos acadêmicos de grau do português brasileiro contemporâneo.

Tais categorias operam a integração dos parâmetros sintáticos (posição e expressão da evidencialidade no enunciado), semânticos (natureza da evidencialidade) e pragmático-discursivos (comprometimento do produtor textual com a fonte da informação).

5.2.1 Nível de comprometimento evidencial

Segundo as definições apresentadas em 4.3, a gradação do envolvimento do produtor textual com a explicitação da fonte da informação é vista em três níveis: alto, médio e baixo comprometimento.

5.2.2 A natureza semântica da evidência

A categoria de análise natureza da evidência, que é uma categoria semântica, é definida pela proposta⁴⁶ da integração de três noções (fonte da informação, acesso evidencial à

⁴⁵ O pacote computacional SPSS para Windows é um complexo sistema de análises estatísticas e manuseamento de dados, num ambiente gráfico, em que a utilização mais frequente, para a maioria das análises a efetuar, se resume à seleção das respectivas opções em menus e caixas de diálogo.

informação, natureza evidencial da informação). O quadro 14 explicita cada noção com a especificação de uma tipologia:

TIPOLOGIA DA NATUREZA SEMÂNTICA DA EVIDENCIALIDADE	
NOÇÃO EVIDENCIAL	TIPO
Fonte da informação	Sujeito-enunciador
	Fonte externa definida
	Fonte externa indefinida
	Domínio comum
Acesso evidencial à informação	Direta
	Menos direta
	Indireta
Natureza evidencial da informação	Subjetiva
	Experencial
	Inferencial
	Relatada

Quadro 14: Tipologia da natureza semântica da Evidencialidade.

A integração postulada foi possível pela inter-relação das propostas de Hengeveld (1988), Dall’Aglia Hatther (1995), Galvão (2001), os quais especificaram algumas tipologias para as marcas evidenciais, conforme já discutido anteriormente.

Assim sendo, proponho, neste trabalho, que a marca evidencial depende da tipologia delimitada no quadro 14 para que se verifique sua natureza semântica, a qual será detalhada a seguir.

5.2.2.1 Tipo de fonte da informação⁴⁷

O primeiro fator é o tipo de fonte da informação da evidência, pois o falante/produtor textual pode veicular uma informação que seja só dele – explícita só do falante – ou da comunidade na qual ele está inserido – explícita compartilhada.

⁴⁶ Segundo Plungian (2001), as tipologias não significam fórmulas universais fixas, mas cobrem um espaço de variação flexível capaz de integrar novos dados, sem que isso venha a causar uma reorganização drástica no sistema pré-existente.

⁴⁷ A evidencialidade também pode ser implícita, já que toda informação provém de uma fonte, ainda que ela não esteja linguisticamente expressa. Para esta pesquisa que trata da manifestação da evidencialidade interessa apenas a explicitude de tal categoria.

Conforme afirma Dall’Aglio Hattner *et al* (2001, pp. 116-117):

O falante também pode optar por não indicar o tipo de evidência de que dispõe, se o conhecimento subjacente à sua avaliação for do domínio comum, ou, principalmente, se ele quiser fazer parecer que é um conhecimento compartilhado.

Para Lucena (2008, pp. 40-41), o *compartilhamento* da evidência explícita os tipos de fonte como sendo:

O tipo de fonte pode ser o próprio *sujeito enunciator* do discurso ou uma outra fonte diferente dele, que será denominada, neste trabalho, como *fonte externa ao falante*. Quando o falante se exclui como fonte da informação, essa fonte pode ser apresentada, pelo menos, de duas formas: *fonte definida* e *fonte indefinida*. A fonte definida pode ser representada por uma segunda ou terceira pessoa reportada pelo falante em seu discurso. Esse tipo de fonte introduz um conhecimento com o qual o falante não tem responsabilidade; por isso, constitui uma estratégia de descomprometimento. A fonte indefinida, por sua vez, é apresentada de modo que não seja possível precisar, nem mesmo por meio do contexto, a quem ela se refere. Ou seja, existe, mas não é possível identificá-la, individualizá-la.

Por último, temos uma fonte que designa uma coletividade da qual o falante também faz parte. Essa fonte é denominada de *domínio comum*, tendo por função apresentar a informação como sendo um conhecimento compartilhado pelo falante e seu interlocutor. Embora apresente a informação como conhecida pelos interactantes, essa fonte pode ser considerada como interna ao falante, já que ele integra a coletividade concedora da informação, mostra-se como “porta-voz dessa informação reportada”.

Tomando estas duas propostas, delimito a operacionalização de quatro variáveis: fonte sujeito-enunciador (explícita só de 1ª pessoa), fonte externa definida (explícita só de 3ª pessoa especificada), fonte externa indefinida (explícita só de 3ª pessoa não especificada) e fonte domínio comum (explícita compartilhada); as quais passo a definir.

a) Fonte sujeito-enunciador (só de 1ª pessoa)

A fonte da informação é o próprio produtor textual, e ele divulga uma informação cuja fonte é só ele, ou melhor, que pertence a ele, pois foi “concebida” e “concluída” por ele, e é a partir dele que a informação começa a ser veiculada, ele é o *sujeito enunciator* (LUCENA, 2008, p. 40). Uma pista bem característica da natureza explícita da evidencialidade só do falante é a utilização do verbo na 1ª pessoa do singular, conforme se observa nos exemplos (13), (14) e (15).

(13) ... PERCEBI que o autor fazia alusão à influência recebida por Allen da obra de Kierkegaard (p.10). (D6.I.04)

(14) Por fim, PROCURO MOSTRAR que o judaísmo aparece em sua obra como expressão étnica e religiosa, que remete ao meio em que ele foi criado (p. 14). (D6.I.36)

(15) RESSALTO, ainda, o valor do expressionismo alemão, como uma postura estética de Allen na construção de seu filme... (p.126). (D6.I.40)

Entretanto, no exemplo (05) também aparece um sujeito-enunciador, apesar de o verbo estar conjugado na 1ª pessoa do plural:

(05) ... CREMOS que a união da educação básica, da qualificação e da empregabilidade não representa garantia de emprego ou ocupação para as pessoas (p. 111). (D3.C.08)

A fonte é o próprio enunciador, em virtude da natureza semântica do verbo cognitivo “crer” (crença, opinião) encaixando a proposição veiculada que estabelece “ter algo por certo ou verdadeiro” de forma bem individualizada (só do produtor textual).

Essa estratégia escolhida pelo produtor textual é comumente utilizada no discurso acadêmico e mais conhecida por plural majestático ou plural de modéstia⁴⁸, já que, baseado na normatização da linguagem científica, almeja o efeito de impessoalidade. Os predicados encaixadores “compartilhar” e “considerar” possuem essa natureza semântica, conforme pode ser observado a seguir:

(16) ... COMPARTILHAMOS das ideias de Aglietta apud Menelau Neto (1998) ao afirmar que o desemprego hoje não é resultado somente de fatores estruturais, mas também de determinação políticas (p.110). (D3.C.06)

(17) CONSIDERAMOS que a ausência de qualidade no treinamento serve de testemunho para mostrar que determinadas instituições privadas, responsáveis em qualificar trabalhadores, caminham sem qualquer fiscalização... (p.113). (D3.C.16)

⁴⁸ É o emprego da 1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular. Significa dizer “(Nós) queremos manifestar nossa satisfação” em vez de “(Eu) quero manifestar minha satisfação”. Os antigos reis de Portugal adotaram a fórmula “Nós, el-rei, fazemos saber...” procurando, num estilo de modéstia, diminuir a distância que os separava do povo. Até que no início do séc. XVI, com D. João III, aparece o absolutismo real e a consequente mudança da fórmula para a 1ª pessoa: “Eu, el-rei, faço saber que...” Entretanto os altos prelados da Igreja continuavam a usar o pronome NÓS como um tratamento de humildade e solidariedade com os fiéis. Só que, crescendo a Igreja em poder e bens temporais, aquele plural começou a dar a impressão não de modéstia mas sim de grandeza e majestade. Daí o nome “plural majestático”. Sua outra denominação é “plural de modéstia”. Ainda o utilizam escritores, oradores e políticos, que dessa forma pretendem fundir-se em simpatia com seus leitores, ouvintes e correligionários, parecendo com eles compartilhar suas ideias e afastando qualquer noção de importância pessoal, vaidade e orgulho (PIACENTINI, 2009, p. 1).

Dessa forma, o produtor textual intenta uma maior aceitação do que assevera pelo fato de apresentar o seu posicionamento de uma forma despretensiosa.

b) Fonte externa definida (só de 3ª pessoa especificada)

A origem da fonte da informação, neste caso, é orientada pela não inclusão do produtor textual que atribui a uma terceira pessoa a fonte das ideias sobre o que está escrevendo, promovendo uma diminuição da responsabilidade com o que está sendo veiculado. Todavia, estrategicamente, isso manipula o argumento de autoridade no que está escrito ou na ideia apresentada pela citação nominal de autores, pesquisas, obras, instituições, abreviaturas, etc., caracterizando, então, um não compartilhamento, sendo de fonte externa ao produtor textual, porém, nesse caso, especificando uma *fonte definida* (LUCENA, 2008, p. 40). Esta estratégia de baixo comprometimento tem como característica o uso de predicados encaixadores de elocução (*dicendi*) em 3ª pessoa e o uso preposições. Os exemplos abaixo demonstram esse tipo de fonte:

(18) François Boucher, um dos mestres do Rococó, DISSE que a natureza é verde demais e mal iluminada (p.159). (D8.C.03)

(19) SEGUNDO Roger Chatier: Trabalhando assim sobre as representações que os grupos modelam deles próprios ou dos outros, afastando-se, portanto, de uma dependência demasiado estrita relativamente à história social, entendida no sentido clássico, a história cultural pode regressar utilmente ao social... (p.12). (D7.I.06)

No exemplo (18), o uso da 3ª pessoa do singular com verbo *dicendi*, como também a citação – o nome do estudioso(a) – da fonte da informação que o produtor textual divulga, denota um argumento de autoridade para o texto que está sendo escrito e uma forma de não comprometimento do produtor textual com a informação veiculada, já que quem disse o que está escrito não foi ele, mas o autor citado. Verifica-se também o uso da preposição para a introdução de tais informações no exemplo (18). Tais exemplos são típicos de fontes definidas.

c) Fonte externa indefinida (só de 3ª pessoa não especificada)

Esse tipo de fonte não pode ser resgatada pelo contexto, há um “conhecimento de origem incerta ou que, por algum motivo, não pode ser identificada” (GALVÃO, 2001, p. 163),

como se fosse um boato, não se caracterizando como aspecto impessoal. A informação veiculada não possui qualquer ligação com o produtor textual e nem com outra referência, tornando-se *indefinida* pela indeterminação. Os exemplos seguintes mostram sua ocorrência:

(20) Alguns DIZEM que não dá para ficar esperando para ver se é fêmea ou macho, pois aí quando se vê, o bicho foi embora (p. 101). (D2.F.78)

(21) De outro lado, outros (Cuba) com forte conotação ideológica DIZEM que a motivação estadunidense é “anexar” as economias emergentes, e, por último, outros apostam que ela possibilitará inovações profundas na economia brasileira com a competição, mas que necessitará de investimentos maciços do Estado a fim de garantir investimentos em infra-estrutura para compensar as desvantagens (p. 191). (T2.C.13)

Em ambos os exemplos, o enunciador se exclui utilizando uma terceira pessoa que não é especificada, sendo que, no exemplo (20) a indefinição é reforçada pelo uso do pronome indefinido.

d) Fonte domínio comum (explícita compartilhada)

A fonte da informação não é veiculada como sendo só o produtor textual; pelo contrário, ele utiliza estratégias discursivas para parecer que a informação é conhecida de todos, ou seja, tanto dele próprio quanto da comunidade em que ele está inserido, como também do próprio leitor, dando uma noção de inclusão dos participantes quanto à aceitação do que está sendo dito. Essa estratégia, segundo Taschetto (2009, pp. 3-4), é uma forma de impessoalidade do sujeito no discurso acadêmico, como bem afirma:

Na discussão sobre a inserção do sujeito na Academia, podemos avaliar a forma como o sujeito se nomeia, buscando respeitar as regras que, de algum modo, privilegiam a busca pelo acesso e não sua tomada; isto é, respeitando o *jogo de vaidades*, uma espécie de monopólio da autoridade científica⁴⁹, que se estabelece veladamente, mostrando-se submisso para poder subverter. [...] Há um discurso do *outro* dissimulado no do *eu*. O sujeito que deseja inscrever-se numa dada instância enunciativa deve saber atravessar o confronto entre os dois discursos. No discurso acadêmico, esse atravessamento acontece no instante em que o sujeito nomeia-se sem desvelar-se; ou seja, o sujeito vela-se fazendo emergir o *outro* – o *parceiro da Academia*.

⁴⁹ Expressão usada por Bourdieu em *Le champ scientifique* (1976), citado por Maingueneau (1987, p.57).

Lucena (2008, p. 41) denomina este tipo de fonte de *domínio comum*. Nota-se, nos exemplos (22) e (23), que a estratégia é a utilização do verbo flexionado na 1ª pessoa do plural ou a manifestação da impessoalidade na 3ª pessoa do singular acompanhado do vocábulo “se”, o qual indetermina o sujeito; ao mesmo tempo em que o conteúdo parece ser amplamente compartilhado.

(22) Assim, ao finalizar, PERCEBEMOS a riqueza de informações que nos foram fornecidas acerca da vida... (p.124). (D5.C.02)

O exemplo (22) demonstra um caso de “nós” utilizado como “eu + tu” de fato, funcionando como “preparação de terreno” para a adesão de um argumento, já que o enunciador demonstra apresentar as mesmas bases epistêmicas que o auditório (LUCENA, 2008, p. 105), promovendo um efeito de interatividade entre os participantes do discurso.

(23) VERIFICA-SE, a partir dessa análise, que o valor conferido à capacitação PEQ depende do nível de escolaridade e apreensão dos alunos... (p.85). (D4.C.01)

Além de evocar no leitor a noção de impessoalidade pela presença da partícula “se”, provocando uma indefinição quanto à fonte da informação, revela também que qualquer um é a fonte capaz de verificar que “o valor conferido à capacitação PEQ depende do nível de escolaridade e apreensão dos alunos”. Dessa forma, nessa estratégia de distanciamento, não se compromete diretamente com o conteúdo asseverado, ao mesmo tempo que sugere ser a informação acessível por qualquer pessoa.

5.2.2.2 Acesso à informação evidencial

O segundo fator diz respeito ao acesso à informação, que aqui se propõe a partir da distinção entre evidencialidade direta e indireta revista por Galvão (2001) como evidência direta, evidência menos direta ou evidência indireta.

Atesta uma “vivência” do falante/produtor textual em relação à informação por ele fornecida. Quando o falante/produtor textual projeta-se como fonte da informação, expressa isso através da marca evidencial direta. Se o conteúdo asseverado for manifesto por meio de outra fonte que não seja ele, manifesta uma marca evidencial indireta. Utiliza também a marca

evidencial menos direta como estratégia para a veiculação de um conteúdo que parece ter sido derivado por meio de um contexto.

Mostro, a seguir, uma descrição desta tricotomia em relação à categoria evidencialidade.

a) Evidencialidade Direta

A evidencialidade direta é aquela que atesta uma maior participação do produtor textual no ato de veiculação da informação, identificando-se totalmente como o autor do conhecimento especificado, já que adquiriu a informação por um envolvimento direto com a situação vivenciada.

Nesse caso, uma particularidade marcante da evidência direta é a utilização da 1ª pessoa do singular e a ausência de mediação entre o enunciador e o conteúdo asseverado, como se observa a seguir nos exemplos (24) e (25):

(24) O instrumento para avaliação de *softwares* - Garimpo - está proposto. SEI que ainda deveremos aperfeiçoar sua lógica e funções. Hoje, em abril de 1998, estou convencido de que este *software* deverá ser adaptado para a linguagem da rede e seus bancos de dados sediados em alguma universidade do Brasil (p. 111). (D6.C.05)

(25) ... MOSTREI que o religioso vai sendo tecido na obra de Allen a partir de contribuições culturais de que ele se utilizou como o cinema, as filosofias da existência, a literatura russa, a psicanálise e o humor judaico (p.96). (D6.C.02)

A experiência do produtor textual nos exemplos citados atestam uma participação direta na aquisição dos informes apresentados. Ele demonstra claramente que vivenciou e concluiu algo baseado em experiência pessoal.

(17) CONSIDERAMOS que a ausência de qualidade no treinamento serve de testemunho para mostrar que determinadas instituições privadas, responsáveis em qualificar trabalhadores, caminham sem qualquer fiscalização... (p.113). (D3.C.16)

No exemplo (17) também ocorre a evidencialidade direta, apesar da desinência verbal ser de 1ª pessoa do plural, pois o verbo *considerar* é usado para ratificar o posicionamento do produtor textual que experienciou o conhecimento explicitado no ato de sua escrita.

b) Evidencialidade menos direta

Uma evidencialidade menos direta se caracteriza pela interpretação contextualizada do falante acerca da informação que ele veicula, ao mesmo tempo que se percebe ser a informação uma asseveração sua.

Também há uma espécie de amenização estratégica do argumento dito, com a utilização de verbos que denotam uma carga semântica abstrata, flexionados em mais de uma pessoa, como se houvesse um acordo entre partes para a veiculação da informação. Tal efeito é observado nos exemplos (1) e (26):

(1) PARECE-nos que devem ser aplicados à teoria fantástica os mesmos preceitos que lhe regem na ficção (p.108). (D1.C.21)

(26) ... e PUDEMOS PERCEBER que os referidos contos eram ricos o suficiente para a exemplificação de nossos estudos, ... (p.107). (D1.C.16)

O produtor textual chega a uma conclusão expressa em algum conteúdo, mas, ao afirmar seu raciocínio mental que foi obtido a partir de inferência, ele emprega o verbo na 1ª pessoa do plural, significando que ele e mais alguém chegaram a tal conclusão. Acontece que o constructo mental é somente dele, mas ele usa uma estratégia discursiva para se afastar da responsabilidade de afirmar “sozinho” tal ideia.

c) Evidencialidade indireta

O autor revela que a aquisição da informação não aconteceu por experiência sua, mas de outra pessoa, sendo adquirida por ouvir-dizer (*hersay*). A utilização desse tipo de evidencialidade projeta no leitor uma espécie de afastamento do produtor textual com o que está sendo dito, pois ele afirma algum argumento e cita a fonte da informação como não sendo ele.

A seguir, alguns exemplos com marcas evidenciais indiretas:

(27) ... pois se é verdade o que SUGERE a própria Irene Bessière (o homem reescreve o fantástico de acordo com o seu tempo), um dia, talvez, esses mesmos teóricos serão atropelados pela carruagem negra do tempo, guiada por algum crítico corcunda que tratará de lacrar silenciosamente os seus caixões... (p.14) (D1.I.15)

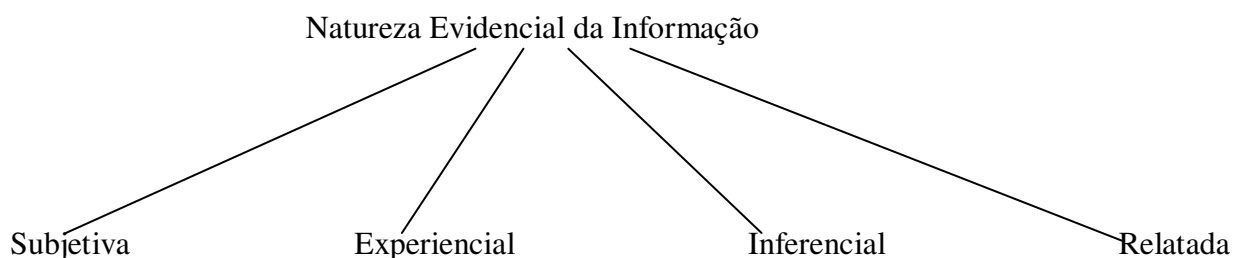
(28) O Jornal *A Quinzena*, de 1887, é resultado do entusiasmo dos intelectuais com sua participação na abolição da escravatura do Ceará quatro anos antes das outras províncias do Brasil, o que, SEGUNDO eles, atestava a propensão do povo cearense para o progresso e a civilização (p.133). (D7.C.04)

(29) ... os pesquisadores poderiam voltar sua atenção para resenhas cujo propósito comunicativo caracteriza-se mais pelo aspecto “promocional” (BHATIA, 1997a, 1997b)... (p.107). (D10.C.22)

Singulariza tal marca o uso de predicados de elocução na 3ª pessoa (exemplo 27), pois há uma notação específica de que o produtor textual obteve a informação da fonte citada, Bessièrre, e é ela quem “sugere” o conteúdo asseverado. Em (28), a asserção proferida também não tem relação com o produtor textual, como se ele tivesse “ouvido-dizer” e apenas relatasse a informação atribuindo a “eles” toda a responsabilidade pelo que foi dito usando uma expressão prepositiva. O mesmo ocorre no exemplo (29), só que a manifestação evidencial indireta se dá através da justaposição da fonte dentro das normas da ABNT.

5.2.2.3 Natureza evidencial da informação

O terceiro fator é a transmissão evidencial, definida aqui como sendo a faculdade de ter, julgar ou apreciar uma informação relacionada a diferentes maneiras de transmiti-la, de modo que o produtor textual pode se apresentar ou não como a fonte do que foi dito. Por meio da evidencialidade, o produtor textual explicita como fonte ou uma inferência (feita por ele a partir de indícios), ou uma experiência (vivenciada por ele) ou uma outra pessoa (relatada) ou ainda uma evidencialidade subjetiva (apreciada e/ou crida por ele). Tendo por base a proposta de Hengeveld (1988), apenas divergindo quanto ao lugar da modalidade subjetiva, proponho a classificação a seguir:



a) Subjetiva

Ao veicular o conteúdo proposicional como sendo uma tomada de posição sua fundamentada em opinião, valores, crença pessoal, o produtor textual estará utilizando a natureza evidencial caracterizada de forma subjetiva, caso visto nas ocorrências a seguir.

(4) ... ACREDITO ter sido possível apreender alguns destes sentidos (p.96). (D6.C.01)

(5) ... CREMOS que a união da educação básica, da qualificação e da empregabilidade não representa garantia de emprego ou ocupação para as pessoas (p.111). (D3.C.08)

Em (4), a ideia veiculada é um constructo mental baseado em algo que o produtor textual tem certeza quanto a sua veracidade. Outro caso ocorre em (5), embora o verbo “crer” não esteja em 1ª pessoa do singular, o conteúdo proposicional encaixado por esse verbo cognitivo, revela uma crença particular do produtor textual, que usa o plural apenas para diluir a responsabilidade do que foi dito.

b) Experiencial

A evidencialidade experiencial caracteriza uma situação sentida e vivida pelo produtor textual, ou seja, ele relata uma experiência que teve, sendo esta a fonte da informação por excelência.

Concernente a essa marca, vale ressaltar a subclassificação postulada por Willett (1988) para a evidência direta⁵⁰ no que diz respeito à experiência: a) EvVisual: o falante relata o que viu; b) EvAuditiva: o falante relata o que ouviu; c) EvSensorial: o falante relata o que sentiu fisicamente. Exemplos de marca evidencial experiencial visual é o que se observa nos dados abaixo:

(3) VERIFICAMOS que os rótulos discursivos são utilizados produtivamente para articular entre si unidades e subunidades de informação, ... (p.104). (D10.C.16)

(7) OBSERVAMOS que, ao se pensar a vida de egressos após uma qualificação profissional, a pergunta inicial feita por muitos é se eles conseguiram emprego ou alguma ocupação (p.111). (D3.C.10)

⁵⁰ Cf. quadro 04 pp. 59-60.

O relato de experiência do produtor textual é explicitado pela marca evidencial experiencial, conforme se observa nas ocorrências nas quais se verifica o uso de um verbo de significado relacionado ao sentido da visão.

c) Inferencial

A evidencialidade inferencial explicita uma construção mental de uma informação envolvendo o raciocínio lógico do produtor textual. Tal informação passa a ser veiculada com base nas percepções do produtor textual, conforme se verifica nos exemplos abaixo:

(1) PARECE-nos que devem ser aplicados à teoria fantástica os mesmos preceitos que lhe regem na ficção (p.108). (D1.C.21)

(13) ... PERCEBI que o autor fazia alusão à influência recebida por Allen da obra de Kierkegaard (p.10). (D6.I.04)

Nos exemplos citados, foram utilizados predicados encaixadores proposicionais que exprimem semanticamente uma projeção de ideias, que foram configuradas mediante inferência, dedução, percepção, provocando no leitor a percepção de que a informação dita foi inferida pelo produtor textual.

d) Relatada⁵¹

A evidencialidade relatada se configura a partir da existência de uma fonte da informação que não é o produtor textual e o efeito é de um relato de algo já anteriormente dito. No caso do discurso acadêmico, esse tipo de evidencialidade está diretamente relacionada com o argumento de autoridade, pois explicita uma citação direta ou indireta de um especialista.

Os exemplos a seguir ilustram essa afirmação:

(30) ... Norbert Wiener AFIRMAVA que “o perigo da máquina para a sociedade não provém da máquina em si, mas daquilo que o Homem faz dela” (pp.8-9). (D2.I.08)

(31) DE ACORDO COM Freedman e Medway (1994a), a abordagem da Escola de Sidney opõe-se aos estudos de gênero norte-americanos... (p.4). (D10.I.13-250)

⁵¹ A marca evidencial citativa (CARIOCA, 2005) é a mesma aqui chamada de *relatada*.

(32) O relato é uma [sic] alerta à sociedade civil organizada que precisa reivindicar uma política pública de qualificação profissional *sob a responsabilidade direta do Estado* (Neves, 2000)... (p.113). (D3.C.17)

Fica clara a citação de uma fonte da informação (Wiener, Neves, Freedman e Medway) e da proposição em todas as ocorrências, entretanto, a expressão evidencial não é a mesma, verificando-se o uso de verbos *dicendi* (exemplo 30), de expressão prepositiva (exemplo 31) e de normas técnicas de citação (exemplo 32).

5.2.3 A Posição da marca evidencial no enunciado

A categoria de análise posição no enunciado é aqui verificada nas seguintes possibilidades:

5.2.3.1 Anteposição

Ocorre quando a marca evidencial está antes da fonte da informação e do próprio conteúdo asseverado. O exemplo abaixo caracteriza o que foi expresso:

(33) PARA o búlgaro Tzvetan Todorov (1970), o Fantástico se define a partir do efeito de *incerteza* e da *hesitação* provocada no leitor face a um acontecimento *sobrenatural* (p.11). (D1.I.01)

Verifica-se que a fonte da informação no exemplo – Todorov – encontra-se após a utilização da marca evidencial – “para” –, como também o respectivo informe veiculado que vem após a fonte (o Fantástico... acontecimento *sobrenatural*).

5.2.3.2 Intercalamento

Ocorre quando a marca evidencial encontra-se entre a fonte da informação e a própria informação veiculada no enunciado, conforme se observa nos exemplos a seguir:

(34) ... as ideias de Irene Bessière REVELAM principalmente o carácter evolutivo da própria genologia... (p.13). (D1.I.14)

(35) Enfim, ACREDITO que através da obra de Rodolfo Teófilo, é possível colocar em cheque os projetos de civilização dos literatos do século XIX... (p.19). (D7.I.35)

(36) Não bastasse, existe a busca de adesão da classe trabalhadora às atuais medidas, mediante a captura da subjetividade operária, COMO bem alerta Alves (2000), tornando mais complexo o momento presente... (p.110). (D3.C.07)

No exemplo (34), a marca evidencial destacada encontra-se entre a fonte da informação – as ideias de Irene Bessièrre – e o próprio conteúdo asseverado – *principalmente o caráter evolutivo da própria genologia*. De outro modo acontece no exemplo (35), onde a fonte está elíptica – Eu –, mas é revelada pelo verbo com desinência de 1ª pessoa (sujeito desinencial), antecedendo a marca evidencial, e a proposição veiculada – *através da obra ... século XIX* – depois dessa mesma marca. Outra ocorrência explícita o uso de expressão prepositiva na posição intercalada, caso do exemplo (36).

5.2.3.3 Posposição

Ocorre quando a marca evidencial aparece depois da fonte da informação e da própria informação proposta no enunciado. Nos exemplos seguintes se observa tal uso:

(29) ... os pesquisadores poderiam voltar sua atenção para resenhas cujo propósito comunicativo caracteriza-se mais pelo aspecto “promocional” (BHATIA, 1997a, 1997b)... (p.107). (D10.C.22)

(37)... o que a leva a um processo que a repele⁵² (NOTA DE RODAPÉ) (p.79). (D2.C.11)

As marcas evidenciais, nos exemplos (29) e (37), seguem o padrão de citação da ABNT e estão projetadas após a informação veiculada. No primeiro caso, ocorre a fonte justaposta⁵³, caso da referência bibliográfica que aparece após o texto citado, mas sem pertencer a ele, por isso ficando entre parênteses e se adequando ao formato estipulado pela Instituição citada – sobrenome do autor, ano, página; enquanto, no segundo, a fonte da informação é revelada pela nota de rodapé que usa abreviaturas da ABNT – *Id.*⁵⁴ *Ibid.*⁵⁵.

⁵² *Id. Ibid.*, p. 55-56.

⁵³ Termo discutido em 5.2.3.

⁵⁴ *idem ou id.* (significa: para fazer referência, subsequente, de um mesmo autor).

5.2.4 A Expressão da evidencialidade

A manifestação da categoria evidencial no português brasileiro ocorre por meio de expressões linguísticas no formato de um(a):

a) item lexical ou gramatical: considerado a marca prototípica da evidencialidade e manifesto por verbo, substantivo, preposição, adjetivo e advérbio;

b) enunciado metadiscursivo: segundo Lucena (2008, p. 64), o conteúdo proposicional é expresso, sem, no entanto, haver um item específico que encaixe o conteúdo; assim, esse tipo de manifestação da evidencialidade ocorre por meio de todo um enunciado com traços evidenciais, ou seja, que tem o propósito de esclarecer a fonte da informação⁵⁶.

São acrescidos a esses mais dois tipos de manifestação, específicos do discurso acadêmico:

c) justaposição simples: a marca evidencial é a simples menção da fonte imediatamente antes ou depois de um conteúdo proposicional no formato estipulado pela ABNT (*Idem*).

d) Normas citativas da ABNT: a marcação da fonte da informação se dá pela normatização acadêmica de citação, consoante a NBR 10520/2002. Sua manifestação ocorre por meio da citação direta ou indireta no texto, das abreviaturas e das notas explicativas.

5.2.4.1 Item lexical ou gramatical

Descrevo, inicialmente, como se manifestam as marcas evidenciais lexicais, optando-se aqui pelas definições propostas na *Gramática de usos do português* para as categorias de análise a serem averiguadas, por ser esta uma obra de referência que mostra como

⁵⁵ *ibidem* ou *ibid.* (significa: para fazer referência, subsequente, de um mesmo autor, em página diferente, de uma mesma obra).

⁵⁶ O exemplo “**Aqui teve uma campanha de um Deputado Federal que até adesivo virou em tudo quanto era traseiro de carro: “A Refinaria é nossa”.** (D3R-25-159)” mostra que não houve, por parte do enunciador, a “seleção” de uma marca específica para a manifestação da evidencialidade, mas a opção por todo um enunciado metadiscursivo, usado para expressar não apenas o modo de obtenção da informação, mas todo o contexto dentro do qual se deu a geração do conhecimento expresso na proposição.

está sendo usada a língua portuguesa atualmente no Brasil, por também utilizar, em sua constituição, amostras de uso da língua.⁵⁷

a) Verbo

A manifestação prototípica da evidencialidade é a forma verbal, especialmente os predicados encaixadores de proposição. Então, faz-se necessário uma especificação dessa categoria com vistas a esclarecer os tipos de predicados que se relacionam diretamente com as funções evidenciais.

De acordo com Neves (2000, p. 25):

Os verbos, em geral, constituem os predicados das orações. Os predicados designam as propriedades ou relações que estão na base das predicções que se formam quando eles se constroem com os seus argumentos (os participantes da relação predicativa) e com os demais elementos do enunciado.

Algumas subclassificações são apresentadas para se especificar a natureza do verbo, tais como: a) subclassificação semântica, b) subclassificação com integração de componentes⁵⁸, c) subclassificação segundo a transitividade. Interessa a esta pesquisa a primeira e a última subclassificações, a primeira porque relaciona o conteúdo lexical do verbo com o nível de comprometimento, e a segunda por estar relacionada com a estrutura argumental que comporta a valência verbal, ou seja, a capacidade de os verbos abrirem casas para preenchimento por termos (sujeito e complemento).

Segundo a transitividade, há quatro classes principais de verbos: a) verbos cujo objeto sofre mudança no seu estado; b) verbos cujo objeto não sofre mudança física, isto é, não é um paciente afetado; c) verbos que possuem um complemento não-preposicionado (objeto direto) e um complemento preposicionado; d) verbos que têm complementos oracionais.

Vale ressaltar aqui a classificação dos verbos que têm complementos oracionais, pois, neste conjunto, abrigam-se verbos de modalidade, de cognição, de manipulação, de elocução. Com essa classificação, especialmente com as classes dos modais, cognitivos e

⁵⁷ Consoante afirma Neves (2000, p. 13): “A meta final, no exame, é buscar os resultados de sentido, partindo do princípio de que é no uso que os diferentes itens assumem seu significado e definem sua função, e de que as entidades da língua têm de ser avaliadas em conformidade com o nível em que ocorrem, definindo-se, afinal, na sua relação com o texto”.

⁵⁸ Refere-se, na verdade, a predicções pela integração de outros componentes, como aspecto e controle.

manipulativos, cruza-se outra classificação, na qual interfere a atitude do falante na situação do discurso. Essa classificação se refere a uma relação de pressuposição ou de implicação entre a oração completiva (objetiva ou subjetiva) e a principal, e separa dois grupos de verbos, os factivos e os implicativos, com subgrupos.

Observa-se em relação a isso que:

- i) verbos de modalidade, bem como de manipulação (e alguns de elocução) estão nos subgrupos dos implicativos, uma classe muito ampla;
- ii) verbos de cognição (e alguns de elocução) estão entre os factivos.

a.1) Em relação aos tipos de verbos

Dentre esses tipos explicitados por Neves (2000), verifiquei, nesta pesquisa, quais tipos de verbos podem expressar a evidencialidade:

a.1.1) Verbos factivos

Neves (2000, p. 32) afirma que “são os predicados que têm a propriedade de implicar, por parte do falante, a pressuposição de que a proposição completiva é factual (isto é, o fato expresso na oração completiva é verdadeiro)”. Sua classificação compreende quatro tipos de verbos, mas interessa a esta pesquisa somente aquele que expressa a evidencialidade verificada no *corpus*, como é o caso da classificação do verbo epistêmico (*saber, compreender, descobrir, ignorar, lembrar-se, perceber, notar, observar, aperceber-se, recordar-se*, e expressões como: *dar-se conta, ter em mente, levar em conta* e similares). Abaixo alguns exemplos ilustram essa classificação:

(7) OBSERVAMOS que ao se pensar a vida de egressos após uma qualificação profissional, a pergunta inicial feita por muitos é se eles conseguiram emprego ou alguma ocupação (p.111). (D3.C.10)

(38) Quando PRESSUPOMOS que nossos cineastas escolheram arquétipos heroicizados [...], não negamos em nenhum momento que esses tipos [...] existem ou existiram (p.15). (D8.I.10)

(39) Assim, ao finalizar, PERCEBEMOS a riqueza de informações que nos foram fornecidas acerca da vida... (p.124). (D5.C.02)

a.1.2) Verbos implicativos

“São os predicados que envolvem a noção de condição necessária e suficiente, que apenas determina se o estado-de-coisas descrito na oração completiva ocorre ou não” (NEVES, 2000, p. 35).

Os predicados implicativos podem ser de quatro tipos diferentes; entretanto, apenas um manifesta a evidencialidade: causativos – são verbos implicativos menos perfeitos, ou implicativos simples – (afirmativos: *fazer, causar, forçar, provocar, assegurar, provar, mostrar, cuidar, implicar, significar* e similares; negativos: *impedir, proibir, dissuadir, desencorajar* e similares). Esse tipo de predicado é demonstrado nos exemplos a seguir:

(3) VERIFICAMOS que os rótulos discursivos são utilizados produtivamente para articular entre si unidades e subunidades de informação, ... (p.104). (D10.C.16)

(25) ... MOSTREI que o religioso vai sendo tecido na obra de Allen a partir de contribuições culturais de que ele se utilizou como o cinema, as filosofias da existência, a literatura russa, a psicanálise e o humor judaico (p.96). (D6.C.02)

a.1.3) Verbos de elocução

Segundo Neves (2000, p. 47): “são os verbos introdutores do discurso (discurso direto ou discurso indireto)”.

São de dois tipos e expressam a evidencialidade de forma plena: a) verbos de dizer ou *dicendi* (*falar, dizer, queixar-se, comentar, confidenciar, observar, protestar, explicar, avisar, informar, responder, sugerir* e similares ou paráfrases); b) verbos que introduzem discurso, mas não necessariamente indicam atos de fala (*acalmar, ameaçar, consolar, desiludir, garantir, afirmar, rir, chorar, suspirar* e similares). Apresento, nos exemplos seguintes, o uso desse tipo de verbo:

(2) O venezuelano Victor Bravo (1985), [...], ASSEVERA que o Fantástico se produz quando um dos mundos propostos por esse tipo de narrativa, transgredindo o seu limite, “invade o outro para perturbá-lo, negá-lo, tachá-lo ou aniquilá-lo ... (p.12). (D1.I.06)

(15) RESSALTO, ainda, o valor do expressionismo alemão, como uma postura estética de Allen na construção de seu filme, ... (p.126). (D6.I.40)

(27) ... pois se é verdade o que SUGERE a própria Irene Bessière (o homem reescreve o fantástico de acordo com o seu tempo), um dia, talvez, esses mesmos teóricos serão atropelados pela carruagem negra

do tempo, guiada por algum crítico corcunda que tratará de lacrar silenciosamente os seus caixões... (p.14) (D1.I.15)

(30) ... Norbert Wiener AFIRMAVA que “o perigo da máquina para a sociedade não provém da máquina em si, mas daquilo que o Homem faz dela” (pp.8-9). (D2.I.08)

(40) François Boucher, um dos mestres do Rococó, DISSE que a natureza é verde demais e mal iluminada (p.159). (D8.C.03)

a.1.4) Verbos-suporte⁵⁹

A definição dada por Neves (2000, p. 53) assegura que “são verbos de significado bastante esvaziado que formam com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo da língua (*dar, fazer, levar, etc.*)”.

As construções com verbo-suporte compõem-se de: a) um verbo com determinada natureza semântica básica, que funciona como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado; b) um sintagma nominal que entra em composição com o verbo para configurar o sentido do todo, bem como para determinar os papéis temáticos da predicação. Abaixo se observa um exemplo dessa classificação:

(41) ... percebi que o autor FAZIA ALUSÃO à influência recebida por Allen da obra de Kierkegaard (p.10). (D6.I.05)

Em Carioca (2005), este tipo de ocorrência foi considerado como marca evidencial substantiva, devido ao significado esvaziado do verbo e entendendo-se o sintagma nominal como o termo evidencial mais proeminente. Entretanto, com o aprofundamento dessa pesquisa, percebi que a expressão não possui relevância de um ou outro elemento evidencial, já que o constructo configura a reunião dos termos para comporem um só sentido que é o de um verbo, já que, no caso do exemplo (41), “fazia alusão” e “aludia” possuem o mesmo significado, e, portanto, podem ocorrer paradigmaticamente, um em substituição ao outro.

Assim sendo, uma ocorrência como esta será aqui considerada como tipo verbal caracterizadora de construção com verbo-suporte.

⁵⁹ São também chamados de *verbos funcionais, verbos gerais, verbóides e verbalizadores*.

a.2) Em relação às categorias verbais

Uma análise verbal complexa não é foco desta pesquisa no momento; dessa forma, não há um detalhamento complexo acerca das categorias verbais que indicam tempo, modo, voz e aspecto, com exceção para as categorias de número e pessoa, por possuírem uma estreita ligação com a evidencialidade na relação com o grau de comprometimento e com o tipo de fonte.

a.2.1) Número e pessoa

Nos discursos acadêmicos, as formas verbais que caracterizam a evidencialidade são indicadas por duas das três pessoas do discurso: a) 1ª pessoa do singular (eu) e do plural (nós); e b) 3ª pessoa do singular (ele/a) e do plural (eles/as), conforme se observa nos exemplos seguintes:

(4) ... ACREDITO ter sido possível apreender alguns destes sentidos (p.96). (D6.C.01)

(16) ... COMPARTILHAMOS das ideias de Aglietta apud Menelau Neto (1998) ao afirmar que o desemprego hoje não é resultado somente de fatores estruturais, mas também de determinação políticas (p.110). (D3.C.06)

(23) VERIFICA-SE, a partir dessa análise, que o valor conferido à capacitação PEQ depende do nível de escolaridade e apreensão dos alunos, ... (p.85). (D4.C.01)

(30) ... Norbert Wiener AFIRMAVA que “o perigo da máquina para a sociedade não provém da máquina em si, mas daquilo que o Homem faz dela” (pp.8-9). (D2.I.08)

(34) ... as ideias de Irene Bessière REVELAM principalmente o caráter evolutivo da própria genologia, ... (p.13). (D1.I.14)

b) Substantivo

Conforme Neves (2000, p. 67): “Os substantivos são usados para referir-se às diferentes entidades (coisas, pessoas, fatos, etc.) denominando-as”.

O que caracteriza a marca evidencial substantiva é a utilização de substantivos abstratos (nomes de ação, de processo ou de estado), que, derivados de verbos, podem ser de diversos tipos, dependendo da entidade ligada ao verbo que esteja sendo denominada. Dentro da

estrutura de predicado de uma oração, o sintagma nominal é um termo, mas o nome, sendo de determinada natureza, pode constituir o núcleo de um predicado, selecionando argumentos. É o que ocorre com os nomes valenciais, que definem, do mesmo modo que o verbo, estrutura argumental e regência.

Acontece que nem todos os substantivos abstratos que constituem núcleo de predicado tem cognatos verbais, isto é, nem todos são resultantes de nominalizações de verbos ou adjetivos. Entretanto, os nomes valenciais são, principalmente, os resultantes de nominalizações. Como é o caso dos exemplos abaixo:

(42) ... NUMA CONFIRMAÇÃO DE Foucault, a alteridade é um drama da condição humana, algo supostamente irreduzível que leva o homem a materializar abstrações, ... (p.12). (D1.I.09)

(43) ... há de se considerar ainda a utilização das verbas públicas por muitos sindicatos classistas, atitude NA NOSSA OPINIÃO, muito positiva, desde que contribua para a melhoria da organização sindical (p.115). (D3.C.24)

Ocorre que, no exemplo (42), é manifesta a evidencialidade mediante um substantivo abstrato derivado de verbo (confirmação < confirmar), o qual colabora para indicar a fonte da informação – Foucault – e a própria informação – *a alteridade é um drama da condição humana*.

No exemplo (43), acontece o mesmo tipo de nominalização (opinião < opinar), só que agora a pessoa gramatical do pronome é a indicadora da fonte.

c) Adjetivo

Os adjetivos são usados para atribuir uma propriedade singular a uma categoria (que já é um conjunto de propriedades) denominada por um substantivo, funcionando essa atribuição de dois modos: a) qualificada; e b) subcategorizada (NEVES, 2000).

A marca evidencial adjetiva é qualificadora ou qualificativa, projetando-se por meio do particípio verbal e de todos os adjetivos terminados por sufixos que formam vocábulos derivados de verbos, como *-do / -to* e *-nte* e suas variantes (*-da / -dos / -das / -ta / -tos / -tas / -ntes*). Verifica-se, nos exemplos⁶⁰ abaixo:

⁶⁰ Ocorrências do *corpus* desta pesquisa.

(44) Recomenda-se a utilização de outros critérios de avaliação, tais como, os padrões de Utilidade, Viabilidade, Propriedade e Exatidão, DEFINIDOS PELO Joint Committee (1994), uma vez que eles também apresentam implícito um conceito de qualidade baseado no valor e no mérito do objeto educacional, conforme relatado no capítulo 2 deste relatório (p. 173). (T8.C.13)

(45) A extensão dos limites do marketing não deve ser vista, porém, como uma limitação. Ao transpor essa fronteira, pretende-se contribuir para um alargamento da aplicação do conceito de marketing de alta performance, tal como CONCEBIDO POR Seth e Sisodia (2001) (p. 20). (T3.I.28)

A expressões adjetiva em (44) qualifica a fonte da informação (Joint Committee) ao indicar o complemento subjetivo (agente) de “definidos”, o mesmo acontece no exemplo (45), em que a origem do que é dito (Seth e Sisodia) tem a mesma função de complemento da ação expressa pelo adjetivo “concebidos”.

d) Preposição

Quanto à definição do que sejam as preposições, Neves (2000, p. 601) afirma que:

Algumas palavras da língua que pertencem à esfera semântica das relações e processos atuam especificamente na junção dos elementos do discurso, isto é, ocorrem num determinado ponto do texto indicando o modo pelo qual se conectam às porções que se sucedem.

Assim acontece com as preposições, que têm seu estatuto determinado dentro da estrutura da oração ou dentro de subestruturas dela.

As marcas evidenciais prepositivas são expressas com preposições essenciais (*para*) e acidentais, as quais são chamadas assim por ainda estarem se gramaticalizando e sendo empregadas em contexto restrito, como é caso de *como, conforme, feito, segundo, mediante, tirante, fora, afora*, etc. Também ocorrem com função evidencial as locuções prepositivas, tais como *de acordo com, na conta de*, etc. Exemplos do uso de preposições como marca evidencial se verificam abaixo:

(31) DE ACORDO COM Freedman e Medway (1994a), a abordagem da Escola de Sidney opõe-se aos estudos de gênero norte-americanos... (p.4). (D10.I.13-250)

(46) PARA Geertz, a análise cultural está diretamente relacionada à produção etnográfica de textos, ... (p.12). (D6.I.17)

(47) SEGUNDO as teorias sócio-interacionais da linguagem o texto é concebido como uma atividade comunicativa construída por sujeitos sociais em interação quando conduzidos por variados propósitos e interesses (p.11). (D9.I.01)

Ressalto que a classificação da expressão *de acordo com* como locução prepositiva e não como substantivo considerou o processo de gramaticalização⁶¹ desta. Expressões como *nos termos de*, *na opinião de*, etc, apesar de possuírem a mesma estrutura morfossintática, não estão no mesmo nível de gramaticalidade (abstração gramatical).

e) Advérbio

Costumeiramente, atribui-se ao advérbio a indicação das circunstâncias em que ocorre a ação verbal. Já Neves (2000, p. 233) diz que “a conceituação de advérbio tem diversos pontos de partida” e destaca dois desses pontos: o morfológico e o sintático. No que diz respeito ao ponto de vista morfológico, o advérbio é considerado uma palavra invariável, enquanto no ponto de vista sintático, ou relacional, o advérbio é uma palavra periférica, funcionando como satélite de um núcleo.

A classificação proposta pela autora explicita uma função bastante heterogênea para a aplicação desta categoria: advérbios modificadores e não-modificadores. Destes, interessa a esta pesquisa a subclassificação dos advérbios modificadores modalizadores, que modalizam o conteúdo de uma asserção, e, em especial, os asseverativos, pois explicitam uma expectativa sobre o conteúdo asseverado.

Ao exemplificar as diferentes formas de codificação da evidencialidade, Vendrame (2005, p. 17) cita o trabalho de Dall’Aglio-Hattner *et al* (2001) que apresentou a manifestação da marca evidencial adverbial através do vocábulo “evidentemente”.

Como no *corpus* de Carioca (2005) não ocorreu essa manifestação da evidencialidade, o exemplo a seguir foi retirado do *corpus* desta pesquisa:

(48) A aprovação da Declaração Universal sobre os Direitos dos Povos Indígenas, EVIDENTEMENTE, é fruto de pressões feitas pelos povos e organizações indígenas nas diversas instâncias do sistema ONU (p. 36). (D10.F.59)

Uma questão levantada é em que medida o advérbio indica uma fonte, já que, atualmente marca apenas certeza. Cabe ressaltar o quadro 04 com alguns exemplos de

⁶¹ O estudo de gramaticalização mostra a tensão entre a expressão lexical, relativamente livre de restrições, e a codificação morfossintática, mais sujeita a restrições, deixando evidente a indeterminação relativa da língua e o caráter não-discreto de suas categorias, o que representa uma interdependência entre o mais fixo e o menos fixo na língua (TRAUGOTT E HEINE, 1991).

marcadores evidenciais (DALL'AGLIO HATTNER *ET AL*, 2001, p. 140) na página 55, no qual os advérbios aparecem como satélites do nível 3, camada da proposição. Outro fato interessante é o comportamento semântico-funcional do advérbio presente no exemplo (48), já que o produtor textual poderia ter escrito o enunciado sem usá-lo; entretanto, ele delimita a fonte da informação como sendo o produtor textual pelo grau de certeza da asserção proferida, pois quem é que diz “evidentemente” sem ser a fonte da asseveração?

5.2.4.2 Enunciado metadiscursivo

Esse tipo de marca evidencial ocorre por meio de todo um enunciado com traços evidenciais, ou seja, que tem o propósito de esclarecer a fonte da informação, mas sem, necessariamente, haver um item específico que encaixe o conteúdo (LUCENA, 2008, p. 64). Os exemplos⁶² a seguir são ocorrências deste meio de expressão evidencial:

(49) Terceiro Setor: segmento social formado principalmente por organizações civis sem fins lucrativos (ONGs), fundações, institutos e centros, os quais possuem o objetivo de trabalhar filantropicamente para o bem comum e melhorar a qualidade global de vida da sociedade ([HTTP:WWW.AULTIMAARCADE NOE.COM.BR/TERCEIROSSETOR.HTM](http://www.ultimaarcade.no.com.br/terceirossetor.htm). ACESSO EM 05/12/2003) (p. 14). (M10.I.10)

(50) A literatura é, pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estas a vivem decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. **A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo**, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse **processo de circulação literária**, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (GRIFOS MEUS) (p. 16). (T4.I.22)

No exemplo (49), a fonte da informação é manifesta através de todo um enunciado indicativo da origem da definição escrita – o sítio <http://www...> –, ou seja, o produtor textual usa uma fonte externa definida para asseverar um conteúdo proposicional que define o “Terceiro setor”.

Já no exemplo (50), ocorre um caso singular de evidencialidade, pois o produtor textual destaca parte da proposição asseverada por uma fonte externa definida, salientando pontos que ele considera relevantes acerca do enunciado comunicativo. Assim, ele tem a intenção de esclarecer a fonte dos grifos, que, no caso, é ele próprio.

⁶² Ocorrências do *corpus* desta pesquisa.

Considero tais casos, que ocorrem comumente não só nos trabalhos acadêmicos de grau, mas em todos os outros gêneros textuais acadêmicos, como manifestação da evidencialidade por meio de um enunciado metadiscursivo.

5.2.4.3 Justaposição simples

Um caso especial de manifestação da evidencialidade que particulariza o discurso acadêmico é a utilização de normas técnicas convencionais para a citação de fonte da informação, caracterizando-se exclusivamente pelo formato sobrenome(s) do(s) autor(es) + ano da publicação + página (opcional) logo após o conteúdo asseverado, por isso considerada justaposição simples.

No exemplo (29), há uma simples menção da fonte da informação após o conteúdo asseverado utilizando o formato técnico da ABNT:

(29) ... os pesquisadores poderiam voltar sua atenção para resenhas cujo propósito comunicativo caracteriza-se mais pelo aspecto “promocional” (BHATIA, 1997a, 1997b)... (p.107). (D10.C.22)

5.2.4.4 Normas citativas da ABNT

Diferentemente da categoria anterior, esta explicita apenas as abreviaturas e notas de rodapé como manifestação evidencial usando o formato das normas citativas da ABNT após a proposição, estando presente no texto com características próprias e “normatizadas” para o discurso acadêmico. Algumas formas de apresentação de normas de citação são mostradas nos exemplos seguintes⁶³:

(51) ... é capaz de intuir”⁶⁴ (NOTA DE RODAPÉ)(p. 79). (D2.C.10)

(52) Empregabilidade [...] (Gentili *APUD* Lodi, 1999:89)... (p.13). (D4.I.03)

(53) ... que se podem atribuir ou extrair do texto (CF. Koch, 1997a) (p.11). (D9.I.02)

⁶³ As normas expressas não seguem o documento mais recente, no caso a NBR 10520 de agosto de 2002, mas o documento que estava em vigor à época de suas defesas.

⁶⁴ SOUZA, Nelson Mello e. *Modernidade: Desacertos de um consenso*. Campinas...

No exemplo (51), a fonte da informação dita é inserida no texto por meio de uma nota de rodapé, a qual indica o autor e em que suporte bibliográfico encontra-se o informe dado. Diferentemente, aparece a indicação da fonte no exemplo (52); nele, a fonte original é mencionada após toda a informação, e, logo depois, a abreviatura *apud*⁶⁴ introduz a fonte mediadora do conteúdo entre parênteses, com o ano e a página subsequentes. Já no exemplo (53), tal indicação é feita quase do mesmo modo da citada anteriormente, mas, no interior do parênteses, a palavra “confronte” abreviada – cf.⁶⁵ – que aponta para uma referência que já foi dada anteriormente. Todas as ocorrências são casos convencionais de citações conforme as normas da ABNT.

Tomando por base as categorias definidas e exemplificadas até aqui, passo à análise do *corpus* desta pesquisa, para descrever a manifestação da evidencialidade nos textos acadêmicos de grau do português brasileiro contemporâneo.

⁶⁴ *Apud* – do latim junto a: em (significa citado por, conforme, segundo, indicando a fonte de uma citação indireta para referenciar um autor (a cuja obra o pesquisador não teve acesso) que está indicado num livro ao qual o pesquisador teve acesso). Por isso recomenda-se que, em nota de rodapé, disponibilizem-se as informações bibliográficas.

⁶⁵ Pode significar também confira, compare.

6 A EVIDENCIALIDADE NOS TEXTOS ACADÊMICOS DE GRAU

Após identificação e análise das 1500 ocorrências do *corpus* da manifestação da evidencialidade nas produções textuais acadêmicas de grau do português brasileiro contemporâneo, procedo à descrição dos aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos que caracterizam a expressão da evidencialidade como estratégia discursiva.

Passo a apresentar, inicialmente, uma descrição linguística da evidencialidade com base nos resultados obtidos, para, em seguida, enfatizar e esclarecer alguns questionamentos relevantes.

6.1 DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA DA EVIDENCIALIDADE

A descrição linguística feita a seguir, inverte a ordem de importância dos aspectos considerados numa análise funcional, começando do menos importante ao mais importante.

6.1.1 Aspectos sintáticos

A proposta assumida nesta pesquisa é que, segundo a Gramática Funcional, os aspectos sintáticos são regidos pela pragmática e pela semântica, ou seja, a explicitação das marcas evidencias foi feita considerando-se a ênfase na interação verbal e na intencionalidade (escolha dos efeitos de sentido) do produtor textual.

6.1.1.1 A posição da marca evidencial no enunciado

Observei que do total de 1500 ocorrências nos textos acadêmicos de grau, 417 delas registraram a anteposição da marca evidencial em relação à fonte da informação e a própria informação, enquanto 615 ficaram intercaladas entre a fonte e a informação, e 468 revelaram a posição posposta à fonte e à informação veiculada. A figura⁶⁶ 04 a seguir expressa o percentual obtido:

⁶⁶ Os gráficos aqui são chamados de figuras devido à normalização da Universidade Federal do Ceará que os considera assim (cf. MELO *et al*, 2007, disponível em: http://www.biblioteca.ufc.br/PDFS/guiaNORMALIZACA_O_UFC.pdf).

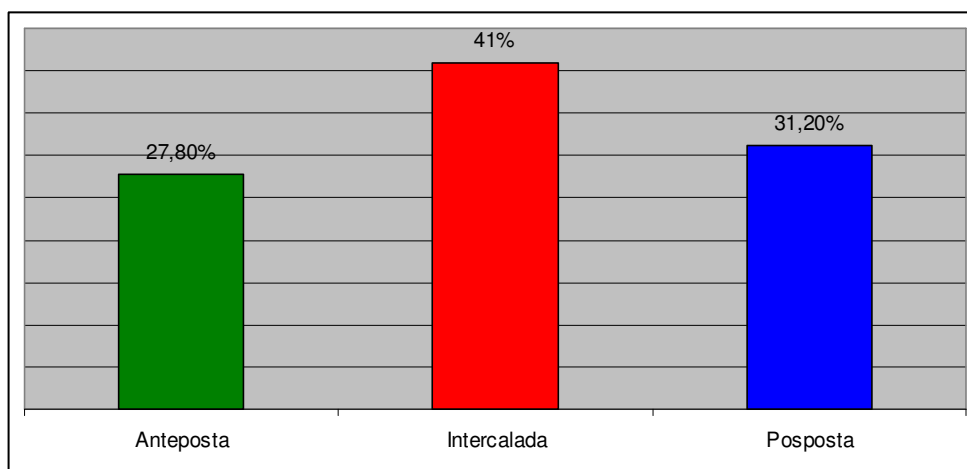


Figura 04: Posição da Evidencialidade nos textos acadêmicos de grau.

O resultado indica, então, que as marcas evidenciais que são manifestas na posição intercalada ocorreram com muito mais frequência no *corpus* organizado, já que o percentual obtido por esta posição foi quase dobrado em relação às demais. Dos exemplos⁶⁷ 54 ao 59 têm-se uma visão clara das posições preditas:

(54) Entretanto, DE ACORDO COM Pearce (1996), o ambiente continental atenuado pode ser uma litosfera continental “normal” atenuada (aspas do autor) ou uma litosfera continental back-arc atenuada (p. 102). (T10.C.17)

A anteposição da expressão prepositiva *de acordo com*, no exemplo (54), identifica a fonte da informação como sendo o autor citado logo depois (Pearce) e a proposição asseverada por ele.

(55) PODE-SE DIZER que o contexto de aparecimento desse concurso aponta para uma espécie de clima geral de incentivo à leitura... (p. 33). (T4.F.10)

Nessa ocorrência, a fonte de domínio comum manifesta pelo predicado encaixador *dizer* antepõe-se à informação veiculada.

(56) Tipton, Benedictson, Mahoney e Hartnett (1978), AFIRMAM que a carência de pesquisas empíricas sobre o ciúme é em larga escala atribuída à falta de instrumentos de medida... (p. 23). (D8.F.42)

⁶⁷ Todos os exemplos citados, a partir de então, são retirados do *corpus* desta pesquisa.

Já neste exemplo (56), há o intercalamento da marca evidencial verbal (afirmam) entre a fonte, sujeito do verbo de elocução (Tipton, Benedictson, Mahoney e Hartnett), e a informação (que a carência de pesquisas empíricas sobre o ciúme é em larga escala atribuída à falta de instrumentos de medida...).

(57) ACREDITO que seja preciso encarar a emergência da temática da *diversidade étnica e racial* em instâncias do direito internacional... (p. 12). (D10.F.04)

O exemplo (57) que traz um sujeito desinencial, revela a fonte – o próprio produtor textual – antecedendo a marca evidencial verbal.

(58) As características hidrológicas, químicas e biológicas desses ambientes são refletidas pelo clima, pela geologia e pela cobertura vegetal da bacia de drenagem (LIKENS *et al.*, 1977) (p. 39). (T7.F.17)

Quanto à ocorrência da marca evidencial posposta no exemplo (58), verifica-se que a fonte da informação está justaposta ao final da proposição divulgada, estando conforme as normas de citação pós-textual estabelecidas pela ABNT (quando ao final da ideia apresentada, o autor aparece entre parênteses e em caixa alta).

(59) É certo que, a partir de 1757, quando o Diretório passa a vigorar, os administradores da Capitania de Mato Grosso passaram a determinar ações mais punitivas contra aqueles que insistiam na escravização destes índios, conforme se pode constatar na documentação do período⁸ (NOTA DE RODAPÉ) (pp. 2-3). (D3.I.05)

Outro caso de posposição está no exemplo (59), quando o autor utiliza uma nota de rodapé ao final da asseveração.

A relação estabelecida entre esse aspecto formal e as demais categorias de análise sintática é especificada do seguinte modo: a) o item lexical ocorre nas posições anteposta e intercalada, com exceção da marca evidencial adjetiva que só ocorre por intercalamento; b) o enunciado metadiscursivo ocorre intercalado ou posposto, enquanto a justaposição simples e as normas citativas da ABNT ocorrem somente na posposição.

⁸ Cf. os documentos que vêm após o ano de 1757, principalmente as Fontes Primárias (11) e (13)...

6.1.1.2 A expressão da evidencialidade no enunciado

Em relação à manifestação da evidencialidade no enunciado dos textos acadêmicos de grau, a maioria das ocorrências, cerca de 1028, foram expressas por um item lexical ou gramatical. O restante ficou assim distribuído: 20 casos foram de explicitação da fonte da informação por meio de um enunciado metadiscursivo, 394 deles com a fonte através da justaposição simples e 58 através das convenções citativas da ABNT. Exponho na figura 05 os dados relativos à frequência do meio de expressão da marca evidencial.

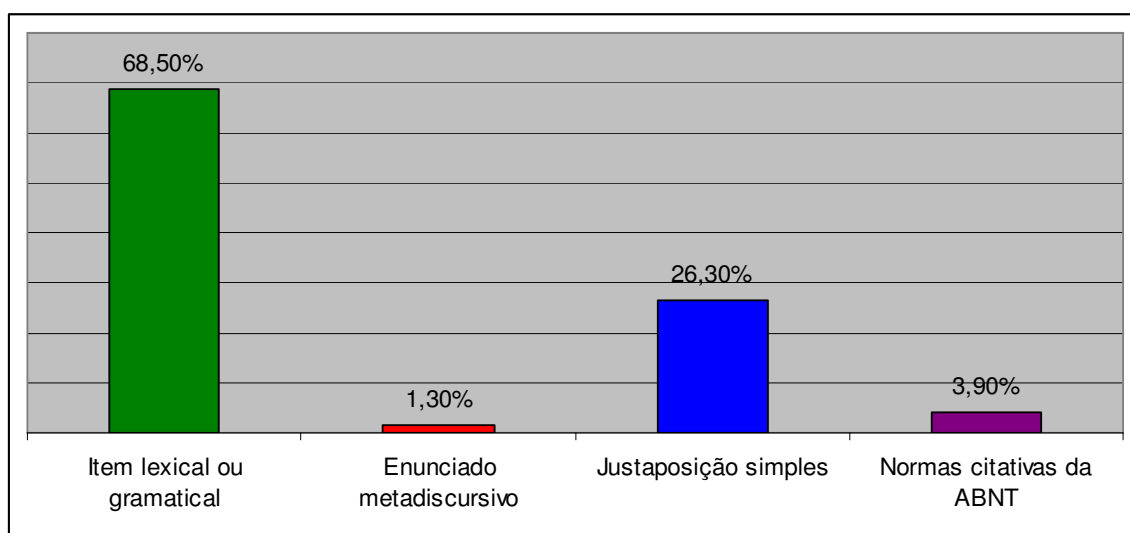


Figura 05: Meio de expressão da marca evidencial nos textos acadêmicos de grau.

O predomínio de um item lexical ou gramatical é consequência de sua extensa distribuição nas classes linguísticas, conforme apresento na tabela 02 a seguir:

ITEM LEXICAL-GRAMATICAL	FREQUÊNCIA
Verbo	641
Substantivo	31
Preposição	280
Adjetivo	62
Advérbio	14

Tabela 02: Frequência da manifestação da marca evidencial na forma de item lexical ou gramatical.

A grande frequência do verbo confere a ele a condição de forma prototípica da marca evidencial. Ressalto, nos exemplos seguintes, a manifestação de um item lexical ou gramatical em todas as classes:

(60) PARAFRASEANDO Moreira (2001), a falta de compromisso político com a criança da escola pública, é resultado do desconhecimento quanto ao papel da Educação Infantil e de seus objetivos, por parte dos que detêm o poder decisório (p. 10). (M1.I.07)

Em (60), uma primeira forma de marca evidencial verbal é o predicado encaixador no gerúndio apontando para a fonte da informação que aparece logo em seguida (Moreira).

(61) ... a autora MOSTRA que os portugueses faziam política de manutenção da naturalidade de algumas nações... (p. 8). (D3.I.19)

Outro caso é o verbo na 3ª pessoa, como no exemplo (61), que exprime a ação verbal da fonte da informação (a autora) em relação à proposição dita.

(62) DEVE-SE RECONHECER, de início, que o Estado de bem estar social brasileiro, como todas realidades sociais, não é imóvel, imutável. Move-se quando entra em crise, ou seja, quando perde a possibilidade de reproduzir segundo seus princípios estruturadores (p. 30). (M10.F.15)

Nessa ocorrência do exemplo (62), a forma da marca evidencial verbal revela a impessoalização (3ª pessoa + partícula “se”) numa locução verbal (auxiliar modal: dever + predicado: reconhecer) encaixadora de proposição.

(63) Na interpretação desses dados CONSIDERAMOS a confirmação da hipótese de que quanto maior a idade menor a ressonância cognitiva (p. 51). (D8.C.24)

Outra forma verbal aparece em (63), a flexão de 1ª pessoa do plural sugere a participação de forma compartilhada na asseveração proferida, como se essa fosse de domínio comum.

(64) ... sendo verificado [*sic*], no trabalho de campo, uma substituição parcial dos fertilizantes industriais pelos orgânicos, pois NA OPINIÃO DEles o uso consecutivo do sulfato de amônia ou outros de igual teor deixa o solo impróprio à atividade agrícola (p. 104). (D1.C.09)

(65) Seguindo A IDEIA DE Deutsch, imagine que se tenha uma caixa preta que computa uma função que mapeia um simples bit x para um simples bit $f(x)$ (p. 18). (M6.F.12)

A marca evidencial substantiva nos exemplos (64) e (65) manifesta-se por meio de substantivos que expressam opinião, seguidos de sintagmas preposicionados (*na opinião de e a ideia de*) que apontam diretamente para a origem da asserção. Em virtude da variação morfossintática e semântica dessas expressões, preferiu-se considerar, nos casos de (64), a presença de um substantivo como marca evidencial, e não uma locução prepositiva.

(66) PARA o Joint Committee (1994), um objeto educacional exibe qualidade quando tem utilidade, viabilidade, propriedade e exatidão (p. 19). (T8.I.15)

(67) SEGUNDO Kramer (1994:24) “As tendências das práticas pedagógicas identificadas no Brasil eram: Romântica, Cognitiva e Crítica” (p. 16). (M1.F.02)

A segunda forma bastante comum da marca evidencial no discurso acadêmico é a preposição, pois revela acentuadamente a origem da fonte da informação, conforme apresento nos exemplos (66) e (67).

(68) Nos estudos DESENVOLVIDOS POR Carvalho Júnior *et al.* (2000) e Donoso (2000), a queda foi a principal causa de acidente em crianças e adolescentes... (p. 18). (D5.I.19)

(69) Conforme APONTADO POR Ohmoto (2003), a formação de hematita a partir de magnetita não é apenas relacionada à oxi-redução de fluidos... (p. 110). (T10.C.50)

As formas *desenvolvidos por* e *apontado por* nos exemplos (68) e (69) ilustram a marca evidencial adjetiva. Nesses exemplos a fonte dos conteúdos asseverados encontra-se no complemento subjetivo (agentivo) da ação designada pelo adjetivo (à semelhança de uma voz passiva).

(70) EVIDENTEMENTE, uma ou outra coalizão de governo pode garantir uma tramitação mais célere devido a compromissos políticos firmados com os atores sociais e políticos interessados nas demarcações (p. 266). (T2.C.03)

A marca evidencial adverbial é manifesta particularmente pelo vocábulo *evidentemente*, exemplificado em (70), e revela o produtor textual como a fonte da informação.

Como visto na figura 05, o meio de expressão da marca evidencial que predomina é o item lexical ou gramatical, entretanto as outras três formas que ocorrem são importantes para a explicitação da fonte da informação no discurso acadêmico, haja vista os exemplos seguintes:

(71) ... aquelas que possuem um maior contato com a cidade, confirmando haver uma relação positiva entre a ocorrência da doença e o nível de aculturação da população da aldeia. (FREITAS *et al*, OP.CIT., p.22) (p. 16). (D2.I.07)

(72) “Marketing é um processo social e administrativo pelo qual indivíduos e grupos obtêm o que necessitam e o que desejam através da criação e troca de produtos e valor com outras pessoas” (KOTLER, 1998). (p. 17). (M5.F.01)

As convenções da ABNT para a formatação dos trabalhos acadêmicos propõe a normatização da fonte da referência utilizada, caso observado nos exemplos (71) e (72). Entretanto, há uma distinção no meio da expressão. Ocorre, em (71), uma marca evidencial que constitui uma norma citativa da ABNT manifesta pela abreviatura *op. cit.*, enquanto, em (72), ocorre a justaposição da fonte com a simples menção de dados bibliográficos depois do conteúdo proposicional.

(73) “Então quando o governo brasileiro, o MEC naquela ocasião, [...] chamou o BID pra conversar depois de Durban falando: ‘nós queríamos uma parceria para o tema de inclusão racial na educação, acesso, melhoria e promoção’ [...]. Foi claramente identificado pelo Banco que isso não seria um empréstimo bilionário, enorme. Por quê? Porque o país precisava primeiro solidificar os seus conceitos e com que bases ia trabalhar esse tema do acesso e da inclusão. Então serviu muito bem ao instrumento de *innovation loan*, que eu acho que eles fizeram o quê? Em quatro meses, parece. Super rápido pra época.” (ENTREVISTA COM RITA SÓRIO, REALIZADA EM OUTUBRO DE 2007) (p. 19). (D10.F.11)

Outra expressão da evidencialidade é apresentada no exemplo (73), o destaque evidencial é o enunciado metadiscursivo – Entrevista com Rita Sório, realizada em outubro de 2007 – que esclarece a origem da informação veiculada, sem haver um item específico que encaixe a proposição dita.

A seguir apresento uma análise descritiva específica da marca evidencial lexical ou gramatical e das marcas evidenciais que dizem respeito ao uso das normas técnicas da ABNT, a partir das 1500 ocorrências coletadas que constituem o *corpus* desta tese, tentando ressaltar os

aspectos formais que codificam as escolhas do produtor textual para a elaboração de um trabalho acadêmico de grau.

a) Análise descritiva da marca evidencial lexical ou gramatical

A evidencialidade nos textos acadêmicos de grau manifestou-se de forma diversificada no português brasileiro contemporâneo, conforme especifico nos tópicos a seguir:

a.1) A Marca evidencial verbal

O verbo é a forma prototípica da manifestação da evidencialidade, sendo o verbo de elocução (*dicendi*) a sua forma plena, de acordo como já foi dito anteriormente. Neves (2000, pp. 50-52) delimitou uma lista de verbos de simples dizer e verbos que qualificam o que é dito, aos quais acresço os verbos abaixo que constaram nas ocorrências coletadas do *corpus* desta pesquisa, por possuírem esta mesma característica, a de introdutores de um conteúdo asseverado⁶⁸:

1. abordar (tratar de/comentar)	48. formular (determinar/inferir)
2. achar (inferir)	49. frisar (ressaltar)
3. acreditar (confessar)	50. identificar (determinar)
4. acrescentar (completar/informar)	51. inaugurar (anunciar)
5. admitir (considerar)	52. indagar (perguntar)
6. alertar (avisar/anunciar)	53. indicar (afirmar/declarar)
7. apontar (destacar)	54. inferir (deduzir/perceber)
8. apresentar (anunciar/dizer)	55. interpretar (inferir)
9. assinalar (destacar)	56. introduzir (expor)
10. assumir (assegurar)	57. investigar (esclarecer/reconhecer)
11. atribuir (determinar)	58. justificar (argumentar)
12. caracterizar (determinar)	59. manifestar (argumentar)
13. classificar (determinar/ordenar)	60. mencionar (dizer)
14. colocar (anunciar/dizer)	61. mostrar (anunciar)
15. compreender (entender/inferir)	62. notar (observar)
16. comprovar (confirmar)	63. oferecer (declarar)
17. conceber (inferir)	64. optar (determinar)
18. conceituar (considerar/determinar)	65. parafrasear (reafirmar/repetir)

⁶⁸ Explico nos parênteses ao lado de cada verbo o sentido a que se assemelha com os verbos apresentados por Neves (*idem*).

19. confirmar (confiar/confidenciar)	66. parodiar (repetir)
20. conhecer (dizer/informar)	67. perceber (inferir)
21. constatar (inferir)	68. permitir (admitir/considerar)
22. corroborar (confirmar)	69. pontuar (declarar)
23. dar (anunciar/dizer/falar)	70. posicionar-se (determinar/ordenar)
24. deduzir (inferir)	71. preconizar (apregoar/declarar)
25. defender (assegurar/considerar)	72. promulgar (declarar)
26. definir (considerar/determinar)	73. propor (afirmar)
27. delimitar (determinar)	74. proporcionar (expor/determinar)
28. demonstrar (evidenciar/confirmar)	75. provar (afirmar/assegurar)
29. denominar (determinar)	76. publicar (anunciar/comunicar)
30. denotar (revelar/inferir)	77. recomendar (sugerir)
31. depreender (inferir)	78. referendar (afirmar)
32. descortinar (falar sobre)	79. referir-se (citar)
33. descrever (afirmar/anunciar)	80. registrar (comunicar)
34. discorrer (falar/discursar)	81. reportar-se (relatar/contar)
35. discutir (argumentar)	82. resumir (anunciar)
36. disponibilizar (anunciar)	83. retomar (reafirmar/repetir)
37. divulgar (anunciar)	84. saber (entender/inferir)
38. entender (inferir)	85. salientar (ressaltar)
39. enunciar (anunciar)	86. seguir (considerar)
40. escrever (afirmar/anunciar/dizer)	87. sentir (inferir/perceber)
41. estabelecer (afirmar/determinar)	88. supor (inferir)
42. estimar (diagnosticar)	89. sustentar (afirmar)
43. evidenciar (ressaltar)	90. ter (diagnosticar/dizer/perceber):
44. evocar (confirmar)	91. traduzir (anunciar)
45. expressar (exclamar/afirmar)	92. tratar (discutir/falar/reconhecer)
46. exprimir (afirmar)	93. ver (inferir/observar)
47. focalizar (ressaltar)	94. verificar (observar/reconhecer)

Quadro 15: Verbos de simples dizer e verbos que qualificam o que é dito.

A manifestação da marca evidencial verbal foi verificada no *corpus* analisado de dez formas diferentes, conforme apresento a seguir:

1^a) Predicado encaixador (1^a pessoa do singular):

(74) PERCEBI, durante o período de aproximadamente três anos, trabalhando a doutrina da polícia comunitária, que há uma grande vontade dos atores sociais em realizar ações que visem melhoria da qualidade de vida da comunidade e, conseqüentemente, a diminuição do índice de violência e criminalidade (p. 11). (M10.I.04)

Ao utilizar uma forma com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do singular, caso ocorrido no exemplo (74), o produtor textual se coloca como a fonte da informação proposicional, posicionando-se argumentativamente sobre algo em que acredita, ou melhor, que tem como verdade, veiculando um conhecimento que até então era somente dele.

2ª) Predicado encaixador (1ª pessoa do plural):

(75) Como VIMOS, a força de interação entre dois vórtices provém da corrente que um gera sobre o outro (p. 43). (T6.F.32)

(76) Quando DIZEMOS que uma pessoa tem olhos azuis, queremos dizer que as íris são azuis (p. 25). (D9.F.23)

A escolha por essa forma predicativa, o verbo flexionado na 1ª pessoa do plural, atribui ao produtor textual uma responsabilidade atenuada com o conteúdo asseverado, como acontece nas orações dos exemplos (75) e (76), o efeito de sentido é diferente do que se as formas escolhidas fossem *vi* e *digo*, respectivamente. Essa opção pode ser feita por três razões: a) não certeza com aquilo que está dizendo; b) cumprimento da normatização acadêmica que solicita a neutralização do autor; c) busca de credibilidade através do plural de modéstia visa a afastar qualquer noção de imponência sapiencial.

3ª) Predicado encaixador (3ª pessoa do singular ou do plural):

(77) Mesmo com toda simplicidade optei pela aplicação do questionário, através de entrevista individual no escritório da empresa sendo exposto oralmente ao trabalhador e sua resposta anotada pelo entrevistador, porém, mesmo este sendo uma pessoa de total imparcialidade à empresa e aos trabalhadores, ele RELATOU que os entrevistados encontravam-se tímidos e fechados, com medo de represálias ou até demissão em virtude das suas respostas, mesmo com o entrevistador alegando que se tratava de um trabalho acadêmico e não seria visto pela diretoria da empresa (p. 14). (M8.I.03)

(78) O Ministro Luiz Fux [...] ENTENDE que: 1. As limitações impostas à atividade comercial do contribuinte, [...], violam as garantias constitucionais da liberdade de trabalho, de comércio, e da livre concorrência. 2. A ratio essendi das Súmulas 70, 323 e 547 do STF indicia o repúdio da jurisprudência às formas coercitivas de cobrança do tributo mediante autotutela oblíqua pela Administração Tributária. 3. O regime especial não pode mudar a forma de cobrança do tributo (p. 1). (M4.I.05)

(79) Wind e Mahajan (1997) JUSTIFICAM a importância do estudo da inovação pelo marketing por meio das mudanças tecnológicas experimentadas na computação e nas comunicações; pela globalização dos negócios e pela emergência de clientes regionais e globais; pela mudança de comportamento, necessidades e valores da população; pelo aumento da interferência da opinião pública sobre os negócios e pelas mudanças das práticas administrativas (p. 19). (T3.I.22)

(80) Outros ACREDITAM que sua origem seja psicocultural, isto é, a reação ciumenta surge em decorrência de um outro fator maior, que coloca em risco nossa segurança afetiva, pois nós depositamos, nas coisas e nas pessoas, um valor de propriedade que representa nada mais que nós mesmos (p. 17). (D8.F.15)

É a forma mais utilizada no discurso acadêmico, a informação contida na proposição encaixada é de autoria da fonte que aparece no enunciado antepondo um predicado encaixador flexionado na 3ª pessoa, como pode ser visto nos exemplos (77) e (78), no singular; e (79) e (80), no plural. Ao fazer tal escolha, o produtor textual se distancia da asserção de um conteúdo proposicional, ficando a confiabilidade dessa informação atribuída à credibilidade da fonte presente. Outro fato relevante é que esse uso é providencial para a instância científica, já que uma pesquisa está sempre fundamentada em pesquisas anteriores no intuito de reafirmar ou refutar o conhecimento científico já produzido.

4ª) Predicado encaixador (3ª pessoa do singular + pronome impessoalizador⁶⁹):

(81) Neste breve resgate do acesso à propriedade da terra no Brasil, PERCEBE-SE que a produção familiar na agricultura brasileira aparece como forma de produção alternativa às grandes plantações, e, como tal, desenvolveu-se nas fronteiras dessas propriedades, ocupando pequenas extensões de terras, utilizando tecnologias rudimentares e destinando a produção em grande parte para o autoconsumo (p. 11). (D1.F.07)

A opção por essa forma verbal é uma estratégia de preservação do produtor textual quanto ao que foi asseverado no enunciado e revela uma impessoalidade retórica. Além de parecer que há uma neutralidade do produtor do texto, também parece que a informação não é apenas dele, mas que qualquer pessoa pode “perceber” a informação inferida, tomando o predicado encaixado do exemplo (81).

⁶⁹ Índice de indeterminação do sujeito.

5ª) Predicado encaixador (gerúndio):

(82) Finalizando, é importante destacar que mesmo com todos os princípios expostos norteando a formação inicial, deve-se, RETOMANDO Ponte e cols. (s/d), admitir que a formação não se completa na Licenciatura, mas articula-se com a formação continuada... (p. 90). (D7.C.08)

O gerúndio indica uma ação em andamento, um processo verbal ainda não finalizado, podendo ser usado em locuções/perífrases ou sozinho, quando adquire uma função de advérbio. O efeito produzido no exemplo (82), quando o produtor textual escolhe uma forma como essa para explicitar a fonte da informação, é o de que a responsabilidade com o conteúdo que está sendo construído deve ser atribuída à fonte da informação.

6ª) Predicado encaixador (gerúndio + pronome impessoalizador):

(83) A finalidade deste capítulo será apresentar uma resenha das abordagens teóricas de leitura em circulação no Brasil nos últimos anos, SUPONDO-SE que essas constituem-se num dos campos de força que podem atuar na composição das imagens de leitura do professor que se refletem, com menor ou maior intensidade, nos modos de leitura de textos efetivados na escola (p. 46). (T4.F.20)

O acréscimo do pronome impessoalizador ao gerúndio é uma estratégia que revela a continuidade da ação verbal atrelada à participação de qualquer pessoa, ou seja, tomando o predicado encaixador do exemplo (83), a ação de supor não termina e pode ser inferida por alguém que, não necessariamente, é o produtor textual. Com tal estratégia, o autor parece envolver o leitor na construção argumentativa dos sentidos do texto.

7ª) Predicado encaixador (Locução verbal: auxiliar flexionado + particípio):

(84) Nos estudos de Buss et al., (1992) FOI DESCRITO que tanto os homens quanto as mulheres se preocupam com a possível perda de seus parceiros, sendo que os homens são particularmente mais preocupados com a infidelidade sexual e as mulheres com a infidelidade emocional (p. 49). (D8.C.13)

(85) O ciúme é um sentimento universal, experienciado quando um relacionamento romântico encontra-se ameaçado. Esta afirmação FOI DESENVOLVIDA por Hupka e cols (1985), apontando congruência entre fatores de ciúme em amostra de sete países, Hungria, Iugoslávia, México, Holanda, União Soviética e Estados Unidos (p. 12). (D8.I.09)

A voz passiva é a forma escolhida nesse tipo de situação, o sujeito é o próprio conteúdo que é produto das ações (descrever, desenvolver) por um agente que se apresenta como fonte legítima desse conteúdo. Nesse caso, o produtor textual usa tal artifício para se eximir da responsabilidade de afirmar alguma coisa, não se envolvendo com o conteúdo dito, como observado nos exemplos (84) e (85).

8ª) Predicado encaixador (Locução verbal: modal flexionado + pronome impessoalizador + infinitivo):

(62) DEVE-SE RECONHECER, de início, que o Estado de bem estar social brasileiro, como todas realidades sociais, não é imóvel, imutável. Move-se quando entra em crise, ou seja, quando perde a possibilidade de reproduzir segundo seus princípios estruturadores (p. 30). (M10.F.15)

(86) O bit é o conceito fundamental da computação clássica e da informação clássica. Ele pode assumir dois estados - 0 ou 1. PODE-SE PENSAR num bit clássico como sendo um sistema físico clássico de dois níveis (p. 15). (M6.F.08)

A escolha nesse caso é estratégica no sentido de que produz uma neutralização do produtor textual em relação ao seu envolvimento com a proposição, modalizando o predicado encaixador com as noções deônticas e epistêmicas (exemplos 62 e 86), já que este não se coloca como a fonte da informação proposicional. A indeterminação da fonte que seria o sujeito indeterminado das ações implicadas nos verbos em forma não finita leva a crer que o conteúdo pode ser atribuído a qualquer pessoa.

9ª) Predicado encaixador (Locução verbal: modal flexionado em 1ª pessoa+ infinitivo):

(87) Partindo destes elementos, em sentido mais global PUDE PERCEBER que o instrumento de avaliação de softwares pode realmente aproximar mais o professor da análise dos softwares educativos ou aplicáveis a educação (p. 110). (D6.C.04)

Pude perceber é diferente de *percebo*; no primeiro, há uma noção de possibilidade, no segundo, de factualidade. Isso diferencia a escolha do produtor textual que, ao usar um predicado encaixador nesse formato, ameniza seu o envolvimento com o conteúdo asseverado.

10^a) Predicado encaixador (Construção com verbo-suporte):

(88) ... a profundidade de penetração de 40,5 cm corresponde ao ano de 1958, 3 anos após o início das explosões, sugerindo que o Cs137 não migrou para as camadas mais profundas após sua deposição. Essa é a primeira vez — pelo que TENHO CONHECIMENTO — que essa detecção é reconhecida na América do Sul (p. 80). (T1.C.04)

Em construção desse tipo, o produtor textual se coloca como a fonte da informação se responsabilizando consideravelmente pelo que está dizendo. A escolha por esse modelo de predicado encaixador pouco ocorre, já que o produtor textual pode simplesmente dizer *conheço* ao invés de *tenho conhecimento*, significando o mesmo. Todavia, pode abrir margem para a possibilidade de o autor ter apenas conhecimento parcial dos fatos.

a.2) A marca evidencial substantiva

Substantivos de cognição, crença, opinião, elocução ocorrem de forma bem peculiar ao indicar a fonte de uma informação. A projeção da evidencialidade aparece em sintagmas nominais nos quais a fonte encontra-se no modificador do substantivo, na forma de SP=prep+SN. Apresento alguns exemplos do *corpus*:

(65) Seguindo A IDEIA DE Deutsch, imagine que se tenha uma caixa preta que computa uma função que mapeia um simples bit x para um simples bit $f(x)$ (p. 18). (M6.F.12)

(89) Essa proposição do autor passa a ter base empírica a partir da demonstração das relações íntimas que ocorrem nos comportamentos de orientação para mercado, representando o foco no cliente ou no marketing, NOS TERMOS DE Drucker, e inovação (p. 143). (T3.C.20)

(90) De uma forma sucinta, pode-se entender, portanto, que Slater e Narver (1995) sustentem que uma cultura favorável à orientação para o mercado e para o empreendedorismo, combinada com fatores de clima organizacional que estabeleçam condições de flexibilidade organizacional e uma liderança comunicativa, seja o elemento antecedente de uma empresa de aprendizagem. [...] Infelizmente, ESSA PROPOSIÇÃO DE Slater e Narver (1995) aparentemente fica apenas como uma especulação, uma vez que, até onde alcançou essa revisão de literatura, nenhuma pesquisa empírica sustenta esse modelo (p. 33). (T3.F.42)

(91) Já no final da década de trinta e início da década de quarenta, Osório Borba questionava o motivo do 'arquivamento' inexplicável das obras de Lima Barreto, pois haviam se passado vinte anos de “pausa na circulação” e essas só seriam encontradas nas bibliotecas ou em sebos, e ainda NAS PALAVRAS DAQUELE autor, o “caso de Lima Barreto é o mais estranho (p. 7). (D4.I.26)

A descrição formal em cada exemplo difere apenas quanto ao determinante (art/pron+N+prep). Em alguns casos, é relevante a distinção pela subclassificação dos pronomes (possessivos, demonstrativos e indefinidos).

Nas ocorrências seguintes, a estrutura aparece modificada (prep+pron+N), mas é similar à anterior. Os pronomes possessivos associados aos nomes de opinião revelam a fonte dos conteúdos asseverados.

(92) A partir deste ponto, o uso do computador passa a se tornar um problema inerente à educação e ao educador voltados à formação do cidadão, AO MEU VER um dos principais condutores que justificam a necessidade de aprimoramento do fazer educacional (p. 15). (D6.I.05)

(93) DO NOSSO PONTO DE VISTA, a escola deve continuar evoluindo no sentido de tomar o acidente como acontecimento passível de prevenção e no sentido de capacitação dos educadores para procedimentos mais simples de cuidados aos acidentados, mas também para suporte básico de vida que, em alguns países, já é extensivo a qualquer cidadão (p. 117). (D5.C.12)

As construções com tais substantivos não foram consideradas como casos de locução prepositiva pela transparência e vulnerabilidade dessas expressões, como já sugerido anteriormente.

a.3) A Marca evidencial adjetiva

Quanto à manifestação da evidencialidade por meio de um adjetivo, ocorre em expressões formadas por itens lexicais derivados de verbos com complemento nominal (-ado, -ido) regido das preposições *por*, *de*, *em*. Casos desse tipo ocorreram neste *corpus* das seguintes formas:

(94) Tomando essa discussão por seu aspecto pragmático, a capacidade de explicação da variabilidade do construto de orientação para mercado DESENVOLVIDO POR Kohli, Jaworski e Kumar (1993) e aprimorado por Matsuno, Mentzer e Rentz (2000) determina que basta avaliar a existência do comportamento para se ter uma ideia precisa do grau de orientação para mercado de uma organização (p. 24). (T3.F.18)

(95) INSPIRADOS EM Imbernón (2000), destacamos que a formação do professor vai além daquilo que a racionalidade técnica estabelece, lembrando que o autor menciona três componentes que devem estar presentes na formação profissional do professor: conhecimento científico; conhecimento psicopedagógico e conhecimento cultural (p. 28). (D7.F.33)

(96) O sistema ótico usado, DESCRITO EM detalhe em Günther et al. (1998), permite a observação visual do processo de bombardeamento através de uma fonte LED e uma câmera CCD (p. 9). (T10.I.12)

(97) Os fatores restantes, orientação para mercado e inovação, os mesmos PREVISTOS POR Drucker (1954), direcionam o foco de pesquisa dessa área a um problema anteriormente explorado por Workman (1993a) (p. 39). (T3.F.56)

(98) As propriedades eletrodinâmicas básicas do estado supercondutor, condutividade perfeita e efeito Meissner, podem ser descritas qualitativamente através das equações PROPOSTAS PELOS irmãos London para os campos elétrico e magnético microscópicos... (p. 26). (T6.F.04)

Nessa categoria é importante ressaltar o valor sintático-semântico do adjetivo que, às vezes, relaciona quem fez alguma coisa – exemplos (94), (97) e (98), ou onde tal informação se encontra (exemplos 95 e 96). A diferença está na regência da preposição: *por* indicando meio acional e *em* indicando localização.

A fonte da informação é sempre nominal e antecedida pela marca evidencial adjetiva, sendo utilizada como estratégia para contextualizar o leitor em relação ao que já foi feito, que é uma característica particular do discurso acadêmico (é uma questão de *honestidade intelectual* referenciar o que já foi feito).

a.4) A marca evidencial prepositiva

A manifestação da marca evidencial prepositiva nos textos acadêmicos de grau ocorreu pela expressão de cinco tipos de itens diferentes (segundo, conforme, como, para, de acordo com) que apresentam a função singular de introduzir a fonte do conteúdo asseverado, os quais exemplifico a seguir:

(99) SEGUNDO Pereira (2003), com o sistema treliçado é possível executar as lajes armadas em uma ou duas direções (p. 27). (M8.F.05)

(100) CONFORME Vilela, a coroa portuguesa investiu em aparatos administrativos que serviram para nortear a ação política dos governantes locais tornando os nativos “guardiões de fronteiras” (p. 8). (D3.I.17)

(101) Tendência semelhante, a de observar os aspectos sociológicos, pode ser encontrada nos estudos literários, sobretudo nos que se aproximam das várias vertentes da Estética da Recepção, COMO Fish (1980) acima mencionado. (p. 17). (T4.I.11)

(102) PARA esta autora, uma das principais características da cultura desses índios "constitui-se nos seus dois séculos e meio de história de contato com a sociedade brasileira" (p. 19). (D3.F.04)

(103) DE ACORDO COM Domingos (2005), há dois tipos de contatos das rochas máficas vulcânicas com minério de ferro e jaspilito: (a) contatos concordantes: observados em contatos das rochas vulcânicas com jaspilito e com minério de ferro. [...] (b) contatos discordantes: são contatos por falha, sendo observados nos contatos das rochas vulcânicas com o minério de ferro [...] (p. 27). (T10.F.59)

A expressão *de acordo com* parece encontrar-se em um processo de gramaticalização e, portanto, está incluída entre os itens prepositivos, por isso não foi analisada como marca substantiva.

a.5) A marca evidencial adverbial

A utilização do advérbio como marcador evidencial no *corpus* coletado ocorreu de modo bastante reduzido, com uma única forma de manifestação (*evidentemente*). O efeito de sentido estabelecido em seu uso revela a fonte da informação como sendo o próprio produtor textual, já que, semanticamente, indica um grau de certeza em relação ao conteúdo que está sendo asseverado, criando uma expectativa acerca da proposição no que diz respeito a algo que ficou tão claro que se compreendeu prontamente, dispensando qualquer tipo de demonstração, por isso mesmo não oferecendo dúvida quanto à informação veiculada. O produtor textual, então, compromete-se quase completamente com o que está sendo declarado, consoante mostro nos exemplos abaixo:

(104) EVIDENTEMENTE, sempre será obtido $l+i$ se a função é balanceada, e $l?i$ se a função é constante (p. 19). (M6.F.14)

(105) EVIDENTEMENTE que tal fenômeno não é exclusividade do município de Areia Branca e nem tampouco do estado de Sergipe, mas é um problema que se arrasta na história do espaço agrário brasileiro persistindo até hoje (p. 45). (D1.F.60)

(106) Existia, EVIDENTEMENTE, a "tendência dos colonizadores em desrespeitar as condições de utilização da mão-de-obra aldeada" (p. 85). (D3.C.01)

b) Análise descritiva de alguns meios de indicação da fonte convencionalizados pela ABNT⁷⁰

A manifestação da evidencialidade no discurso acadêmico apresenta-se de forma muito particular à argumentação neste tipo de discurso, a qual já denominei marca evidencial convenções da ABNT (CARIOCA, 2005). Nesta pesquisa, distingo dois tipos de ocorrências evidenciais: a justaposição da fonte e as convenções citativas da ABNT. Exclusivamente, essa expressão está relacionada aos gêneros textuais científicos que se constituem pela sistematização das citações, que “são as ideias retiradas dos textos lidos e servem para dar a fundamentação teórica para os trabalhos acadêmicos comprovando a fonte das quais foram extraídas” (MELO *ET AL.*, 2009, p. 42).

Na análise empreendida, tal manifestação projetou-se em conformidade com o formato técnico veiculado pelas entidades científicas e após a proposição asseverada. Apresento, a seguir, os tipos constantes no *corpus* desta tese:

b.1) Fonte de citação indireta com simples justaposição

(29) ... os pesquisadores poderiam voltar sua atenção para resenhas cujo propósito comunicativo caracteriza-se mais pelo aspecto “promocional” (BHATIA, 1997a, 1997b)... (p.107). (D10.C.22)

(107) Tais medidas não somente carecem da acurácia e detalhes necessários, como também não refletem adequadamente as taxas dentro do entorno dos 20 cm superiores do sedimento onde significantes trocas sedimento-água estão ocorrendo no presente momento (ROBBINS E EDGINGTON, 1975) (p. 1.). (T1.I.02)

A citação indireta é seguida de uma forma de justaposição simples da fonte da informação, de um procedimento por meio do qual o produtor textual atribui os créditos à fonte de um conteúdo incorporado por ele.

Cabe ressaltar que, em relação à indicação da fonte logo no início (com preposição ou verbo) o distanciamento seria maior. Esse tipo de justaposição explicita a fonte como parcialmente responsável pelas afirmações feitas anteriormente pelo autor do trabalho acadêmico.

⁷⁰ Associação Brasileira de Normas Técnicas.

b.2) Fonte de citação indireta com expressão latina

(108) Por isso recorreu-se a Lamarche (1993, p. 15) que entende a exploração familiar como “uma unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família”. E ainda que “as explorações familiares não constitui um grupo social homogêneo...e não é portanto um elemento da diversidade, mas contém nela mesma toda essa diversidade” (*IDEM*, p.18) (p. 23). (D1.F.37)

(109) É preciso que se considere o direito humano à alimentação como primordial, que antecede a qualquer outra situação, de natureza política ou econômica, pois é parte componente do direito à própria vida. A questão alimentar mexe com interesses diversos e até contrários, o que faz com que a definição do significado da segurança alimentar se transforme em um espaço de disputa. Além do mais, não é um conceito já estabelecido, mas em construção (MALUF; MENEZES, *OP. CIT.*, p.3) (p. 25). (D2.F.05)

Nesse formato de citação indireta que retira do produtor textual parte da responsabilidade sobre o que foi dito, observa-se a presença de abreviaturas convencionalizadas no meio acadêmico e formatadas pela ABNT. No exemplo (108), o produtor textual usa corretamente esta marca evidencial, o que não acontece em (109), pois o autor repete o sobrenome dos autores adjunto da abreviatura, tornando a informação redundante.

b.3) Fonte de citação em nota de rodapé (com expressão latina, abreviatura ou referência completa)

(110) Como afirma Almeida, embora essa política tenha regulamentado “as condições em que se fazia legítima a liberdade dos índios, ainda deu margem à continuidade de certas práticas de escravidão”⁷ (p. 2). (D3.I.04)

(111) Mesmo antes de surgir o termo Mato Grosso, o lugar já era conhecido pelos preadores de índios como *sertão dos Parecis*⁴⁹ (p. 15). (D3.F.01)

(112) O enredo do romance também se distingue da maior parte da ficção anterior por utilizar a experiência passada como causa da ação presente: uma relação causal atuando através do tempo substitui a confiança que as narrativas mais antigas depositavam nos disfarces e coincidências, isso tende a dar ao romance uma estrutura muito mais coesa³² (p. 14). (D4.F.10)

⁷ *Ibidem*, p. 15. Esta autora acrescenta, ainda, que “Aparentemente, este regimento suscita rupturas, mas (...) continua e consolida as ações colonizadoras anteriores”.

⁴⁹ Cf. FONSECA, 1977 e MACHADO, 1993.

³² WATT, Ian. A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 22-23.

A fonte da informação, neste caso, aparece fora do texto, ao final da página, em nota de rodapé. É uma notação comum nos trabalhos acadêmicos.

c) Fonte de citação em enunciado com traços evidenciais

O enunciado metadiscursivo é a manifestação evidencial por meio da qual se informa a fonte de uma informação, de modo não convencionalizado ou normalizado.

Os exemplos a seguir mostram tais ocorrências.

(113) A ideia é criar uma maior coesão e eliminar problemas que o pessoal da sede costuma imputar à má execução dos projetos, enquanto a representação muitas vezes argumenta que o desenho da sede é distante da realidade (ENTREVISTA COM RITA SÓRIO, REALIZADA EM OUTUBRO DE 2007) (p. 17). (D10.F.08)

(114) Ao fim e ao cabo, Weber (1982, p.98) insistiu que “o Estado é uma comunidade humana que pretende, com êxito, o monopólio do *uso legítimo* da força física dentro de um determinado território”. GRIFO DO AUTOR. (p. 50). (T2.F.39)

Até aqui a expressão da evidencialidade foi verificada em seus aspectos sintáticos. Passo, então, a considerar as escolhas do produtor textual em seus aspectos semânticos, analisando as estratégias utilizadas para a aproximação ou o afastamento, em graus variados, do que é dito.

6.1.2 Aspectos semânticos

No funcionalismo linguístico a semântica é regida pela pragmática. Dessa forma, a proposta nesta pesquisa é que os aspectos semânticos estipulados estão subordinados a uma situação de uso.

Quanto à natureza semântica da evidência, assumo que a marca evidencial depende da integração de três fatores para que se verifique sua natureza – tipo de fonte, tipo de acesso evidencial e natureza evidencial da informação, conforme especificado na seção 5.2.1, os quais são descritos separadamente, para uma melhor interpretação das categorias.

6.1.2.1 O tipo de fonte

Do total de 1500 ocorrências do *corpus* organizado, a maior frequência quanto ao tipo de fonte da informação foi a de origem externa definida, com 1228 casos. Na ocorrência do sujeito-enunciador como a origem da proposição foram coletados 64 casos. Enquanto a fonte externa indefinida totalizou 05 dados, a fonte do tipo domínio comum totalizou 203. Mostro no gráfico a seguir, o percentual obtido com a análise destes dados:

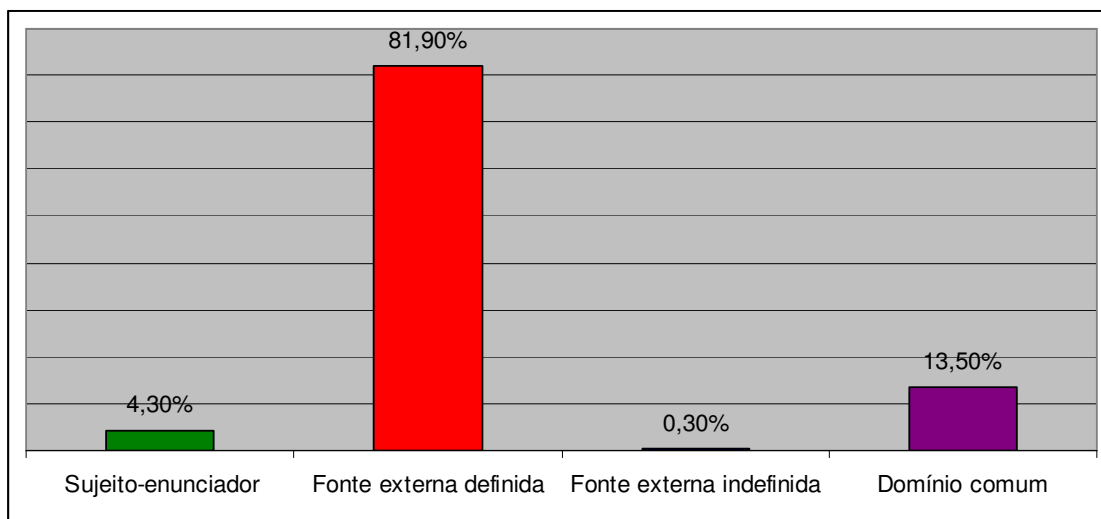


Figura 06: Tipos de fonte evidencial nos textos acadêmicos de grau.

Os exemplos a seguir ilustram os resultados da tipologia apresentada:

(80) Outros ACREDITAM que sua origem seja psicocultural, isto é, a reação ciumenta surge em decorrência de um outro fator maior, que coloca em risco nossa segurança afetiva, pois nós depositamos, nas coisas e nas pessoas, um valor de propriedade que representa nada mais que nós mesmos (p. 17). (D8.F.15)

O que ocorre no exemplo (80) é um caso de fonte externa indefinida, pois não conseguimos detectar a fonte da informação pelo fato de haver a indeterminação quanto ao sujeito do conteúdo proposicional.

(115) ACREDITO que com a formação do banco de dados e um treinamento virtual de acesso a este banco de dados o professor estará em maior contato com a análise da qualidade dos produtos disponibilizados para ele (p. 110). (D6.C.03)

Em (115), o produtor textual poderia ter escrito a informação de forma descompromissada e atenuando sua responsabilidade, contudo, deixa o leitor entrever que ele é o sujeito-enunciador, isto é, a fonte primária da informação, quando usa a primeira pessoa verbal no singular, estabelecendo uma relação pessoal, só dele e de mais ninguém, comprometendo-se claramente com aquilo que enuncia e tornando-se responsável pela informação veiculada.

(116) Mas PODEMOS AFIRMAR que estamos caminhando para soluções mais permanentes, e que o esforço dos envolvidos com a questão trará uma melhor condição de vida a muitas pessoas (p. 36). (D2.F.55)

O mesmo ocorre em (116), pois a marca evidencial verbal flexionada na primeira pessoa do plural propaga uma informação que, apesar de ser escrita dando a entender que várias pessoas partilham a asserção proferida, é encaixada por um predicado encaixador proposicional (afirmar) que fortalece a firmeza do conteúdo asseverado que, na verdade, é só dele.

(117) “Para que um rio afogue um homem é preciso que tenha apenas a profundidade de sua fome”, DIZIA João Cabral de Melo Neto... (p. 88). (M2.C.13)

Por outro lado, no exemplo (117), há explicitamente identificada a fonte da informação (João Cabral de Melo Neto) introduzida pela marca evidencial verbal em terceira pessoa do singular, que, obviamente, não é o produtor textual, ou seja, uma origem externa, já que parece que ele apenas relata o que disse o autor citado, sem se comprometer com o que foi dito.

(118) Por todas essas razões, CONSIDERA-SE que os resultados obtidos pelo presente estudo possam ser considerados relevantes tanto por seu impacto sobre a teoria quanto por sua aplicação gerencial (p. 20). (T3.I.33)

Já na ocorrência do exemplo (118), destaco a origem da fonte da informação como sendo compartilhada, ou seja, uma fonte domínio comum, pois a utilização da terceira pessoa do singular + a partícula “se” revela um efeito de diluição da responsabilidade com o que foi dito. O sentido estabelecido é de uma situação de compartilhamento do conteúdo asseverado que dá a

entender que a informação dita é interna ao produtor textual e foi aceita não por uma, mas por várias pessoas, as quais chegaram à mesma “consideração”.

6.1.2.2 Acesso evidencial da informação

Outro aspecto semântico de uma marca evidencial é o tipo de acesso evidencial, isto é, o efeito de sentido que ela estabelece com a projeção da informação em “relação ao tipo de experiência sensorial/cognitiva que deu origem ao conhecimento asseverado” (GALVÃO, 2001, p. 97), de forma direta, menos direta ou indireta.

a) Evidencialidade direta

(62) DEVE-SE RECONHECER, de início, que o Estado de bem estar social brasileiro, como todas realidades sociais, não é imóvel, imutável. Move-se quando entra em crise, ou seja, quando perde a possibilidade de reproduzir segundo seus princípios estruturadores (p. 30). (M10.F.15)

Pelo uso do verbo *reconhcer* em (62), o produtor textual transparece sua experiência sensorial direta, pois o *reconhecimento* se dá pela experiência vivenciada de algo já conhecido.

(119) POSSO, portanto, AFIRMAR que se a escola não pretende passar por outra defasagem irrecuperável referindo-me a absorção adequada da tecnologia disponível, rechaçando esta tecnologia, tornando-se ainda menos atraente para as crianças, ou conforme as ingênuas, mas reveladoras, afirmações de Gates (op.cit.) de que o computador não se constitui uma ameaça aos professores, um único caminho se torna possível: *a dedicação ao estudo do que poderá fundamentar a prática da informática educacional e sua epistême* (p. 17). (D6.I.15)

(120) O que QUERO PROPOR aqui é que, se podemos afirmar que os debates sobre a adoção de políticas de ação afirmativa no Brasil, sob os quais o PDU foi desenhado e redesenhado, têm fortes influências de formulações teóricas produzidas no plano internacional, é preciso fazer a ressalva de que tais debates aqui ganham contornos próprios e específicos (p. 123). (D10.C.24)

Nas ocorrências dos exemplos (119) e (120) ênfase ainda a marca evidencial direta. O que observo no exemplo (119) fornece uma ideia de que a informação foi gerada pelo próprio produtor textual a partir de uma experiência pessoal na qual adquiriu o conhecimento descrito, pois só pode haver afirmação de algo que já foi experienciado. Outro caso aparece em

(120), quando o produtor textual estabelece um predicado encaixador de *atitude proposicional*, ele vivenciou o conhecimento explicitado no ato de sua fala baseando-se em prévia experiência sensorial.

b) Evidencialidade menos direta

(121) A partir da pesquisa empreendida PUDE PERCEBER que tais concepções têm, por um lado, forte relação com um movimento internacional de maior regulação dos direitos humanos, em especial de uma nova geração de tais direitos, que vêm se construindo desde os anos 1960, consolidando-se, notadamente, a partir dos anos 1980 e 1990, sob perspectivas diversas (p. 122). (D10.C.08)

(122) Se SE SUPÕE que a taxa média de precipitação de Pb210 sobre o mar é próxima daquela sobre o continente, os dados da tabela 3 mostram que a atmosfera contribui com cerca de 20 % da quantidade de Pb210 na água do mar (p. 8). (T1.F.06)

Quanto aos exemplos (121) e (122), reconheço a existência da marca evidencial menos direta porque o produtor textual infere suas afirmações a partir de evidências disponíveis a ele através de sinais no plano discursivo de seus referenciais bibliográficos e/ou de análise. Ressalto ainda que os verbos *perceber* e *supor* aplicados nas ocorrências são verbos que, caracteristicamente, veiculam o ato inferencial.

c) Evidencialidade indireta

(123) As memórias diferem da autobiografia, SEGUNDO Lejeune, por não possuírem apenas uma das quatro categorias: o tema tratado; a vida do autor. Daí entre os gêneros memorialistas é o mais impreciso devido a sua mobilidade (p. 22). (D4.F.24)

(124) A beleza indicada pelo ponto de vista masculino é simbolizada por dados de (saúde, simetria facial, corpórea e juventude) e pelo ponto de vista feminino por recursos materiais (pela habilidade, saúde e imunocompetência) (DIAMOND (1995) e MOLLER (1997)) (p. 11). (D8.I.04)

Já nos casos apresentados nos exemplos (123) e (124), o produtor textual relata conhecimentos que estão disponíveis na comunidade em que ele participa, caracterizando, então, a ocorrência da marca evidencial indireta, pelo fato de que sua utilização partiu do *ouvir-dizer* na literatura a que teve acesso.

Na figura 07 represento o percentual encontrado para os tipos de acesso evidencial:

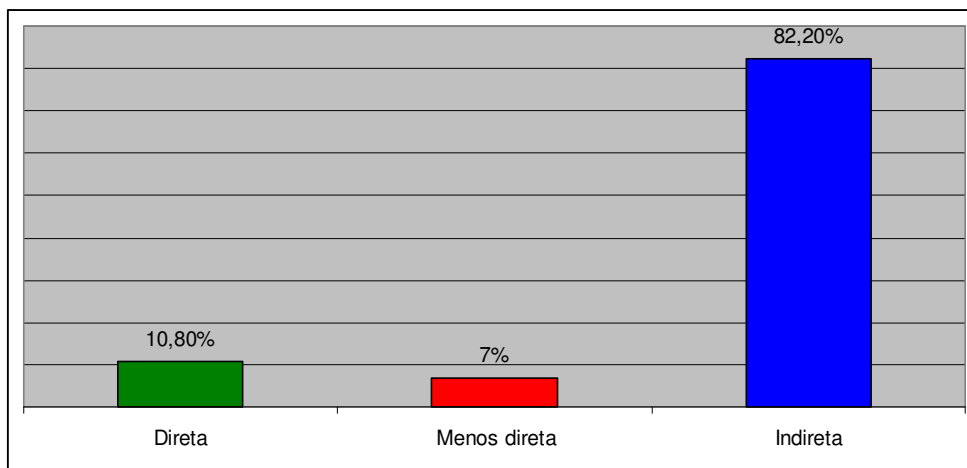


Figura 07: Acesso evidencial da informação nos textos acadêmicos de grau.

Depreendo do gráfico que a escolha estratégica da marca evidencial indireta se mostrou como a mais recorrente no *corpus* analisado, pois das 1500 ocorrências que obtive na coleta dos textos acadêmicos de grau, verifiquei que houve a predominância da marca evidencial indireta com 1233 exemplos; em segundo lugar, aparece a marca evidencial direta, com 162 casos e, em terceiro e último lugar, com 105 ocorrências, o tipo menos direto.

A noção evidencial indireta aparece como predominante no gráfico observado, um condicionamento imediato disso é o tipo de discurso estudado, pois o produtor de um trabalho acadêmico de grau recorre a muitas pesquisas para embasar a sua apropriação teórica, outra razão é a convenção de neutralização do autor em relação a um texto científico, conforme foi apresentado no capítulo sobre o discurso acadêmico.

O produtor textual de um trabalho acadêmico de grau necessita fazer referência aos trabalhos que se destacam na sua área de pesquisa para validar seu trabalho.

6.1.2.3 A natureza evidencial da informação

O terceiro fator de análise semântica é definido como a natureza evidencial da informação pela análise da marca evidencial utilizada pelo produtor textual, ou seja, é uma estratégia que permite diagnosticar se o produtor textual, ao citar a fonte de uma informação,

argumentou (com base em conhecimentos próprios, crenças de sua subjetividade), deduziu (com base em pistas), experimentou (com base na sua vivência) ou citou (com base na autoria).

A análise da natureza semântica da evidência nas monografias, dissertações e teses que compõem o *corpus* deste estudo detectou a utilização da marca evidencial conforme a distribuição apresentada na tabela 03:

MARCA EVIDENCIAL	FREQUÊNCIA
Subjetiva	83
Experencial	87
Inferencial	101
Relatada	1229

Tabela 03: Frequência da manifestação da natureza evidencial da informação

Tais marcas podem ser visualizadas nos exemplos abaixo:

a) Subjetiva

(125) O despreparo pedagógico deve ser investigado pois surgem empresários atuando em educação com pouco comprometimento com as tendências pedagógicas, isto quando estas lhes são familiares, o que ACREDITO não ser o mais comum (p. 12). (D6.I.02)

(126) O instrumento para avaliação de *softwares* - Garimpo - está proposto. SEI que ainda deveremos aperfeiçoar sua lógica e funções. Hoje, em abril de 1998, estou convencido de que este *software* deverá ser adaptado para a linguagem da rede e seus bancos de dados sediados em alguma universidade do Brasil (p. 111). (D6.C.05)

A manifestação da evidencialidade no exemplo (125) evoca no leitor a ideia de uma posição de comprometimento do autor do trabalho acerca de algo. Fato semelhante ocorre no exemplo (126), só que agora o produtor textual utiliza o verbo *saber* para explicitar a noção de reconhecimento de um argumento, o que poderia ser apresentado como crítica ao que é defendido por ele na dissertação. Estes dois predicados encaixadores (*acreditar* e *saber*) configuram uma atitude proposicional do produtor textual.

b) Experencial

(127) Em geral, o cerrado apresentou um estreito intervalo nos valores de amplitude que não permitiu caracterizar a resposta desta formação vegetal no primeiro harmônico. Ao analisar a resposta de uma

amostra da área, VERIFICOU-SE que a sazonalidade desta formação vegetal pode ser modelada com os três primeiros harmônicos (p. 105). (T9.C.03)

Esclareço que, no exemplo (127), há uma perspectiva evidencial do tipo experiencial proeminente quando o produtor textual expõe resultados por meio do verbo *verificar*, com o efeito de sentido de ter realizado algo, baseando-se em experiência física realizada.

c) Inferencial

(128) Estas citações ilustram o que pretendo afirmar como ponto de partida para justificar minha dissertação quanto a sua importância e atualidade e POSSO PERCEBER que nestes dois anos e meio de trabalho as mudanças dentro da Informática Educativa já foram suficientemente emergentes para que algumas observações pareçam desatualizadas (p. 17). (D6.I.12)

(129) Essas indagações se explicam pelo fato de hoje CONSTATARMOS que, não obstante as solenes e celebradas Declarações, há um enorme contingente de seres humanos desamparados, desprotegidos, injustiçados pelas instâncias que deveriam protegê-los (p. 22). (M2.F.04)

Já nos exemplos (128) e (129), a natureza evidencial em foco é a inferencial, pois as proposições veiculadas são encaixadas em verbos que traduzem uma carga semântica de dedução ou conclusão lógica acerca de algo (*perceber / constatar*), daí o produtor textual estar baseando-se na interpretação ou no raciocínio tendo, como ponto de partida, a investigação de pistas cotextuais ou contextuais.

d) Relatada

(130) PARA Poulantzas (1984) o Estado seria uma *condensação material das relações de força* existentes na sociedade, ou seja, uma arena na qual as frações hegemônicas disputariam em curto prazo os seus interesses e em longo prazo os da classe a qual pertencem, adquirindo autonomia diante dos interesses particulares em disputa (p. 45). (T2.F.22)

(131) Oliveira (1997) AFIRMA que: "O que se percebe em todos os documentos referentes à informática educativa é a ausência da participação de professores, alunos, funcionários e pais de alunos na definição das contribuições que aquele recurso pedagógico - *o computador* - poderia ter na redefinição do papel político-pedagógico a ser alcançado pela escola." (pp. 26-27). (D6.F.21)

Neste par de exemplos, destaco a utilização da evidencialidade relatada. O produtor textual, na ocorrência do exemplo (130), faz uso da preposição indicadora da origem da informação *para* e introduz tanto a fonte como a informação propriamente dita. Outra estratégia que também associada ao relato de uma informação é o ocorrido no exemplo (131), quando o produtor textual cita nominalmente a origem da informação e, em seguida, introduz um verbo flexionado em 3ª pessoa, fazendo referência direta à fonte, para, na sequência, enunciar os conteúdos proposicionais vinculados ao autor citado.

Informo, no gráfico abaixo, o percentual obtido na análise através da investigação das ocorrências:

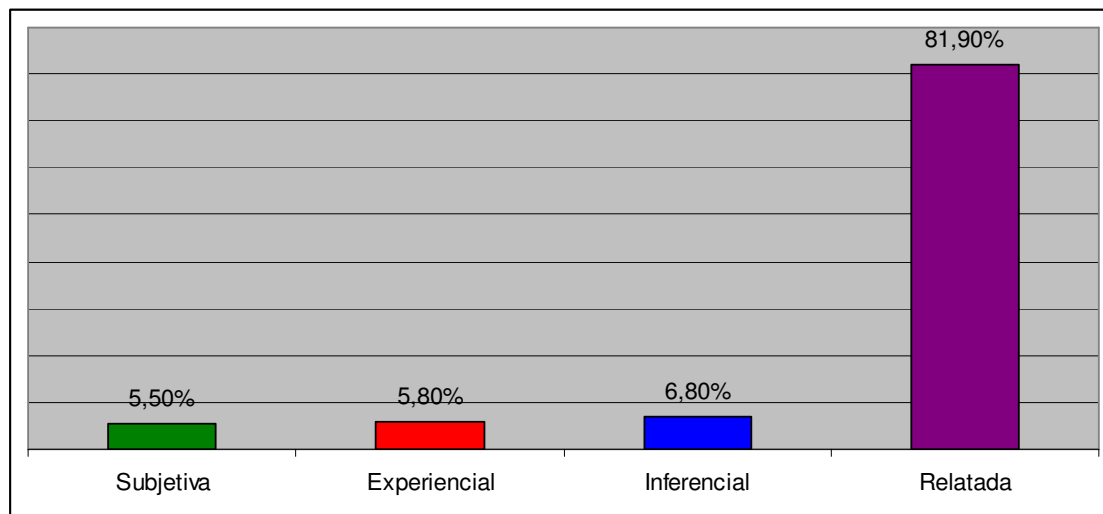


Figura 08: A natureza evidencial da informação nos textos acadêmicos de grau.

O gráfico explicita a larga utilização da marca evidencial relatada como estratégia discursiva no texto científico de grau. Como afirmei anteriormente, isso decorre do tipo de discurso em questão, caso das monografias, dissertações e teses, que serviram de material linguístico de análise para a composição desta tese.

Na produção de um trabalho acadêmico de grau é extremamente relevante a utilização de fontes de referência (argumentos de autoridade) para reforçar a pesquisa empreendida e uma possível aceitação no âmbito científico de veiculação.

6.1.3 ASPECTOS PRAGMÁTICO-DISCURSIVOS

No paradigma funcionalista, a pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas e analisadas e, por isso, aqui é considerada o aspecto mais importante. Todas as categorias de análise anteriormente explicitadas estão sujeitas a ela (cf. 6.2).

6.1.3.1 O Comprometimento da marca evidencial no enunciado

O grau de comprometimento do produtor textual com a fonte da informação veiculada se dá em três níveis: alto, médio e baixo, conforme especificado em 4.3. Nesta análise ocorreram 1369 ocorrências de baixo comprometimento, 90 de médio comprometimento e apenas 41 casos de alto comprometimento. O percentual alcançado é representado na figura 09:

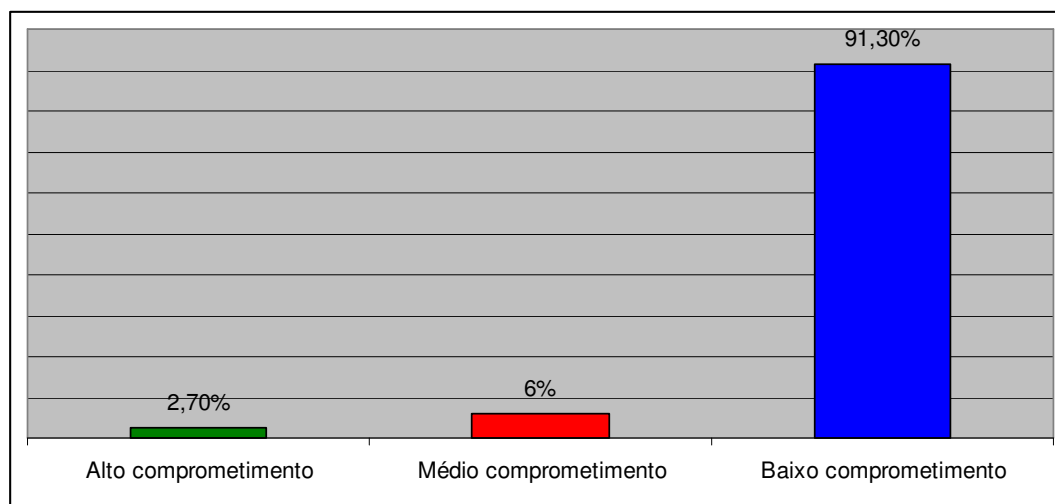


Figura 09: Comprometimento da Evidência nos textos acadêmicos de grau.

Apresento, a seguir, alguns exemplos demonstrando a forma como essa gradação é utilizada no *corpus* coletado:

a) Alto comprometimento

(132) Em um segundo momento, BUSCO PENSAR a categoria “Estado” a partir das relações que se estabelecem entre diferentes atores institucionais no processo de definição de uma ação política como o PDU – primeiramente uma *instituição de desenvolvimento*, o BID, vinculado ao mundo da *cooperação*

técnica internacional para o desenvolvimento; depois, as organizações do chamado “terceiro setor” (ou da “sociedade civil”), comumente caracterizadas como *nãogovernamentais* (p. 10). (D10.I.13)

(133) Por isso AFIRMAMOS que a tecnologia imposta ou absorvida à educação funciona como uma via de acesso e multiplicação das capacidades sensoriais, como por exemplo, o sentido, a percepção e o estímulo, simples armazenamento de dados, editoração e etc e dificilmente vamos além deste exercício (p. 36). (D6.F.29)

Nos exemplos (132) e (133), o alto comprometimento é revelado pelo uso da marca evidencial verbal flexionada em 1ª pessoa do singular, na qual o produtor textual assume total responsabilidade pela afirmação asseverada como sendo só dele, isto é, a fonte da informação é ele próprio, e pelos predicados encaixadores de conteúdo proposicional, quando do uso da 1ª pessoa do plural, caracterizando o plural de modéstia.

a) Médio comprometimento

(134) EM NOSSO ENTENDER, inspirado por Moraes (1997), Informática Educativa é compreendida como um recurso instrumental absolutamente interligado com a possibilidade de um novo *paradigma emergente*, e que traduz-se pela utilização do computador e das tecnologias que o complementam como elemento indispensável para a sua prática (p. 20). (D6.F.03)

(135) OBSERVAMOS que o modelo se ajusta perfeitamente aos resultados numéricos de dinâmica molecular para estruturas de alta simetria, como o estado $n = 1$ e $n = 2$, para todas as frequências e forças de ancoragem estudadas (p. 130). (T6.C.05)

Já nos exemplos (134) e (135), o produtor textual não se apresenta como única fonte da informação, porém não se distancia dela, esse tipo de envolvimento revela um médio comprometimento com o conteúdo asseverado, já que parece haver apenas uma atenuação da responsabilidade com a informação veiculada como se fosse dele e de mais alguém junto a ele.

O uso dessa estratégia também pode sugerir que o produtor textual, usando de modéstia, não quer se colocar como a única fonte da asserção.

c) Baixo comprometimento

(136) Em relação ao homem, não há qualquer tipo de adaptação fisiológica possível à desorientação espacial, ainda que se possa avançar no conhecimento profundo da fisiologia humana. No entanto,

estudos apontam que há menor susceptibilidade à desorientação espacial quanto maior a vivência do indivíduo, o que estimula o treinamento dos pilotos (READ, 1988) (p. 3). (D9.I.05)

(137) DE ACORDO COM John F. Magee [...], nas próximas décadas, a concorrência deverá se internacionalizar cada vez mais concentrando-se progressivamente nas potencialidades tecnológicas (p. 20). (T3.I.29)

O efeito de sentido de distanciamento com o que se está dizendo atinge seu grau mais elevado. Em (136) e (137), encontra-se uma citação de algo dito por alguém, logo o produtor textual se exime completamente do argumento citado, escondendo-se atrás do dizer do outro, ou porque não sabe ou porque quer usá-lo como argumento de autoridade para dar maior credibilidade ao que ele está veiculando. É interessante que, numa comparação entre os dois exemplos, considera-se o (137) com mais baixo comprometimento, pois a marca evidencial vem logo no início.

6.2 A EVIDENCIALIDADE COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA NOS TRABALHOS ACADÊMICOS DE GRAU

Nesta seção explicito a intencionalidade do produtor textual em relação às suas escolhas para a obtenção de um efeito de sentido específico.

6.2.1 O Grau de comprometimento através da marca evidencial

A relação que existe entre a evidencialidade e o nível de comprometimento com o que se diz é intrínseca, mediante o fato de que há uma ligação estreita entre ambos que reflete a maneira pela qual o falante/produtor textual manifesta a sua certeza sobre a veracidade do fato que está enunciando, assim como também o posicionamento dele no que diz respeito à informação dada quanto à gradação de sua confiabilidade na proposição veiculada.

Nesses termos, a marca evidencial funciona como uma estratégia discursiva, já que, ao produzir um trabalho acadêmico de grau, o produtor textual se utiliza grandemente da evidencialidade para projetar as informações, escolhendo a forma como isso vai ser feito. Quando revela o alto comprometimento, determina uma atitude de apropriação do sujeito-

enunciador, que se apresenta como a fonte do conteúdo asseverado; ou quando exibe o médio comprometimento, indica uma atenuação de responsabilidade por parte do sujeito-enunciador; ou ainda quando prefere imprimir o baixo comprometimento, estabelece um maior grau de distanciamento do falante no que diz respeito ao conteúdo por ele asseverado.

Esclareço, no quadro 16, as estratégias discursivas do produtor em relação à fonte:

ESTRATÉGIA DISCURSIVA	EFEITO DE SENTIDO
O produtor textual revela que a fonte da informação é ele próprio.	Alto comprometimento
O produtor textual revela que a fonte da informação não é só ele.	Médio comprometimento
O produtor textual revela que a fonte da informação não é ele.	Baixo comprometimento

Quadro 16: Obtenção do efeito de sentido no uso da marca evidencial (EV).

Retomando o exemplo (17), que mostra uma atitude proposicional encabeçada pelo verbo *considerar*, demonstro como a gradação do comprometimento é estrategicamente utilizada com vistas à obtenção de um efeito de sentido (cf. quadro 16):

(20) CONSIDERAMOS que a ausência de qualidade no treinamento serve de testemunho para mostrar que determinadas instituições privadas, responsáveis em qualificar trabalhadores, caminham sem qualquer fiscalização, ... (p.113). (D3.C.16)

(20a) CONSIDERO que a ausência de qualidade no treinamento serve de testemunho para mostrar que determinadas instituições privadas, responsáveis em qualificar trabalhadores, caminham sem qualquer fiscalização, ... (p.113). (D3.C.16)

(20b) CONSIDERA-SE que a ausência de qualidade no treinamento serve de testemunho para mostrar que determinadas instituições privadas, responsáveis em qualificar trabalhadores, caminham sem qualquer fiscalização, ... (p.113). (D3.C.16)

No exemplo original (20), o produtor textual revelou que a fonte da informação não era só ele (plural de modéstia), obtendo o efeito de sentido de alto comprometimento com o que foi dito, já que a responsabilidade com a proposição asseverada é grande por causa do verbo de atitude proposicional. Da mesma forma em (20a), mediante a utilização de uma marca de evidencialidade que leva o produtor textual a assumir total responsabilidade pelo que foi dito (1ª pessoa do singular). Em (20b), o efeito de sentido agora é de médio comprometimento com a informação proferida, o uso desse marcador evidencial aponta para um distanciamento relativo

com aquilo que foi asseverado, pois o produtor do texto deixa entrever que a fonte da asserção não é só ele, mas compartilhada com quem está ao seu redor.

Agora, passo a explicitar como os produtores textuais dos trabalhos constantes no *corpus* desta pesquisa utilizaram tais estratégias para organizar a veiculação de suas informações (aspecto pragmático-discursivo), fazendo um cruzamento com as categorias de análise que compõem os aspectos sintáticos e semânticos.

6.2.1.1 O Comprometimento em relação à posição da marca evidencial no enunciado

A intercalação da marca evidencial projetando um menor comprometimento com aquilo que é asseverado ocorreu com mais regularidade no *corpus* analisado, como exponho na tabela abaixo:

NÍVEL	ANTEPOSTA	INTERCALADA	POSPOSTA	TOTAL
Alto comprometimento	-	40	01	41
Médio comprometimento	6	84	-	90
Baixo comprometimento	411	491	467	1369
Total	417	615	468	1500

Tabela 04: Grau de comprometimento em relação à posição da marca evidencial no enunciado.

Observei durante a análise, que a marca evidencial utilizada não é a mesma em qualquer posição, mas apresentam particularidades que delimitam sua posição. Um ponto a observar é que não existe marca evidencial anteposta com efeito de alto comprometimento⁷¹.

Apresento, então, a descrição verificada:

a) Quando a marca evidencial é anteposta indicando baixo comprometimento, ou seja, o evidencial antepõe-se à fonte da informação e ao conteúdo proposicional, o produtor textual pode utilizar o seguinte conjunto de evidenciais:

⁷¹ Os casos em que um verbo de crença, opinião ou percepção, na primeira pessoa inicia a frase, encaixando um conteúdo proposicional foram analisados, quanto à posição da marca evidencial, como intercalados, devido à consideração da fonte (eu) estar elíptica, conforme já explicado anteriormente.

a) Quando a marca evidencial é anteposta indicando baixo comprometimento, ou seja, o evidencial antepõe-se à fonte da informação e ao conteúdo proposicional, o produtor textual pode utilizar o seguinte conjunto de evidenciais:

a.1) Marca evidencial prepositiva

(138) SEGUNDO Verdun (1995, p.12), o "Mapa da Fome em Terras Indígenas II", do Instituto de Estudos Sócio-Econômicos (INESC), informa que cerca de 34% da população indígena vive em condições de penúria e subnutrição, permanente ou sazonal (p. 15). (D2.I.04)

a.2) Marca evidencial substantiva

(139) NA ANÁLISE DE Ianni (1984, p. 175), a Lei de Terras extingue o princípio da doação e inaugura a compra, para aquisição de terras devolutas (p. 11). (D1.F.06)

a.3) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 3ª pessoa do singular + se

(140) Assim, CONCLUIU-SE que o aperfeiçoamento da cadeira, realizado como objeto desta dissertação de mestrado, alcançou os objetivos propostos: Confecção de uma estrutura (tubos de alumínio) leve, resistente e de baixo custo permitindo criar um ambiente com formato semelhante ao encontrado na cabine de uma aeronave de caça [...] (p. 185). (D9.C.03)

- Com predicado encaixador (Locução verbal: modal flexionado + infinitivo) + se

(141) Pelos estudos realizados PODE-SE CONCLUIR que um sistema de informações gerenciais - SIG, voltado para a gestão, é de fundamental importância para qualquer instituição que procure trabalhar de forma integrada e organizada, querendo oferecer o melhor serviço a todos os clientes... (p. 67). (M9.C.05)

- Com predicado encaixador no gerúndio + se(opcional)

(83) A finalidade deste capítulo será apresentar uma resenha das abordagens teóricas de leitura em circulação no Brasil nos últimos anos, SUPONDO-SE que essas constituem-se num dos campos de força que podem atuar na composição das imagens de leitura do professor que se refletem, com menor ou maior intensidade, nos modos de leitura de textos efetivados na escola (p. 46). (T4.F.20)

(142) Enfim, PARODIANDO o Hamlet shakespeariano, parece haver mais mediações entre os saberes acadêmicos sobre leitura e as aulas de leitura do que julga a vã pedagogia (p. 235). (T4.C.06)

b) Quando a marca evidencial é anteposta indicando médio comprometimento, ou seja, o evidencial antepõe-se à fonte da informação e ao conteúdo proposicional, o produtor textual pode utilizar a evidencialidade adverbial:

(70) EVIDENTEMENTE, uma ou outra coalizão de governo pode garantir uma tramitação mais célere devido a compromissos políticos firmados com os atores sociais e políticos interessados nas demarcações (p. 266). (T2.C.03)

c) Quando a marca evidencial é intercalada indicando alto comprometimento, ou seja, o evidencial interpõe-se à fonte da informação e ao conteúdo proposicional, o produtor textual pode utilizar os evidenciais a seguir:

c.1) Marca evidencial substantiva

(143) A partir deste ponto, o uso do computador passa a se tornar um problema inerente à educação e ao educador voltados à formação do cidadão, AO MEU VER um dos principais condutores que justificam a necessidade de aprimoramento do fazer educacional (p. 15). (D6.I.05)

c.2) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do singular

(144) OBSERVEI que diante de um acidente, a tendência dos educadores era acreditar ser esse acidente uma fatalidade, um evento que faz parte da infância (p. 12). (D5.I.01)

- Com predicado encaixador (Locução verbal: modal flexionado + infinitivo)

(121) A partir da pesquisa empreendida PUDE PERCEBER que tais concepções têm, por um lado, forte relação com um movimento internacional de maior regulação dos direitos humanos, em especial de uma nova geração de tais direitos, que vêm se construindo desde os anos 1960, consolidando-se, notadamente, a partir dos anos 1980 e 1990, sob perspectivas diversas (p. 122). (D10.C.08)

- Com predicado encaixador (Construção com verbo-suporte)

(88) ... a profundidade de penetração de 40,5 cm corresponde ao ano de 1958, 3 anos após o início das explosões, sugerindo que o Cs137 não migrou para as camadas mais profundas após sua deposição. Essa é a primeira vez — pelo que TENHO CONHECIMENTO — que essa detecção é reconhecida na América do Sul (p. 80). (T1.C.04)

d) Quando a marca evidencial é intercalada indicando médio comprometimento, o produtor textual pode utilizar os seguintes evidenciais:

d.1) Marca evidencial adverbial

(145) A aprovação da Declaração Universal sobre os Direitos dos Povos Indígenas, EVIDENTEMENTE, é fruto de pressões feitas pelos povos e organizações indígenas nas diversas instâncias do sistema ONU (p. 36). (D10.F.59)

d.2) Marca evidencial substantiva

(146) Entretanto, antes de iniciarmos a exposição escrita precisamos estabelecer um ponto em comum para o significado de Informática Educativa e para a compreensão de utilização pedagógica, que A NOSSO VER passa pela conotação que atribuímos a "ato pedagógico" (p. 19). (D6.F.02)

d.3) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do plural

(147) Portanto, nós SUGERIRMOS [*sic*] que fatores sociais, principalmente aqueles envolvidos em formação de grupos único-sexo de machos e comportamentos de isolamento de fêmeas são as principais forças direcionando segregação sexual em veado-campeiro no Pantanal (p. 189). (T5.C.14)

- Com predicado encaixador (Locução verbal: auxiliar flexionado + participípio):

(148) ... contribuições preliminares para o desenvolvimento conceitual FORAM REALIZADAS por Levitt (1969) e Kotler (1977) (p. 22). (T3.F.03)

- Com predicado encaixador (Locução verbal: modal flexionado + infinitivo)

(149) Temos relatos ainda de movimentos políticos anteriores a esse período que tiveram cunho logicamente de reivindicação e não PODEMOS NEGAR que foram precursores da organização dos trabalhadores e do movimento sindical (p. 13). (M7.F.01)

- Com predicado encaixador (Construção com verbo-suporte)

(150) Se LEVARMOS EM CONTA a distinção feita por Stuart Hall (2003) entre os termos "multiculturalismo" e "multicultural", perceberemos que sociedades multiculturais não são uma novidade do nosso tempo (p. 122). (D10.C.12)

e) Quando a marca evidencial é intercalada indicando baixo comprometimento, ou seja, o evidencial interpõe-se à fonte da informação e ao conteúdo proposicional, o produtor textual pode utilizar o seguinte conjunto de meios:

e.1) Marca evidencial adjetiva

(151) ... a quarta secção aborda, sucintamente, o referencial teórico-metodológico baseado na sociedade em rede como PROPOSTA POR Castells (1999) e Haesbaert (2004) (p. 36). (T2.I.15)

e.2) Marca evidencial substantiva

(152) Este resultado, obtido para o movimento de vórtices em um potencial periódico, contrasta com O RESULTADO DE Koshelev & Vinokur (1994) para o movimento de vórtices em um potencial de desordem, onde a temperatura de cristalização escala com o inverso da velocidade (p. 131). (T6.C.09)

e.3) Marca evidencial prepositiva

(153) Sem a articulação desses três elementos, haveria, SEGUNDO o crítico, apenas manifestações literárias... (p. 16). (T4.I.20)

e.4) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 3ª pessoa do singular ou do plural

(154) Braid (1999) AFIRMA que a escola passa por uma polarização que vai desde o uso de atividades tradicionais ao uso de técnicas modernas como os usos do computador e o da Internet (p. 10). (M1.I.08)

(155) Dados oficiais do INPE sobre o desflorestamento na região amazônica MOSTRAM que já foram desflorestados cerca de 700 mil quilômetros de florestas, sendo o último dado oficial o estimado para o período agosto 2003 a agosto 2004 de 26.30 km² (p. 23). (T9.I.01)

- Com predicado encaixador (Locução verbal: auxiliar flexionado + participípio)

(156) O conceito de Representação Social FOI CRIADO por Serge Moscovici, nos anos 60 do século passado e, a partir de então, tem sido utilizado nas pesquisas qualitativas para analisar as categorias de pensamento através das quais o grupo social elabora e expressa suas teorias sobre um fato social (p. 15). (D5.I.07)

- Com predicado encaixador (Construção com verbo-suporte)

(157) Deutsch foi o primeiro a LEVANTAR O QUESTIONAMENTO de uma real maior capacidade de processamento dos computadores quânticos em relação aos clássicos em 1985 (p. 5). (M6.I.06)

f) Quando a marca evidencial é posposta indicando alto comprometimento, ou seja, o evidencial fica posposto à fonte da informação e ao conteúdo proposicional, o produtor textual pode manifestar-se como se encontra a seguir.

f.1) Marca evidencial enunciado metadiscursivo

(158) A expectativa do aspecto quantitativo da leitura a ser favorecida pelos projetos-candidatos ao prêmio especifica-se na explicitação de que: “o objetivo do Concurso Leia Brasil é divulgar práticas de leitura que incentivaram a **formação de leitores** – críticos e criativos” (GRIFOS MEUS) (p. 38). (T4.F.11)

g) Quando a marca evidencial é posposta indicando baixo comprometimento, o produtor textual pode usar as seguintes estratégias evidenciais:

g.1) Marca evidencial enunciado metadiscursivo

(159) Entretanto, de acordo com Pearce (1996), o ambiente continental atenuado pode ser uma litosfera continental “normal” atenuada (ASPAS DO AUTOR) ou uma litosfera continental back-arc atenuada (p. 102). (T10.C.17)

g.2) Marca evidencial justaposição simples

(160) O veado-campeiro, *Ozotoceros bezoarticus* (Artiodactyla, Cervidae), é um cervídeo de porte médio que foi, até um passado recente, amplamente distribuído na América do Sul (EISENBERG & REDFORD, 1999) (p. 11). (T5.I.09)

(161) A pobreza constitui a principal causa do acesso insuficiente ou custoso aos alimentos e da ocorrência da manifestação mais aguda da insegurança alimentar - a fome (COSTA; MALUF, 2001, p.32) (p. 27). (D2.F.13)

6.2.1.2 O Comprometimento em relação ao meio de expressão da marca evidencial no enunciado

A relação do grau de comprometimento com a manifestação da evidencialidade no enunciado, explicitada na tabela 05 seguinte, revela a ocorrência do item lexical ou gramatical em todos os níveis de comprometimento:

NÍVEL	ITEM LEX. GRAM.	ENUNC. METALING.	JUSTAP.	ABNT	TOTAL
Alto comprometimento	40	01	-	-	41
Médio comprometimento	90	-	-	-	90
Baixo comprometimento	898	19	394	58	1369
Total	1028	20	394	58	1500

Tabela 05: Grau de comprometimento em relação ao meio de expressão da marca evidencial no enunciado.

Apresento a seguir, a distribuição das marcas evidenciais nos níveis de comprometimento:

a) Quando o produtor textual objetiva um efeito de alto comprometimento, ele pode utilizar o seguinte conjunto de marcas evidenciais:

a.1) Marca evidencial substantiva

(89) A partir deste ponto, o uso do computador passa a se tornar um problema inerente à educação e ao educador voltados à formação do cidadão, AO MEU VER um dos principais condutores que justificam a necessidade de aprimoramento do fazer educacional (p. 15). (D6.I.05)

a.2) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do singular

(162) SUPONHO também que tais dificuldades se devam ao fato de atualmente no Brasil um estudo acadêmico, [...], gozar de um baixo status perante a sociedade de modo geral – aquela pressuposição de que vai gerar um produto que “ninguém lê”, a não ser alguns poucos pares na academia – o que faz com que alguns atores dêem, de certa forma, pouca importância ao trabalho de pesquisa empreendido (pp. 7-8). (D10.I.07)

(163) Quando PERCEBO o "fomento da autonomia" quero me referir ao fato de que, por ser algo novo para a maioria dos envolvidos nas relações educativas dentro de uma escola, correndo o risco de ser ainda mais nova para os professores do que para os alunos, a Informática Educativa acaba alterando as relações entre estes personagens, gerando por isso mais confiança ao aluno e menos infalibilidade ao professor (pp. 21-22). (D6.F.15)

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do plural

(63) Na interpretação desses dados CONSIDERAMOS a confirmação da hipótese de que quanto maior a idade menor a ressonância cognitiva (p. 51). (D8.C.24)

- Com predicado encaixador (Locução verbal: modal flexionado + infinitivo)

(164) Estas citações ilustram o que pretendo afirmar como ponto de partida para justificar minha dissertação quanto a sua importância e atualidade e POSSO PERCEBER que nestes dois anos e meio de trabalho as mudanças dentro da Informática Educativa já foram suficientemente emergentes para que algumas observações pareçam desatualizadas (p. 17). (D6.I.12)

- Com predicado encaixador (Construção com verbo-suporte)

(85) ... a profundidade de penetração de 40,5 cm corresponde ao ano de 1958, 3 anos após o início das explosões, sugerindo que o Cs137 não migrou para as camadas mais profundas após sua deposição. Essa é a primeira vez — pelo que TENHO CONHECIMENTO — que essa detecção é reconhecida na América do Sul (p. 80). (T1.C.04)

a.3) Marca evidencial enunciado metadiscursivo

(50) A literatura é, pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estas a vivem decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. **A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo**, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse **processo de circulação literária**, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (GRIFOS MEUS) (p. 16). (T4.I.22)

b) Quando o produtor textual objetiva um efeito de médio comprometimento, ele pode utilizar o seguinte conjunto de marcas evidenciais:

b.1) Marca evidencial adverbial

(165) EVIDENTEMENTE, à guisa de conclusão, dado o passivo histórico do poder central com a região essas ações, ainda que positivas, estão distantes para representar, efetivamente, uma solução ótima (p. 250). (T2.C.02)

b.2) Marca evidencial substantiva

(90) DO NOSSO PONTO DE VISTA, a escola deve continuar evoluindo no sentido de tomar o acidente como acontecimento passível de prevenção e no sentido de capacitação dos educadores para procedimentos mais simples de cuidados aos acidentados, mas também para suporte básico de vida que, em alguns países, já é extensivo a qualquer cidadão (p. 117). (D5.C.12)

b.3) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do plural

(166) Provisoriamente, DEFENDEMOS a tese de que uma importante contribuição para a superação da crise é o que denominaríamos de "formação cultural" (p. 28). (D7.F.32)

- Com predicado encaixador (Locução verbal: auxiliar flexionado + participio)

(167) ... as pesquisas no Brasil, realizadas pela Companhia Brasileira de Pesquisa, indicam que mais de 85% dos pais acham importante que os filhos tenham contato com o computador antes dos 15 anos e 83% acham tão importante iniciar a criança na informática quanto ler e escrever [...]. Isto revela e referenda a força da entrada do computador na sociedade, conforme HAVÍAMOS SUGERIDO anteriormente (p. 16). (D6.I.11)

- Com predicado encaixador (Locução verbal: modal flexionado + infinitivo)

(168) Através da análise estatística dos resultados PODEMOS PERCEBER claramente a relevância desse risco que apresentara um Índice (Ops) de 3,80 em relação ao Ruído de 110 Db(A) produzido pela mesa vibratória que apresentara um índice (Ops) de 2,70 (p. 60). (M8.C.03)

c) Quando o produtor textual objetiva um efeito de baixo comprometimento, ele pode utilizar o seguinte conjunto de marcas evidenciais:

c.1) Marca evidencial adjetiva

(169) Recomenda-se a utilização de outros critérios de avaliação, tais como, os padrões de Utilidade, Viabilidade, Propriedade e Exatidão, DEFINIDOS PELO Joint Committee (1994), uma vez que eles também apresentam implícito um conceito de qualidade baseado no valor e no mérito do objeto educacional, conforme relatado no capítulo 2 deste relatório (p. 173). (T8.C.13)

c.2) Marca evidencial prepositiva

(170) DE ACORDO COM Maluf (2001), ao considerar a ordem internacional é inevitável incorporar questões de soberania à noção de segurança alimentar (p. 27). (D2.F.14)

c.3) Marca evidencial substantiva

(171) Sobre a língua que falam os Paresi, a língua geral Arití, é, NO DIZER DE Rondon, "doce, eufônica, mas de difícil construção. Tem palavras perfeitamente onomatopaicas, principalmente nomes de aves" (p. 26). (D3.F.23)

c.4) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 3ª pessoa do singular ou do plural

(172) Apesar disso, dados próprios e de outras empresas COMPROVAM que empresas possuidoras de Central de Atendimento que aproveitam plenamente o potencial do sistema estão conseguindo fidelizar clientes, mesmo utilizando, na maioria das vezes, em suas Centrais de Atendimento, uma ferramenta não automatizada (p. 14). (M5.I.02)

- Com predicado encaixador flexionado na 3ª pessoa do singular + se

(140) Assim, CONCLUIU-SE que o aperfeiçoamento da cadeira, realizado como objeto desta dissertação de mestrado, alcançou os objetivos propostos: Confecção de uma estrutura (tubos de alumínio) leve, resistente e de baixo custo permitindo criar um ambiente com formato semelhante ao encontrado na cabine de uma aeronave de caça [...] (p. 185). (D9.C.03)

(173) Como os benefícios que se busca na Segurança do Trabalho devem estar voltados não apenas à empresa, mas também ao trabalhador, BUSCA-SE assim APRESENTAR uma ferramenta que evidencie os critérios subjetivos daqueles que estão diretamente envolvidos com os riscos no dia-a-dia (p. 11). (M8.I.01)

- Com predicado numa oração gerundiva adverbial

(60) PARAFRASEANDO Moreira (2001), a falta de compromisso político com a criança da escola pública, é resultado do desconhecimento quanto ao papel da Educação Infantil e de seus objetivos, por parte dos que detém o poder decisório (p. 10). (M1.I.07)

- Com predicado encaixador (Locução verbal: modal flexionado + infinitivo) + se

(174) Como propõe Escobar (1995), é preciso, antes de tudo, considerar o caráter arbitrário e as especificidades históricas dos conceitos usados pelas instituições de desenvolvimento, ainda que estes sejam naturalizados ou apresentados como isentos. DEVE-SE CONSIDERAR que tais organismos contam com apenas um sistema de pensamento, o do ocidente contemporâneo (p. 28). (D10.F.36)

c.5) Marca evidencial enunciado metadiscursivo

(54) Entretanto, de acordo com Pearce (1996), o ambiente continental atenuado pode ser uma litosfera continental “normal” atenuada (ASPAS DO AUTOR) ou uma litosfera continental back-arc atenuada (p. 102). (T10.C.17)

c.6) Marca evidencial justaposição simples

(175) Progressos significativos têm sido feitos com o intuito de melhorar as equações para o cálculo dos índices de vegetação e de reduzir os problemas de fundo do dossel, de contaminação atmosférica e de saturação (HUETE ET AL., 1994) (p. 29). (T9.F.12)

c.7) Marca evidencial normas citativas da ABNT

(176) Estas terras se constituíam, então, como espaço de fronteira, ainda indefinida, entre as possessões espanholas e lusitanas na América, o que levou o Conselho Ultramarino português a determinar que se deveria fazer a colônia de Mato Grosso tão poderosa que contivesse os vizinhos e servisse de antemural a todo o interior do Brasil⁹ (NOTA DE RODAPÉ) (pp. 4-5). (D3.I.07)

(177) De modo algum – nem em termos de *status* social ou econômico, ou mesmo de idade – eu estava “acima”, ou ao menos me igualava àqueles que seriam meus “nativos” ou “informantes”, para usar dois termos clássicos e que, apesar de já amplamente criticados (CF. Oliveira, 2006), persistem em muitas abordagens da Antropologia (p. 8). (D10.I.09)

6.2.1.3 O Comprometimento em relação ao item lexical ou gramatical que manifesta a marca evidencial no enunciado

O item lexical ou gramatical foi subcategorizado em verbo, adjetivo, substantivo, advérbio e preposição, conforme já amplamente apresentado.

Na tabela seguinte há uma visualização de como esse item lexical ou gramatical ocorreu de acordo com a sua subcategorização:

NÍVEL	VERBO	SUBST.	PREP.	ADJ.	ADV.	TOTAL
Alto comprometimento	38	02	-	-	-	40
Médio comprometimento	73	03	-	-	14	90
Baixo comprometimento	530	26	280	62	-	898
Total	641	31	280	62	14	1028

Tabela 06: Grau de comprometimento em relação ao item lexical ou gramatical que manifesta a marca evidencial no enunciado.

Da análise estatística observada, percebo a marca evidencial verbal como a mais frequente, além do que registro que não ocorreu marca evidencial prepositiva e adjetiva nos níveis de alto e médio comprometimento, como também não apareceu nenhum dado referente à

⁹ Cf. VOLPATO, 1987, p. 29 e ss.

marca evidencial adverbial nos níveis de alto e baixo comprometimento. O que pode ocorrer é que, ao invés do advérbio, podem ocorrer orações adverbiais, como, por exemplo, as gerundivas, caso das ocorrências seguintes:

(60) PARAFRASEANDO Moreira (2001), a falta de compromisso político com a criança da escola pública, é resultado do desconhecimento quanto ao papel da Educação Infantil e de seus objetivos, por parte dos que detêm o poder decisório (p. 10). (M1.I.07)

(142) Enfim, PARODIANDO o Hamlet shakespeareano, parece haver mais mediações entre os saberes acadêmicos sobre leitura e as aulas de leitura do que julga a vã pedagogia (p. 235). (T4.C.06)

6.2.1.4 O Comprometimento em relação ao tipo de fonte da informação através da marca evidencial no enunciado

A gradação do comprometimento do produtor textual com a origem da informação que ele veicula relaciona-se com a maneira como essa fonte é compartilhada ou não pelos interlocutores. Na análise do *corpus* desta tese, essa relação ficou caracterizada conforme a tabela 07:

NÍVEL	SUJEITO- ENUNC.	FONT.EXT. DEF.	FONT.EXT IND.	DOM. COM.	TOTAL
Alto comprometimento	41	-	-	-	41
Médio comprometimento	23	-	-	65	88
Baixo comprometimento	-	1228	5	138	1371
Total	64	1228	5	203	1500

Tabela 07: Grau de comprometimento em relação ao tipo de fonte da informação através da marca evidencial no enunciado.

Ressalto que a fonte externa indefinida ocorreu de forma insignificante, confirmando uma característica do discurso acadêmico que é a explicitação de uma fonte (ou o produtor textual ou alguma autoridade reconhecida na área) para credibilizar aquilo que está sendo dito e, com isso, obter aceitação de suas asseveradas pela coletividade acadêmica na qual está inserido.

Pela ocorrência nos textos acadêmicos de grau, a descrição linguística dos aspectos que envolvem o grau de comprometimento do produtor textual com o compartilhamento da fonte da informação revela:

a) Sujeito-enunciador indicando alto comprometimento

a.1) Marca evidencial enunciado metadiscursivo

(50) A literatura é, pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estas a vivem decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. **A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo**, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse **processo de circulação literária**, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (GRIFOS MEUS) (p. 16). (T4.I.22)

a.2) Marca evidencial substantiva

(89) A partir deste ponto, o uso do computador passa a se tornar um problema inerente à educação e ao educador voltados à formação do cidadão, AO MEU VER um dos principais condutores que justificam a necessidade de aprimoramento do fazer educacional (p. 15). (D6.I.05)

a.3) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do singular

(125) O despreparo pedagógico deve ser investigado pois surgem empresários atuando em educação com pouco comprometimento com as tendências pedagógicas, isto quando estas lhes são familiares, o que ACREDITO não ser o mais comum (p. 12). (D6.I.02)

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do plural

(133) Por isso AFIRMAMOS que a tecnologia imposta ou absorvida à educação funciona como uma via de acesso e multiplicação das capacidades sensoriais, como por exemplo, o sentido, a percepção e o estímulo, simples armazenamento de dados, editoração e etc e dificilmente vamos além deste exercício (p. 36). (D6.F.29)

- Com predicado encaixador (Locução verbal: modal flexionado + infinitivo)

(119) POSSO, portanto, AFIRMAR que se a escola não pretende passar por outra defasagem irrecuperável referindo-me a absorção adequada da tecnologia disponível, rechaçando esta tecnologia, tornando-se ainda menos atraente para as crianças, ou conforme as ingênuas, mas reveladoras,

afirmações de Gates (op.cit.) de que o computador não se constitui uma ameaça aos professores, um único caminho se torna possível: *a dedicação ao estudo do que poderá fundamentar a prática da informática educacional e sua epistémé* (p. 17). (D6.I.15)

- Com predicado encaixador (Construção com verbo-suporte)

(88) ... a profundidade de penetração de 40,5 cm corresponde ao ano de 1958, 3 anos após o início das explosões, sugerindo que o Cs137 não migrou para as camadas mais profundas após sua deposição. Essa é a primeira vez — pelo que TENHO CONHECIMENTO — que essa detecção é reconhecida na América do Sul (p. 80). (T1.C.04)

b) Sujeito-enunciador indicando médio comprometimento

b.1) Marca evidencial adverbial

(178) Engenheiros e tecnólogos podem, EVIDENTEMENTE, tornarem-se excelentes professores, mas a efetiva formação para o magistério deve ser proporcionada por cursos de Licenciatura (p. 48). (D7.F.35)

b.2) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do plural

(179) ENTENDEMOS e defendemos que o Regime Especial de Fiscalização fere diversos princípios e preceitos constitucionais (p. 1). (M4.I.02)

c) Fonte externa definida indicando baixo comprometimento

c.1) Marca evidencial adjetiva

(151) ... a quarta secção aborda, sucintamente, o referencial teórico-metodológico baseado na sociedade em rede como PROPOSTA POR Castells (1999) e Haesbaert (2004) (p. 36). (T2.I.15)

c.2) Marca evidencial justaposição simples

(180) Sander (1982, 1995) detalha esse conceito de qualidade em educação em seu Paradigma Multidimensional de Administração da Educação, que se fundamenta “[...] na desconstrução e reconstrução dos conhecimentos acumulados historicamente, constituindo-se uma tentativa de síntese teórica da experiência latino-americana de administração no contexto internacional” (SANDER, 1995, p. 40) (p. 27). (T8.F.13)

c.3) Marca evidencial prepositiva

(181) CONFORME Vilela, a coroa portuguesa investiu em aparatos administrativos que serviram para nortear a ação política dos governantes locais tornando os nativos “guardiões de fronteiras” (p. 8). (D3.I.17)

c.4) Marca evidencial substantiva

(182) Se considerarmos verdadeira A PERSPECTIVA DE Schaff (1990) de que estamos vivendo a Revolução da Informática, então não buscar a aquisição do conhecimento que envolve o uso do computador, na educação por exemplo, é como uma sala de aula na Revolução Industrial não se preocupar com as máquinas industriais (p. 36). (D6.F.32)

c.5) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 3ª pessoa do singular ou do plural

(183) Autores como Matheus e Deuger (1982) CONSIDERAM que o ciúme não é uma criação exclusivamente humana e cultural, mas possui uma dinâmica que transcende as espécies. Vão ainda mais longe quanto à universalidade do ciúme, dizendo que esta dinâmica pode ser identificada entre cães e gatos (p. 15). (D8.F.09)

- Com predicado encaixador no gerúndio

(142) Enfim, PARODIANDO o Hamlet shakespeariano, parece haver mais mediações entre os saberes acadêmicos sobre leitura e as aulas de leitura do que julga a vã pedagogia (p. 235). (T4.C.06)

- Com predicado encaixador (Locução verbal: auxiliar flexionado + particípio)

(184) O método para a determinação dos íons presentes nas inclusões fluidas ESTÁ DESCRITO em Banks et al. (2000) (p. 9). (T10.I.14)

d) Fonte externa indefinida indicando baixo comprometimento

d.1) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 3ª pessoa do plural

(80) Outros ACREDITAM que sua origem seja psicocultural, isto é, a reação ciumenta surge em decorrência de um outro fator maior, que coloca em risco nossa segurança afetiva, pois nós depositamos,

nas coisas e nas pessoas, um valor de propriedade que representa nada mais que nós mesmos (p. 17). (D8.F.15)

(185) O vinho extraído da fruta da palmeira açai é o produto da floresta o mais apreciado. É muito consumido por todos. DIZEM que o açai da região é o melhor do Acre. Todo o ano tem uma festa do açai em Feijó (p. 154). (D2.C.09)

e) Domínio comum indicando médio comprometimento

e.1) Marca evidencial substantiva

(186) Os trabalhos de didática e metodologia de ensino sempre nos chamaram muita atenção por acreditar que são aspectos de suma importância no desenvolvimento da forma de se fazer educação. Uma ótima didática pode salvar uma aula de um assunto não tão agradável. Assim, AO NOSSO VER, a didática e a metodologia são definitivas no processo de aprendizagem (p. 10). (D6.I.01)

e.2) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do plural

(187) A isso ATRIBUÍMOS numa primeira análise a dois aspectos: primeiro à questão da estabilidade do dirigente sindical, que só existe enquanto o mesmo for diretor de um sindicato. Quando vence seu mandato, se o mesmo retornar a seu emprego anterior, o mesmo com certeza será dispensado. Segundo, o comodismo é tanto que no mandato que o mesmo ocupou ou mandatos, esse dirigente não encontrou nenhuma resistência para renovação, preferindo ele mesmo se manter no cargo (p. 107). (M7.C.01)

(188) Em seguida, destacamos alguns aspectos fundamentais da estrutura fundiária do país e, sobretudo, TENTAMOS DEMONSTRAR como a desigualdade de acesso e o usufruto da terra no país geram os conflitos, cujas vítimas são sempre os trabalhadores rurais (p. 16). (M2.I.06)

- Com predicado encaixador (Locução verbal: auxiliar flexionado + participípio)

(167) ... as pesquisas no Brasil, realizadas pela Companhia Brasileira de Pesquisa, indicam que mais de 85% dos pais acham importante que os filhos tenham contato com o computador antes dos 15 anos e 83% acham tão importante iniciar a criança na informática quanto ler e escrever [...]. Isto revela e referenda a força da entrada do computador na sociedade, conforme HAVÍAMOS SUGERIDO anteriormente (p. 16). (D6.I.11)

6.2.1.5 O Comprometimento em relação ao acesso evidencial à informação com base na marca evidencial no enunciado

Quanto ao nível do comprometimento observado na análise para a relação com a maneira pela qual o produtor textual adquiriu a informação para, a partir daí, veiculá-la, afirmo,

com base nos dados do *corpus*, que a marca evidencial indireta prevaleceu sobre as demais, ou seja, o efeito de sentido projetado é que o produtor textual obteve, mais frequentemente, o conteúdo asseverado através de uma experiência indireta.

Tal afirmação advém da verificação estatística que mostro na tabela 08 seguinte:

NÍVEL	DIRETA	-DIRETA	INDIRETA	TOTAL
Alto comprometimento	32	9	-	41
Médio comprometimento	39	49	-	88
Baixo comprometimento	94	49	1228	1371
Total	165	107	1228	1500

Tabela 08: Grau de comprometimento em relação ao acesso evidencial da informação através da marca evidencial no enunciado.

A descrição explicitada na análise para o grau de comprometimento em relação ao acesso evidencial à informação mediante a marca evidencial presente no enunciado pode ser visualizada a seguir:

a) Marca evidencial direta indicando alto comprometimento

a.1) Marca evidencial enunciado metadiscursivo

(50) A literatura é, pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estas a vivem decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. **A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo**, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse **processo de circulação literária**, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (GRIFOS MEUS) (p. 16). (T4.I.22)

a.2) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do singular

(120) O que QUERO PROPOR aqui é que, se podemos afirmar que os debates sobre a adoção de políticas de ação afirmativa no Brasil, sob os quais o PDU foi desenhado e redesenhado, têm fortes influências de formulações teóricas produzidas no plano internacional, é preciso fazer a ressalva de que tais debates aqui ganham contornos próprios e específicos (p. 123). (D10.C.24)

(125) O despreparo pedagógico deve ser investigado pois surgem empresários atuando em educação com pouco comprometimento com as tendências pedagógicas, isto quando estas lhes são familiares, o que ACREDITO não ser o mais comum (p. 12). (D6.I.02)

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do plural

(189) Como elementos significativos VAMOS CONSIDERAR que as construções propiciadas pelo software são construções feitas pelo sujeito e não pela máquina... (p. 42). (D6.F.42)

- Com predicado encaixador (Construção com verbo-suporte)

(88) ... a profundidade de penetração de 40,5 cm corresponde ao ano de 1958, 3 anos após o início das explosões, sugerindo que o Cs137 não migrou para as camadas mais profundas após sua deposição. Essa é a primeira vez — pelo que TENHO CONHECIMENTO — que essa detecção é reconhecida na América do Sul (p. 80). (T1.C.04)

b) Marca evidencial direta indicando médio comprometimento

b.1) Marca evidencial adverbial

(190) Para tanto, propõe que esses temas devam ser tratados no âmbito de um espaço mais amplo que toca todos os interessados, civis e militares. Destaca, EVIDENTEMENTE, a criação do Ministério da Defesa inserida nessa estratégia (p. 226). (T2.C.01)

b.2) Marca evidencial substantiva

(134) EM NOSSO ENTENDER, inspirado por Moraes (1997), Informática Educativa é compreendida como um recurso instrumental absolutamente interligado com a possibilidade de um novo *paradigma emergente*, e que traduz-se pela utilização do computador e das tecnologias que o complementam como elemento indispensável para a sua prática (p. 20). (D6.F.03)

b.3) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do plural

(166) Provisoriamente, DEFENDEMOS a tese de que uma importante contribuição para a superação da crise é o que denominaríamos de "formação cultural" (p. 28). (D7.F.32)

c) Marca evidencial direta indicando baixo comprometimento

c.1) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 3ª pessoa do singular + se

(191) ... pela própria decisão do STJ OBSERVA-SE a gravidade da aplicação dessa maneira esdrúxula de fiscalizar... (p. 1). (M4.I.06)

d) Marca evidencial menos direta indicando alto comprometimento

(74) PERCEBI, durante o período de aproximadamente três anos, trabalhando a doutrina da polícia comunitária, que há uma grande vontade dos atores sociais em realizar ações que visem melhoria da qualidade de vida da comunidade e, conseqüentemente, a diminuição do índice de violência e criminalidade (p. 11). (M10.I.04)

e) Marca evidencial menos direta indicando médio comprometimento

e.1) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do plural

(39) Assim, ao finalizar, PERCEBEMOS a riqueza de informações que nos foram fornecidas acerca da vida... (p.124). (D5.C.02)

f) Marca evidencial menos direta indicando baixo comprometimento

f.1) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do singular + se

(192) ... CONCLUI-SE que 19 fótons de 20 são refletidos pelo espelho e o outro é absorvido (p. 4). (M6.I.03)

g) Marca evidencial indireta indicando baixo comprometimento

g.1) Marca evidencial adjetiva

(193) Outra postura teórica que nos auxiliará a caracterizar o ato pedagógico nos é DADA POR Becker (1993). O autor demonstra que o professor reage a reflexão epistemológica sobre o conhecimento conduzindo o ato de ensinar por parâmetros mais sensoriais e acomodativos, no sentido de que a ideia de “aceitação da realidade” é uma questão incontestada (p. 21). (D6.F.13)

g.2) Marca evidencial normas citativas da ABNT

(194) Esse defendia que a faculdade essencial de um romancista era a imaginação e a palavra escrita viveria do adjetivo⁴ (NOTA DE RODAPÉ) (p. 2). (D4.I.02)

g.3) Marca evidencial prepositiva

(195) CONFORME argumentam Morgan e Smircich (1980), estudos quantitativos estariam em um extremo positivista de um *continuum* subjetivista-objetivista (p. 146). (T3.C.28)

g.4) Marca evidencial substantiva

(196) A DEFINIÇÃO DE Damapour (1991) é bastante ampla para incluir os diferentes tipos de inovação pertencentes a todas as partes da organização e a todos os aspectos de sua operação (p. 41). (T3.F.64)

g.5) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 3ª pessoa do singular ou do plural

(197) Teixeira (1994) exclui as rochas vulcânicas do topo da seqüência e CONSIDERA o Grupo Grão Pará formado apenas pelos derrames da base e as formações ferríferas, ambos invadidos por diques e *sill* de quartzo diorito (p. 22). (T10.F.39)

(198) A esse respeito, aliás, Carvalho e Gil-Perez (1993), como uma das necessidades formativas do professor de ciências, APONTAM para a necessidade da ruptura com visões simplistas sobre o ensinar ciências já que este parece ser muito mais complexo do que o pensamento docente espontâneo parece sugerir (p. 27). (D7.F.29)

- Com predicado encaixador (Locução verbal: auxiliar flexionado + participio)

(81) Nos estudos de Buss et al., (1992) FOI DESCRITO que tanto os homens quanto as mulheres se preocupam com a possível perda de seus parceiros, sendo que os homens são particularmente mais preocupados com a infidelidade sexual e as mulheres com a infidelidade emocional (p. 49). (D8.C.13)

- Com predicado encaixador (Locução verbal: modal flexionado + infinitivo)

⁴ BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 38 ed. São Paulo: Cultrix, 2001. p. 198-205.

(199) PODE-SE PENSAR num bit clássico como sendo um sistema físico clássico de dois níveis (p. 15). (M6.F.08)

6.2.1.6 O Comprometimento em relação à natureza evidencial da informação através da marca evidencial no enunciado

O último critério semântico analisado – a natureza evidencial da informação – relaciona-se com o grau de comprometimento mostrando a maneira pela qual o produtor textual teve acesso à informação asseverada, objetivando a utilização de uma estratégia discursiva para obtenção de um efeito de sentido específico.

A tabela abaixo expõe a análise estatística obtida pela observação das ocorrências no *corpus* organizado, servindo de base para demonstrar como foram as escolhas das marcas evidenciais que projetam como o produtor teve acesso às informações utilizadas nos trabalhos acadêmicos de grau:

NÍVEL	SUBJET.	EXPER.	INFERENC.	RELAT.	TOTAL
Alto comprometimento	29	03	09	-	41
Médio comprometimento	20	24	44	-	88
Baixo comprometimento	34	60	49	1228	1371
Total	83	87	142	1228	1500

Tabela 09: Grau de comprometimento em relação à natureza evidencial da informação através da marca evidencial no enunciado.

Depreendo das informações dadas uma descrição linguística da tipologia que caracteriza a gradação do comprometimento do produtor textual em relação à natureza do conteúdo veiculado, de acordo com os tópicos a seguir.

a) Marca evidencial subjetiva indicando alto comprometimento

a.1) Marca evidencial enunciado metadiscursivo

(50) A literatura é, pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estas a vivem decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. **A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo**, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse **processo de circulação literária**, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (GRIFOS MEUS) (p. 16). (T4.I.22)

a.2) Marca evidencial substantiva

(200) Para adentrar nesse debate, parto aqui das considerações já feitas anteriormente sobre a perspectiva que adoto para pensar “Estado” em termos de uma constante formação (Cf. ELIAS, 1972; STEINMETZ, 1999) – o que torna, AO MEU VER, ainda mais pertinente essa discussão – se pensamos que Estado nacional é um constructo historicamente datado e sempre em formação, quer dizer, uma “tradição inventada” (Cf. HOBSBAWM & RANGER, 1997) (p. 121). (D10.C.02)

a.3) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do singular

(201) ACHAVA que, como alguém ligada à Universidade, deveria intervir na escola, oferecendo novas metodologias ou teorias para o trabalho do professor (p. 11). (T4.I.01)

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do plural

(202) ... PENSAMOS que o setor privado, em função de disputa no mercado e melhores condições financeiras de acesso à informação e a novas tecnologias, poderia mais facilmente nos revelar as tendências à formação de novas representações sociais... (p. 114). (D5.C.01)

- Com predicado encaixador (Locução verbal: modal flexionado + infinitivo)

(119) POSSO, portanto, AFIRMAR que se a escola não pretende passar por outra defasagem irrecuperável referindo-me a absorção adequada da tecnologia disponível, rechaçando esta tecnologia, tornando-se ainda menos atraente para as crianças, ou conforme as ingênuas, mas reveladoras, afirmações de Gates (op.cit.) de que o computador não se constituiu uma ameaça aos professores, um único caminho se torna possível: *a dedicação ao estudo do que poderá fundamentar a prática da informática educacional e sua epistême* (p. 17). (D6.I.15)

- Com predicado encaixador (Construção com verbo-suporte)

(88) ... a profundidade de penetração de 40,5 cm corresponde ao ano de 1958, 3 anos após o início das explosões, sugerindo que o Cs137 não migrou para as camadas mais profundas após sua deposição. Essa é a primeira vez — pelo que TENHO CONHECIMENTO — que essa detecção é reconhecida na América do Sul (p. 80). (T1.C.04)

b) Marca evidencial subjetiva indicando médio comprometimento

b.1) Marca evidencial substantiva

(146) Entretanto, antes de iniciarmos a exposição escrita precisamos estabelecer um ponto em comum para o significado de Informática Educativa e para a compreensão de utilização pedagógica, que A NOSSO VER passa pela conotação que atribuímos a "ato pedagógico" (p. 19). (D6.F.02)

b.2) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do plural

(203) Além do teorema acima mencionado, RESSALTAMOS aqui outro resultado importante, que trata dos valores máximo e mínimo de uma forma quadrática (p. 42). (M3.C.01)

c) Marca evidencial subjetiva indicando baixo comprometimento

c.1) Marca evidencial verbal

- Com predicado numa oração gerundiva adverbial + se

(185) Por isso, ADMITINDO-SE algumas variações naturais, há uma maneira de se conceber o ciúme socialmente compartilhada, quer seja na identificação deste fenômeno, quer na sua avaliação, ou mesmo linguagem utilizada para comunicá-lo, até nas reações esperadas por parte da pessoa ciumenta (p. 52). (D8.C.28)

- Com predicado encaixador (Locução verbal: modal flexionado + infinitivo) + se

(204) Nesse sentido é que podemos afirmar que embora o reconhecimento de tais direitos por parte dos governos, Estados, sociedade civil e outras instâncias legais, não seja a garantia suficiente ou definitiva de justiça, PODE-SE AFIRMAR que a observância a tais princípios constitui-se como condição necessária para que uma sociedade possa atingir níveis mínimos de civilidade (p. 15). (M2.I.03)

d) Marca evidencial experiencial indicando alto comprometimento

d.1) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do singular

(144) OBSERVEI que diante de um acidente, a tendência dos educadores era acreditar ser esse acidente uma fatalidade, um evento que faz parte da infância (p. 12). (D5.I.01)

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do plural

(205) E VIMOS que, se a partir de reivindicações de setores envolvidos com a educação escolar indígena, os povos indígenas foram incorporados em letra ao projeto, ainda assim tiveram dificuldades em se verem devidamente contemplados pelas ações do *Diversidade* (p. 124). (D10.C.26)

- Com predicado encaixador (Locução verbal: modal flexionado + infinitivo)

(206) Contudo, junto desta constatação PUDE VERIFICAR também a importância da vontade política no sentido de proporcionar ao professor espaços para sua compreensão e estudo (p. 112). (D6.C.06)

e) Marca evidencial experiencial indicando médio comprometimento

e.1) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador (Locução verbal: modal flexionado + infinitivo)

(207) PODEMOS IDENTIFICAR a influência de aspectos físicos e comportamentais na escolha de parceiros, não apenas em humanos, mas em outras espécies (p. 11). (D8.I.02)

f) Marca evidencial experiencial indicando baixo comprometimento

f.1) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 3ª pessoa do singular + se

(208) Do estrito ponto de vista do Direito Constitucional, CONHECE-SE a situação: o art. 145 prevê os impostos, as taxas e a contribuição de melhoria, dando a entender até que seriam os únicos, posto que não enumera os demais (p. 4). (M4.F.05)

- Com predicado encaixador (Locução verbal: modal flexionado + infinitivo) + se

(209) Apesar da heterogeneidade de forma dos relatórios, PODE-SE OBSERVAR certa recorrência nos aspectos neles abordados. (p. 22). (T4.F.03)

g) Marca evidencial inferencial indicando alto comprometimento

g.1) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do singular

(74) PERCEBI, durante o período de aproximadamente três anos, trabalhando a doutrina da polícia comunitária, que há uma grande vontade dos atores sociais em realizar ações que visem melhoria da qualidade de vida da comunidade e, conseqüentemente, a diminuição do índice de violência e criminalidade (p. 11). (M10.I.04)

h) Marca evidencial inferencial indicando médio comprometimento

h.1) Marca evidencial adverbial

(210) Contudo, a maioria dos agricultores entrevistados não coloca trabalhadores assalariados a seu serviço com receio de arcar com os direitos trabalhistas, e ainda devido às condições financeiras que não lhe permite, o que EVIDENTEMENTE lhe proporcionaria maior ganho (p. 72). (D1.F.61)

h.2) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa do plural

(211) Como nos prendemos ao regime Especial de Fiscalização utilizado no Tocantins, CONCLUÍMOS que esta é uma pratica espúria, porém costumeira da SEFAZ-TO (p. 50). (M4.C.03)

i) Marca evidencial inferencial indicando baixo comprometimento

i.1) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 3ª pessoa do singular + se

(212) ENTENDE-SE que a implementação de ações sócio-culturais tem de certa forma abrandada tais tendências, além de proporcionar uma maior consciência dos direitos e deveres às pessoas, conduzindo-as a uma política de relacionamentos mais humanitária (p. 19). (M10.F.06)

- Com predicado numa oração gerundiva adverbial + se

(80) A finalidade deste capítulo será apresentar uma resenha das abordagens teóricas de leitura em circulação no Brasil nos últimos anos, SUPONDO-SE que essas constituem-se num dos campos de força que podem atuar na composição das imagens de leitura do professor que se refletem, com menor ou maior intensidade, nos modos de leitura de textos efetivados na escola (p. 46). (T4.F.20)

j) Marca evidencial relatada indicando baixo comprometimento

j.1) Marca evidencial enunciado metadiscursivo

(114) Ao fim e ao cabo, Weber (1982, p.98) insistiu que “o Estado é uma comunidade humana que pretende, com êxito, o monopólio do *uso legítimo* da força física dentro de um determinado território”. GRIFO DO AUTOR. (p. 50). (T2.F.39)

j.2) Marca evidencial adjetiva

(213) Investigam também aspectos considerados como antecedentes de uma cultura corporativa inovativa: três dimensões de variáveis estruturais sugeridas por Olson, Walker e Rueckert (1995) – formalização de procedimentos, integração operacional e velocidade de resposta – e três estilos de liderança INDICADOS POR Mintzberg (2001)... (p. 44). (T3.F.70)

j.3) Marca evidencial normas citativas da ABNT

(214) O primeiro empréstimo para a educação secundária (atual ensino médio) ocorreu em 1996 (ID. IBD.: 11-12) (p. 25). (D10.F.22)

j.4) Marca evidencial prepositiva

(215) PARA Guyer e Gallagher (1985), o conceito de acidente *não-científico* vinculado à causalidade, ao destino e ao inesperado vem sendo substituído pelo modelo científico... (p. 21). (D5.I.32)

j.5) Marca evidencial substantiva

(216) Apesar de ter suas origens NAS CONTRIBUIÇÕES DE Drucker (1954) e Levitt (1969), o conceito de orientação para mercado foi definido mais precisamente apenas na década de 1990 (p. 14). (T3.I.01)

j.6) Marca evidencial verbal

- Com predicado encaixador flexionado na 3ª pessoa do singular ou do plural

(217) [Lajolo] SUGERE, também, que os pontos de contato entre cada um dos elementos da tríade autor-obra-público tornam-se mais visíveis através desses outros componentes (p. 18). (T4.I.27)

(218) Bahy et al. (1978, p. 4) ACRESCENTAM que, além dos acidentes produzidos desde a entrada na escola até a saída da mesma, devem ser considerados também aqueles ocorridos nas atividades organizadas pela escola, como atividades esportivas externas, campeonatos, passeios e excursões (p. 22). (D5.F.02)

(219) No entanto, no que antes reconhecia uma opção de estilo, [José Veríssimo] PASSOU A VER uma obra com muitas imperfeições de composição, de linguagem, de estilo e, além do mais, com um defeito grave: o excessivo personalismo (p. 5). (D4.I.15)

- Com predicado encaixador no gerúndio

(60) PARAFRASEANDO Moreira (2001), a falta de compromisso político com a criança da escola pública, é resultado do desconhecimento quanto ao papel da Educação Infantil e de seus objetivos, por parte dos que detém o poder decisório (p. 10). (M1.I.07)

- Com predicado encaixador (Locução verbal: auxiliar flexionado + participípio)

(81) Nos estudos de Buss et al., (1992) FOI DESCRITO que tanto os homens quanto as mulheres se preocupam com a possível perda de seus parceiros (p. 49). (D8.C.13)

- Com predicado encaixador (Construção com verbo-suporte)

(157) Deutsch foi o primeiro a LEVANTAR O QUESTIONAMENTO de uma real maior capacidade de processamento dos computadores quânticos em relação aos clássicos em 1985 (p. 5). (M6.I.06)

6.2.2 A Variação do grau de comprometimento no mesmo enunciado

A análise das ocorrências do *corpus* dos textos acadêmicos de grau revelou também uma diversidade no nível do comprometimento interna ao enunciado, pela co-ocorrência de duas ou mais marcas evidenciais ao longo do constructo enunciativo.

Esta verificação decorreu do fato de que o enunciado constitui-se de várias partes inter-relacionadas por processo de coordenação e/ou subordinação, o que Neves (2000, p. 601) estabelece como junção:

A junção concernente às relações entre satélites adverbiais e seus núcleos (que são relações como as de tempo e de causa, por exemplo) se representa não apenas no uso das preposições, mas também no uso de algumas conjunções tradicionalmente designadas como subordinação [...]. Dentro da visão de uma gramática de usos, as relações entre uma oração nuclear e uma oração adverbial são vistas como análogas às relações retóricas que constroem o texto. Assim, entende-se que essas relações permeiam e governam todo o texto, independentemente do nível das unidades (micro ou macro-estruturais) envolvidas (sintagmas, orações, enunciados, parágrafos, capítulos, etc.) penetrando nas suas subpartes, como reflexo e consequência da organização geral a que estão subordinadas.

Usando os exemplos (134) e (204), demonstro essa variedade pela ocorrência de duas marcas evidenciais que produzem efeitos de sentidos distintos:

(134) EM NOSSO ENTENDER, inspirado por Moraes (1997), Informática Educativa é compreendida como um recurso instrumental absolutamente interligado com a possibilidade de um novo *paradigma emergente*, e que traduz-se pela utilização do computador e das tecnologias que o complementam como elemento indispensável para a sua prática (p. 20). (D6.F.03)

No exemplo (134), as marcas evidenciais encabeçam o mesmo conteúdo asseverado, como se observa nas partes constituintes explicitadas no quadro seguinte:

Proposição 1: EM NOSSO ENTENDER, inspirado por Moraes (1997), Informática Educativa é compreendida como um recurso instrumental absolutamente interligado com a possibilidade de um novo <i>paradigma emergente</i> , e que traduz-se pela utilização do computador e das tecnologias que o complementam como elemento indispensável para a sua prática.		
Fonte (FI)	Marca evidencial (EV)	Conteúdo Asseverado (PP)
Elíptica (nós)	EM NOSSO ENTENDER	Informática Educativa é compreendida como um recurso instrumental absolutamente interligado com a possibilidade de um novo <i>paradigma emergente</i> , e que traduz-se pela utilização do computador e das tecnologias que o complementam como elemento indispensável para a sua prática.
Proposição 1a: Em nosso entender, INSPIRADO POR Moraes (1997), Informática Educativa é compreendida como um recurso instrumental absolutamente interligado com a possibilidade de um novo <i>paradigma emergente</i> , e que traduz-se pela utilização do computador e das tecnologias que o complementam como elemento indispensável para a sua prática (p. 20). (D6.F.03)		
Fonte (FI)	Marca evidencial (EV)	Conteúdo Asseverado (PP)
Moraes (1997)	INSPIRADO POR	Informática Educativa é compreendida como um recurso instrumental absolutamente interligado com a possibilidade de um novo <i>paradigma emergente</i> , e que traduz-se pela utilização do computador e das tecnologias que o complementam como

		elemento indispensável para a sua prática.
--	--	--

Quadro 17: Partes constituintes da ocorrência D6.F.03 (exemplo 251).

Demonstro que, inicialmente, o produtor textual se utiliza de uma marca evidencial substantiva escolhendo um efeito de médio comprometimento, já que não se responsabiliza pela asseveração proferida, ainda preferindo retomar uma segunda marca evidencial, agora adjetiva, para proporcionar credibilidade ao argumento dito, tendo, nesse caso, um efeito de baixo comprometimento, pois relata categoricamente a fonte (Moraes) do seu entendimento.

Outro caso de gradação variada do comprometimento no mesmo enunciado é visto em (204), com a ocorrência de duas proposições.

(204) Nesse sentido é que **PODEMOS AFIRMAR** que embora o reconhecimento de tais direitos por parte dos governos, Estados, sociedade civil e outras instância legais, não seja a garantia suficiente ou definitiva de justiça, **PODE-SE AFIRMAR** que a observância a tais princípios constitui-se como condição necessária para que uma sociedade possa atingir níveis mínimos de civilidade (p. 15). (M2.I.03)

Explicito no quadro seguinte uma divisão das partes constituintes da ocorrência destacada pela manifestação das marcas evidenciais:

Proposição 1: Nesse sentido é que PODEMOS AFIRMAR que embora o reconhecimento de tais direitos por parte dos governos, Estados, sociedade civil e outras instância legais, não seja a garantia suficiente ou definitiva de justiça, PODE-SE AFIRMAR que a observância a tais princípios constitui-se como condição necessária para que uma sociedade possa atingir níveis mínimos de civilidade.		
Fonte (FI)	Marca evidencial (EV)	Contéudo Asseverado (PP)
Elíptica (nós)	PODEMOS AFIRMAR	embora o reconhecimento de tais direitos por parte dos governos, Estados, sociedade civil e outras instância legais, não seja a garantia suficiente ou definitiva de justiça, PODE-SE AFIRMAR que a observância a tais princípios constitui-se como condição necessária para que uma sociedade possa atingir níveis mínimos de civilidade.
Proposição 2: ... PODE-SE AFIRMAR que a observância a tais princípios constitui-se como condição necessária para que uma sociedade possa atingir níveis mínimos de civilidade.		

Fonte (FI)	Marca evidencial (EV)	Contéudo Asseverado (PP)
Impessoal (se)	PODE-SE AFIRMAR	a observância a tais princípios constitui-se como condição necessária para que uma sociedade possa atingir níveis mínimos de civilidade.

Quadro 18: Partes constituintes da ocorrência M2.I.03 (exemplo 251).

Destaco que o produtor textual se utilizou primeiro de uma marca evidencial verbal com um predicado encaixador (locução verbal: auxiliar modal + infinitivo) flexionado na 1ª pessoa do plural produzindo o efeito de sentido de médio comprometimento; e depois de uma marca evidencial verbal com um predicado encaixador (locução verbal: auxiliar modal + infinitivo) flexionado na 3ª pessoa do singular produzindo o efeito de sentido de baixo comprometimento.

A variação do grau de comprometimento no mesmo enunciado não ocorreu de forma significativa neste *corpus*.

6.2.3 A Natureza evidencial em cada gênero textual acadêmico de grau

Quanto ao uso dos tipos de noções evidenciais predominantes na construção do discurso acadêmico que envolve a elaboração da monografia, da dissertação e da tese, observei que a evidencialidade relatada, por ser a marca característica do gênero acadêmico de grau, foi a que ocorreu com maior frequência na análise dos três gêneros, com 1229 ocorrências, apesar de que as demais noções também ocorrem, mas não de forma tão predominante: a evidencialidade experiencial apareceu 86 vezes, a evidencialidade subjetiva foi observada em 84 casos e a evidencialidade inferencial foi encontrada em 101 ocorrências.

Tal resultado explicita a consonância dos produtores textuais acadêmicos com a normalização científica, mas também aparece nos dados uma apropriação e uma proficiência autorais, embora não significativa estatisticamente, com alguns produtores textuais situando-se mais argumentativamente em certos enunciados.

6.2.4 A Integração dos aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos na manifestação da evidencialidade

Baseada na teoria funcionalista da linguagem, paradigma teórico que prega a explicitação e a integração dos componentes da língua na relação com o uso, proponho a integração dos aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos que, até aqui, foram vistos de forma semi-integrada⁷², para investigar como se manifesta a evidencialidade nos trabalhos acadêmicos de grau do português brasileiro contemporâneo.

Tais aspectos não ocorrem em separado, mas de uma forma integrada. Esclareço isso nos quadros seguintes.

Ao escrever, o produtor textual não escreve por acaso, mas, dependendo de sua intenção, ou melhor, do efeito de sentido que ele quer ver interpretado pelo leitor, escolhe e organiza estrategicamente a expressão de seu pensamento.

Nos exemplos (133) e (162) abaixo, o produtor textual expressou como dele um pensamento. Ele escolheu comprometer-se de forma integral com o que estava informando (alto comprometimento), pois, do contrário, não teria utilizado as marcas evidenciais que individualizam a fonte da informação como sendo ele, o próprio produtor textual.

Esta proposta de integração dos aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos é observada a seguir:

ANÁLISE INTEGRADA DO USO DA EVIDENCIALIDADE PARA ALTO COMPROMETIMENTO – OCORRÊNCIA D6.F.29		
(133) Por isso AFIRMAMOS que a tecnologia imposta ou absorvida à educação funciona como uma via de acesso e multiplicação das capacidades sensoriais, como por exemplo, o sentido, a percepção e o estímulo, simples armazenamento de dados, editoração e etc e dificilmente vamos além deste exercício (p. 36). (D6.F.29)		
ASPECTO	Marca evidencial	ESTRATÉGIA
Pragmático-discursivo	Alto comprometimento	Sinalizar um pensamento de sua responsabilidade exclusiva.
Semântico	Sujeito-enunciador	Atribuir a si próprio a fonte da informação veiculada.
	Direta	Atestar que a informação foi obtida por uma experiência pessoal do próprio produtor textual.
	Subjetiva	Explicitar que a informação é um conhecimento

⁷² No cruzamento das variáveis com o comprometimento já foram feitas algumas integrações: sintático/pragmático e semântico/pragmático.

		particular da mente do produtor textual.
Sintático	Intercalada	Posicionar o evidencial entre a fonte da informação e a expressão do próprio conteúdo asseverado.
	Predicado encaixador	Utilizar um verbo factivo indicativo de opinião para organizar a predicação de seu pensamento com a desinência de 1ª pessoa do plural.

Quadro 19: Análise integrada do uso da evidencialidade para alto comprometimento em D6.F.29.

ANÁLISE INTEGRADA DO USO DA EVIDENCIALIDADE PARA ALTO COMPROMETIMENTO – OCORRÊNCIA D10.I.07		
(162) SUPONHO também que tais dificuldades se devam ao fato de atualmente no Brasil um estudo acadêmico, [...], gozar de um baixo status perante a sociedade de modo geral – aquela pressuposição de que vai gerar um produto que “ninguém lê”, a não ser alguns poucos pares na academia – o que faz com que alguns atores dêem, de certa forma, pouca importância ao trabalho de pesquisa empreendido (pp. 7-8). (D10.I.07)		
ASPECTO	Marca evidencial	ESTRATÉGIA
Pragmático-discursivo	Alto comprometimento	Sinalizar um pensamento de sua responsabilidade exclusiva.
Semântico	Sujeito-enunciador	Atribuir a si próprio a fonte da informação veiculada.
	Menos direta	Atestar que a informação foi um constructo mental a partir da própria mente do produtor textual.
	Inferencial	Explicitar que a informação foi deduzida pela mente do próprio produtor textual.
Sintático	Intercalada	Posicionar o evidencial entre a fonte da informação e a expressão do próprio conteúdo asseverado.
	Predicado encaixador	Utilizar um verbo factivo indicativo de opinião para organizar a predicação de seu pensamento com a desinência de 1ª pessoa do singular.

Quadro 20: Análise integrada do uso da evidencialidade para alto comprometimento em D10.I.07.

Nos exemplos (70) e (185) a seguir, observo a utilização da estratégia discursiva de médio comprometimento com o informe dado. O produtor textual tem um pensamento sobre algo ou alguma coisa, mas ele não se compromete diretamente com esse pensamento, sendo que, para isso, usa algumas marcas apropriadas para atenuar a sua responsabilidade com o que informa, conforme os quadros abaixo:

ANÁLISE INTEGRADA DO USO DA EVIDENCIALIDADE PARA MÉDIO COMPROMETIMENTO – OCORRÊNCIA T2.C.03
--

(70) EVIDENTEMENTE, uma ou outra coalizão de governo pode garantir uma tramitação mais célere devido a compromissos políticos firmados com os atores sociais e políticos interessados nas demarcações (p. 266). (T2.C.03)		
ASPECTO	Marca evidencial	ESTRATÉGIA
Pragmático-discursivo	Médio comprometimento	Sinalizar um pensamento que não é de sua responsabilidade exclusiva.
Semântico	Sujeito-enunciador	Atribuir a si próprio a fonte da informação veiculada.
	Menos direta	Atestar que a informação foi um constructo mental a partir de sinais contextuais.
	Inferencial	Explicitar que a informação foi deduzida pela mente do próprio produtor textual.
Sintático	Anteposta	Posicionar o evidencial antes da Fonte da informação e da expressão do conteúdo asseverado.
	Item adverbial	Usar um advérbio que reforce a certeza do produtor textual, mas de forma atenuada.

Quadro 21: Análise integrada do uso da evidencialidade para médio comprometimento em T2.C.03.

ANÁLISE INTEGRADA DO USO DA EVIDENCIALIDADE PARA MÉDIO COMPROMETIMENTO – OCORRÊNCIA D8.I.02		
(207) PODEMOS IDENTIFICAR a influência de aspectos físicos e comportamentais na escolha de parceiros, não apenas em humanos, mas em outras espécies (p. 11). (D8.I.02)		
ASPECTO	Marca evidencial	ESTRATÉGIA
Pragmático-discursivo	Médio comprometimento	Sinalizar um pensamento que não é de sua responsabilidade exclusiva.
Semântico	Domínio comum	Atribuir não só a si mas a alguém mais a fonte da informação veiculada.
	Menos direta	Atestar que a informação foi um constructo mental a partir de sinais textuais.
	Experencial	Explicitar que a informação foi uma tomada de posição do produtor textual com base em vivência na situação.
Sintático	Intercalada	Posicionar o evidencial entre a Fonte da informação (nós – elíptica) e a expressão do próprio conteúdo asseverado.
	Predicado encaixador	Utilizar um verbo factivo em forma de locução verbal (auxiliar modal + infinitivo) para estabelecer seu pensamento com a desinência de 1ª pessoa do plural.

Quadro 22: Análise integrada do uso da evidencialidade para médio comprometimento em D8.I.02.

O baixo comprometimento não é simples estratégia de total “irresponsabilidade” com a informação veiculada, pois, quando o produtor textual faz uso da citação de um estudioso

acerca de uma pesquisa que é relevante para o seu estudo, ele estabelece um inter-relacionamento com as ideias de tal pesquisador, tratando-se de um recurso usual para o chamado *argumento de autoridade*.

O produtor textual utiliza com maior frequência o nível de baixo comprometimento com o que ele está veiculando, mediante a utilização em larga escala das citações. Considero a citação como estratégia de baixo comprometimento, porque o produtor textual poderia apropriar-se das ideias de um estudioso, transmitindo-as como se fossem suas, caso que ocorre com muita frequência quando se trata da constituição da intertextualidade⁷³.

Nos quadros seguintes, mostro a análise integrada da utilização da estratégia discursiva de baixo comprometimento com a informação veiculada:

ANÁLISE INTEGRADA DO USO DA EVIDENCIALIDADE PARA BAIXO COMPROMETIMENTO – OCORRÊNCIA T5.I.09		
(160) O veado-campeiro, <i>Ozotoceros bezoarticus</i> (Artiodactyla, Cervidae), é um cervídeo de porte médio que foi, até um passado recente, amplamente distribuído na América do Sul (EISENBERG & REDFORD, 1999) (p. 11). (T5.I.09)		
ASPECTO	Marca evidencial	ESTRATÉGIA
Pragmático-discursivo	Baixo comprometimento	Sinalizar um pensamento que não é de nenhuma responsabilidade sua.
	Fonte externa definida	Atribuir a fonte da informação veiculada a outra pessoa.
Semântico	Indireta	Atestar que a informação foi adquirida indiretamente.
	Relatada	Explicitar que a informação tem uma fonte específica e veiculada no texto.
Sintático	Posposta	Posicionar o evidencial depois da fonte da informação e a expressão do próprio conteúdo asseverado.
	Justaposição simples	Utilizar a citação do argumento de autoridade com a simples identificação do autor justaposta à própria citação.

Quadro 23: Análise integrada do uso da evidencialidade para baixo comprometimento em T5.I.09.

ANÁLISE INTEGRADA DO USO DA EVIDENCIALIDADE PARA BAIXO COMPROMETIMENTO – OCORRÊNCIA D2.F.14		
(170) DE ACORDO COM Maluf (2001), ao considerar a ordem internacional é inevitável		

⁷³ Esse termo designa ao mesmo tempo uma propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinados mantêm com outros textos (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 288).

incorporar questões de soberania à noção de segurança alimentar (p. 27). (D2.F.14)		
ASPECTO	Marca evidencial	ESTRATÉGIA
Pragmático-discursivo	Baixo comprometimento	Sinalizar um pensamento que não é de nenhuma responsabilidade sua.
Semântico	Fonte externa definida	Atribuir a fonte da informação veiculada a outra pessoa.
	Indireta	Atestar que a informação foi adquirida indiretamente.
	Relatada	Explicitar que a informação tem uma fonte específica e veiculada no texto.
Sintático	Anteposta	Posicionar o evidencial antes da fonte da informação e a expressão do próprio conteúdo asseverado.
	Item prepositivo	Utilizar uma locução prepositiva como introdutor do argumento de autoridade.

Quadro 24: Análise integrada do uso da evidencialidade para baixo comprometimento em D2.F.14.

Com base no *corpus* organizado, projetei o quadro a seguir, que especifica a ocorrência da manifestação da evidencialidade nos trabalhos acadêmicos de grau em relação ao nível de comprometimento estabelecido pelo produtor textual⁷⁴:

NÍVEL DE COMPROMETIMENTO			
MARCA EVIDENCIAL	ALTO COMPROMETIMENTO	MÉDIO COMPROMETIMENTO	BAIXO COMPROMETIMENTO
Anteposta	-	-	XXX
Intercalada	X	XX	XXX
Posposta	X	X	XXX
Verbal	XX	XX	XXX
Substantiva	X	X	X
Adjetiva	-	-	XX
Prepositiva	-	-	XX
Adverbial	-	X	-
Sujeito-enunciador	X	X	-
Fonte externa definida	-	-	XXX
Fonte externa indefinida	-	-	X
Domínio comum	-	X	X
Subjetiva	X	X	X

⁷⁴ Atribui-se a seguinte notação para o quadro em questão:

- x = baixa frequência (quando ocorrer menos de 10%);
- xx = média frequência (quando ocorrer entre 10 e 40%);
- xxx = alta frequência (quando ocorrer acima de 40%).

Experiencial	X	X	X
Inferencial	X	X	X
Relatada	-	-	XXX
Direta	X	X	-
Menos direta	-	XX	-
Indireta	-	-	XXX
Item lexical ou gramatical	X	XX	XXX
Enunciado metadiscursivo	X	-	X
Justaposição simples	-	-	XX
Normas citativas	-	-	XX

Quadro 25: Manifestação da evidencialidade em relação ao comprometimento.

De acordo com os dados do quadro 25 explico que:

a) quando o produtor textual quer manifestar ao leitor um alto comprometimento com as informações veiculadas, ele costuma utilizar as marcas evidenciais com as seguintes características: interposta ou posposta; verbal ou substantiva; sujeito-enunciador como fonte; natureza subjetiva, experiencial ou inferencial; acesso direto e enunciado metadiscursivo;

b) quando o produtor textual quer manifestar no leitor um médio comprometimento com as informações dadas, ele busca esse efeito de sentido utilizando todas as marcas evidenciais referentes às seguintes características: interposta ou posposta; verbal, substantiva, adverbial; sujeito-enunciador ou de domínio comum; natureza subjetiva, experiencial ou inferencial; acesso direto ou menos direto;

c) quando o produtor textual quer manifestar no leitor um baixo comprometimento com as ideias relatadas, ele usa todas as marcas evidenciais que se caracterizam pelas seguintes propriedades: a posição no discurso (anteposta, interposta, posposta); a verbal, como predominante, substantiva, adjetiva, prepositiva; fonte externa definida ou fonte externa indefinida; natureza subjetiva, experiencial, inferencial, relatada; indireta; enunciado metadiscursivo, justaposição simples, normas citativas da ABNT.

Os resultados obtidos explicitam a larga utilização da evidencialidade como estratégia de baixo comprometimento com as informações relatadas – apesar de que, quando alguém é citado, é possível supor que o produtor se compromete com a informação, com o referencial teórico, etc. Isso se deve ao fato de que a citação é um recurso discursivo e convencionalmente utilizado na produção acadêmica.

Tal procedimento ocorre com essa frequência devido às orientações encontradas em manuais de metodologia científica, que sugerem uma postura impessoal do produtor textual com os conteúdos asseverados por ele, proporcionando uma atenuação da responsabilidade com o que está sendo dito.

Os efeitos de sentido associados ao uso de meios de expressão da evidencialidade na construção da argumentação dos textos acadêmicos de grau do português brasileiro contemporâneo colaboram para que essa atenuação da responsabilidade seja feita de forma discreta, sinalizando que algo não está sendo dito de forma categórica.

7 CONCLUSÕES

7.1 CONCLUSÕES DA PESQUISA

Após toda a análise empreendida, a primeira conclusão a que cheguei envolve o objetivo inicial desta tese, que foi discutir a ligação entre modalidade e evidencialidade. Tal relação configura-se na conclusão de que, mesmo sendo categorias conceitualmente independentes, há inequívoca sobredeterminação entre elas no uso efetivo da língua.

A pesquisa proposta neste estudo, realizada a partir de ocorrências reais de uso da língua, explicitou essa sobredeterminação, postulando, no entanto, que a evidencialidade é uma categoria linguística hierarquicamente superior à modalidade, porque considera, como Nuyts (1993), que toda qualificação modal está baseada em uma evidência, e não o contrário. Por esse motivo, a pesquisa considerou os modalizadores epistêmicos como subtipos de evidenciais.

Afirmo isso me fundamentando na intenção que norteia a função da evidencialidade: indicar a fonte da informação que está sendo veiculada no texto, permitindo a avaliação quanto à veracidade da proposição ou, pelo menos, dando subsídios para que o leitor possa apreender e averiguar se à informação corresponde certa confiabilidade. A modalidade diz respeito a uma perspectiva mais particular de postura do indivíduo diante de seu enunciado – por isso confunde-se com o modo – em relação à atitude.

É claro que não é tão fácil estabelecer limites entre as duas categorias, na manifestação delas no português brasileiro contemporâneo, visto que, em primeiro lugar, ambas pertencem ao mesmo domínio das relações interpessoais e, em segundo, utilizam quase os mesmos recursos lexicais e gramaticais para a sua expressão. Creio, todavia, que contribuí para a explicitação dessa relação entre evidencialidade e modalidade, quando me posicionei definindo a evidencialidade como uma categoria linguística utilizada no processo comunicativo de veiculação do conhecimento através de mecanismos de expressão linguística com aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos que caracterizam uma categoria linguística para sua existência como tal.

A segunda conclusão encontra-se na proposição de que, no português brasileiro contemporâneo, o sistema evidencial talvez não esteja mais em fase embrionária no que diz respeito à sua constituição, mas que ele já existe e evolui naturalmente com o uso. Provavelmente, esta conclusão é consequência da análise de um *corpus* de discurso acadêmico, em que indicar a fonte de uma informação tem função constitutiva. Entretanto, como não posso

afirmar que o discurso acadêmico é o português do Brasil, tal conclusão é apenas preliminar e sugestiva de outros trabalhos futuros.

Os meios linguísticos de expressão da evidencialidade no discurso acadêmico que envolve a produção textual da monografia, da dissertação e da tese foram especificados em relação: ao tipo de marca evidencial (item lexical ou gramatical - verbo, substantivo, adjetivo, adverbio, preposição; enunciado metadiscursivo, justaposição simples, normas citativas da ABNT) e à posição de tal marca em relação à fonte (anteposta, intercalada, posposta). Importa ressaltar que, embora as convenções da ABNT sejam marcas de evidencialidade, elas não fazem parte do sistema linguístico do português brasileiro. O verbo *dicendi* revelou-se como marca prototípica da manifestação da evidencialidade, intercalando-se entre a fonte e o conteúdo asseverado.

Os tipos de noções evidenciais caracterizadoras do aspecto semântico são descritas: a) quanto ao compartilhamento da fonte da informação: sujeito-enunciador, fonte externa definida, fonte externa indefinida, domínio comum; b) quanto ao acesso evidencial: direto, menos direto, indireto; c) quanto à natureza evidencial da informação: subjetiva, experiencial, inferencial, relatada. Na comparação entre monografias, dissertações e teses, predominou, na construção dos três gêneros de trabalhos acadêmicos de grau, a fonte externa definida, de acesso indireto e de natureza relatada.

Caracterizando o aspecto pragmático-discursivo, os efeitos de sentido associados ao uso de meios de expressão da evidencialidade na construção da argumentação do discurso acadêmico que envolve a monografia, a dissertação e a tese estão relacionados à expressão do alto, médio ou baixo comprometimento com o que está sendo informado. Sua caracterização foi feita no cruzamento dos dados de todas as categorias analisadas com a gradação do comprometimento.

Em relação aos efeitos de sentido que predominam nos trabalhos acadêmicos de grau, fica refutada uma parte da hipótese levantada por mim que sugeria o seguinte:

Os efeitos de sentido não predominam da mesma forma nos tipos textuais que caracterizam o discurso acadêmico, sendo assim distribuídos: a) o nível de baixo comprometimento predomina na monografia e na dissertação, porque o nível de comprometimento no uso das marcas evidenciais cresce conforme o grau (Especialista, Mestre, Doutor); b) o nível de médio comprometimento predomina na tese porque alguns doutorandos se deixam influenciar pelas normas de redação impessoal que regem os manuais acadêmicos de elaboração de trabalhos científicos; c) o nível de alto

comprometimento não tem predominância na tese, apesar de caracterizá-la, já que deveria haver uma apropriação crescente dos conteúdos no percurso da formação profissional, ou seja, quanto maior o grau acadêmico maior o comprometimento com o que está sendo dito (CARIOCA, 2007, p. 7)⁷⁵.

Averigui que há o predomínio do nível de baixo comprometimento em todos os trabalhos acadêmicos de grau que fazem parte do *corpus* desta tese. Além disso, a diferença entre alto e baixo comprometimentos é aproximadamente a mesma em todos os três gêneros. Isso acontece porque uma característica da nossa cultura acadêmica é a da impessoalidade proposta nos guias de normalização para apresentação de trabalhos acadêmicos, diferindo, por exemplo, do que se observa no trabalho acadêmico produzido nos Estados Unidos, onde as teses são culturalmente mais autorais, e os produtores textuais se posicionam fortemente a favor da tese defendida.

Conforme apresentei na figura 08, esse índice de uso do baixo comprometimento chega a quase 90% da utilização das marcas evidenciais que qualificam essa gradação, mostrando a consonância dos autores brasileiros com a convencionalização científica vigente no país. Desse modo, fica comprovado, quantitativamente, que a evidencialidade no discurso acadêmico, em particular no *corpus* coletado, é mais utilizada como estratégia discursiva para promover o efeito de sentido que expressa o baixo comprometimento, conforme constatei na execução da análise.

Outro fato relevante na análise dos dados quanto à manifestação da evidencialidade é que existem outros tipos de marcas que co-ocorrem com as sinalizações evidenciais típicas, reveladoras também dos graus de comprometimento do enunciador. É preciso considerar o condicionamento do gênero, para apontar nossas conclusões, já que o produtor textual pode marcar sua adesão ou distanciamento em relação à ideia de uma fonte relatada. Verifiquei que, qualitativamente, os efeitos de sentido associados ao uso de meios de expressão da evidencialidade na construção da argumentação dos textos acadêmicos de grau colaboram para a atenuação da responsabilidade do produtor textual com as informações que ele veicula, podendo este se comprometer ou não, direta ou indiretamente com o que está sendo dito, mas predominando a opção pela evidencialidade do tipo relatada. Em outras palavras, os graus de comprometimento do enuncaidor com as informações veiculadas não depende apenas do tipo e

⁷⁵ Projeto de tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (UFC) e qualificado em 03 dez. 2007.

da natureza das marcas evidenciais. Entretanto, o propósito fulcral desta pesquisa de descrição e análise linguística foi o uso de expressões que tivessem, como função precípua, a manifestação da fonte de um conteúdo asseverado. Esse comprometimento se configura mediante as marcas evidenciais específicas para cada nível, conforme os resultados expostos anteriormente.

Ainda ressalto que há uma sobreposição de fatores que expressam a evidencialidade, pois a mesma expressão linguística identifica fatores diferentes, como é o caso da *fonte sujeito-enunciador* indicando alto comprometimento com o tipo de *acesso direto*. Desse modo, pela igualdade de ocorrências entre os tais, sugiro que ocorre uma relação de implicação entre algumas categorias:

- a) fonte sujeito-enunciador e acesso evidencial direto;
- b) fonte domínio comum e acesso menos direto;
- c) natureza relatada e acesso indireto;
- d) meio norma citativa e acesso indireto;
- e) fonte externa definida e acesso indireto;
- f) fonte externa indefinida e acesso indireto.

7.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem funcionalista foi extremamente importante para a efetivação deste trabalho, pois, o processo de construção textual envolve uma série de elementos linguísticos que, integrados numa análise, possibilitam uma avaliação eficaz do que se quer demonstrar com a pesquisa, como ocorre com a marca evidencial, que não pode ser vista de forma isolada, mas pela integração dos aspectos citados – expedientes sintáticos e semânticos – e do seu uso discursivo – expedientes pragmáticos –, pois a sua utilização depende da intencionalidade do produtor textual, como todos os outros recursos da língua.

O uso discursivo da evidencialidade foi aqui apresentado como uma estratégia para obtenção de um efeito de sentido a ser interpretado pelo leitor; logo, como a evidencialidade tem por função a indicação da fonte da informação, o produtor textual pode, intencionalmente, mostrar ou não essa fonte, de um modo ou de outro. Para isso, utiliza os níveis de comprometimento que a evidencialidade proporciona com seus variados recursos linguísticos.

A escolha do alto comprometimento para a escrita desta pesquisa, já que, no decorrer da composição desta tese, utilizei sobremaneira a marca evidencial verbal com predicado encaixador flexionado na 1ª pessoa, foi por acreditar que, além de respeitar os manuais de normalização acadêmica como também as exigências de cada instituição de nível superior, também é importante ressaltar, manifestamente, um alto comprometimento com o que se está escrevendo, até para que tudo o que se diga tenha mais respaldo e confiabilidade, permitindo uma correta avaliação do conteúdo asseverado.

Algumas lacunas deixadas nesta pesquisa podem originar, posteriormente, outros trabalhos, como é o caso de uma comparação que poderá ser feita entre as áreas do conhecimento para se conhecer em que medida a evidencialidade aparece e como aparece; como também uma avaliação das estratégias evidenciais utilizadas nas partes que constituem cada trabalho acadêmico – introdução, metodologia, fundamentação teórica, etc; e uma análise da manifestação da evidencialidade em resumos, resenhas, ensaios, artigos etc.

Acredito que esse trabalho não esgota e nem dá conta da complexidade da categoria linguística evidencialidade, mas que desponta para o fortalecimento da hipótese da existência de um sistema evidencial no português brasileiro contemporâneo, pois tal sistema necessita ser explicitado, mapeado, descrito e analisado em outras práticas discursivas, sendo o discurso acadêmico apenas uma delas.

REFERÊNCIAS

AIJMER, K. Seem and evidentiality. In: MACKENZIE, J. L. *et al.* **Functions of Language**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.

AIKHENVALD, A. Y. Evidentiality in typological perspective. In: AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. M. W. (eds.). **Studies in evidentiality**. Amsterdam: Benjamins, 2003.

AIKHENVALD, A. Y. **Evidentiality**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

ANDERSON, L. B. Evidentials, paths of change, and mental maps. In: CHAFE, W.; NICHOLS, J. (eds.). **Evidentiality: the linguistic coding of epistemology**. Norwood, NJ: Ablex, 1986.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação**. Rio de Janeiro, 2005.

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. Dialogismo e Divulgação Científica. **Revista Rua**, n. 5, p. 9-15, 1999 [Publicação original: DISCOSS, n. 1, p. 117-122, 1985].

_____. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Tradução: M. Onice Payer (Coord.) et al. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1998.

ARAÚJO, A. D. Práticas discursivas em conclusões de teses de doutorado. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, volume 6, número 3, set./dez. 2006.

_____. Gêneros textuais acadêmicos: reflexões sobre metodologias de investigação. **Revista de Letras**, n. 26, v. 1/2, jan/dez. 2004.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. **Estética da criação verbal**. 2. ed. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. – (Coleção Ensino Superior).

BENTES, A. C. Linguística textual. In.: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (v. 1).

BEZERRA, B. G. **Gêneros introdutórios em livros acadêmicos**. 2006. 243 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

BOTNE, R. Evidentiality and epistemic modality in *lega*. **Studies in language**, v. 2, n. 3, 1997.
BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (eds.). **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995.

BOYE, K.; HARDER, P. Evidentiality: linguistic categories and grammaticalization. In: MACKENZIE, J. L. *et al.* **Functions of Language**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CAMACHO, R. G. Gramática, formalização e discurso. In: **Estudos Linguísticos**, n. 35, p. 1-24, 2006. Disponível em: <http://revistas.ufg.br/index.php/sig/article/viewFile/3645/3405>. Acesso em: 07 ago. 2009.

CAMPOS, M. H. C. **Tempo, Aspecto e Modalidade: Estudos de Linguística Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 1997.

CÂNDIDO, G. V.; RIBEIRO, L. A. A. Evidencialidade na língua Shanenawa (Pano). **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 223-232, jan.-abr. 2009. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N1_18.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2009.

CARDOSO, S. H. B. Discurso e ensino. **2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003**. Salvador: UFBA, 1997.

CARIOCA, C. R. **A Manifestação da evidencialidade nas dissertações acadêmicas do português brasileiro contemporâneo**. 2005. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

CASTILHO, A. A gramaticalização. In: **Revista de estudos linguísticos e literários**. Salvador: UFBA, 1997.

CERVONI, J. As modalidades. In: **A Enunciação**. Tradução: L. Garcia dos Santos. São Paulo: Ática, 1989. (Série Fundamentos; n. 61).

CHAFE, W.; NICHOLS, J. (eds.). **Evidentiality**: the linguistic coding of epistemology. Norwood, NJ: Ablex, 1986.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2007.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Coord. Tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

COLUSSI, L. **A Reescritura da informação científica em textos de popularização da ciência**. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/desireemroth/dissertacoes/lucolussi.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2009.

CORACINI, M. J. R. F. **Um Fazer persuasivo**: o discurso subjetivo da ciência. São Paulo; Campinas: Educ; Pontes, 1991. (Linguagem – ensino).

CORNILLIE, B. Evidentiality and epistemic modality: on the close relationship between two different categories. In: MACKENZIE, J. L. *et al.* **Functions of Language**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.

DALL'AGLIO HATTNER, M. M. D. **A manifestação da modalidade epistêmica: um exercício de análise nos discursos do ex-presidente Collor**. 1995. 256 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1995.

DALL'AGLIO HATTNER, M. M. Uma Análise funcional da modalidade epistêmica. **Revista Alfa**, n. 40, 1996.

DALL'AGLIO HATTNER, M. M. *et al.* Uma investigação funcionalista da modalidade epistêmica. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). **Descrição do português**: definindo rumos de pesquisa. Araraquara; São Paulo: FCL/UNESP; Cultura Acadêmica, 2001. (Série Trilhas Linguísticas, 1).

DE HANN, F. **Evidentiality and epistemic modality**: setting boundaries. Artigo apresentado no 2o. ALT meeting, Eugene, OR, 1997. Disponível em: <<http://www.unm.edu/~fdehann/evidepi.htm>>. Acesso em: 07 ago. 2009.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

_____. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2007.

DENDALE, P.; TASMOWSKI, L. L'evidentialité ou le marquage dès sources du savoir. **Langue Française**, v. 102, 1994.

_____. Introduction: evidentiality and related notions. **Journal of Pragmatics**, v. 33, 2001.

DIK, C. S. **The theory of functional grammar**. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

_____. **The theory of functional grammar**. 2. ed. By HENGEVELD Kees (Eds.). Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997. – (v. 1).

DUCROT, O. A quoi sert lê concept de modalité? In: **Modality in Language Acquisition**. Berlin: Walter de Gruyter, 1993.

FIGUEIREDO, D. de C.; BONINI, A. Práticas discursivas e ensino do texto acadêmico: concepções de alunos de mestrado sobre a escrita. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, volume 6, número 3, set./dez. 2006.

FIORIN, J. Polifonia textual e discursiva. In: **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: EDUSP, 1999.

FLOYD, R. **The structure of evidencial categories in wanka quechua**. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1999.

FOUCAULT, M. **O Que é um autor?** Porto: Veja, 1992.

GABAS JR. N. Evidenciais em Karo. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DO GTLI DA ANPOLL, 1., 2003, Belém. **Atas...** Belém: Gráfica Universitária/UFPA, 2003. (Tomo 1).

GALLO, Solange Leda. Autoria: questão enunciativa ou discursiva?. **Linguagem em (Dis)curso**, Florianópolis, v. 1, n. 2, jan./jun. 2001. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0102/03.htm>>. Acesso em: 02 jul. 2006.

GALVÃO, V. C. C. **Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão diz que**. 2001. 241f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamins, 2001. (v. 1).

_____. Evidentiality and epistemic space. In: **Studies in Language**, v. 1, n. 6, 1982.

GONÇALVES, S. C. L. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil**. 2003. 250f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GREGOLIN, M. do R.; BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2003. (Coleção Olhares Oblíquos).

GUIMARÃES, E. Expressão modalizadora no discurso de divulgação científica. **Revista Educação e Linguagem**, ano 4, n. 5, jan./dez. 2001.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HARDMAN, M. J. Datasource marking in the Jaqi languages. In: CHAFE, W.; NICHOLS, J. (eds.). **Evidentiality: the linguistic coding of epistemology**. Norwood, NJ: Ablex, 1986.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. London: University Chicago Press, 1991.

HENGEVELD, K. Illocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish. **Journal Semantics**, v. 6. 1988.

_____. Layers and operators in functional grammar. **Journal Linguistics**, n. 25, 1989.

_____. Dynamic expression in functional discourse grammar. In: GROOT, C.; HENGEVELD, K. (eds.). **Morphosyntactic expression in functional grammar**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2005. (Functional Grammar Series, n. 27).

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional discourse grammar: a typologically-based theory of language structure**. Oxford: Oxford University press, 2008.

IFANTIDOU, E. Evidentials and metarepresentation in early child language. In: MACKENZIE, J. L. *et al.* **Functions of Language**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.

JAKOBSON, R. **Shifters and verbal categories**. Cambridge: Harvard University Press, 1990 [1957].

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. Disponível em: <<http://www.uni-tuebingen.de/kabatek/discurso/itaparica.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2006.

KLINGE, A. The impact of context on modal meaning in English and Danish. **Nordic Journal of Linguistics**, v. 19, 1996.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Texto e Linguagem).

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1986.

_____. **A Inter-ação pela linguagem**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

LAGAZZI-RODRIGUES, S. Texto e autoria. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAZARD, G. On the grammaticalization of evidentiality. **Journal of pragmatics**, v. 33, 2001.

LUCENA, I. L. **A expressão da evidencialidade no discurso político: uma análise da oratória política da Assembléia Legislativa do Ceará**. 2008. 110f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MACHADO, A. R. (Coord.); LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Planejar gêneros acadêmicos**. São Paulo: Parábola, 2005. (Leitura e Produção de Textos Técnicos e Acadêmicos; 3).

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução: Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MACKENZIE, J. L. et al. **Functions of Language**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, L. A. “Gêneros textuais: definição e funcionalidade” In: DIONÍSIO, Â. *et al.* **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARTINS, M. F. Divulgação científica e a heterogeneidade discursiva: análise de “Uma breve história do tempo” de Stephen Hawking. **Linguagem em (Dis)curso**, Florianópolis, v. 6, n. 2, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0602/04.htm>>. Acesso em: 19 set. 2006.

MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. rev. e aum. [s.l.]: Caminho, [s.d.]. (Coleção Universitária; Série Linguística).

MATLOCK, T. Metaphor and the grammaticalization of evidentials. **BLS**, n. 15, Berkeley, 1989.

MELO, A. C.; *et al.* Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos da Universidade federal do Ceará. Disponível em: <http://www.biblioteca.ufc.br/PDFS/guiaNORMALIZACAO_UFC.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2009.

MENEZES, L. C. de. A Modalidade deôntica na construção da persuasão em discursos políticos. In: NOGUEIRA, M. T. (Org.). **Estudos linguísticos de orientação funcionalista**. Fortaleza: Edições UFC; GEF, 2007.

MOTTA-ROTH, D. Escrita, gêneros acadêmicos e construção do conhecimento. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/labler/publi/escritur.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2006.

MUSSALIM, F. Análise do discurso. In.: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (v. 2).

NEVES, M. H. de M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português falado: desenvolvimentos**. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996. – (v. VI).

NOGUEIRA, M. T. **Processos de constituição dos enunciados: predicação, referenciação, junção e modalização**. Projeto de Pesquisa. Fortaleza; Brasília: UFC; CNPQ, ago. 2001 - ago. 2003.

_____. Considerações sobre o funcionalismo linguístico: principais vertentes. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO E GRAMÁTICA, 10., 2006, Natal. **Anais...** Natal: EDUFRN, 2006.

_____. A Manifestação da modalidade. In: NOGUEIRA, M. T. (Org.). **Estudos linguísticos de orientação funcionalista**. Fortaleza: Edições UFC; GEF, 2007a.

_____. Aposição e gramaticalização. In: NOGUEIRA, M. T. (Org.). **Estudos linguísticos de orientação funcionalista**. Fortaleza: Edições UFC; GEF, 2007b.

NUYTS, J. Epistemic modal adverbs and adjectives and the layered representation of conceptual and linguistic structure. **Linguistics**, v. 31, 1993.

_____. Subjectivity as an evidential dimension in epistemic modal expressions. **Journal of Pragmatics**, v. 33, 2001.

ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

ORLANDI, E. P. **A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2. ed. rev. e aum. Campinas: Pontes, 1987.

PALMER, F. R. **Mood and modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PARRET, H. A pragmática das modalidades. In: **Enunciação e pragmática**. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988. (Coleção Repertórios).

PEZATTI, E. G. O Funcionalismo em linguística. In.: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. (v. 3).

PIACENTINI, M. T. de Q. Fórmulas de modéstia e majestade. Disponível em: <<http://sampaonline.com.br/reportagens/pluralmajestico2006mar31.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2009.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PEZATTI, E. G. O Funcionalismo em linguística. In.: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2004. (v. 3).

PEZATTI, E. G. *et al.* O Modelo Funcionalista de S. Dik: a ordem. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 32, 2003. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/gt009.htm>. Acesso em: 11 ago. 2009.

PLUNGIAN, V. A. The Place of evidentiality within the universal grammatical space. **Journal of Pragmatics**, n. 33, 2001.

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Texto e Linguagem).

ROBERTS, J. R. Modality in amele and other papuan languages. **Journal of linguistics**, v. 16, 1990.

STENZEL, K. As Categorias de evidencialidade em Wanano (Tukano Oriental). **Liames**, n. 6, 2006.

TASCHETTO, T. R. A nomeação do sujeito no discurso acadêmico. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno05-03.html>. Acesso em: 19 set. 2006.

_____. A (Im)personalidade no discurso acadêmico: o desvio marcado pelo sintoma. Disponível em: http://www.geocities.com/gt_ad/taniartaschetto.doc. Acesso em: 21 ago. 2009.

THOMPSON, G. **Introduction Functional Grammar**. Londres: Arnold Publishers, 1996.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução e adaptação: Rodolfo Ilari. Revisão técnica: Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Thaís Cristófaros Silva. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1991. (v. 1).

VAN DER AUWERA, J. PLUNGIAN, V. On modality's semantic map. **Linguistic typology**, v.2, 1997.

VENDRAME, V. **A Evidencialidade em construções complexas**. 2005. 113f. Dissertação (Mestrado em Estudos lingüísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.

WILLETT, T. A cross-linguistic survey of the grammaticization of evidentiality. In.: **Studies in Language**, v. 1, n. 12, 1988.

ANEXO: REFERÊNCIAS DOS TRABALHOS DE GRAU COLETADOS

MONOGRAFIAS

MONOGRAFIA 1 (M1)

FERREIRA, Ana Lúcia Duarte. Informática educativa na educação infantil: riscos e benefícios (2002) – Curso de Especialização em Informática Educativa da Faculdade de Educação / UFC. Disponível em: <http://www.multimeios.ufc.br/monografias.php>.

MONOGRAFIA 2 (M2)

MARTINS, Cristiane de Lima. A Violação de direitos civis de trabalhadores rurais envolvidos em conflitos agrários na comarca de Itabaiana - PB (2002) – Curso de Especialização em Direitos Humanos (UFPB). Disponível em: http://www.ufpb.br/cdh/monografias/monografias_2002.html.

MONOGRAFIA 3 (M3)

RUFINO, Elzimar de Oliveira. Curvaturas Média e Gaussiana de Superfícies Quádricas (2006) – Curso de Especialização em Matemática (UFRR). Disponível em: http://www.bc.ufrr.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=10&Itemid=4.

MONOGRAFIA 4 (M4)

COIMBRA FILHO, Antônio da Silva. A Inconstitucionalidade do Regime Especial de fiscalização face ao procedimento quanto ao ICMS (2003) – Curso de Direito (UFT). Disponível em: http://www.direitonet.com.br/textos/x/77/66/776/DN_a_inconstitucionalidade_do_regime_especial_de_fiscalizacao_face_ao_procedimento_quanto_ao_icMS.doc.

MONOGRAFIA 5 (M5)

GRAMMLICH, Alessandra Pereira; SILVA, Sueli Aparecida da. Sistema de Intranet para Central de Atendimento (2003) – Curso de Especialização em Informática Empresarial (UNESP). Disponível em: <http://www.feg.unesp.br/ceie/Monografias-Texto/CEIE0301.pdf>.

MONOGRAFIA 6 (M6)

ALVES, Flávio Luís. Computação quântica: fundamentos físicos e perspectivas (2003) – Curso de Ciência da Computação (UFL). Disponível em: http://www.fisica.net/computacaoquantica/computacao_quantica_fundamentos_fisicos_e_%20perspectivas.pdf.

MONOGRAFIA 7 (M7)

ZIMMER, Carlos José. Lula e a reforma sindical (2003) – Curso de Especialização em Economia do Trabalho (UFPR). Disponível em: <http://www.febpr.org.br/Download/Monografia%20-%20Lula%20e%20a%20Reforma%20Sindical.rtf.doc>.

MONOGRAFIA 8 (M8)

QUINTANA, Rafael Eduardo Butzke. Metodologia auxiliar à tomada de decisão na priorização de ações na elaboração do ppra numa indústria de pré-moldados: estudo de caso (2003) – Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Segurança do Trabalho (UFSC). Disponível em: <http://www.rza.ind.br/ArquivosSite/MonografiaPosRafaelQ.pdf>.

MONOGRAFIA 9 (M9)

OVELAR, Alexandre Luiz De Castro; ALMEIDA, Cleber Dos Santos; MORAIS, José Antonio Nunes. Proposta de formatação de um sistema de informações gerenciais para a Universidade Estadual de Goiás – UEG (2004) – Curso de Especialização em Gestão Universitária (UEG). Disponível em: br.geocities.com/janunesde/programas/monografia_final.pdf.

MONOGRAFIA 10 (M10)

SILVA, Zilmar Dias da. Do Bem-estar social no Brasil às ações sociais como contribuidoras da segurança pública (2003) – Curso de Especialização em Gestão de Segurança Pública (UFMT). Disponível em: <http://www.escoladegoverno.mt.gov.br/arquivos/trabalhos/63Zilmar.pdf>.

DISSERTAÇÕES**DISSERTAÇÃO 1 (D1)**

LIMA, José Hernandes. A Organização do Espaço Agrário e a Agricultura Familiar no Município de Areia Branca/SE (2004) – Mestrado em Geografia / UFS. Disponível em: http://cinelandia.ufs.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=28.

DISSERTAÇÃO 2 (D2)

SALGADO, Carlos Antônio Bezerra. Segurança alimentar em terras indígenas: os Shanenawá no rio Envira – Acre (2005) – Mestrado em Ecologia e Manejo de Recursos Naturais / UFAC. Disponível em: http://www.ufac.br/ensino/mestrado/mest_ecologia/dissertacoes/CarlosAlbertoBezerraSalgado.pdf.

DISSERTAÇÃO 3 (D3)

CANOVA, Loiva. Os doces bárbaros: imagens dos índios Paresi no contexto da conquista portuguesa em Mato Grosso (1719-1757) (2003) – Mestrado em História / UFMT. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp000214.pdf>.

DISSERTAÇÃO 4 (D4)

CAMARGO, Luciana de Cássia. Silêncio em movimento: memória e criação literária em *O Cemitério dos Vivos* e no *Diário do Hospício*, de Lima Barreto (2006) – Mestrado em Letras / UFPR. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/1884/3947/1/disserta%C3%A7%C3%A3o%2020-04-06.pdf>.

DISSERTAÇÃO 5 (D5)

SENA, Soraia Pinto. A Representação Social dos acidentes escolares por educadores em escola de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, Belo Horizonte (2006) – Mestrado em Ciências da Saúde da Criança e do Adolescente / UFMG. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ECJS-6Y6JEW/1/soraia_pinto_sena.pdf.

DISSERTAÇÃO 6 (D6)

LOUREIRO, Robson Carlos. Avaliação De Softwares Educativos: procurando romper as barreiras da ingenuidade (1998) – Mestrado em Educação Brasileira / UFC. Disponível em: <http://www.multimeios.ufc.br/arquivos/pc/teses-dissertacoes/mestrado.pdf>.

DISSERTAÇÃO 7 (D7)

MACHADO, Jorge Ricardo Coutinho. A Formação de Professores de Química na UFPA: a história de um curso de graduação e sua evolução curricular (2004) – Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas / UFPA. Disponível em: http://www.ufpa.br/ppgecm/media/Dissertacao_Jorge%20Ricardo%20Coutinho%20Machado.pdf.

DISSERTAÇÃO 8 (D8)

MONTEIRO, Aline Maciel. A Percepção do Ciúme no processo de escolha de parceiros: uma perspectiva evolucionista (2006) – Mestrado em Psicologia / UCG. Disponível em: http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=264.

DISSERTAÇÃO 9 (D9)

ALVES, Cloer Vescia. Desenvolvimento de um sistema para Quantificação da Desorientação Espacial (2008) – Mestrado em Engenharia Elétrica / PUC-RS. Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1738.

DISSERTAÇÃO 10 (D10)

ALMEIDA, Nina Paiva. Diversidade na Universidade: o BID e as políticas educacionais de inclusão étnico-racial no Brasil (2008) – Mestrado em Antropologia Social / UFRJ. Disponível em: http://teses2.ufrj.br/Teses/PPGAS_M/NinaPaivaAlmeida.pdf .

TESES

TESE 1 (T1)

ARGOLLO, Roberto Max. Cronologias de Sedimentação Recente e de Deposição de Metais Pesados na Baía de Todos os Santos usando Pb210 e Cs137 (2001) – Doutorado em Ciências em Geofísica/ UFBA. Disponível em: http://www.cpgg.ufba.br/~pgeof/resumos/pdf/d037a.pdf .
--

TESE 2 (T2)

NASCIMENTO, Durbens Martins. Projeto Calha Norte: política de defesa nacional e segurança hemisférica na governança contemporânea (2005) – Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido / UFPA. Disponível em: http://www.cpdoc.fgv.br/projetos/militares-amazonia/arq/txt_DurbensNascimento.pdf .

TESE 3 (T3)

MÜLLER NETO, Hugo Fridolino. Inovação Orientada para Mercado: um estudo das relações entre orientação para mercado, inovação e performance (2005) – Doutorado em Administração / UFRGS. Disponível em: http://volpi.ea.ufrgs.br/teses_e_dissertacoes/td/000985.pdf .
--

TESE 4 (T4)

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Práticas de leitura na escola (2001) – Doutorado em Letras / UNICAMP. Disponível em: http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/teses.html .
--

TESE 5 (T5)

LACERDA, Ana Cristyna Reis. Ecologia e Estrutura Social do Veado-Campeiro (<i>Ozotoceros Bezoarticus</i>) no Pantanal (2008) – Doutorado em Biologia Animal / UnB. Disponível em: http://btd.bce.unb.br/teses/teses_simplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4189 .

TESE 6 (T6)

SILVA, Clécio Clemente de Souza. Propriedade de equilíbrio e de transporte da matéria de vórtices em nanoestruturas supercondutoras (2003) – Doutorado em Ciências / UFPE. Disponível em: <http://www.liber.ufpe.br/cgi-bin/teses/busca.pl>.

TESE 7 (T7)

GOMES, Núbia Abrantes. Estrutura da comunidade de algas perifíticas no igarapé água boa e no rio cauamé, município de Boa Vista, Estado de Roraima, Brasil, ao longo de um ciclo sazonal (2000) – Doutorado em Ciências Biológicas/ UA-INPA. Disponível em: http://www.bc.ufr.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=10&Itemid=4.

TESE 8 (T8)

DAVOK, Delsi Fries. Modelo de Meta-avaliação de processos de avaliação da qualidade de Cursos de Graduação (2006) – Doutorado em Engenharia de Produção / UFSC. Disponível em: http://www.tede.ufsc.br/tedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=51.

TESE 9 (T9)

LACRUZ, María Silvia Pardi. Análise harmônica de séries temporais de dados *modis* como uma nova técnica para caracterização da paisagem e análise de lacunas de conservação (2007) – Doutorado em Sensoriamento Remoto / INPE. Disponível em: http://mtc-m17.sid.inpe.br/col/sid.inpe.br/MTC-m13@80/2006/07.10.14.48/doc/paginad_eacesso.html.

TESE 10 (T10)

ZUCCHETTI, Marcia. Rochas Máficas do Grupo Grão Pará e sua relação com a mineralização de ferro dos depósitos N4 e N5, Carajás, PA (2007) – Doutorado em Geologia / UFMG. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MPBB-77EKEB>.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)